

Maria Augusta Sena de Vasconcelos de Azeredo

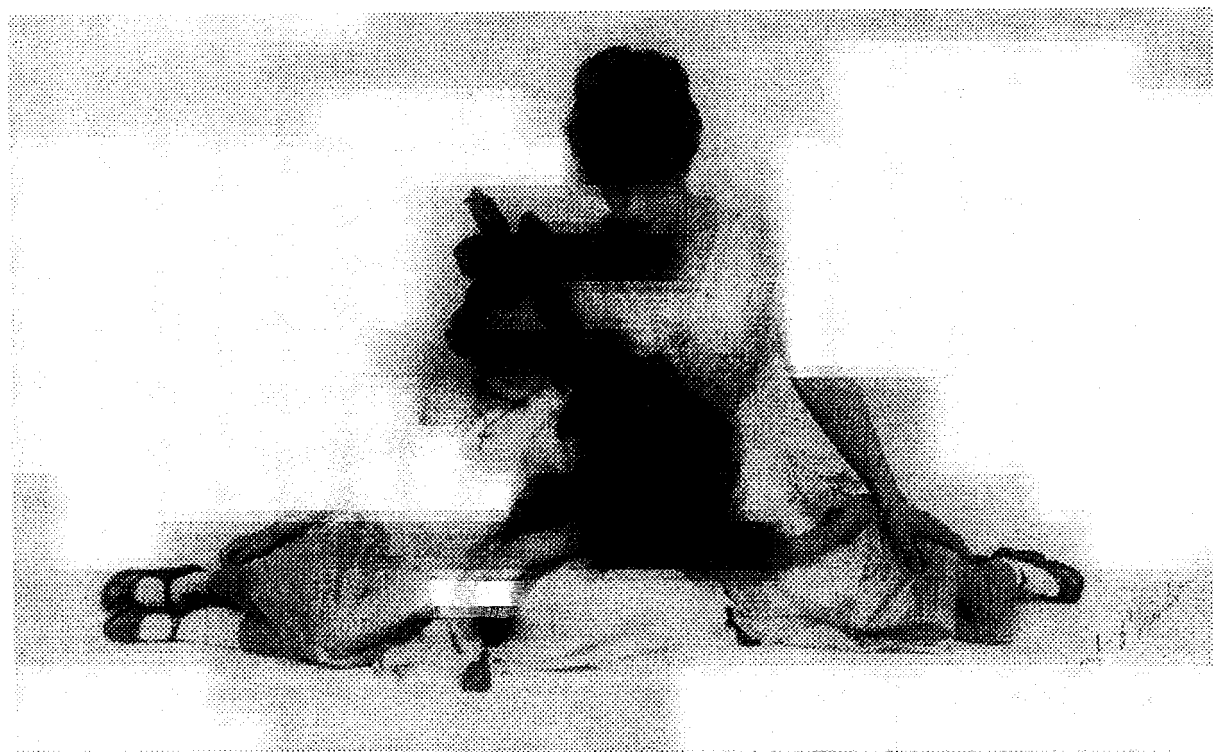
Laços de Família

De Portugal

ao Brasil

a África

e ao Oriente



Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Maio de 1998

Maria Augusta Sena de Vasconcelos de Azeredo

Laços de Família

De Portugal

ao Brasil

a África

e ao Oriente

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Letras

BIBLIOTECA

N.º 04333

EX. 2

Data 13 / 07 / 19 98



043M
A9852
EX. 2

Dissertação para Mestrado em Relações Históricas Portugal, Brasil, África e Oriente

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Maio de 1998



603415

À FAMÍLIA

aos que são

aos que foram

e aos que hão-de vir!...

NUMA HOMENAGEM os AGRADECIMENTOS:

Ao Professor Doutor Jorge Alves,

à sua competência e disponibilidade.

Desde a primeira hora um estímulo e um leme,

um olhar objectivo num trabalho

que poderia ter-se tornado subjectivo!

Ao Professor Doutor Eugénio dos Santos,

ao calor das suas palavras na hora do regresso:

“... Seja benvinda.

Há já mais de 20 anos... Até que enfim!...”

Ao Professor Doutor Luís Oliveira Ramos.

Ao meu Marido,	Aos nossos filhos,
A quem devo este Mestrado	Teresa, Margarida, M ^a João e Luís
E que sempre acreditou em ... mim!	Que passem o testemunho!

Ao meu Pai,	À minha Mãe
Ainda em consonância	Tão presente neste trabalho
Com o seu Humanismo	às suas longas Histórias e
E com o seu sentido da Honra!	às suas quentes Memórias

Aos meus Irmãos,
Aos “Bons Momentos”, muitos,
aos nossos grandes Sonhos e Aventuras.

À Tia Luisa,	À Tia M. ^a Emília,
Minha Madrinha,	“Eu sou «o bric-à-brac» da minha rua”
Desde a infância, a ternura	À devoção das suas relíquias escritas,
duma Viana sempre em Festa!	Todos precisamos de um pouco de...
... «Amor-Próprio! »	

À minha Escola e nela à Irene.	Ao nosso variado, animado e amigo
Aos risos e às lágrimas	Grupo Mestrado 1996/98
Laço, completo, de afecto.	Ficam saudades...

À Alina, Avó, Mãe, Professora, Estudante,
Laço actual, “vivido” e “sambado”, com o **Brasil**.

A duas Fátimas, uma cá... outra lá,
E ao Sr. Covane, humilde “pastor”,
Patriarca em bairros de caniço,
Laços solidários com **Moçambique**.

À Irmã Conceição,
“Mãe” de meninos de rua em Luanda,
E à Constança,
Uma lá... outra cá,
Laços em sofrimento com **Angola**.

À Pralom, leitora de português
na Univ.de Chulalongkorn, **Tailândia**.
A Shun Tominaga,
lá longe no **Japão** e às nossas aulas de História.
Às minhas sobrinhas **chinesas**
Yan-Yan Kiu e Carolina Kiu de Azeredo,
Laços festivos com o **Oriente**.

A D. Ximenes Bello
Meu laço, espiritual, com **Timor**!

ÍNDICE

UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA, PORQUÊ?	
Lastro, laço, fonte	1
I - Lastro	2
II - Laço	5
III - Fonte	9
TERESA DE BELFORT CERQUEIRA	
Uma Senhora da sociedade Luso-brasileira	12
I - Raízes	16
II - Num berço de oiro	26
III - O Casamento	28
IV - Casada, no Brasil	34
V - Lisboa, um patamar para a... Europa!	36
VI - Em Viana	40
VII - Uma personalidade forte que se vai apagando	42
UM PARÊNTESIS PARA JOAQUIM PAÇO D'ARCOS	
Um "Belfort" português	47
JOAQUIM JOSÉ CERQUEIRA	
Um "Brasileiro" do Minho	53
I - Viana do Castelo, 2.ª metade do séc. XIX	56
II - De Viana ao Rio	59
III - Com Joaquim Ramalho Ortigão	61
IV - Com José Ramalho Ortigão	64
V - No regresso, o que espera a Família Belfort Cerqueira?	71
VI - Vida Pública	75
VII - Joaquim José Cerqueira, um «homem de excepção»?	78
CAPITÃO JOSÉ SENNA	
Um difícil percurso de coerência	83
I - As origens	87
II - Os irmãos	89
III - Juventude	96
IV - África: uma "peregrinação" gratificante	102
V - Índia: Vinculado, a contragosto, ao Infante D. Afonso	109
VI - Contrariado, na corte	123
VII - Regicídio. Um testemunho doloroso	133
VIII - Casamento	141
IX - Na « I República » - Sobressaltos	143
X - De «pé fresco» a «thalassa»?	148
RASTOS NO NOSSO TEMPO	152
I - Epílogo... Quase!	153
II - A diáspora de um Povo numa História de Família.	156

FONTES

I - Fontes Manuscritas	164
1. Documentos impressionistas e circunstanciais	164
2. Fundos municipais e particulares	164
II - Fontes Impressas	174
1. Autores da família	174
2. Imprensa periódica	175
3. Dicionários e enciclopédias	175
4. Bibliografia	176

ANEXOS

Índice dos Anexos	181
-------------------	-----

ÍNDICE DE QUADROS

Prosopografia da Família Belfort ou Belford	14
Teresa de Belfort Cerqueira - Cronologia	24
Joaquim José Cerqueira - Cronologia	54
Prosopografia dos filhos de Joaquim José Cerqueira	81
José Senna - Cronologia	85
Prosopografia dos irmãos de José Senna	89
Roteiro Cronológico da expedição em África (1894-95)	103
Roteiro Cronológico Comparado da expedição à Índia (1895-96)	114
Na Europa - Roteiro	128
Prosopografia dos irmãos Sena de Vasconcelos	155



Os três "actores" principais:
Teresa Belfort Cerqueira, Joaquim José Cerqueira e José Senna

UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA, PORQUÊ?

Lastro, Laço, Fonte

A história universal é um texto provisório que nós
somos obrigados a ler e a escrever sem descanso e onde,
ao mesmo tempo, nos escrevemos a nós.

Carlyle

I - Lastro

“Portugal é um país de mistura e de sucessivas assimilações. O sangue português é persa e celta, negro e semita. No nosso ser reunimos todos os que nos formaram...”¹

Uma “História de Família” no âmbito de um Mestrado em Relações Históricas Portugal, Brasil, África e Oriente, porquê?

Pouco a pouco, esse impulso inicial e íntimo vai encontrando eco numa historiografia que, na segunda metade do séc. XX, procura nas raízes, com entusiasmo, a força de uma identidade que tende cada vez mais a afirmar-se na proximidade de um terceiro milénio que se anuncia com a globalização.

Será, como sugere *Paul Thomas*, “a necessidade duma nova «religião», no sentido etimológico do termo, de um laço sagrado incarnado pela continuidade familiar que vem tomar, no nosso mundo desencantado, o lugar vago criado pelo declínio das religiões teológicas?”²

A nossa sociedade sente-se inquieta, reconhece *Georges Duby*³ e o simples facto de se voltar resolutamente para a sua memória, é prova disso...

“Eu tenho consciência do que li e ouvi dos outros e sei que foi isso que me situou no tempo e no espaço e que deu o seu esqueleto à minha personalidade. Tenho dito que as novas gerações vivem como se a vida começasse no dia em que nasceram (...) Não é que os meninos estejam todos distraídos perante a história, é que não tiveram ocasião de tomar conhecimento dela como uma realidade próxima...”⁴

É o mesmo sentir que encontramos neste poema inédito que recolhemos no espólio familiar⁵:

¹ In *Jornal do Gil* n.º 45, Fevereiro de 1998, p. 8

² Cit. por Pierre NORA in *Les lieux de la mémoire*, Ed. Gallimard, 1997, 3.º volume, p. 3906.

³ In *Ano 1000 Ano 2000 - No Rasto dos nossos Medos*, Editorial Teorema Lda., Outubro de 1997.

⁴ António Alçada BAPTISTA - *A Pesca à Linha. Algumas memórias*, Editorial Presença, 2.ª Ed., Fevereiro de 1998., p. 11

Ver ainda Eduardo Prado COELHO “Uma Geração Rasa”, in *Público - Leituras* - 25.06.94, p. 12: “...Podemos falar em «geração rasca», mas o mais correcto é dizer que se trata de uma geração rasa de referências e de memória, arrasada pelo vazio de si mesma.”

⁵ M.ª Emília Sena de VASCONCELOS in *Rimas da Minha Terceira Idade*, poemas manuscritos em 1990.

“Eu sou a loja de bric-à-brac da minha rua.

Em casa guardo os velhos trastes de meus avós -
(...um novo-rico dava por eles farto dinheiro:
mas eu prefiro, talvez, jejuar um ano inteiro
a pô-los fôra da nossa casa antes de mim...
antes de nós...)

Na alma fecho o que hoje é fardo nas almas novas:
amor às coisas... amor aos outros... ao que vivi.
(...) já não se aprende, já não se ensina... a não magoar...
(E é mais por eles que temo, aliás, o desapareço:
que assim, ao cabo, também acabam só com vazios
dentro de si... ao pé de si... (...))

Eu sou a loja de bric-à-brac da minha vida.”

Nesta última vintena de anos abalaram-se certezas e verdades históricas consideradas inalienáveis:

1. Na década de 80/90, com o desmoronar do Muro de Berlim, desmorona-se também todo o protagonismo das teorias materialistas e economicistas do Homem, da Sociedade, da História⁶; desmorona-se ainda o baralho de conceitos e “pre-conceitos” de uma geração, uma “nova” geração de 70 que, pouco fiel aos seus ideais, pecou por incoerência, produzindo uma «geração rasca», «rasa» ou «à rasca» de aparentes desenraizados⁷... “Eu acho que aquilo a que chamamos «a crise da família» é, nalguma parte, a crise da casa patriarcal. Com o seu desaparecimento deixou de haver o lugar de reunião das várias gerações e isso retira-nos a consciência da história como realidade vivida, na qual estamos integrados e sem a qual não somos o que somos.”⁸ O avanço galopante das telecomunicações esbate fronteiras, impede e impedirá a criação de mais “muros” e mergulha a Humanidade numa Aldeia Global

⁶ Cf. Peter BURKE - *Sociologia e História*, Ed. Afrontamento, 1980: adivinha-se a “convergência” anunciada nos anos 60 entre a História, a Antropologia, a Sociologia, a Economia, a Geografia... sob a cúpula envolvente das “Ciências Sociais”.

Cf. Boaventura de Sousa SANTOS, *Um Discurso sobre as Ciências*, Ed. Afrontamento, 1987: esbate-se a dicotomia Cs. da Natureza/Cs. Sociais, aproximando-as das Humanidades que preferiram a “compreensão do Mundo à manipulação do Mundo”, colocando a pessoa no centro do conhecimento e a Natureza no centro da pessoa; citando Habermas: “Jogo, palco, texto ou biografia, o mundo é comunicação e por isso a lógica existencial da ciência pós-moderna é promover a “situação comunicativa”.

⁷ Allain ACCARDO (et al.) *La Sociologie de Bourdieu*, Ed. Le Mascaret, 2.^a ed., Bordeaux, 1986, cap. 9. 66, pp. 169-170: “Une génération abusée”; pp.171-172: “Évolution du système scolaire et crise d’identité”.

E ainda “A crítica da geração crítica” in “Destaque”, *Público*, 22.05.94, pp. 2-10.

⁸ António Alçada BAPTISTA, op. cit., p. 12.

em que terá de saber nadar e flutuar sem ir ao fundo... deixando-se guiar no caminho de uma «post-história», na expressão feliz de *Alain Touraine*.⁹

2. Desmorona-se, também, a “ESCOLA DE MASSAS” e o sonho de uma autêntica “democratização do ensino”, desenhado e projectado pelos lutadores intelectuais de oitocentos,¹⁰ que encontrara finalmente condições favoráveis à sua concretização na 2.ª metade do séc. XX : os seus objectivos fundamentais que, conforme a Lei de Bases do Sistema Educativo¹¹, grosso modo só reforçam os já traçados no final do séc. XIX¹², têm sido ignorados não só pelos seus agentes mais directos - nós, os professores - em grande parte de uma geração de 60/70 que não resistiu a um “carreirismo” em que se enfiou com espantosa flexibilidade¹³, primeiras vítimas de uma massificação esmagadora - como por um sistema educativo estatal cada vez mais pesado e burocratizado que cultiva e prolonga uma sociedade de aparências e de sucessos fáceis, quando “a educação de qualidade é um modo de vida, um compromisso que envolve todo o nosso ser”¹⁴.

Daniel Sampaio compara “Os meninos e a fruta normalizada”: “Só que, como a fruta, não amadureceram naturalmente. Daí para a frente, sofrem uns toques da vida e alguns não se aguentam. Estragam-se...”¹⁵

⁹ In *La voix et le regard*, col. Sociologie Permanente, Ed. Seuil, 1978, p. 80

¹⁰ Ver *Rodrigues de Freitas. A Obra e os contextos*, op. cit., pg. 13, Nota de Abertura - “...Cidadão empenhado, preocupou-se com o progresso e a solidariedade mas acreditou sempre no mercado e na democracia representativa, não aderindo aos radicalismos revolucionários, nem às soluções de tipo autoritário...”; cf. Oliveira MARTINS, mesmo em pólos opostos: p.45: “Os nossos desejos a respeito da pátria são os mesmos, apesar da diferença das nossas opiniões...”

¹¹ Ver *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Ed. Asa, 1.ª ed., 1987.

¹² comparar o texto da LBSE com op. supracit., p. 287, cap. “*A construção interior. R.F. e a questão da instrução*” - por Jorge Fernando ALVES - : “O discurso sobre a educação produzido por R.F. assenta numa profunda convicção sobre o seu papel regenerador na sociedade...”

¹³ Ver Maria Augusta Vasconcelos de AZEREDO, “A Foz quando um século acaba e outro começa...”, comunicação ao Congresso *O Porto no Fim do Século*, Ateneu Comercial, Fevereiro de 1991: “...olhar e aprofundar o conhecimento do Porto do séc. XIX/XX, é com certeza atitude fecunda para uma viragem consciente e sinificativa do séc. XX para o XXI. (...) temos de estar atentos e actuar a tempo. (...) às crianças e jovens de hoje, damos coisas e negamos tempo; democratizamos o Ensino, negando progressivamente bons professores...”

¹⁴ Cf. Teresa M.ª Sena de VASCONCELOS in *Ao redor da Mesa Grande - a prática educativa de Ana*, Porto Editora, Outubro de 1997, p. 23.

¹⁵ Daniel SAMPAIO, *Inventem-se Novos Pais*, Ed. Caminho, 5.ª Ed., Agosto de 1995, pp 215-217 .

II - Laço

“O afecto é, apesar de tudo, o instrumento do futuro”¹⁶

Onde buscar as raízes?

Onde gerar e recuperar sistemas de valores?¹⁷

Uns e outros são essenciais porque estruturantes numa Sociedade Global, numa avassaladora e tentadora Sociedade de Informação em que o Homem tem de conseguir navegar descobrindo um rumo: “...tomámos, antes de mais, partido pela cidadania contra a exclusão, pelo conhecimento contra a manipulação do espírito, pela liberdade contra a opressão, especialmente contra a opressão confortada tecnicamente ...”¹⁸

Em alternativa à Escola “Massificadora e Massificante” que está a tentar mudar¹⁹, surge-nos, nesta viragem de século, a Família aconchegadora e estruturante da individualidade, a Família como mar de afectos em vagas sucessivas²⁰, geradora de uma profunda e decisiva “categoria”, a da infância, colaborante activa numa cultura da preservação do património, da aproximação da natureza, da recusa do uniforme: “Muitas coisas ficarão para sempre ligadas à nossa nascente e o imaginário da infância é a reserva onde se temperam os nossos sentimentos e onde se reflectem as nossas saudades”, alerta *Alçada Baptista*.²¹

¹⁶ Cf. António Alçada BAPTISTA, comentando Odylo Costa filho, in op. cit., p. 90; ver ainda p. 114:

”Porque há uma história dos sentimentos. A história com que lidamos - a dos factos políticos e sociais - é extremamente precária (:)Falta-nos essa história dos sentimentos e não sabemos ainda bem onde é que ela nos poderá levar.”

¹⁷ Ver Georges DUBY, op. cit., p. 141: “ - Vislumbra hoje os fermentos duma renovação espiritual?- O que vejo é sobretudo que o materialismo não satisfaz a imensa maioria das pessoas. Procuram algo mais.”

¹⁸ Cf. José Mariano GAGO in *Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal* - Ed. do Ministério da Ciência e da Tecnologia, Col. Missão para a Sociedade da Informação, Lisboa 1997, p. 2.

¹⁹ Cf. M^a do Céu ROLDÃO [et al.], *Dimensões Formativas de disciplinas no Ensino Básico - História*, Instituto de Inovação Educacional, 1996: cap. 2, pp. 16-18, “Ensinar História, uma tarefa importante”; pp.49-58, “A História e a Formação integral dos alunos”.

²⁰ Cf. António DAMÁSIO - *O Erro de Descartes - Emoção, Razão e Cérebro Humano* cit^o em “O Inconsciente ou a Memória Esquecida das Emoções” por Ana Gerschenfeld e José Vítor Malheiros in *Público - Leituras* - sábado, 10 de Junho de 1995 e ainda “A Neurologia da Saudade”, ibidem, 8 de Julho de 1995.

Cf. Agustina Bessa LUIS, “Prémio Máxima da Literatura” - “...Nós, Portugueses, somos uma civilização do afecto.” in *Máxima*, Julho de 1997.

²¹ In op. cit., p. 159. E já Alain TOURAINE, op. cit., cap. 2, p. 77, lançara uma interpelação semelhante:

“Não será a sua missão fazer sobretudo reaparecer as relações sociais... a recusa... a esperança... onde são esmagadas... pela ordem que é sempre a do Estado? (...) é preciso reencontrar a nascente sob o cimento. Tal é a jogada. Se a perco (...) será preciso admitir que (...) já não há actores de classe mas apenas vítimas...”

*“DESCOBRIR QUEM SOMOS,
UMA AVENTURA DESCONHECIDA:*

Nenhuma estrela brilhante anunciou o momento do nosso nascimento. Mas esse é o primeiro grande acontecimento da nossa vida. Recordar a mais remota infância, visualizar a nossa existência... descobrir a realidade escondida sob as fantasias que tecemos, é uma aventura prodigiosa e difícil: quem sou eu?

PYTHIA PEAY (psicóloga e escritora norte-americana) in *Máxima*, Dez. 95, p.175-184.

P E Q U E N O P O E M A

*Quando eu nasci
ficou tudo como estava.
Nem homens cortaram veias,
nem o Sol scureceu,
nem houve Estrelas a mais
(...)
Quando eu nasci,
não houve nada de novo
senão eu.
As nuvens não se espantaram,
não enlouqueceu ninguém...
P`ra que o dia fosse enorme
bastava
toda a ternura que olhava
nos olhos de minha Mãe...*

SEBASTIÃO DA GAMA

Núcleo de uma família numerosa, temos sido confrontados no dia-a-dia com uma realidade de contrastes por vezes chocantes entre a teoria e a prática.²² no nosso mundo de crianças/jovens, os extremos socio-económico-culturais tocam-se e o “abandono familiar” faz sempre vítimas²³ sobretudo quando não se encontram na Escola os “andaimes” para crescer. Por isso e apesar de vocacionados para a Aventura e para a Acção, adiamos projectos, acumulámos saberes, amadurecemos experiências e ficámos como “força estruturante” vendo os outros partir... Curioso, reparo agora como nesse ficar com o gosto de “partir” somos herdeiros de uma Mãe que, viúva prematuramente, animou a infância e juventude dos 7 filhos

²² “GOERTZ (1973) considera que para se compreender uma ciência, devemos olhar não tanto para as teorias que a informam mas mais para os que a aplicam realmente”; referido por Teresa M.^a Sena de VASCONCELOS, op. cit., p.23.

²³ Cf. “Os crimes dos filhos família” in *Máxima*, Fevereiro de 1998 .

com “Memórias” e “Histórias” em que todos embarcavam nos sonhos de viagens que só entre os 60 e os 80 anos animadamente consumou pelo Brasil, África, Índia e Extremo Oriente, concretizando uma plena expansão do seu ser.²⁴

Mantendo a fidelidade aos princípios que nos vincularam ao Ensino Básico²⁵, saboreamos em pleno a oportunidade histórica que nos é proporcionada por um ano de licença sabática, ...mergulhamos nas raízes... não escapando, porém, a um duplo “olhar de pedagoga”!²⁶

Nós, os que ficamos, fazemos a História da Família que foi e que veio, que vai e que vem...

“A própria memória histórica das instituições e dos povos não vive fora do desenvolvimento social do conhecimento e da informação; ao escrever-se em suporte novo e diverso, ao transcrever-se em forma digital, repensar-se em hipertexto, aprofunda-se e renova-se, ganha outro sentido e conquista nas sociedades modernas uma escuta mais ampla e actual. O pensamento não só se recria como também nos fabrica a nós próprios (...) tornamo-nos melhores que nós mesmos, mais cultos e mais informados, mais libertos do que interiormente nos prende e limita...”²⁷

Será um mergulho em **dimensões múltiplas**, na perspectiva de *Nora*²⁸:

- Numa dimensão **historiográfica**, já apresentada nas primeiras páginas desta introdução.
- Numa dimensão **política**, se entendida como jogo de forças que transforma a realidade.
- Numa dimensão **etnográfica**, porque a cada instante tivemos de nos proteger da nossa própria «geografia mental», dos nossos «hábitos familiares», incubados no calor da tradição: “Deixa que os nomes te persigam, deixa que os nomes te persigam...”²⁹

²⁴ Cf. António Alçada BAPTISTA, op. cit., p.115.

²⁵ Cf. Maria Augusta Vasconcelos de AZEREDO - *A Expressão Escrita: continuidade entre a Escola e a Vida*, Dissertação para Exame de Estado do 1.º Grupo, Porto e Escola P. de Gomes Teixeira, Abril de 1974; pp.5 - 7: “...Por isso e querendo participar deste esforço universal que é a Nova Pedagogia, em que acredito estar a defesa da Humanidade, escolhi para trabalhar o Ciclo Preparatório...”.

²⁶ Cf. G. DUBY, op. cit., p.5: “Para que serve escrever a História senão para ajudar os contemporâneos a manter a confiança no futuro e a armar-se melhor para enfrentar as dificuldades que quotidianamente se deparam?...”

²⁷ In “Preâmbulo” do *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*, op. cit., p. 3.

²⁸ In *Les lieux de la mémoire*, op. cit., 1.º vol., pp 15-16.

²⁹ Cf. Nick THOMSON, 1984, cit. por Teresa M.ª Sena de VASCONCELOS, “Onde pensas tu que vais? Senta-te - Etnografia como experiência transformadora” in *Educação, Sociedade & Cultura*, n.º 6, 1966, p.40.

- Numa dimensão **literária**, entendendo «memória» e «memórias» como enquadramento e conteúdo, exigindo-nos um envolvimento pessoal para seleccionar, cortar, unir, cerzir, tecer, ajustar e bordar «fios manuscritos»: já que emoção e estética são inseparáveis nas aventuras e relatos familiares, com «toques literários» procurou-se transformar uma colorida e quente manta de retalhos em História de Família.
- Numa dimensão **psicológica e sociológica** porque foi preciso interrogarmo-nos sobre a adequação do individual (com todo o seu pulsar consciente, subconsciente e inconsciente) ao colectivo, sob o ângulo de um “construtivismo social”: seleccionamos **«actores históricos»**, actores que antecipam, canalizam, incarnam “representações sociais” como sugere *Robert Farre*³⁰, desempenhando um papel renovado na compreensão global com que hoje se faz a História.

Neste imenso domínio, neste património da memória dia-a-dia mais alargado, impossível de captar exhaustivamente, procurou-se fazer emergir um conjunto harmonioso de **biografias e prosopografias**, desvendando actuações, sugerindo sentimentos, captando olhares, ampliando vozes... “movendo-nos assim numa cena em que as personagens entram e saem, se cruzam, dialogam ou se vão embora...”³¹

“As sociedades não perdem o seu lastro histórico: o desejo da Sociedade de Informação - e do Conhecimento - não faz uma sociedade nova: é antes a renovação de um ideal antigo, a proclamação duma liberdade desejada, a fome de modernidade e de justiça, como se, de repente, as possibilidades técnicas tornassem insuportáveis os entraves burocráticos, a sufocação autoritária, a privação de informação e do saber.”³²

Todo o conhecimento adquirido e agora revelado foi, assim, autoconhecimento!

³⁰ In “As representações sociais”, cap. 14 da obra *Psychologie Sociale*, orientada por Serge MOSCOVICI, PUF fondamentale, 1.ª Ed., 1984, pp 379-389.

³¹ Cf. José Augusto FRANÇA, *Os anos vinte em Portugal - Estudo de Factos Sócio-Culturais*, Ed. Presença, Lisboa, 1992, p. 10.

³² Cf. José Mariano GAGO in “Preâmbulo” do *Livro Verde para a Sociedade de Informação*, op. cit., p.2.

III - Fonte

Neste minucioso trabalho de reconstituição, paciente arte de «patchwork», recorreu-se a:

FONTES MANUSCRITAS VARIADAS, recolhidas em Arquivos Familiares e outros:

- **quadros genealógicos.**
- **documentos notariais e municipais.**
- **textos «impressionistas» e circunstanciais**, privilegiando-se, sobretudo e pela sua raridade, **as memórias em diferido**, registadas sem preocupação cronológica, «testemunhos» dirigidos à família, numa quase cumplicidade que atravessa gerações, sem intenção de alguma vez serem divulgados ou publicados. Numeraram-se as suas páginas ou folhas por comodidade metodológica.

De alguma forma, estas “Memórias” reproduzem em 900 a situação referida por *M.^a de Lourdes Lima dos Santos* em 800³³ e também salientada por *Castelo Branco Chaves*³⁴, reflectindo num “duplo plano histórico” duas épocas em confronto como se de uma literatura dita «de resistência» se tratasse: “São as épocas de convulsão social ou meramente política aquelas que suscitam a literatura memorialista assim como, geralmente, são aqueles que tiveram destinos de vida agitada e irregular ...”

Permanece «tradição familiar» dar continuidade a essas memórias, quer em livros/álbuns - autênticas **«arcas» de registos e de afectos**, com ou sem valor literário - correspondendo a necessidades íntimas de celebrar etapas decisivas da vida e que se têm revelado um factor positivo no processo de construção e reconstrução de personalidades; quer através de extensas **cartas/epístolas**, tornadas «circulares», quando a longa distância no

³³ In *Intelectuais Portugueses na primeira metade de oitocentos*. Ed. Presença, Lisboa, 1985, p. 20: “... daí a importância do confronto das várias memórias escritas por diferentes autores de oitocentos! (...) Acresce que no período considerado, talvez mais do que habitualmente, este género literário tendia a ser cultivado por escritores improvisados (...) correspondendo a uma necessidade íntima de captar a mudança agitada e violenta...”

espaço e no tempo impõe o reforçar dos laços de família: “escrever é uma forma de pousar o nosso coração noutras mãos...”³⁵

Num percurso profissional já longo, considera-se **“A expressão escrita: continuidade entre a escola e a vida”** como ponto de partida e a actual dissertação **“Laços de Família”** como ponto de chegada, numa perspectiva holística e fenomenológica, em que a escrita aparece como aglutinadora de projectos e de uma identidade de vida.

FONTES IMPRESSAS, a saber :

- Livros publicados por **autores da família**, obras de cúpula e de síntese.
- Outras **fontes escritas da época**³⁶, nomeadamente a Imprensa Periódica, que permitiram, num «quadro de compreensão», uma **análise de conteúdos com recurso a um método fundamentalmente qualitativo**, a constante confrontação com os fundos documentais de carácter familiar.
- **Enciclopédias e obras de referência** com vista a uma eficiente organização e sistematização dos dados recolhidos e à sua integração nos contextos respectivos.

ENTREVISTAS consultando Arquivos Vivos - os Homens -³⁷, como forma de preencher lacunas de documentação e de obter respostas pontuais.

NAVEGAÇÃO NA INTERNET, novíssimo meio de pesquisa, mas, sobretudo de descobrir e criar novos laços. Também as novas tecnologias da Informação nos exigiram um percurso, às vezes árido, da info-alfabetização à info-competência, acrescentando capacidades ao leque das opções disponíveis como:

- Localização e selecção de obras através do Programa PORBASE.
- Listagens / inventários de nomes e endereços com que se adivinharam relações familiares (ex: os Belfort).

³⁴ In *Memorialistas Portugueses*, Instituto de Cultura Portuguesa, MEC, 1.ª ed. 1978, p. 11.

³⁵ Cf. Luisa DACOSTA, “Agenda Escolar «Folhas Soltas»” in *Vida Mundial* n.º1695, 3/12/1971.

³⁶ Cf. José Augusto FRANÇA, op. cit., p. 12: “Todas as citações são de escritos ou ditos da época, que, mais uma vez diz o autor, só esses esclarecem sobre os interesses vivos e as mentalidades então formadas e expressas, em suas palavras pensadas ou de lapso - em estilos que eram homens achados ou perdidos na história. (...) Mas o autor não deve deixar de referir também a sua própria experiência e a sua memória, de leituras muito antigas, de livros bem pouco usuais que agora pôde rever e citar, e que teve na biblioteca de seu pai; e também de muita gente que conheceu (...), ao longo da sua vida, gente vinda de trás ...”

- Possibilidade de contacto quase imediato com o outro lado do mundo, conseguindo fazer das “barreiras” uma “comunhão de fronteiras”.

Considerando a documentação abundante dos vários ramos de família em que “entroncamos”, desde logo se impôs uma limitação e selecção:

NO TEMPO - SÉC. XIX / XX.

NO ESPAÇO - PORTUGAL / BRASIL / AFRICA / ORIENTE.

NAS PERSONAGENS FOCADAS³⁸ - as que pela sua vida foram paradigmas, “actores” de uma época que “representaram” através de RELAÇÕES HISTÓRICAS.

Positivamente? Negativamente?

Como se desenrolou o respectivo processo de produção antroponómica?

Como digeriram os seus sucessos ? E os seus fracassos?

O que os impulsionou a um «partir» quase constante?

Que “rasto” deixaram nos seus descendentes?

Finalmente, o que deles reflecte a historiografia actual?

Para todas estas questões se perseguiu uma resposta, tentando:

- Fugir a uma “memória” puramente descritiva e enumerativa, ultrapassando a simples análise de dados e de conteúdos.
- Lançar um olhar crítico e objectivo sobre personalidades a que efectiva e afectivamente estamos ligados.
- Fazer, por vezes, uma “História do Imediato”.

³⁷ cf. Jean LACOUTURE in “A História imediata” - *La Nouvelle Histoire*, Les encyclopedies du savoir. Paris: C.E.P.L., 1978.

³⁸ Cf. José Augusto FRANÇA, in *Os anos vinte em Portugal - Estudo de Factos Sócio-Culturais*, Editorial Presença, Lisboa, 1992, pp. 9-10: “A história que se constitui em discurso tem os seus protagonistas ou personagens privilegiadas pelas circunstâncias quando não por qualidades próprias (...) A pessoalização da História não é defeito de uma metodologia antiga, mas necessariamente moderna, na medida em que se entende que, se os heróis não nascem tais, são também efeitos de conjunturas, produtos sociais de forças várias e antes assumem essas forças para poderem fazê-lo, com qualidade para tal (...)”



TERESA DE BELFORT CERQUEIRA

Uma Senhora da sociedade Luso-brasileira

“A questão da determinação social dos destinos pessoais abre também a porta a um universo extremamente rico de relatos biográficos, de histórias de família, de processos sociopsicológicos vividos pelas pessoas em mobilidade social (...) Mas seria preciso pôr primeiro em evidência os alicerces ‘objectivos’ (...) os alicerces sociais de todo este Universo... Foi o que tentei fazer aqui...”

Daniel Bertaux

Prosopografia da Família Belfort ou Belford

Data	Geração	Personalidade Actividade	Local	Fontes
1163		SIMÃO BELFORT é Senhor feudal Conde e Lorde Taragh, Porta-bandeira do rei Henrique II da Irlanda	Castelo feudal de Belfort, Irlanda	“Acte de Succession des droits de primogéniture de la Famille Belford”, Paris, 1910
1708 (Jul)	1	Nasce LANCELOT BELFORT (ou Lourenço Belfort) Filho legít. de Ricardo Belfort e s/ mulher Isabel Louwther. Casa com D. Ana Tereza Ferreira (brasileira)	Dublin, Irlanda Brasil	Idem
1718		Certificados de buscas e provas da genealogia de L. de Belfort enviados pelo Arcebispo de Dublin Ricardo Lomesth	Dublin	Idem
1759		Idem Carlos Leynegar do Trinity College	Dublin	Idem
1799		Registo dos referidos certificados no Notário público da capital do Estado de Maranhão	S. Luís, Maranhão, Brasil	Idem
	2	ANTÓNIO GOMES DE SOUZA BELFORT Sargento-mor; casa com D. Maria Ana das Neves	Brasil	Idem
	3	FILIPE MARQUES DA SILVA casa com Ignácia Maria Freire Belfort pais de	Brasil	Idem
	4	General SEBASTIÃO GOMES DA SILVA BELFORT. - Engenheiro: projecto e traçado de milhares de quilómetros de vias de comunicação entre o norte do Brasil e o Rio de Janeiro - Comendador da Ordem de Cristo por 3 gerações nomeado por D. João Príncipe Regente	Brasil	Idem e Dicionário Bibliográfico de Francisco Inocêncio da Silva Vol. VII, p. 209
1820	?	Deputado VIEIRA BELFORT ou Belfort Duarte Deputado	Maranhão	Helio Vianna ”Hist ^a do Brasil”

D. Pedro I	5	FILIFE GOMES DA SILVA BELFORD • filho do General Sebastião Belfort • Perfeito do Estado do Maranhão • Defesa do governo Imperial na guerra dos Balayos (papel decisivo)	Guerra dos Balayos	. “Acte de Succession...”
	5	ANTÓNIO GOMES BELFORT cunhado do anterior Coronel, com Ricardo Leão Belfort Sabino combatentes na guerra dos Balayos	Guerra dos Balayos	Idem
D. Pedro II	5 ?	RAYMUNDO TEIXEIRA BELFORD ROXO • Homem de Ciência • engenheiro, dirigiu obras públicas • condecorado pelo Império	Rio de Janeiro	Rev. Clube de Engenharia (Anexo) R. de J. 1882
	4	ANTÓNIO RAIMUNDO TEIXEIRA VIEIRA BELFORD • Barão de Gurupy(1855) e Visconde de Belfort (1872) • Representante do Maranhão na Câmara dos Deputados do Império • Oficial da Imperial Ordem do Brasil • Comendador de N. Sr^a da Conceição de Vila Viçosa (Portugal) • Ministro do Supremo Tribunal de Justiça	Maranhão, Rio de Janeiro	Grande Enciclop. ^a Portuguesa e Brasileira, Vol. IV, p. 474.
	6 6	SEBASTIÃO GOMES DA SILVA BELFORD passa (1910) os direitos de sucessão de primogenitura ao seu primo em 8º grau ANTÓNIO ROXOROIZ DE BELFORD que com 25 anos era já: • Casado (29/4/1899) com Amanda filha do Conde de Mota Maia. • Presidente da rede de vias Brasil-Argentina-Paraguai • Comendador da Ordem de Cristo • Conselheiro do Reino de Portugal	Paris	“Acte de Succession...”

Obs. As fontes consultadas nem sempre coincidem quanto às relações de parentesco nas primeiras gerações.

“A interacção entre famílias notáveis, economia e política na América Latina é bem conhecida embora ainda não esteja bem estudada.”

Susana Menendez e Barbara Potthast¹

I - Raízes

Maranhão.

Terra fértil de cheias (uma das regiões da terra em que mais chove...), de gentes, de povos, de raças, de tradições, constituindo com o “Grão-Pará” e até ao séc. XIX, um enorme subconjunto da “pseudo-unidade” brasileira², de um Brasil colossal a que Vieira se referia como “Inferno dos Negros, Purgatório dos Brancos, Paraíso dos Mulatos”...

“Quando (...) ali aporto, logo se reedita esta singular impressão que sente quem anda por terras do Brasil: a de constantemente reencontrar, achado entre outros trópicos e latitudes, um bocado de Portugal. Aqui, porventura mais: na arquitectura, no urbanismo. S. Luís teve, do berço, uma marcante e perdurável influência lusa. (...) Nos arredores, há localidades ainda hoje chamadas Alcântara, Campo de Ourique, Paço do Lumiar...”³

Desde o séc.XVI que o processo de colonização do Maranhão se anunciara difícil e variado de etnias:

Depois da primeira viagem de exploração e de reconhecimento de Martim Afonso de Sousa (1530-1532), com uma aproximação do Rio do Maranhão⁴, sucederam-se mais duas expedições, quase fracassadas, entregues aos capitães-donatários João de Barros e Aires da Cunha (1534) e mais tarde a Luís de Melo (1540/44).

¹ In Introdução a *Mujer y Familia en America Latina, siglos XVIII-XX. Cuadernos de Historia Latinoamericana* n.º 4, AHILA - Asociación de Historiadores Latinoamericanistas Europeos, Ed. Algazara, Málaga, 1996

² Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia Limitada, Lisboa / Rio de Janeiro, vol. XVI, pp 232-233.

Cf. ainda Helio VIANNA - *História do Brasil*, Ed. Melhoramentos, 7.ª ed., S. Paulo, 1970; vol. I pp 56-179 e ainda o cap.º XVII - “O Estado no Maranhão no séc. XVII”, p. 180 e seguintes.

³ Cf. Maria João AVILLEZ - “As Jóias Brasileiras” in *Pública* n.º 32, de 29/12/96, p.38.

⁴ Cf. Helio VIANNA - *História do Brasil*, op. supracit., p.58, nota 2: “Provavelmente atingiram estas caravelas a foz do Gurupi, pois a doação da primeira capitania do Maranhão a Aires da Cunha, já mencionava na região, a «abra de Diogo Leite», também citada no mapa de Gaspar Vieira.

Na transição para o séc. XVII, a tentativa de ocupação francesa e a fundação da cidade de S. Luís, sob o pretexto de «missão católica»⁵, é finalmente neutralizada em 1614-1615 por Jerónimo de Albuquerque que ocupa o porto de S. Luís: “«Os franceses só deixaram o nome de S. Luís, vocês fizeram tudo o resto», diz-me, bem-disposto, o arquitecto e urbanista Ronald de Almeida e Silva, meu guia na cidade.”⁶

Entre os franceses, a opinião vai um pouco mais longe, conforme nos revela esta notícia do *Figaro Magazine* de 14/10/1995:

“**Maranhao, au Brésil:** Ce qui reste de l’aventure française? Le nom de la ville (Sao Luis, en l’honneur de Louis XVII (sic)), le buste de Daniel de la Touche (devant la mairie), des Calvet, Bertrand ou **Belfort** dans l’annuaire, la collection des porcelaines et des cristaux du Palacio dos Leoes. Une merveilleuse pâtisserie (sic) néo-classique, bâtie au XVIII^e siècle par le marquis de Bombal (sic), aujourd’hui résidence du gouverneur du Maranhao: «Um tipo Versailles!» («Un genre Versailles!»), précise madame le conservateur, d’origine normande, née Mac Mahon Dubocq.”

Será o nome **BELFORT** de origem francesa? Aguardemos o desenrolar dos acontecimentos...

Em 1621, em plena União Ibérica e num quadro administrativo que faltara a Portugal⁷, anuncia-se a ideia de BRASIL como NAÇÃO e institui-se o novo “Estado do Maranhão” (aglutinando os actuais Ceará, Piauí, Maranhão e Pará)⁸. Pouco depois é o domínio holandês que se estende também a Pernambuco que é neutralizado.

Entrando-se no séc. XVIII, em 1733, o governo do Estado de Maranhão aparece-nos centralizado em Belém (de Pará) e exercido por capitães gerais, o que talvez não seja alheio à definitiva separação do Pará em 1772.

⁵ Cf. Cláudio d’ABBERVILLE - *História da Missão na Ilha do Maranhão e terras vizinhas*, referido na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, op. cit., pp 232-233.

⁶ Cf. Maria João AVILLEZ, art.º já cit., p. 38.

⁷ Cf. Luís Felipe de Seixas CORRÊA in *Revista do Instituto Geográfico e Brasileiro*, Rio de Janeiro, Out./Dez. 1994; Cap.º 2, pp 732-747: “O Governo dos Reis Espanhóis em Portugal (1580-1640): Um período singular na formação do Brasil”

⁸ Cf. Helio VIANNA, op. cit., mapa da p. 154.

Entretanto, em 1759 dera-se a expulsão definitiva dos Jesuítas (reforçada pela imposição das Câmaras e da plebe nesta região)⁹, gerando-se um novo ciclo de “obscurantismo” e um presumível vazio no processo de colonização, favorável pois a um novo fluxo imigratório intensificado pela “febre do algodão” de que Maranhão era o núcleo (1786-1806)¹⁰. “Banhada pelas águas do Rio Bacanha e do Rio Anil, S. Luís já foi a capital de um Estado rico e que emitia moeda, produtor de algodão e açúcar, dono de rica lavoura e pioneiro no comércio externo.”¹¹

É neste cenário e em plena 2ª metade do séc. XVIII que se vão destacar na História do Estado do Maranhão e do Brasil, um novo conjunto de “actores” - **a família Belfort ou Belford** - que adivinhamos «família estirpe»¹² e de que se sugere, num “olhar quase radiográfico”, uma visão tanto quanto possível rigorosa¹³, nos **quadros genealógico e prosopográfico** apresentados.

Conforme o “*ACTE DE SUCCESSION des droits de progéniture DE LA FAMILLE BELFORD - Famille Brésilienne dont l'origine princière, en Europe, remonte au XI SIÈCLE*”¹⁴, é ponto de partida nessa dinâmica corrente familiar LANCELOT BELFORD, não de origem francesa como pretendia a notícia do Figaro Magazine, mas **irlandesa**. Os bens desta família - fervorosamente católica e que defendera os Stuarts -, tinham sido confiscados por Guilherme III de Orange, futuro rei de Inglaterra. No início do séc. XVIII, a agravar a situação, a Irlanda atravessa um período de fome intensa¹⁵.

⁹ Cf. Pedro CALMON in *História Social do Brasil* - 1.º tomo: *O Espírito da Sociedade Colonial*, C.ª Editora Nacional, 2.ª Ed., S.Paulo, 1937; pp 220-221.

¹⁰ Ibidem, pp. 220-221.

¹¹ Cf. Maria João AVILLEZ, art.º já cit.º, p. 38

¹² Cf. tipologia proposta por Marinha Fernandes CARNEIRO, “Família e Educação Familiar em perspectiva”, in *População e Sociedade*, n.º1, Ed. CEPFAM, 1995, p. 141.

¹³ Na Genealogia que acompanha a tradução/versão portuguesa, elaborada por M.ª Emília Sena de VASCONCELOS, da Acta de Sucessão abaixo referida, aparecem-nos contradições e incongruências suscitadas por elementos estranhos ao original e cuja origem permanece nebulosa. Consultada, via Internet, Maria Fernanda Eppinghaus Belford, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, não se recebeu até à data, qualquer esclarecimento.

¹⁴ Ver Anexo 3.

¹⁵ Cf. Daniel BERTAUX in *Destinos pessoais e estrutura de classe*, Moraes Editores, 1.ª Ed., 1978, pp 136-180: compara a relação Inglaterra (país dominante) com a Irlanda (país dominado), com a actual relação, à escala planetária, Europa/África; nesse contexto, apresenta e explica a teoria antropofágica de Swift em 1729 (pp.184-185).

Lancelot ou Lourenço Belford, nascido em Dublin no ano de 1708, perseguido por uma difícil situação religiosa, familiar e financeira, aparece-nos no Maranhão casado com D. Anna Thereza Ferreira, descendente dos primeiros colonizadores. Aos 50 anos, a 6 de Julho de 1758, é condecorado com a Ordem de Cristo pelo rei de Portugal, D. João V, em recompensa de serviços prestados ao Estado do Maranhão.¹⁶ Este reconhecimento/homenagem assinala apenas o início de uma dinastia de individualidades que atravessa a história do Brasil em “campus” multidimensionais e cujo percurso é possível acompanhar, grosso modo, até final do Império: “...au Brésil, ce nom est directement et indirectement lié à tout ce qui s’est accompli de remarquable dans cette grande Nation.”¹⁷

No entanto “...façamos notar que os laços familiares não significam automaticamente uma comunidade de pensamento e acção (...) não apenas nas etiquetas políticas (...) mas (...) mesmo divergências de interesses.”¹⁸ Nessa estratégia de prestígio e de poder, as mulheres terão posição de destaque pois o casamento permite integrar na família os elementos mais brilhantes de cada geração que muitas vezes vêm da “franja superior da burguesia em sentido amplo...”

Apesar do objectivo desta prosopografia ser salientar um grupo/família como totalidade significativa, reconstruída em autênticas “constelações históricas”¹⁹, por que não determo-nos em certos “actores” que funcionaram como “cristas” nessa vaga humana?

GENERAL SEBASTIÃO GOMES DA SILVA BELFORT (4.^a geração no Brasil): Merece honras de destaque na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*:²⁰ “Militar, fidalgo cavaleiro da antiga Casa Real, n. no Maranhão em meados do séc. XVIII e morreu afogado no porto do Maranhão, pouco tempo depois de celebrada a independência do Brasil. Escreveu *Roteiro e Mapa da viagem de S. Luís do Maranhão... com os ofícios relativos à mesma viagem, Rio de Janeiro, 1810.*”

¹⁶ In *Acte de Succession...*, supracit.^o, Anexo 3.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Cf. Daniel BERTAUX, op. cit.

¹⁹ Cf. Paul de BRUYNE (et al.) in *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais*, Francisco Alves Editora, 5.^a Ed., Rio de Janeiro 1991; pp 139-143

²⁰ Op. cit., vol. IV, p. 474.

É curioso assinalar que *Francisco Inocêncio da Silva* no seu *Dicionário Bibliográfico (1885)*,²¹ também refere esta personalidade, acrescentando “de cujas circunstâncias pessoais não tem esclarecimento algum.” Na já referida *Acta de Sucessão*, redigida pelo seu neto Sebastião Gomes da Silva Belford, recolhemos mais elementos: o General Belford foi o engenheiro responsável pelo projecto e traçado de milhares de kms. de vias de comunicação entre o norte do Brasil e o Rio de Janeiro, em cuja biblioteca se encontra arquivado todo este processo, o que explica que o príncipe D. João, futuro D. João VI, o tenha nomeado comendador da Ordem de Cristo por três gerações.²² Foi também jurista. É primo em 2.º grau do deputado pelo Estado do Maranhão **Vieira Belford** que nas Cortes Constituintes de 1820 defende para o Brasil o estatuto de colónia.²³ Casa com D. Ana Marcellina Nunes de Sousa e é pai de **Felipe Gomes da Silva Belfort**, prefeito do já não Estado mas Província do Maranhão, no tempo do Imperador D. Pedro I, que se notabilizou na Guerra dos Balayos, organizando com o Duque de Caxias, a defesa do governo imperial; o cunhado - **António Gomes Belfort**, coronel de um regimento - o **Major Ricardo Leão Belfort Sabino** e o Coronel Falcão ocuparam a cidade de Caxias, último reduto da resistência dos Balayos.²⁴

Se é evidente que a Família Belfort se revela uma típica “**família de enquadramento**”²⁵ com a respectiva função de domínio e direcção dentro do aparelho governativo²⁶, infiltrando-se através de uma rede, consciente ou inconscientemente, numa certa “burocracia do Estado”, não deixa também de ser verdade que no século de 800 ajuda a consolidar e a unir uma Nação Brasileira desde o Maranhão ao Rio de Janeiro!²⁷

²¹ Vol. VII, p. 209.

²² Cf. Pedro CALMON, *História Social do Brasil*, cap.º XVI “Fim da Era Colonial”, p. 290: “...O príncipe regente sentiu-se forçado a enobrecer os homens abastados, em quem se arrimaria o novo trono... distribuiu pelos capitães-mores sertanejos, pelos lavradores litoraneos, pelos comerciantes ricos, títulos, patentes e comendas. Formou, de afogadilho, uma elite oficial: porém a mais promíscua e desigual das elites...”

²³ Cf. Helio VIANNA, op. cit., vol. II - “Monarquia e República” - p. 49.

²⁴ O que encontramos confirmado na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, op.cit., vol.XVI, pp 794-796: o governo de D.Pedro II, coroado apenas com 15 anos, anuncia-as com numerosas guerras civis, fruto de agitações anteriores e que ensanguentaram ainda o país durante 9 anos, de 1840 a 1849. “Pôs-lhes termo com grande sabedoria o imperador, servido pelo mais glorioso general do Império, Luís Alves de Lima e Silva, sucessivamente barão, conde, marquês e duque de Caxias a cuja prudência e valor se deve a submissão de todos os insurgentes.”

²⁵ Cf. Daniel BERTAUX, op. cit., p.100-108.

²⁶ Cf. também Peter BURKE op. cit., p. 38 e seguintes, subcapít.ºs “Estrutura e função”; “Parentesco e Família”.

²⁷ Cf. Pedro CALMON, op. cit., cap.º 3, “Organização - As Obras Públicas”, pp 246-247: Até D..João VI a administração portuguesa não dirigiu, apenas “regulou” a colonização no Brasil, daí a importância das

Também a engenharia militar se torna numa tradição que atravessa gerações: na revista do *Club de Engenharia* (em *anexo*), publicada no Rio de Janeiro em 1882, celebrando o «Primeiro Congresso de Estradas de Ferro do Brasil», aparece-nos um **Engenheiro Raymundo Teixeira Belfort Roxo** (6.º geração) entre os 15 membros que constituem o respectivo Conselho Directivo.

“Entre 1820 e 1920, os anos foram tão áureos que se importava sedas da Índia, telhas de Marselha, champanhe francês, cristalaria austríaca, chás da Pérsia, azulejos holandeses, maquinaria da Inglaterra. (...) a vida literária era tão intensa que se falava de uma Atenas brasileira: aqui se imprimiu, em 1821, o primeiro jornal maranhense; ao teatro de S. Luís - o primeiro a ser construído no Brasil - vinham exhibir-se os maiores nomes do canto.”²⁸

É digno, também, de especial referência **ANTONIO RAIMUNDO TEIXEIRA VIEIRA DE BELFORT, Barão de Gurupi, 1.º e único Visconde de Belfort.**²⁹(4.ª Geração)

Nasceu em 1818, no Maranhão que representou na Câmara dos Deputados do Império. Foi Presidente do Supremo Tribunal da Justiça. Pertenceu à Casa do Imperador D. Pedro II, de quem era particular amigo e que lhe concedeu o título de Barão por decreto de 1855. Ainda hoje está na posse da família uma grande chave de prata, insígnia de Camareiro Imperial e que usava presa ao cinto. Foi galardoado com a Insígnia de Oficial da Imperial Ordem da Rosa do Brasil e com a comenda de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. O título português foi-lhe concedido por D. Luís I em 1872.

Apesar da profusão de cargos e honrarias, o Visconde de Belfort, influenciado pelo luxo e exigência da moda francesa (v. II - Num berço de oiro), vive e cultiva um “status” muito superior às suas possibilidades reais, só conseguindo equilibrar a sua situação financeira através do casamento da segunda filha, conforme títulos de dívida em *anexo* (v. III - Casamento).

Câmaras e dos administradores municipais onde o poder central falhava. “O Brasil foi o grande país sem pontes” Citando o desembargador Rodrigues de Brito, na Baía, em 1807: «Não só o governo falta ao dever de estabelecer barcas ou pontes, mas opõe obstáculos ao seu estabelecimento...”

²⁸ Cf. Maria João AVILLEZ, art.º *supracit.*º, p. 38.

²⁹ Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. IV, p. 474. Cf. Também *Nobreza de Portugal e do Brasil* direcção de Afonso Eduardo Martins ZÚQUETE, Lisboa: Ed. de Representações Zairol, Lda., 1989

Terá talvez contribuído para isso o extravio ou a usurpação dos títulos de posse das célebres “minas de ouro de Maracaçumé”³⁰ cujo mistério permanece envolto em brumas no passado da Família?

Ou as suas ideias abolicionistas³¹ que o tornavam num autêntico «patriarca» dos seus numerosos escravos, reflectindo o espírito de tolerância que caracterizava o círculo mais próximo de D. Pedro II?

“...Era numerosíssimo o dito pessoal, já que o Visconde muito liberal na sua manutenção, não só apadrinhava os casamentos ali combinados, como nunca separava os filhos dos pais. Assim, naquela altura (1888), em bloco, todos o procuraram e insistentemente suplicaram que os mantivesse ao seu serviço como se libertos não estivessem, propondo até que oficialmente se lavrasse um auto desse empenho!...”³²

Com o Visconde de Belfort aproximamo-nos de **TERESA AUGUSTA DE BELFORT CERQUEIRA**, “actriz” eleita como representativa desta família³³ e merecedora de pormenorizada biografia, considerando que:

³⁰ Cf. M^a Teresa B. C. Sena de VASCONCELOS in *Antes que a Memória se Apague*, apontamentos manuscritos, p. 9: “E era por aí, no Maranhão, que deviam existir as célebres minas de ouro de Maracaçumé de que a família, gerações atrás, perdera a posse por não as ter registado em devido tempo. Ainda ouvi falar que havia documentos sobre isso no cofre forte da casa do Salitre.”

Cf. José SARNEY in *Norte das Águias* - Monte de Avila, Ed. C.A., 3.^a ed., 1988, p. 253: “Ou então campinas altas dos caminhos de Maracaçumé...”

³¹ Cf. Pedro CALMON, op. cit., p. 228: “...a abolição final da escravatura, entretanto, só desorganizou a vida rural nas províncias do Rio, do Maranhão, da Baía e de Pernambuco, porque a imigração estrangeira polarizada pelos climas temperados, rapidamente se substituiu, em S. Paulo, ao trabalho forçado.”

³² Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS, “Um garotito de Viana”, in Tomo III dos *Cadernos Vianenses* (pp 109-123), Edição do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal, Dezembro de 1979, p. 114.

Cf. ainda M.^a Teresa B. C. Sena de VASCONCELOS in *Antes que a Memória se Apague*, manuscrito cit.^o, p.9: «Quando a Avó era criança havia ainda a escravatura no Brasil. Lembro-me de a ouvir contar com certo orgulho que quando saiu a lei da libertação dos escravos, os da sua casa foram ter com o senhor, chorando e suplicando que os deixassem ficar porque eles e as suas famílias eram ali muito felizes.”

³³ Cf. Susana MENENDEZ e Barbara POTTHAST in Introdução à op. cit., p. 7: “A história da mulher e da família começam já a fazer parte do currículo clássico de temas sobre a história latinoamericana (...) parecendo significar que este género já passou a ser aceite como uma categoria importante para entender uma sociedade em questão, assim como classe, casta, etnia e outras categorias, e que já se concluiu que a família é a instituição chave para se estudar as relações entre sociedade e indivíduo. (...)podendo-se pois afirmar que a história da mulher e da família já passaram da sua 1.^a infância.”

- Foi um dos últimos bastiões de uma aristocracia fundiária quase perpetuada pela «raça» (raça branca entenda-se, neste contexto) e de que a relação com a toponímia persiste ainda no actual Brasil: é o caso do **Município de Belfort Roxo**, cuja identificação e principais referências, obtidas via Internet, figuram em anexo.
- Viveu uma «encruzilhada» de campos sociais, económicos, culturais e espaço-temporais quase divergentes, manifestando uma personalidade feminina muito própria, com um certo «desvio» da norma vigente, cuja ressonância atravessou gerações conforme profusa documentação recolhida e apresentada neste trabalho.
- Numa época em convulsão e plena de constrangimentos, manifestos³⁴ ou latentes, percorreu, possivelmente, “caminhos de isolamento” mas concilia, de forma pitoresca, exigências geradas na tensão de duas famílias com origens sociais e geografias distintas, num processo quase feliz de produção antroponómica, recuperando e valorizando diferentes “memórias colectivas” de classe³⁵:

“A biografia de uma mulher de exceção me parece apresentar um interesse particular. Ela provoca a emergência, de modo muito agudo, das regras de divisão social entre homens e mulheres, dos limites impostos pela sociedade à intervenção da atriz social em questão, mas também dos conflitos que ela viveu, das brechas que abriu, dos itinerários que trilhou, dos compromissos que teve de aceitar. Sua ação desvela tabus, resistências(...) os contornos do possível e do impossível, do pensável e do impensável de uma dada sociedade. (...) Mas também no que toca às formas de exclusão, de distinção e de construção de identidade colectivas no seio dessa mesma sociedade, em diferentes momentos da sua história.”³⁶

³⁴ Daí o seu casamento de conveniência, “habitus” que não conseguiu impor às suas próprias filhas!

Cf. Marinha Fernandes CARNEIRO, art.º cit.º, p.148: “...a escolha conjugal é livre pois «a família moderna assenta no casamento enquanto que, no passado, o casamento assentava na família, esta pré-existente e sobrevivendo àquele”, citando Andrée Michel em *Sociologia da Família e do Casamento*, Porto, Rés-Editora, 1977, p.77.

³⁵ Cf. Daniel BERTAUX, op. cit., pp. 70-90.

³⁶ Cf. Mônica Raisal SCHPUN “Carlota Pereira de Queiroz entre representativa e singular” in *Mujer y Familia...*, AHILA, op. cit., p. 173.

TERESA DE BELFORT CERQUEIRA

CRONOLOGIA

1863	24 Out.	Nasce no Rio de Janeiro (Joaquim José Cerqueira, seu futuro marido, chega ao Brasil, Rio de Janeiro)
1863/70		Guerra no Paraguai
1864		Princesa Isabel casa com o Conde d'Eu
1883	26 Março Nov. (?)	Com 19 anos casa com Joaquim José Cerqueira Morte da sua Mãe, Viscondessa Augusta Carlota
1884	Janeiro	Nascimento da 1ª filha, Augusta
1885	Agosto	Nascimento da 2ª filha, Teresa
1888	13 Maio	Lei da Abolição da Escravatura Nascimento da 3ª filha, Joaquina
1889	16 Nov 15 Nov. 7 Dez. 28 Dez.	Morte de Joaquim Ramalho Ortigão República no Brasil Partida da Família Imperial para o exílio A Família Imperial chega ao Tejo a bordo do «Alagoa» A Imperatriz Teresa Cristina morre no Grande Hotel do Porto
1890	Abril	Nasce o 4º filho Joaquim Duarte
1891	5 Dez.	Morre, em Paris, o Imperador Pedro II
1892	Maio	Nasce o 5º filho Sílvio
1893		Morre a filha Joaquina com febre amarela Vinda definitiva para Portugal
1894	Fev.	Viagem pela Europa; furto das jóias no Sud-Express

1897		Compra da casa em Viana do Castelo Nasce o 6º filho Manuel Duarte
1898		Nasce em Lisboa a 7ª e última filha, Gabriela
1899		Compra do palacete da Rua do Salitre a Alves Machado
1900 a 1905		Intensa actividade política e social do marido e da família entre Lisboa e Viana
1907		Morte do pai, o Visconde de Belfort, no Brasil.
1908	1 Fev	Regicídio
1909	Janeiro	Casamento da 1ª filha, Augusta, com o Capitão José Sena
1910	5 Out	Implantação da República
1912	31 Dez	Nasce a 1ª neta, Maria Emília
1914	19 Dez	Nasce a 2ª neta, Maria Teresa
1916	12 Out	Enviúva: o Conselheiro Joaquim José Cerqueira morre, aos 69 anos, em Viana
1929	4 Fev	Morre, em Lisboa, com 65 anos.

II - Num berço de ouro

Rio de Janeiro, finais de Outubro de 1863.

Palácio da Boavista: A Imperatriz Mãe, Dona Teresa Cristina, decide ir em peregrinação a Teresópolis³⁷. Convida, para a acompanhar, uma das suas damas **Dona Augusta Carlota Bandeira Duarte**³⁸: filha do desembargador e veador da Imperatriz, Francisco de Paula Pereira Duarte, do Maranhão, e de sua mulher D. Carlota Joaquina Bandeira, D. Augusta Carlota é casada há já mais de 20 anos com **Antônio Raimundo Teixeira Vieira de Belfort** (v.II - Raízes). Depois de mais de uma década sem filhos, viram-se contemplados com uma menina - Maria da Glória - e eis que, agora, passados quase onze anos, se anuncia um novo bebé... A mãe já não é nova, os riscos são grandes. Será, enfim, o herdeiro tão ansiado pelo Visconde?

D. Augusta Carlota sente-se prestes a dar à luz e infelizmente não pode acompanhar a Imperatriz que parte preocupada “prometendo rezar para que ao regressar *tudo* encontrasse acabado em bem...”

Assim aconteceu e... outra menina veio ao mundo para desconsolo do Visconde mas para grande alegria da Imperatriz que sugeriu o nome de TERESA em homenagem e gratidão à Santa da sua devoção que, em boa hora, a tinha ouvido. Desde então, como pudemos constatar com surpresa, tem havido sempre uma “**Teresa**”, em cada uma das quatro gerações seguintes, como que a eternizar este agradecimento.³⁹

Teresa de Belfort cresceu num ambiente de luxo, “liturgicamente” francês, marcado embora por «virtudes sociais» características na esfera de influências de D. Pedro II. Toda a corte brasileira da época⁴⁰ vivia «selon l'esprit français» que se infiltrara na vida cultural, na vida social, nos “habitus” mais elementares da vida quotidiana, alastrando esse

³⁷ Ver Gilberto FERREZ em *Colonização de Teresópolis à sombra do dedo de Deus 1700-1900*, Rio de Janeiro, 1970, p. 192, citando A. J. Lamoureux in “Hand book of Rio de Janeiro”, R. de Janeiro, 1887: “foi o local de veraneio dos diplomatas, estrangeiros de renome e brasileiros ricos durante o reino do primeiro Imperador, isso muito antes que Petrópolis fosse fundada.”

³⁸ cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in “Um garotito de Viana”, artº citº., p. 113-114: “que se gabava de, ao andar «pizar sete excelências» referência porventura a muito remota mas nobilíssima raiz portuguesa.”

³⁹ Ibidem, p. 113

⁴⁰ cf. Pedro CALMON in *Vida de D. Pedro I: “Retrato duma Corte Brasileira no Rio Vintista”* - pp 197-202, e ainda *História Social do Brasil* - op. citadas.

fascínio a todo o litoral, num percurso e com uma preponderância só comparável à hegemonia britânica na mentalidade actual.

Para o explicarmos torna-se necessário remontar ao dinamismo da Corte Portuguesa no Brasil, onde se refugiou em pleno expansionismo francês, arrastando e gerando padrões de moda e de comportamentos que nunca a influência inglesa conseguiu suplantar. É reconhecida a «**Napoleomania**» de D. Pedro I que atinge o auge no seu 2.º casamento, com D. Amélia de Beauharnais (neta de Eugénio de Beauharnais, enteado de Napoleão) e que se prolonga no governo do seu filho D. Pedro II: as conversas palacianas eram frequentemente em francês e o seu genro, o Conde d'Eu - casado precisamente em 1864 com a princesa Isabel, a «Princesa dos Escravos» - recitava *Lamartine* nos serões de Petrópolis ou no Palácio da Boavista.

O Visconde recebia deslumbrado tudo o que vinha de França, das ideias aos objectos de uso: “No seu próprio nome, oriundo da Irlanda (e aliás nobre - BELFORD) trocou o *d* final pelo *t* o que lhe emprestava um ar «mais francês»”⁴¹. Em casa dormiam em lençóis de linho da Bretanha, a mesa era posta com porcelanas de Limoges, “a mulher e as filhas vestiam muitas vezes vestidos parisienses... e possuíam, segundo se dizia, as mais bonitas pérolas do Rio de Janeiro. Tomava assinatura para o teatro francês quando o havia...”⁴² Chegou mesmo a “...fazer vir de Paris uma linda, uma autêntica pequena cómoda para o enxoval da 1.ª neta, a nascer...”

Teresa contava, às vezes, que se lembrava de espreitar do seu quarto os bailes de escravos, em baixo, no pátio; e, também, de ir para o Colégio depois, na carruagem familiar, “com cocheiros e trintanários negros e uma santa velha escrava a olhar por ela.”

⁴¹ Cf. Mª Emília Sena de VASCONCELOS - *Apontamentos manuscritos em 1991*, já cit.º, p. 8. Daí a confusão no artigo do *Figaro Magazine*, atribuindo origem francesa aos Belfort (v. I - Raízes).

⁴² Cf. Mª Emília Sena de VASCONCELOS - “Um garotito de Viana”, op.cit., p. 113; e ainda *Adeus, não: - Até à volta!*, Ponte do Lima, 1987; p.19

III - O Casamento

Com 19 anos, Teresa de Belfort casa em 26 de Março de 1883 com **Joaquim José Cerqueira**, dezassete anos mais velho.

Mas maior que a diferença de idades é o abismo social que os separa: ela, de nobre ascendência; ele, de modestas origens, subira “a pulso”, chegando a sócio na firma de Joaquim Ramalho Ortigão.⁴³

O que os terá aproximado?

Atracção mútua desperta em círculos socioculturais comuns, romance “nascido” em baile de corte? Casamento de amor ou “bem programado” pelo Visconde de Belfort?

O Visconde encontrava-se praticamente arruinado! É o que faz crer a declaração de dívida (*Anexo 10*), datada de 3 de Dezembro de 1883 - 8 meses depois do casamento - e que se reproduz⁴⁴:

«Como inventariante e cabeça do meu casal authorizo ao meu genro Sr. Joaquim José Cerqueira para pagar todas as despesas feitas com o curativo de minha mulher, enterro, decimas atrasadas, e presentes, pennas de agua, taxas de escravos e fôros de terrenos das cazas do referido casal, sendo este responsavel pelo prompto pagamento do que houver adiantado. Como documento servirá esta authorização de minha letra e firma. Rio de Janeiro 3 de Dezembro de 1883.

Barão de Gurupy Visconde de Belfort

Concordo com a authorização supra. Rio de Janeiro 3 de Dezembro de 1883.

António de Paula Ramos Jr. »

⁴³ Ver biografia do capítulo seguinte: “*Joaquim José Cerqueira, um «Brasileiro» do Minho*”.

⁴⁴ Esta difícil situação financeira já se anunciava dois anos antes numa outra declaração de dívida, desta vez assinada pela Viscondessa (*Anexo 9*): «Declaro que devo à minha filha Thereza Augusta Duarte Belfort, a quantia de tres contos de reis (3:000\$00) moeda corrente, proveniente de tres apolices geraes, de conto de reis cada uma, cujas lhe pertencião, e vendi para o conserto e pintura de minha casa da rua formosa nº 107. Portanto tem direito de tirar essa quantia dos bens do meu casal, por minha morte ou por morte de meu marido. Rio de Janeiro 12 de Abril de 1881. Baronesa de Gurupy, Viscondessa de Belfort.» Teresa era herdeira do padrinho, o Senador Dantas, que também tinha beneficiado a irmã Maria da Glória.

Não, o casamento de conveniência da jovem Teresa de Belfort não foi uma excepção, antes pelo contrário, integra-se bem no contexto da época: embora desde o séc. XVIII se começassem a criticar os casamentos por meros interesses económicos, “a vigência do matrimónio forçado, onde os cônjuges cediam à pressão familiar, mostra uma vez mais as possíveis contradições entre o indivíduo, a família e a sociedade.”⁴⁵

Eis a respectiva certidão de casamento (*Anexo 6*) de que salientamos Joaquim da Costa Ramalho Ortigão entre as testemunhas:

“Certifico que à folha 12B do livro 5 de Casamentos desta Matriz de São João Baptista de Lagoa se acha o seguinte assunto. Aos vinte e dous de Abril de mil oitocentos e oitenta e três recibi uma Provisão, e nella exarada uma certidão em que consta que aos vinte e seis de Março do corrente anno na Matriz do Espírito Santo desta Côrte, o Reverendo José Herculano da Costa Brito, de minha licença assistio ao Sacramento do Matrimonio que, com palavras de presente contrahirão Joaquim José Cerqueira e D. Thereza Augusta Duarte Belfort, ele filho de Manuel José Cerqueira e de D. Theresa de Jesus Cerqueira, nascido e baptisado na freguesia de Santa Maria Maior de Vianna do Castello no Arcebispado de Braga, e moradôr nesta freguesia de Lagôa, e ella filha legítima dos Ex.m^{os} Visconde de Belfort e Barão de Gurupy, e Viscondessa e Baronesa dos mesmos títulos, nascida, baptisada e moradôra na Freguesia de Sant’ Anna desta Côrte, forão habilitados na Camara Ecclesiastica, e observadas todas as formalidades do Concilio Tredentino e Constituição do Bispado, sendo testemunhas do acto, o Com.^{or} Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, Albino de Freitas Castro e a Ex.m^a D. Maria da Glória Belfort Ramos que assignarão com o Re.d^o Celebrante na referida certidão, de que fiz este assento. Vigario, Monsenhor Francisco Martins do Monte. Nada mais contem o referido assento fielmente transcripto.

Matriz de São João da Lagôa em 24 de Abril de 1883.

Vigario Monsenhor Franc.^o Martins do Monte.

Rec^o afirma supra

Rio, 23 de Outubro de 1885

(Seguem-se outros reconhecimentos e carimbos notariais e dos Consulados de Portugal e do Brasil)

⁴⁵ Cf. Susana MENENDEZ e Barbara POTTHAST in Introdução a “*Mujer y Familia...*”, op.cit., p. 14.

No entanto, este pacto que adivinhamos «regulado» entre o Visconde e Joaquim José Cerqueira, rompe com tradições seculares e o «habitus» de uma elite brasileira que tendia, até então, a fechar-se em círculos demasiado restritos...⁴⁶ Nesta aliança há já inovação, uma adaptação aos novos tempos que implica uma “abertura” a novos «campus» sociais...

Neste novo modelo familiar, já não dependente da «família de origem» e bem caracterizado por *Parsons*⁴⁷, ao marido irá competir desempenhar uma profissão bem remunerada, «tarefas de leader instrumental», enquanto as «tarefas expressivas», a função afectiva no interior da família, competirá sobretudo à mulher e mãe.

Conseguirão ultrapassar tão grandes distâncias ?

“...Com o nível de vida que levava, cuido ter percebido que as posses do Visconde periclitavam... De qualquer modo, aos 19 anos Teresa casava com Joaquim José Cerqueira, (...) Mas foram felizes, penso. Sempre ouvi a minha avó referir-se a ele com afeição e estima na minha mocidade...”⁴⁸

Para todos os efeitos, nessa época, o casamento era sagrado e o solene compromisso de fidelidade inviolável conforme a persistência duma «honra feminina» tão importante nas sociedades de tradição ibérica⁴⁹: tal é atestado pela comovente dedicatória registada no missal de capa de marfim que a Mãe lhe oferece em vésperas do casamento - num quase **testemunho/testamento** pois sabia-se muito doente e talvez próxima da morte (que veio a ocorrer alguns meses depois, conforme declaração de dívida, datada 3 de Dezembro de 1883 - *Anexo 10*) - livro que atravessou 4 ou 5 gerações:

⁴⁶ Cf. Mônica Raisa SCHPUN “Carlota Pereira de...” in *Mujer y Familia...*, op. cit., pp 164-165: “Essa dimensão terá um papel fundamental nas políticas de aliança entre famílias onde certos nomes garantem a ancestralidade da riqueza adquirida, **em oposição aos “novos ricos” imigrantes ou outros**. As famílias cuja antiguidade parece indiscutível reconhecem-se entre si, e não ignoram o valor social de seus nomes. Esses, no momento do casamento se justapõem uns aos outros (...) Essas famílias se vangloriam de descenderem em linha direta dos pioneiros (...) Um tal discurso é amplamente difundido e aceito (sic), e as famílias que reivindicam a pureza de suas origens foram reconhecidas e apreciadas enquanto tal até um período bastante recente e, em certos meios, o são ainda hoje, pois os seus membros continuam a reproduzir a mesma construção para si mesmos e para os outros.”

Cf. ainda Pedro CALMON in *História Social do Brasil*, op. cit., “A esquivança da família branca” pp 164-170: “Os núcleos brancóides procuravam-se, condensavam-se, defendiam-se, tecendo a sua estreita teia endogâmica, acentuando as suas taras, fixando a sua tipologia numa área restrita, ciosamente cerrada, por isso, às influências externas, à volta da mestiçagem ambiente.”

⁴⁷ Referido por Marinha Fernandes CARNEIRO no art.º já cit.º, p. 148.

⁴⁸ Cf. M^a E. VASCONCELOS - *Apontamentos manuscritos em 1991*, já cit.º.s, p. 9.

⁴⁹ Cf. Susana MENENDEZ e Barbara POTTHAST in *Introdução a Mujer y Familia...siglos XVIII-XX*, op. cit., pp 17-20.

“Bem-Aventurados os que temem ao Senhor e seguem o seu Caminho.”

Minha adorada filha Thereza

Ouve os conselhos que aqui te deixa tua extremosa Mãi.

No casamento, a mulher deve ter um único conselheiro, um único amigo, um único arrimo, teu marido! Só ele tem a mão bastante firme para guiar-te o coração, para te ajudar a vencer as dificuldades desta vida tormentosa. A mulher, fraca pela sua natureza, deve confiar tudo ao seu marido e olhar nele o seu deffensor, a única estrela que deve guiar sua vida. Como o piloto que deffende o seu barco das tempestades e o leva a porto seguro.

Seguindo estes conselhos da tua Mãi, tua vida será calma, suave, feliz.

Quando, para tuas orações matinais abrires este livro, lembra-te da tua pobre Mãi e ora por ela.

Baronesa de Gurupy

Viscondessa de Belfort

em 22 de Março de 1883

(Fotografia no anexo 11)

Imaginemos Teresa jovem senhora de sociedade, Teresa jovem mãe, lendo, em cada despertar, estas palavras.

Será que vai vencer as dificuldades duma “vida tormentosa”?

O seu marido, sua “única estrela” ir-lhe-à proporcionar uma vida “calma, suave, feliz”? E ela, como mulher, ter-se-à revelado “fraca pela sua natureza”?

Veremos como o futuro lhe reserva grandes surpresas e como Teresa de Belfort Cerqueira se revela senhora de uma personalidade muito especial, digna de ser analisada em capítulo próprio!

Elucidativos documentos são, também, as **declarações de dote**, datadas de 6 de Abril de **1883** (*Anexos 7 e 8*) e que, por isso, se transcrevem:

“Eu e minha mulher abaixo assignados, declaramos que demos à nossa filha D. Thereza Augusta Duarte Belfort, casada com o S.or Joaquim José Cerqueira, um taboleiro grande, um licoreiro, duas cestas e um galheteiro, tudo de prata por termos também dado à nossa filha D. Maria da Glória Duarte Belfort Ramos, cazada com o Sr. Dor. Antonio de Paula Ramos Junior - um aparelho completo para chá, e um taboleiro grande igualmente de prata. Por ser verdade e para clareza à todo o tempo fizemos esta declaração. Rio de Janeiro 6 de Abril de 1883.

Barão de Gurupy Visconde de Belfort.

Baronesa de Gurupy Viscondessa de Belfort.

“Eu e minha mulher abaixo assignados, declaramos que demos à nossa filha D. Thereza Augusta Duarte Belfort, casada com o S.or Joaquim José Cerqueira, em brilhantes⁵⁰, duas escravas de nome Florencia e Margarida, ambas em dous contos de reis, e o direito à (sic) dez contos de reis no valor do predio onde residimos na rua do General LaDurval (?) n.º 107 - por nossa morte, e que tudo perfaz a quantia de dezasseis contos oitocentos e setenta e cinco mil reis (16.875\$000) - igual à quantia que também demos à nossa filha D. Maria da Glória Duarte Belfort Ramos, cazada com o Sr. Dr. Antonio de Paula Ramos Junior em 1871 - em brilhantes, vinte e cinco acções do Banco do Brazil, e duas escravas Felicidade e Ignacia, ficando portanto ambas minhas filhas em perfeita igualdade de dadivas. Por ser verdade e para cla (sic) clareza à todo tempo fizemos esta declaração. Rio de Janeiro 6 de Abril de 1883.

Barão de Gurupy Visconde de Belfort.

Baronesa de Gurupy Viscondessa de Belfort.

⁵⁰ Entendam-se «jóias» cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in “Um garotito de Viana”, art.º cit.º, p.114.

Para além de ser evidente a preocupação testamentária associada a estas escrituras - simultâneos registos de uma distribuição equitativa de bens - justificável pela doença da Viscondessa, é de salientar a doação de quatro escravas que “já antes prestavam serviço a cada dona que, por dedicação, aceitavam seguir...”⁵¹

Dedicação e fidelidade essas que não significava “libertarem-se” das suas origens que, quando menos se esperava, irrompiam com o vigor de um vulcão: regista-se, a propósito, o seguinte depoimento, passado de geração em geração, por via oral, e recolhido em entrevista de 12 de Dezembro de 1997 a uma das netas de Teresa de Belfort Cerqueira, por coincidência também Teresa de Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos:

“A Avó Teresa preparava-se mais uma vez para um jantar de gala, ajudada pela sua escrava Florência. Não resistindo ao esplendor leitoso e levemente rosado do colo, valorizado pelo generoso decote que ao tempo se usava, a escrava suplica-lhe:

- Senhora, senhora, me dispense, que não resisto a ferrar-lhe uma dentada!...”⁵²

⁵¹ Ibidem.

⁵² Muito recentemente, no *Congresso Internacional do Padre António Vieira* (Lisboa, Universidade Católica, 20 a 23 de Novembro de 1997) foi curioso ouvir a Doutora Beatriz NIZZA da SILVA ser interpelada na sequência da sua intervenção “A questão indígena: estratégias e conflitos” (dia 22, sessão plenária no Auditório Cardeal de Medeiros pelas 14h e 30m.) e confirmar as tendências antropofágicas dos índios brasileiros que terão devorado vários Jesuítas e posto em risco a própria vida de Vieira. Gostosamente, a nosso lado, um “vizinho” contava que indo um padre dar os últimos sacramentos a uma índia - e convertida, e convertida !!! - perguntando-lhe um dos últimos desejos, ela lhe terá respondido: “- Ah se me arranjasse uma mãozinha tenra di minino...”

IV - Casada, no Brasil

Não, tormentosa não foi a vida de Teresa de Belfort Cerqueira mas também não vai ser calma nem tranquila: vai atravessar o Atlântico, viajar pela Europa, sentir-se repartida entre Brasil e Portugal, Portugal e Brasil, entre Norte e Sul, Sul e Norte, entre Lisboa e Viana do Castelo, entre Viana e Lisboa.

De facto, só durante dez anos vai habitar no Rio de Janeiro, no lindo Bairro das Laranjeiras, área residencial privilegiada desde que a Princesa Isabel, a Princesa dos Escravos, aí tinha mandado erguer o seu Paço⁵³:

Era uma ampla casa a casa dos Belfort Cerqueira:

“Quando estive no Rio de Janeiro em 1973 e depois em 1976, vi ainda a casa onde a Mãe nasceu, nas Laranjeiras. Uma boa casa com aspecto decadente mas ainda intacta, no meio de grandes prédios que substituíram outras casas semelhantes já demolidas. Ainda lá estará?”⁵⁴ “...Existia em 1973 embora se falasse da sua próxima demolição mas afinal em 1977 ainda se encontrava de pé!...”⁵⁵

Recém-casada é o abalo sempre forte da morte de uma mãe.

Depois, um processo de partilhas prolongado e difícil: a maior parte dos bens provinham da herança do Senador Dantas - seu padrinho - de que a Viscondessa era usufrutuária. A sua irmã Maria da Glória casara 10 anos antes e recebera por inteiro a sua parte, mas as dificuldades financeiras dos pais, agravadas pela doença prolongada da mãe, delapidaram o quinhão de Teresa, impondo-se complicadas negociações conduzidas pelos dois maridos, o Dr. António Paula Ramos e Joaquim José Cerqueira.⁵⁶

Este processo teve um desfecho feliz como o revela o testamento de Joaquim Cerqueira que, muitos anos mais tarde e entre outros beneficiários, contempla a “...presada e

⁵³ Cf. Dinah Silveira de QUEIROZ in *A Princesa dos Escravos*, Ed.^a Brasil-América Ltda.^a, Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1970, pp. 23-25: “...Através do seu mordomo providenciam, orientados pelo Imperador, a compra de uma chácara nas Laranjeiras que chamariam de Paço Isabel (...) No dia 22 de Julho, estavam novamente em casa, no Paço Isabel. Em três meses havia sido remodelado, e por trinta e seis contos...”

⁵⁴ in *Antes que a memória se apague* op. cit., p. 14-15

⁵⁵ in nota 5, p. 114 de “Um garotito de Viana”, artº citº.

⁵⁶ Cf. documentação do *Fundo de D. M^a Emilia B. C. Sena de Vasconcelos* referente à Família Belfort Cerqueira.

estremosa cunhada... com cinco contos de reis...” e aos sobrinhos com apreciável soma - num total de 10 contos em moeda brasileira (v. biografia do cap.º seguinte).

Desde logo, também, a sua vida de família é animada pelo sucessivo nascimento de três filhas e de dois filhos que crescem em ambiente de alegre e de sociedade, conforme salienta José Ramalho Ortigão na carta que se reproduz na biografia seguinte.

Mas novo surto de febre amarela ameaça tudo e todos, fazendo principais vítimas entre os Portugueses: primeiro são os grandes amigos da família, Joaquim Ramalho Ortigão e Eduardo de Lemos, anos depois é a pequenina Maria Joaquina, 3.ª filha do casal Belfort Cerqueira, temendo-se o contágio de todos os outros...

Regresso definitivo a Portugal? Lança como hipótese Joaquim Cerqueira que prevê confiar os negócios aos sócios da sua maior confiança.

Teresa de Belfort Cerqueira não hesita, mas... o que a esperará do outro lado do Atlântico?

Como se irá adaptar a um clima, ambiente e a pessoas tão diferentes, enfim, à multidimensionalidade de novos “campus” em interacção⁵⁷?

Longe dos seus, longe, numa Europa tão distante, como articulará o seu “habitus” de classe de uma aristocracia quase tradicional em que cresceu, com o “habitus”, com o contexto sociocultural de uma média/alta burguesia em que casou?⁵⁸

⁵⁷ Cf. *La Sociologie de Bourdieu*, op. cit., cap.º 4, pp 85 e seguintes.

⁵⁸ Ibidem, cap.º 3., pp 70 e seguintes.

V - Lisboa, um patamar para a... Europa!

1893. Enfim, bem-chegados!

No entanto, aos pais e aos quatro filhos ainda espera uma longa permanência no “Lazareto” para prevenir qualquer surto de contágio... Hospedam-se, de seguida, no belíssimo **Hotel Bragança** onde quatro anos antes se acolhera, rumo ao exílio, a família Imperial Brasileira e cujas instalações são, mais tarde, as dos “Armazéns do Chiado”⁵⁹ até ao grande incêndio do Verão de 1991.

Imaginemos os riscos de uma grande viagem, sobressaltos na travessia do Atlântico acrescentados, talvez, pela preocupação dos quatro pequeninos... Segue-se-lhe a escolha exigente de um alojamento condigno, o agitar da instalação...

Pouco depois, decidem-se por um 1.º andar num bonito edifício, ao fundo do Largo Camões, onde virá a funcionar uma repartição da embaixada do Brasil. Mais tarde, por outro andar, agora na R. António Maria Cardoso onde nasce, já em 1898, a última filha Maria Gabriela, baptizada em Viana, onde passam os meses de Verão.

Enfim, sossegados?

Poderão, finalmente, respirar fundo e saborear a tranquilidade e comodidade por que tanto ansiavam?!

Não, parece que não era esse o seu sentir... Antes pelo contrário: o gosto pelas viagens acentuara-se e tudo leva a crer que partem de novo, desta vez só o casal... em busca da dourada Europa do fim do século... numa longa e animada viagem concretizada em 1894: Paris, Londres, Roma, Viena, Suíça, Prússia, aproximando-se quase da Rússia.

Foi nessa altura que foram roubadas no *Sud-Express*, a caminho de Paris, as numerosas e valiosas «Jóias de Família», conforme circular assinada no Porto pelo Comissário Geral da Polícia em 28 de Fevereiro de 1894 (*Anexo 12*). Esta circular, traduzida em francês e espanhol era acompanhada por reprodução gráfica das jóias e terá permitido a respectiva recuperação através da Interpol, permanecendo, até à data, na posse da família!

⁵⁹ Confirmado por uma consulta ocasional à Gazeta *O Micróbio*, de 25 de Novembro de 1894 que, numa página completa, p. 160 e pormenorizadamente ilustrada, anuncia a inauguração dos «Grandes Armazéns do Chiado».

A extensa peregrinação só termina em **1899 no palacete da Rua do Salitre**, comprado ao Conde Alves Machado, onde irão residir grande parte do ano⁶⁰.

Nesse palacete, que ainda hoje mantém a primitiva traça interior e exterior, funciona actualmente, e por feliz coincidência, a Fundação Oriente:

“Há tempos li com gosto no jornal que, devido às suas **características da época**, ela (a casa) não poderia vir a ser alterada nem destruída... De facto, os tectos e as paredes das salas nos 1.º e 2.º andares ou da galeria central / sustentada por “colunas coríntias” de ferro fundido), eram pintadas...” (...)

“Em tempos mais recuados com ordenado, roupa lavada, quarto - viviam em casa da avó na Rua do Salitre (com cerca de 30 divisões) as sucessivas professoras internas da minha mãe e tias (M.lle *Céline Foy*, suíça)... (*Ana Daiber*, cuido que alemã); o criado de meza; duas criadas de quartos (e, antes, tres); a cosinheira; o chauffer. De fora, vinham ainda, diariamente se não me engano: uma esfregadeira ou “mulher a dias”; a costureira; o jardineiro e o ajudante (e outros ajudantes ainda no periodo do ano chamado “levante” (...)) Também como fornecedores habituais surgiam o padeiro, a leiteira, os carvoeiros, o rapaz do jornal (de manhã e à tarde). E, claro, o correio. E, periodicamente, os “limpa-chaminés”. E sei lá se mais!!!” (por ex. a lavadeira, os galegos para o transporte...)

“Mas a verdade é que, do muito que sobrava da mesa, muitas famílias destas pessoas aproveitavam muito. (...) E das reuniões, quanto dôce ficava! Lembro-me perfeitamente de ver a leiteira ou a costureira entrarem já com um cestinho vazio que depois levavam cheio... E os miúdos da vizinhança quase “faziam anos” dia sim dia não, o que participavam a quem atendesse ao portão do quintal, na mira de apanharem, por isso, mais uns rebuçados.....Devia ser bom, poder repartir assim... Só era pena nunca o pessoal interno passar também o Natal ou a Páscoa na terra, com a sua gente...”⁶¹

⁶⁰ In *Boletim da Fundação Oriente* n.º 4, p. 8: “Em Lisboa, porém, a família Cerqueira só habitava de Outubro a Junho. O Verão, era sempre passado na casa que o conselheiro tinha em Viana e onde viria a morrer em 1916.”

⁶¹ Cf. *Apontamentos manuscritos 1991*, já cit.ºs, pp 11-14.

É este ambiente requintado que vai servir de cenário a uma intensa vida de sociedade da família Belfort Cerqueira, animada por sessões culturais, musicais, quiçá debates políticos... Teresa de Belfort Cerqueira tinha o seu **dia de receber**, as primeiras e terceiras 6.^{as} feiras de cada mês:

«...apareciam sempre muitas senhoras cheias de peles e penachos e também senhores que gostavam de sociedade e de convivência... apareciam os *Plana Suarez* embaixadores da Argentina? Venezuela?... E a *Sessenta Chapéus* (Dona Amélia Carvalho), dona de um Rolls-Royce amarelo famoso... E a *D. Eponina* e *Cecil Mackey*, empresário da ópera de S. Carlos, um autêntico “gentleman” mas provavelmente com pouco tino. Acabaram arruinados... a dormir num banco de rua de Paris... acabando ele por se matar... E a *Condessa de Idanha*.. (...) Mais tarde, não sei porquê, o dia de receber acabou mas nem por isso deixou de haver muitas visitas no Salitre (...)”, onde havia dois pianos e um órgão na sala de música.

“E aí havia as lições de canto, sessões de música em que cantavam e tocavam a tia Gabriela e as amigas sob a direcção da *D. Adelaide Lima Cruz*...⁶² que além de ser professora de canto muito afamada, era também pintora, discípula de Carlos Reis”, mantendo no seu “atelier” da Graça um espécie de “salon” que acabou mal frequentado...

“**Fidalgotas brasileiras**”, “senhoras distintas” e “intelectuais gorduchas”, eram caricaturizadas por actrizes de má-língua e de má fama nos bastidores do “teatro de revista”. Actrizes como a italiana *Luisa Satanela* que, por intermédio da Maria Adelaide Lima Cruz (filha, que aí começara a trabalhar como cenarista), tinham-se infiltrado em “reuniões muito finas”, de que agora troçavam...

“Claro que logo maridos, noivos e mães indignados, acharam que a Graça já não era um lugar frequentável” e as reuniões passaram a fazer-se rotativamente nas casas do círculo mais íntimo mas sempre sob a orientação da D. Adelaide de Lima Cruz “que todos achavam impecável...”⁶³

⁶² In *Antes que a memória se apague*, manuscritos já cit^{os}, pp 27 - 33.

⁶³ *Ibidem*, p. 31

Assim, o grupo mais íntimo passou a reunir-se ora em casa de uns, ora em casa de outros: dele faziam parte *Cristina Mouchet* e *Marta Leite* como pianistas, cantando a “Tia Gabriela”, a Berta Leite e a Maria Matilde Macieira, sobrinha do *Professor Egas Moniz* que veio a ser Nobel da Medicina. O marido da Maria Matilde - Dr. Eduardo Coelho viria a ser o médico da família, acompanhando-a nas suas últimas doenças.

“...E já casada, jantei ainda na Casa do Marinheiro em Avanca, agora museu. E devo dizer que o Egas Moniz (...) foi encantador connosco. Tratou o Luís, meu marido, médico ainda novo e no começo da sua carreira como um verdadeiro “colega”, assim se dirigindo a ele, sem o menor ar de superioridade.”

É de salientar como Teresa de Belfort Cerqueira desde logo se preocupou em integrar e alargar o seu círculo familiar à elite sociocultural lisboeta, o que entendia como favorável à educação dos seus descendentes, conforme gostos e hábitos da época⁶⁴, contratando professores estrangeiros e **animando encontros culturais e artísticos** que reuniam personalidades de vulto, nacionais e internacionais:

Essa preocupação atinge ainda a geração das próprias netas como mais adiante podemos ler:

“Reuniam artistas e intelectuais que faziam música, declamavam, etc... Até alguns nomes conhecidos estrangeiros de passagem por Lisboa, ali iam dar um ar da sua graça. (...) Já adolescente ainda fui a várias reuniões dessas pois eram consideradas culturais...”; “...Eram discípulas de piano da *Irene Gomes Teixeira*, amiga das Lima Cruz e que ali as levava como nós à procura de um complemento de cultura. (...) A esses encontros musicais fiquei a dever a minha rudimentar cultura musical ou pelo menos o meu gosto por boa música. Familiarizei-me com os “lieder” de Schumann, Shubert e Haendel, com os mais modernos Debussy e Fauré. E até com as melodias muito em voga de Reinaldo Hahn sobre poemas de Baudelaire, Verlaine, etc...”⁶⁵

⁶⁴ Cf. Joaquim PAÇO D'ARCOS in *Memórias da minha vida e do meu tempo*, op. cit., vol. II, cap.ºs II e III.

Cf. ainda Maria de Lourdes C. Lima dos SANTOS in *Intelectuais Portugueses na primeira metade de Oitocentos*, Ed. Presença, Lisboa 1985, pp 279-296: “A consagração nos saraus literários e musicais”

⁶⁵ In *Antes que a memória se apague*, manuscritos já citados, pp. 31-32.

VI - Em Viana

Em Viana do Castelo, onde reside durante uma parte do ano, a acreditar na memória oral e nos registos escritos, Teresa de Belfort Cerqueira terá procurado fomentar o mesmo estilo de vida:

“...Entretanto havia meu avô comprado igualmente uma grande casa em Viana, na rua Manuel Espregueira (então, de S. Sebastião) que ainda conserva, no tímpano de pedra, as suas próprias iniciais, J.C - Foi nesta casa que nasceu o seu 3.º filho rapaz. Manuel Duarte (...) Em Viana permaneciam todos, mais ou menos, dos princípios de Junho aos Finados. O avô mantinha ainda aqui, na rua da Bandeira, as suas três velhas irmãs (...)

...Durante todo o Verão muitos hóspedes acolhia a casa do Conselheiro: amigos dos filhos, amigas lisboetas das filhas, os meus tios Emília e Camilo Sena, etc. Organizavam festas, faziam pic-nics. O avô dava também “banquetes políticos”. Foi deputado pelo círculo de Viana, na Câmara (...) **Desta faceta política da sua vida é que a mulher não gostava nada...**”⁶⁶

Frequentemente, também, as três idosas cunhadas - a “Tia Teresinha”, a “Tia Mariquinhas”, solteironas, e a vivaça “Tia Anica”, viúva - participavam e animavam os serões e os jogos de lotto no “206”. Por sua vez, estas três pitorescas “**Tias da Bandeira**” recebiam com “especialidades” de fabrico caseiro, bolinhos e biscoitos deliciosos cujas receitas desaparecem com elas que “foram morrendo sucessivamente quase sem ninguém dar por isso...”⁶⁷

No entanto, nem sempre este ajuste se faz sem “beliscões ou beliscaduras”, sem choques entre este meio vianense mais provinciano e as “luzes” da capital, tal como podemos analisar neste divertido episódio:

“...E também ela se afeiçoou a Viana (quando enviuvou não encurtou as suas estadias no Minho!) e também em Viana grangeou amigos... bem como uma «muito cortez e amável inimiga» na pessoa de D. Adelaide X... Por um motivo, aliás, sem importância! Em Lisboa, por seu turno o conselheiro X..., seu marido, igualmente várias vezes deputado,

⁶⁶ Cf. M^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Apontamentos manuscritos em 1991*, já cit.ºs, p. 11.

⁶⁷ Cf. M^a Teresa B. C. Sena de VASCONCELOS *Antes que a memória se apague*, já cit.ºs, pp 34-36

recebia muito. Nessa circunstância, porém, em sua casa, D. Teresa dispunha tudo, antes, em pormenor, das flores da sala aos “bonbons” da mesa; mas assim que os primeiros convidados surgiam, mais não fazia do que apresentá-los, conversar despreocupada... ou distrair as atenções próximas de qualquer leve deslize do pessoal. Inversamente, D. Adelaide acudia afanosamente a tudo e a todos os lados à boa e velha maneira provinciana de então. Indo dos convidados aos criados, gabando uma iguaria, insistindo para a repetirem, repreendendo as faltas no serviço. - Um dia alguém perguntou a D. Teresa se não achava que D. Adelaide recebia realmente muito bem... - «Ah, sim, respondeu ela serenamente, muito bem! **Chegamos mesmo a ter remorsos do trabalho que lhe damos para receber-nos tão bem...**» Trepou a frase aos ouvidos de D. Adelaide, que nunca a perdoou. Se a convidavam, depois, para uma «comissão de caridade», vendo o nome de D. Teresa já nela incluído, escusava-se: «- Já aí está quem tudo encaminhe perfeitamente...» - A recíproca acabou por dar-se. Mas ao passarem uma pela outra sorriram-se sempre, sempre com cortesia!”⁶⁸

Apesar da sua numerosa família, D. Teresa não se furta, também, a participar **na vida pública** de uma pacata cidade de província que se começava a animar:

“...Foi na garraizada de 25 de Agosto de 1912 que pela primeira vez foram convidadas algumas “ilustres damas vianenses” a presidi-la. Eram elas Ana Maciel da Costa... Natália Pereira d’Eça (que casaria com José Alpuim d’Agorreta)... Teresa de Belfort Cerqueira e as lisboetas suas amigas Maria Pellen e Lídia de Oliveira Gomes. Já então havia automóveis aqui e foi pois em floridos automóveis que seguiram em direcção da Praça, de mantor, peineta, flores ao peito... No programa da festa tanto elas como eles mereceram referência em verso...”⁶⁹

⁶⁸ In “Um garotito de Viana”, artigo já cit., p. 119.

⁶⁹ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS, “O Espectáculo em Viana”, Separata do tomo X dos *Cadernos Vianenses*, p.72.

VII - Uma personalidade forte que se vai apagando

“...Alta e bonita, «senhora de idade antes de tempo», mas sempre impecável e senhoril. Talvez pela longa doença do avô (cardíaco e asmático) e a sua morte relativamente cedo, tinha segurado as rédeas da família que lhe tinha um respeito tremendo...”⁷⁰

Respeito que não exclui a admiração e devoção do próprio marido lavradas no testamento (*anexo*) em que a nomeia, pelas suas qualidades morais e humanas “legítima tutora de nossos filhos menores”, herdeira universal do usufruto dos bens remanescentes e primeira testamenteira tanto em Portugal como no Brasil! ”Peço (...) minha esposa que aos nossos filhos continue a incutir-lhes os sentimentos de bondade e generosidade do seu coração extremosíssimo, consagrando à sua educação todos os desvelos da sua grande alma...”. Recomenda-lhe, também, o que é significativo, as cunhadas: “... sendo também grato ao meu coração de irmão a continuação de sua affectuosa estima e dedicação por minhas irmãs, carecedoras sempre do seu bom e estremecido conselho...”

Será, agora, altura de tentarmos responder às questões inicialmente propostas e quase previstas na “Carta de Guia de Casados” da Viscondessa de Belfort:.

- Teresa foi uma “boa esposa” e uma “boa mãe”.
- Teresa não foi uma mulher “fraca pela sua natureza”, antes revelou uma **natureza extremamente forte**, dominadora⁷¹, o que não a impediu de se adaptar com notável flexibilidade a novos “campus” geográficos e socioculturais e de temperar com afecto a sua vasta teia de relações humanas.
- Não hesitou em abandonar o seu “habitat” de origem quando sentiu a saúde dos seus ameaçada, arriscando recomeçar a vida num meio talvez hostil e que sabia ser muito diferente do seu.

⁷⁰ In *Antes que a memória se apague*, manusc.ºs citºs, p. 15

⁷¹ Chegam a referir-se-lhe como “a ditadora”, cf. *Apontamentos manuscritos...*, já citados, p. 13.

- Conseguiu impor-se na “alta sociedade” lisboeta (o “*fidalgotas brasileiras*” terá sido mais fruto do despeito de artistas de revista que eco da elite cujo círculo frequentava...⁷²), afirmando-se com progressiva segurança, tal como reflecte, por exemplo, o episódio com D. Adelaide.X., já narrado.

Ciosa dos seus antigos “pergaminhos” dispensou, a atribuição de títulos nobiliárquicos ao “Brasileiro” seu marido, como era voga na época e ficou perpetuado na nossa memória colectiva: “*Foge, vilão, que te fazem barão! - Senhor, para onde, se me fazem Visconde?*”⁷³

“Era assim no século passado e no princípio deste. Os governos da monarquia estavam em crise, o País também e a Coroa - ou o Estado em Monarquia - não teve outra alternativa senão ceder às pressões da burguesia endinheirada. À qual só faltava um título para ser feliz. A troco de algum serviço ao país (...) os monarcas concediam títulos por indicação dos governos (...) O certo é que nessa época foram concedidos mais títulos, proporcionalmente, do que em qualquer outra altura da História de Portugal.(...)”⁷⁴ Teresa de Belfort Cerqueira desvia-se, pois, de uma **meritocracia dominante**.⁷⁵

- As suas “raízes” vêm ainda ao de cima num certo “**racismo**” que os mais próximos prontamentetestemunham entre comentários críticos e divertidos: “...Extremamente racista como todos os brasileiros de raça branca pura, detectava traços de mistura imperceptíveis aos outros em pessoas às vezes até de alta categoria. Então dizia com pouca elegância: «- Filha, aquele coça a cabeça com o pé...»”⁷⁶ Neste aspecto

⁷² Cf. “Um garotito de Viana”, art.º cit.º, p. 119: “A partir do instante em que pisou Portugal, D. Teresa travou uma espécie de desafio secreto com o meio; nunca se lhe apresentou como filha de titulares (...) mas apenas como «mulher de seu marido». E no entanto - ainda conheci contemporâneas suas que o confirmavam - foi tida ali como uma das senhoras «mais senhoras», que melhor «sabiam receber» e que melhor vestiam, tal como as filhas...”

⁷³ cf. M.ª Emília S. de VASCONCELOS in *Adeus, não: - Até à volta*, Ponte de Lima, 1987, p.24: “..Anoto-se que nem todos os títulos dos brasileiros, foram no entanto solicitados pelos próprios; alguns foram-no por amigos ou conterrâneos seus, e um ou outro, de facto, atribuído por iniciativa do Conselho. Mas mesmo quanto aos do primeiro caso repetirei que há que temperar a crítica de mera vaidade com a realidade de muitos complexos, calados no passado, a vingar... De qualquer forma, houve quem mesmo a proposta dos amigos declinasse; como certo Vianense o fez, por si e ainda porque a sua mulher, filha de mais antigos fidalgos, nunca tomava a sério, segundo dizia, **essa aristocracia feita à pressa!** Conheço bem um caso desses...”

⁷⁴ Cf. Inês Teotónio PEREIRA, “A República sem títulos”, in «V. », n.º 2, Fevereiro de 1998, pp 40-44.

⁷⁵ In *La Sociologie de Bourdieu*, op. cit., cap.º I, p. 40.

⁷⁶ In *Antes que a memória se apague*, manusc.ºs citºs, p. 17

“representava”, de facto, a mentalidade segregacionista da velha aristocracia brasileira tão bem caracterizada por *Pedro Calmon* em “*A esquivança da família branca*”⁷⁷

No entanto, consegue ver “para além da cor da pele”, como o confirmam as passagens seguintes das memórias supracitadas:

“... Mas honra lhe seja feita: uma grande amiga de casa era a Cristina Mouchet, condiscípula da Tia Zizinha no Rey Colaço, que passava temporadas no «206» em Viana, como se fosse família. E a Cristina, embora loira e de olhos verdes, era nitidamente mestiça pelos traços e pelo cabelo encarapinhado. Aliás sabia-se que o pai, belga, tinha tido no Congo Belga duas filhas de uma nativa que morreu. Ele trouxe as filhas para a Europa e foram educadas em bons colégios internos como muitas meninas daquele tempo.”

- **Detestava a faceta política do marido:** “...Desta faceta política da sua vida é que a mulher não gostava nada...”, sobretudo dos banquetes políticos; talvez porque na velha tradição brasileira recordada também por *Pedro Calmon*⁷⁸: “A política dos jantares... tornava-se naturalmente correlativa das agitações locais. A mesa unia - e dividia“, o que por certo chocava os seus excelentes dotes de anfitriã, já anteriormente salientados.
- **Desencadeava “crises”,** às vezes lamentáveis, no seio da própria família, como por exemplo na oposição teimosa ao casamento de uma das suas filhas cujo namoro durou 18 anos⁷⁹ e na zanga que se prolongou para além da sua própria morte com a sobrinha Sílvia, casada com Mário Belfort Ramos (filho da sua irmã mais velha Maria da Glória), um *gentleman* e do corpo diplomático⁸⁰.

⁷⁷ In *História Social do Brasil*, op. cit.^a, pp 164-170, e que o leva a concluir: “...e mulheres belas, tolhidas no seu hereditário sedentarismo pela apatia da tribu, enclausuradas no seu estreito mundo. **Brancas, poucas; escravizadas.**”

⁷⁸ In *A História Social do Brasil* (1º tomo -“O Espírito da Sociedade Colonial Brasileira”), op. cit., p. 65

⁷⁹ In *Antes que a memória se apague*, manuscritos cit.ºs, pp. 15-16: “...na sua oposição teimosa ao casamento da tia Zizinha. O namoro durava há 18 anos (!) mas ela, já com 39, não queria casar sem licença da avó e a avó não lha queria dar. Eu, pequena, lembro-me nessa altura de discussões, lágrimas, caras trombudas e, por fim, data marcada para o casamento...”

⁸⁰ *Ibidem*, p. 8: “... Esteve em Lisboa, andou por outras capitais, esteve em Praga e voltou por fim a Lisboa, já reformado antes de regressar definitivamente ao Brasil... Durante muitos anos ela (Sílvia) e a família Cerqueira estiveram de relações cortadas porque tinha gravado na coleira do seu cãozinho de estimação «Tatu Belfort Ramos. A avó entendia «que o seu nome - Belfort - não era para andar em coleira de cão». Ela entendeu que

- “**Abalava**” taxonomias de etiquetas e de estilo, desconcertando “**habitus de classe**”, talvez devido a uma certa liberalidade dos “temperamentos brasileiros”: “...Esta, apesar de tão «senhora» repetia por vezes, quase em forme de dictames, um certo número de conceitos bem realistas que não esqueci. Se alguém parecia triste: «- Filha, apalpa-lhe o bolso...». Na hipótese de uma doença ser contagiosa ou não: «- Filha, só há dois males que não se pegam. É dor de parto e perna partida...» Duas pessoas que andavam juntas e não se criticava por ser de família: «- Filha, primo também é homem...»⁸¹

Viúva e com quatro filhos casados, Teresa de Belfort Cerqueira continua a viver na sua grande casa da Rua do Salitre acompanhada pela única filha solteira, Gabriela.

Aí morre, aos 66 anos, em 4 de Fevereiro de 1929.

Só então o enorme palacete é alugado primeiro ao Instituto de Estatística, depois ao Colégio Feminino Francês e finalmente, em 1973, é vendido ao Estado.⁸²

“ Parece-me justo contar também a história bonita embora não tão importante da herança do Salitre. Quando a minha avó Teresa morreu, a tia Gabriela era ainda muito nova, trinta e poucos anos. Não se tinha casado nem se tencionava casar. Logo resolvido o abandono do Salitre, casarão que nenhum dos filhos tinha condições de conservar, a Tia Gabriela resolveu - e muito bem - **(apesar de nesse tempo não ser vulgar em senhoras tão novas)** que queria viver sozinha e independente. Então os irmãos combinaram entre si que ela tiraria do Salitre tudo quanto quizesse para se instalar na sua nova casa (...) Assim foi feito. Ela alugou um esplêndido andar, um andar de luxo, na esquina da Rua Alexandre Herculano para a Avenida da Liberdade e mobilou-o por completo. E só o que ficou (...) foi então repartido entre os outros quatro irmãos. Alguns dos melhores móveis que tanto eu como a minha irmã

não o tirava de lá. E a briga só acabou muito mais tarde, já depois da morte da avó, quando a prima Silvia muito doente e em vésperas de ser operada... mandou dizer à Mãe (...) que gostava muito de a ver...”

⁸¹ Ibidem, p. 16

⁸² Cf. M^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Apontamentos manuscritos em 1991*, p. 11

como os meus primos temos nas nossas casas vieram para nós através da herança da Tia Gabriela e não através da herança dos nossos pais.”⁸³

Em conclusão: Tanto em vida, como mesmo depois de morrer, Teresa de Belfort Cerqueira fez, serenamente e com firmeza, estremecer todos os “estereótipos” da época que, apesar de tudo, saboreou em todo o seu esplendor e em todos os seus contrastes!

⁸³ Cf. M^a Teresa B. C. Sena de Vasconcelos in *Antes que a Memória se apague*, já cit., pp. 43-44

UM PARÊNTESES PARA JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

Um “Belfort” português

“Devo, por isso voltar para Portugal? Lembra-te de que eu não sou bacharel (e que no nosso santo país só medram os bacharéis. (...)) Que fui eu em Portugal? Coisa nenhuma. Que voltaria a ser? Tudo que devo à vida foi Macau, foi África, foi esta terra que mo deu.”

S.Paulo, 26 de Novembro de 1926⁸⁴

Antes de voltarmos a última página sobre a história da Família “Belfort”, abramos um breve “parêntesis” para **Joaquim Belfort Correia da Silva**, o escritor Joaquim Paço d’Arcos, cavaleiro andante e errante pelo Oriente, África e Brasil...

Na sua vasta obra bibliográfica, traduzida em numerosas línguas entre as quais o finlandês e o romeno, dão-nos preciosos testemunhos da sua «odisseia» os dois livros de “Memórias”, de cunho acentuadamente autobiográfico e publicados pouco antes da sua morte⁸⁵: “Toda a sua obra é uma Memória. Da vida vivida, da vida presenciada, da vida imaginada. Nela se confundem as três. Faltava o depoimento definitivo de que este volume é o início. É o depoimento objectivo, exacto e simultaneamente poético sobre a sua própria vida, desde a infância ultramarina, sobre o mundo de cujo espectáculo foi testemunha e figurante. «Memórias da minha Vida e do meu Tempo» não encerram um ciclo. Mas continuam-no e explicam-no.”⁸⁶

⁸⁴ In Carta de Joaquim PAÇO D’ARCOS a seu irmão Carlos Eugénio, *Memórias da minha Vida e do meu Tempo*, vol. II, obra sub cit.^a, p. 335.

⁸⁵ Cf. Joaquim PAÇO D’ARCOS - *Memórias da minha Vida e do meu Tempo*, vol. I, Guimarães Editores, Lisboa, Abril de 1973; e *Memórias da minha Vida e do meu Tempo*, vol. II, Guimarães Editores, Lisboa, Abril de 1976. Entre estas duas publicações, dá-se o 25 de Abril de 1974 que lhe merece oportunas considerações no prefácio da 2ª volume. Morre em Junho de 1979, com quase 71 anos.

⁸⁶ Cf. Os EDITORES, na contracapa do vol I. da obra supracit.^a onde também é referido o comentário de Óscar LOPES: “Quando se quiser ver a nossa época num cosmorama literário, tal como hoje vemos a época da Regeneração através de Camilo, Júlio Diniz ou Eça de Queiroz, será preciso recorrer a estes romances de Paço d’Arcos quanto a determinados sectores portugueses.” (extraído de “Joaquim Paço d’Arcos - Ensaio crítico seguido dum inquérito ao autor criticado”) Este comentário é curiosamente completado pelo próprio J. PAÇO D’ARCOS na parte final do seu Prefácio ao II volume: “Mas o escritor de ficção já deu por finda a sua tarefa e, com o dobrar dos anos, cedeu o passo ao memorialista. Pretende este continuar a servir (...) a missão que Óscar Lopes atribuiu ao romancista. Comentador do seu tempo, narrador da sua época. Para que o seja, com

Qual o fio que o une à linhagem Belfort ?⁸⁷

Refere-se-lhe de forma episódica e dispersa ao longo das suas Memórias⁸⁸ em que a sua mãe - **Maria do Carmo Belfort**, filha do alto funcionário e “força política” **Joaquim de Sousa Belfort** - é uma presença constante e comovente:

“...Nela havia a ardência herdada dos avós irlandeses associada ao fogo meridional. E uma inteligência de mulher que não destoava da inteligência viril de meu pai.”⁸⁹ “...Educava-nos nossa mãe com severidade mitigada por um devotamento imenso, por amor ciumento que o sangue herdado da Irlanda mantinha em permanente ebulição. Como era natural nessa fase da vida (...) a mãe ocupava nos nossos espíritos lugar muito maior do que o do pai. Ele era o ausente, temido e respeitado...”⁹⁰ “Foi das janelas (...) que nós vimos, nessa luminosa tarde do dia 24 de Agosto, a «Ibo» (...) afastar-se pelo mar muito manso, muito azul e sereno, rumo a sudoeste. Até que de todo se perdeu no horizonte. A nossa mãe, por detrás de nós, as mãos nervosas fincadas nos nossos ombros de crianças, seguia no mar imenso o rastro lento do navio muito pequeno. E tinha os olhos, os seus grandes olhos rútilos e verdes, marejados de água.(...) E agora era a guerra, dias antes finalmente declarada pela Alemanha...”⁹¹

honestidade intelectual, tem de ser fiel ao seu tempo, interpretar com autenticidade a sua época. Só assim o seu depoimento terá valor. Lisboa, 6 de Julho de 1975.”

⁸⁷ Ver o **quadro genealógico**..

⁸⁸ Cf. op. cit., *Memórias*... vol. I, pp 83-85: “Tinham os Belford vindo da Irlanda, para não abdicarem da fé católica e fugidos às perseguições com que os ingleses mantinham na ilha verde o domínio protector de Sua Majestade Britânica. Era um Belford - **Joaquim Gomes da Silva Belford** - magistrado culto e severo, Intendente-Geral da Polícia no final do reinado de D. Miguel. Não é por isso de estranhar que quando as hostes do Duque da Terceira (...) entraram na capital na data memorável de 24 de Julho de 1833, o palacete do Intendente Belford, na Praça da Alegria, tenha sido saqueado e incendiado, para que dele nem as paredes restassem. O Intendente ingressou no Limoeiro para onde nos anos anteriores enviara, convictamente, bom número de liberais convictos. Lá morreu, três meses depois, segundo a certidão de óbito vitimado por uma pneumonia. (...) O filho **Filipe de Sousa Belford**, já magistrado mas em começo de carreira conseguiu fugir, viveu em França e em Inglaterra; em Ruão conversou longamente e em latim com um irlandês. Ao fim de 16 anos de exílio regressou, casou, teve filhos, escreveu - v. extensa bibliografia anexa - e, até à sua morte contribuiu mensalmente para D. Miguel no degredo. O neto - **Joaquim de Sousa Belford, pai de Maria do Carmo e avô do escritor** - foi «lavrador», uma autoridade em vinhos e como tal alto funcionário do Ministério do Fomento. Foi uma «força política» num «perfil de homem de bem»: “cacique liberal” pelo círculo de Torres Vedras, acatou a República que serviu como director-geral mas, mais tarde, afastou-se da política que deixa de lhe interessar. Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, op. cit., vol. IV, pp. 473-474, encontramos a respectiva notícia biográfica, que confirma todas estas informações e que acrescenta: “Publicou alguns relatórios valiosíssimos e realizou conferências técnicas notáveis. Possuía a Medalha de Ouro da Filantropia por ter salvo da morte, em várias ocasiões, a pessoas prestes a afogar-se.”

⁸⁹ In *Memórias*..., op. cit, vol. I, p.36.

⁹⁰ *Ibidem*, p.25.

⁹¹ *Ibidem*, 104-105.

Pode-se esboçar a vida de Joaquim Paço d'Arcos num irregular gráfico de mobilidade ora ascendente ora descendente, hesitante entre picos extremos, escapando a todos os perfis previsíveis... O que explica o ritmo vertiginoso de um tal vaivém?

- **É «filho família» onde se fundem fortes tradições e convicções:**

- Monárquicas: quer absolutistas, quer liberais do lado dos avós maternos e paternos.⁹²
- Republicanas: no pai - o Com^{te} Henrique Correia da Silva - e na mãe que este influenciava.

Desde cedo:

- **Tem de viver e adaptar-se a meios divergentes:**

- Casa Grande da Rua S. Ciro e o «Colégio de Cima da Esquadra» (“onde havia violência mas não havia ódio, onde havia competição sem quartel e igualdade inteira”).⁹³
- Majestosa Quinta de Alorna e humilde casa da Rua Possolo.

- **A latitudes antípodas:**

- em **1912** - O «Malange» (que em 1891 carregara avós e pais para o Brasil) transporta mãe e filhos para **Moçâmedes** onde o pai é nomeado governador: tem de resolver o difícil problema da mão d’obra indígena, merecendo a sua actuação o louvor do então governador-geral Norton de Matos. Regressam em 1914 no navio «Ambaca».⁹⁴

⁹² Cf. *Memórias...* op.cit., vol. I, pp 26-29: “Na casa grande pombalina, representavam aquelas três senhoras (avó paterna e duas tias) a fidelidade a um estado de coisas, a um edifício secular que (...) ruíu aom surpreendente facilidade...”; “Opostamente meu pai (...) viu com alvoroço a mudança de regime” pois assistiu à agonia melancólica do pai - o Conde de Paço d’Arcos - no esquecimento dos políticos e na ingratidão do Rei, “criou no espírito magoado do filho um desapego hostil às figuras reais e a tudo o que elas representavam...”

⁹³ Ibidem, pp. 23, 63-65, 72-73.

⁹⁴ Ibidem, pp 37-58.

- em 1919 - Apenas com 11 anos, inicia uma «volta ao mundo» acompanhando o pai convidado para governador de **Macau** pelo então Ministro das Colónias Dr. João Soares.⁹⁵ Passa pela América, atravessa o Pacífico, aproxima-se do Japão escapando a um tufão na proximidade do porto de Nagasaki que recorda com paixão.⁹⁶ No liceu de Macau convive com professores que o marcam profundamente como o P.e José da Costa Nunes, futuro arcebispo de Goa e Patriarca das Índias, José Vicente Jorge, Lara Reis mas sobretudo Camilo Pessanha, seu professor de História e Geografia, de que nos traça impressionante retrato⁹⁷ e que, em Janeiro de 1921, oferece o 1.º exemplar da «Clépsidra» a seu pai. Depois de um governo de três anos extraordinariamente difícil e atribulado, iniciam a viagem de regresso em 8 de Junho de 1922, com escala em Hongkong, Indochina - Hanói e Saigão -, Singapura, travessia do Índico, Sinai, Beirute, Creta, Marselha e a grande Exposição Colonial, Madrid, Santarém e... Alorna: “Eu acabara de completar a volta ao mundo. O que isso representava há meio século não o podem avaliar os que hoje, entre duas refeições (...) vencem, num avião a jacto, os continentes, os oceanos, com rapidez e sem curiosidade, perdidos, quase, para o dom de descobrir e de admirar.”⁹⁸

- **A círculos intelectuais e políticos efervescentes e contraditórios:**

- Na tertúlia da «*Brasileira do Chiado*» e mais tarde na da casa dos *Corrêa d'Oliveira*, convive com Raul Brandão, Teixeira de Pascoaes, Columbano entre outros. O grupo Seara Nova, herdeiro literário da Renascença Portuguesa, influenciará um novo governo de que o seu pai fará parte como chefe do Gabinete do Presidente do Conselho; mais tarde, já com 46 anos, o Comandante Correia da Silva será por um breve espaço de tempo, Ministro das Colónias.⁹⁹

⁹⁵ Ibidem, p. 154.

⁹⁶ Ibidem, pp 195-199..

⁹⁷ Ibidem, pp 219-222.

⁹⁸ Ibidem, pp 303-316.

⁹⁹ Cf. *Memórias...*, vol. II, cap.º II a IV, pp 49-93



Toda esta largueza e riqueza de horizontes se reflecte num precoce desejo de autonomia de Joaquim Belford Correia da Silva que encontra aos 14 anos e num golpe de sorte (?) oportunidade de concretização, como escriturário do Banco Inglês.

Esse amadurecimento completa-se, de forma trágica e dolorosa, com a morte da mãe aos 41 anos: “Meses depois da minha entrada para o Banco Inglês recebi o primeiro golpe fundo (...) Foi a morte da minha mãe, ocorrida em 23 de Agosto desse ano de 1923. Tombou sobre as nossas existências (...) uma tempestade que nos açoitou e cegou.(...) **«Eu adorava-os a todos igualmente e levo-os a todos, pai e filhos, no coração.»** Nunca mais estas palavras deixaram de me acompanhar e de embalar a saudade que dela me ficou. (...) Eu era muito novo e o golpe fundo cicatrizou (...) A mãe partiu e pouco a pouco a saudade foi-se atenuando e a própria imagem pareceu ir-se diluindo na lembrança do adolescente que eu era, até que por um processo estranho voltou a fixar-se e a dilatar-se na memória do homem e do escritor que viria a ser. E a ocupar nela lugar incontestado.”¹⁰⁰

Entretanto parte novamente para **África** onde se torna chefe de gabinete do pai, nomeado Governador dos Territórios da C.^a Majestática de **Moçambique**. Mais uma difícil missão espera o Comandante Correia da Silva: regularização do trabalho indígena, abertura de estradas, revalorização da moeda local, controlo de uma greve geral nesta companhia e a construção do porto da Beira. São as implicações profundas desta obra de envergadura que o levam a regressar de imediato a Lisboa, a publicar em 1927 o livro « A Questão do porto da Beira» e a, finalmente, pedir a demissão. As intrigas continuam mas a acção “política” do Comandante C. da Silva é apoiada por 80 importantes vultos entre os quais destacamos António José de Almeida, Norton de Matos, José Relvas, Raul Brandão, Lopes de Mendonça...¹⁰¹

Como reage o jovem Joaquim a tantos sobressaltos?

“Finis sunt” os círculos enfeitiçantes das elites coloniais, as noites românticas, as memoráveis caçadas...

¹⁰⁰ Ibidem, pp 43-46.

¹⁰¹ Ibidem, cap.º V (“África outra vez... A escola da vida”) a IX (“A Questão do Porto da Beira - Regresso a Lisboa”); pp 119-231.

“Recambiado” para a metrópole, o dia-a-dia é-lhe progressivamente mais penoso, sobretudo quando o pai parte de novo para Angola - como chefe do Departamento Marítimo - em Janeiro de 1928.

É então que o **Brasil** surge como tentação e miragem... como uma última aventura:

Rompendo com todo um “status” social, parte como sócio do neto mais velho da “Mãe Carlota”, antiga criada e governanta da família: “Mas toda a aventura era preferível à ticanhez dum viver em que asfixiava.”¹⁰²

Os negócios correm mal e afunda-se numa mobilidade descendente que o amesquinha e deprime e de que é reflexo o *Diário de um Emigrante*: mas... “devo reconhecer que a experiência emigratória marcou profundamente a minha mocidade e contribuiu grandemente para a descoberta dentro de mim próprio doutra vocação mais forte, que era afinal a minha: **a de escritor.**”¹⁰³

No Brasil e no *Diário Nacional* se estreia como jornalista, competindo-lhe celebrar a memória de Wenceslau de Moraes, Bordalo Pinheiro e António José de Almeida.

De regresso a Portugal, termina a sua saga numa prolixa actividade de jornalista e homem de letras, assente numa estabilidade familiar que há muito lhe faltava e reconstruída sobre amores antigos.

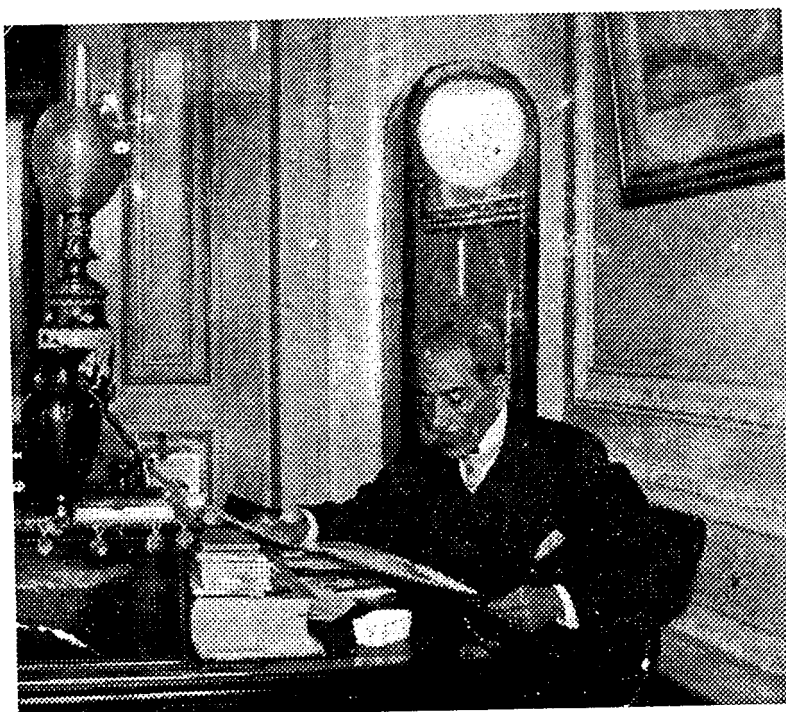
Sempre encontrou no pai - o oficial de marinha e Comandante Henrique Correia da Silva - um esteio, um modelo e uma referência, como o comprovam as numerosas cartas arquivadas no final do II volume das suas Memórias.

Ponto de convergência invulgar de uma «intelligentsia» cultivada em salões e serões, de um saber amadurecido em iniciação precoce no mundo do trabalho e em dolorosa experiência de emigração, **Joaquim Paço d’Arcos é também a síntese de uma longa e variada gesta familiar!**

Confirmam-no a(s) notícia(s) póstumas apresentadas no *Anexo 13*.

¹⁰² Ibidem, p. 270.

¹⁰³ Ibidem, p. 272.



JOAQUIM JOSÉ CERQUEIRA

Um “Brasileiro” do Minho

“A imagem que nos é fornecida pelos contemporâneos sobre os Portugueses no Brasil não é a de indivíduos que vivam isolados, acumulando riqueza... Não raramente o português assume posições de liderança, fixa a sua riqueza ao solo brasileiro, forma família...”

Jorge Fernandes Alves in “Os Brasileiros”

JOAQUIM JOSÉ CERQUEIRA

CRONOLOGIA

1847	Nasce em Viana do Castelo a 5 de Junho
1863	Parte, como emigrante, para o Rio de Janeiro Começa a trabalhar na firma de Joaquim Ramalho Ortigão
?	É agregado como sócio
1880	2.º Secretário da Directoria do Gabinete Port. de Leitura que impulsiona desde 1878 Organização das Comemorações do Tricentenário de Camões
1883	36 anos de idade: casa com D. Teresa de Belfort (19 anos). Morre a sogra, Baronesa de Gurupy e Viscondessa de Belfort. Díficeis partilhas que terminam amigavelmente
1887	Inauguração Oficial do Gabinete Português de Leitura
1888	Lei da Abolição da Escravatura, movimento de libertação de que era adepto
1889	Morre Joaquim Ramalho Ortigão e Eduardo Lemos (?) A firma Ortigão & Cerqueira passa a Cerqueira & Soares
1889	República no Brasil
1890	Promove quotização no Brasil e donativo de mil libras ao governo presidido por António Serpa Pimentel por ocasião do <i>Ultimatum</i> Papel determinante como repres ^{te} . do <i>Centro da Lavoura e do Commercio</i> quando o governo do Estado do Rio de Janeiro quis aplicar um imposto de 11% sobre a exportação do café. Membro do Conselho Fiscal do <i>Banco Internacional</i> .
1891	31 de Janeiro no Porto.
1892	Atribuição de verbas ao município de Viana do Castelo.
1893	Regresso definitivo a Portugal depois da morte da filha Maria Joaquina com a febre amarela. Permanência no “Lazareto” do porto de Lisboa

1894	Viagem pela Europa Circular do Comissário Geral da Polícia sobre o furto de jóias da família, roubadas no <i>Sud-Express</i> , a caminho de Paris.
1895	Arrendamento de um palacete na Rua de S. Sebastião, em Viana do Castelo
1897	Compra do palacete da R. de S. Sebastião e de uma casa na R. da Bandeira
1898	Doação de novas verbas para o Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro.
1899	Compra da Casa na Rua do Salitre Morre o irmão (?) João Roberto em Viana
1900	Em Lisboa: Deputado pelo Círculo de Viana Conselheiro de Estado Recebe “Amigos” do Rio: Dr. José Maria Rodrigues Conselheiro Camelo Lampreia
1903	Eventual vinda do Rei D. Carlos a Viana durante manobras militares em Barcelos.
1905	Participa na Comissão de Recepção festiva ao rei D. Carlos, em Viana. Membro da dissidência do Partido Progressista contra o Monopólio dos Tabacos.
1907	Morte do sogro, Visconde de Belfort. Partilha amigável dos bens.
1914	Ida ao Brasil para acompanhar o filho Manuel e proceder a alterações na firma.
1916	12 de Outubro: Morre em Viana, aos 69 anos, mas repousa no jazigo de Família em Lisboa.

I - Viana do Castelo, 2.^a metade do séc. XIX

A cidade domina o litoral do Minho, num manto azul de rio e mar, verde de campos e serranias, debruado aqui e ali pelo brilho cintilante de “**palacetes brasileiros**” que se começam a erguer e pelo “**patine**” **fosco de casas solarengas** que teimam em se manter erguidas, acenando a despedida de um tempo que não volta... Curiosa aliança essa, envolvendo terra e mar, conciliando famílias de remota aristocracia e gentes simples de humildes origens “douradas” no outro lado do Atlântico.

E do lado de cá, esse esforço e esse mérito são reconhecidos ao «Brasileiro» de ontem e ao «Emigrante» de hoje? Não, nem sempre¹ e se “choveram” as caricaturas que os ridicularizaram, começaram também desde logo a ouvir-se bem alto algumas vozes que lhes renderam justiça, lutando pelo espaço político-social que lhes competia:

*Os Brasileirotos do Sr. Conselheiro Emygdio Navarro*²: “Essa fórmula (...), porém, nem sempre nos é atribuída no justo valor dos nossos verdadeiros sentimentos de gratidão, antes nos vem repetidas vezes coberta de sarcasmos, de desdems e despresos offensivos à nossa dignidade de cidadãos portugueses e offensivos - o que é mais grave - ao melindre do generoso paiz. (...) respondemos com a transcrição da resposta que a insanias semelhantes responderam do Rio de Janeiro ao então deputado Sr. Luiz Palmeirim os nossos compatriotas. Eis o escripto:...”

“Volvido à terra natal, que encontra elle? Tudo lhe sorri nos anhelos apaixonados de restituir ao seu pobre tugúrio o que lhe sobra, a elle, de abundância da fortuna. Edifica, concerta, melhora, aperfeiçoa à custa do seu dinheiro; onde fora o casebre humilde de seus

¹ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Adeus não, até à volta*, op.cit., p.62: “...Tempos houve, pois, em que muitos, por *snobismo* (...) preferiram não referir que o seu avô fora um homem humilde(...)mesmo que usufruíssem ainda de alguns dos seus proventos! Dos próprios titulares se dissimulava a data relativamente recente dos alvarás (...) E, certas circunstâncias motivaram, depois, bruscamente, que mais útil se tornasse então citar precisamente os bisavós humildes... - Mas não, na mesma os avós *brasileiros* que a *capitalistas* (detestados) se haviam guindado (...) não é de facto justo minimizar, seja pelo que for, a contribuição inegável dos *brasileiros* para o progresso do seu rincão e promoção dos seus!”

Cf. ainda Maria Ioannis BENIS, “Uma contra-imagem do Brasileiro”, in *Revista de História Económica e Social*, n.º 7, Janeiro-Junho de 1981, pp 129-137: “...No entretanto, o emigrante português enriquece *nos Brazis*, como se afirma e constata no picaresco discurso do Sr. Palmeirim, e regressa à sua pátria, e edifica a sua casa *verde e amarella*, às margens do Lima. Assim é com effeito. (...)”

² Cf. *Anexo 14*, «tiras manuscritas» muito recentemente descobertas no espólio familiar e que na «deixa» final remetem, numa feliz coincidência, para a resposta dos brasileiros ao deputado Palmeirim referida por Maria Ioannis BENIS no art.º supracitado.

paes, ergue alegre palacete (...) Há uns poucos de séculos que viveis no ócio e na preguiça, à custa dos que trabalham ao longe. *Os Brazis* são a vacca gorda que vos alimenta e nutre. Os finanças são o que vos resta de meios e de força para esse simulacro de integridade com que pretendeis simular uma pátria. Fora desses *Brazis* e desses *marçanos*, tendes somente a chalaça, a chocarrice mais o desvergonhamento...”³

Esta fértil aliança faz-se, pois, num abraço doloroso - do lado de cá e do lado de lá - e que, à sua maneira, prolonga todo o sofrimento numa diáspora vivida desde a Expansão Portuguesa.⁴

Tenho o meu peito fechado

A chave está no Brasil

O meu peito não se abre

Sem a chave de lá vir

A Senhora da Saúde

Tem um manto que reluz

Que lhe deu um brasileiro

*Que se viu no mar sem luz*⁵

De facto, o Minho continua a ser a principal região exportadora desta mão d’obra emigrante: de imensos que vão, são muitos os que ficam e poucos os que voltam⁶, como muito bem documenta o artigo *A emigração de 1856 a 1875 vista de Viana do Castelo*⁷, fundamentado numa consulta exaustiva de *O Vianense* e da *Aurora do Lima*: nestes dois periódicos, publicados respectivamente a partir de 1856 e de 1855, 8% da mancha gráfica é reservada à emigração: se por um lado se publicita facilidades de viagem, transporte e empregos no Brasil, por outro e em sólidos artigos de fundo, alerta-se persistentemente para a corrupção e falta de escrúpulos de engajadores e empregadores, para as fracas condições de vida e epidemias que alastram do outro lado do Atlântico, para o alto índice de mortalidade... Soam vozes de “Velhos do Restelo”, anuncia-se a actuação de Associações de Beneficência e de Socorros.

³ Ibidem, pp 136-137.

⁴ Cf. Jorge Fernandes ALVES in “Porto-Brasil, uma teia de relações”, artº citº.

Cf. Joel SERRÃO (et al.) em “Duas palavras de aviso”, prefácio de *Testemunhos sobre a Emigração Portuguesa - Antologia*, Lisboa: Livros Horizonte, Abril de 1976.

⁵ Ibidem, p. 55, extraídos do *Cancioneiro Popular Português*.

⁶ Cf. Paulo Filipe MONTEIRO in *Emigração: o eterno mito do Retorno*, Oeiras: Ed. Celta, 1994

⁷ Cf. Maria Ioannis Benis BAGANHA in *Revista de História Económica e Social* n.º 3, Janeiro-Junho de 1979, pp 85-100.

Mas o fluxo continua⁸ ...

Em 1863 é a vez de **JOAQUIM JOSE CERQUEIRA**. Integra-se:

- Num segundo ciclo de emigração do séc XIX⁹.
- Nos 90% que procuram o Brasil.
- Nos 85% que entre 1855/1866 preferem o Rio de Janeiro.¹⁰
- Nos 60% com menos de 20 anos: mas, ao contrário da maioria desta 2.^a vaga, é já um jovem bem preparado, quase um “filho família”, que parte convenientemente “recomendado”¹¹. Não parte para fugir à miséria.

Dois anos depois, em 1865 e conforme registos na *Aurora do Lima* (n.º 1506), são 5908 pessoas que partem como ele de Lisboa para o Rio de Janeiro.

É uma “mania febril”, um “funestíssimo delírio” visto que a febre amarela e a Guerra do Paraguay alastram. Novo surto de febre em 1873-74, leve quebra neste caudal humano: mesmo assim a *Aurora do Lima* (n.º 2571) anuncia 60 mortes por dia maioritariamente entre Portugueses recém-chegados ao Rio de Janeiro...

Por cá, soa bem alto o lamento e o protesto de D. António Costa¹². Por lá, no Brasil, multiplicam-se as Associações de Socorros Mútuos e de Beneficência

Quem é afinal Joaquim José Cerqueira?

O que o move? A ambição, o espírito de aventura, a “pressão familiar” ou puro “inconformismo” social?

Será dos que morrem¹³, dos que ficam calando uma pobreza envergonhada e a traição dos sonhos¹⁴ ou dos que luzidamente regressam?

⁸ Cf. Jorge Fernandes ALVES, *Os Brasileiros*, op. cit., p. 253: quadro 6.1. “Desembarcados do Brasil e emigração, 1858-61”

⁹ Cf. Henrique F. RODRIGUES, *A Emigração do Alto Minho, a Miragem do Brasil, 1835-1860*, dissertação para Mestrado em História Moderna e Contemporânea, Porto 1991.

¹⁰ Cf. Maria Ioannis Benis BAGANHA, artº citº, “A emigração de 1856 a 1875...”.

¹¹ Cf. César Yañez GALLARDO in *Saltar con Red - La temprana emigración catalana a América ca. 1830-1870*, Col. Alianza America, Alianza Editorial, Madrid 1966; pp. 169-200

¹² In *No Minho 1870-1880* referido por Maria Ioannis Benis BAGANHA in “A Emigração de 1856 a 1875 vista de Viana do Castelo”, artº cit. pp. 99-100

¹³ Cf. art.º supracitº 12 % entre 1/6/1867 e 1/5/1872

II - De Viana ao Rio

José Joaquim Cerqueira nasce em Viana do Castelo a 5 de Junho de 1847, filho de Teresa de Jesus Cerqueira e de Manuel José Cerqueira, natural de Bravães e pequeno comerciante na Rua 8 de Maio em Viana do Castelo. É o primeiro filho de uma família de três irmãs e de um irmão (?).¹⁵

Tem uma infância aparentemente feliz¹⁶, crescendo com um grande amigo - Luís de Campos - da mesma idade e com antecedentes familiares comuns (o 4.º filho de um outro importante comerciante - Joaquim Baptista de Campos - e de sua mulher D. Custódia Enes Rua, também originários de Bravães): à beira-rio e com o mar como horizonte, anseiam pela aventura e o êxito no Brasil, cujas histórias animam o seu dia-a-dia de crianças minhotas.

Estariam ambos pelos 16 anos quando se decidiram “cumprir o sonho”, estimulados pelos pais conforme mentalidade da época¹⁷:

“Muito novo - mas já com um certo nível de «letras», Joaquim José foi tentado pelo “Eldorado” que, ao tempo, aliciava tantos - o Brasil. De lá, podia talvez voltar «rico»... E o pai consentiu-lhe a aventura, compreendeu essa ambição. E deu-lhe até o bastante para a passagem até ao Rio de Janeiro...”¹⁸

Partiram para Lisboa e aí se separam: José Joaquim parte imediatamente para o Rio, talvez já munido de maior segurança financeira e de melhores recomendações. Luís de Campos, tal como acontecia com muitos outros jovens da província, primeiro emprega-se, depois casa-se¹⁹ pelo que o “Até breve” no grande abraço de despedida nunca se chegou a consumir!

¹⁴ Cf. “O Cortiço” - Ramalho ORTIGÃO, *Farpas*, Tomo X; *Emigrantes*, Ferreira de CASTRO, in Joel SERRÃO (et al.) *Testemunhos sobre...* op. cit. pp. 32-33, 64-71 e 132-133.

¹⁵ Cf. notícia do *Correio da Manhã* (Anexo 15) - Porto, n.º 1, de 1/7/1899, p.2: “Falleceu há dias n’esta cidade o snr. **João Roberto de Cerqueira, irmão do snr. Conselheiro Joaquim Cerqueira**, a quem, bem como à restante família, enviamos sentidos pezames.” Sondando oralmente as netas, ambas declararam não se lembrarem da existência ou sequer de qualquer referência a este João Roberto. Seria deficiente ou «diminuído», e portando «ignorado» à maneira da época? Ou seria uma confusão do jornalista correspondente pois nessa época “pululavam Cerqueiras em Viana”? (cf. entrevista a M.ª Emília Sena de VASCONCELOS realizada em 1/12/1997).

¹⁶ Cf. M.ª Emília Sena de VASCONCELOS, “Um garotito de Viana”, art.º cit.º, p. 109-123.

¹⁷ Cf. *Os Brasileiros*, op. cit., capít.º 3, p. 82-83

¹⁸ Cf. M.ª Emília Sena de VASCONCELOS, *Apontamentos manuscritos...*, já cit.ºs.

¹⁹ Casou-se com D. Emília Lopes da Silva e teve 11 filhos, uma boa parte figuras marcantes e de prestígio intelectual e político na I República, cf. “Um garotito de Viana”, art.º cit., pp. 109-112.

Ia recomendado ao português **Joaquim Ramalho Ortigão**²⁰ já próspero comerciante de café mas que também tinha começado modestamente a sua vida no Rio de Janeiro. Mesmo assim, foi um princípio de vida indiscutivelmente duro:

“De facto, este proporcionou-lhe emprego no estabelecimento - onde o recém-vindo obteve autorização para dormir, numa reduzida dependência, poupando assim desde logo uma pequena parcela do ordenado (...) Levantava-se cedo, varria o passeio fronteiro, fazia recados, ia cobrar facturas. À noite, à luz duma vela e, depois, dum pequeno candeeiro de petróleo, lia, lia, procurava estudar. Aí contraíu o “vício” que o levaria mais tarde a seleccionar até um boa biblioteca.”

“«Seu» Ortigão apreciava-o, estimulava-o, não o poupando embora (...) Mas, graças ao seu tino e eficiência, chegou a oportunidade de o agregarem como sócio à firma...”²¹

À medida que a ascensão socio-económica se processa, surgem as primeiras “remessas” à família: a recordá-lo, ainda hoje existe em casa de um bisneto uma bonita caixinha rectangular em oiro - para rapé - com a inscrição *A meu Pai* que Joaquim Cerqueira enviou do Brasil com o primeiro ordenado que aí ganhou.

Nesta trajectória ascendente, confirma-se a opinião de *Daniel Bertaux*²² em que a pouca origem popular era, no primeiro quartel do nosso século, no «quadros comerciais»: “A fieira comercial é típica desta coexistência de dois meios sociais diferentes, unidos numa mesma prática que requer mais agressividade que pergaminhos escolares (...) Um rapaz ambicioso de origem popular tem em geral duas maneiras de se «safar»: ou estudando, ou estabelecendo-se por sua conta e procurando enriquecer...”

²⁰ Cf. Jorge Fernandes ALVES, *Os Brasileiros*, op. cit., p. 179, nota 2: “...Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, um dos vários membros da família que do Porto embarcou para o Brasil em 1856 com 13 anos, foi dirigente do Gabinete Português de Leitura e da Caixa de Socorros D. Pedro V sendo assinado por ele o texto incluído no Inquérito Parlamentar de 1873, onde refere a vida nos cortiços”.

²¹ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS “Um garotito de Viana”, art.^o já cit.^o, p. 114. E irresistível aproximar esta passagem de uma outra de *Os Brasileiros*, obra cit.^a, cap.^o 3, 3.2.2. “Caixeiros”, pp. 77-79;: “...A carreira comercial começava quase sempre pela entrada como marçano, desde a entrada ao serviço até aos 18-20 anos. Era, então, um verdadeiro criado para todo o serviço, dependente até dos colegas caixeiros mais velhos, vivendo permanentemente em casa do patrão, em sótãos, cubículos ou mesmo nos armazéns, não conhecendo férias, horários nem descanso semanal senão no raiar do nosso século. Só depois se passava a caixeiro e mais tarde, dependendo das capacidades demonstradas, dos estudos de base e da benevolência do patrão, um ou outro passaria a escriturário ou guarda-livros ou, então à realização por conta própria, estabelecendo-se...”

²² In Daniel BERTAUX - *Destinos pessoais e estrutura de classe*, op. cit., cap.^o 1 - “O que mostram as Estatísticas”, pp. 13-45.

III - Com Joaquim Ramalho Ortigão

Impulsionado por interesses profissionais, torna-se activista incontestável do *Centro de Lavoura e Commercio* “...que tanto desenvolveu o commercio de café na Europa...”, “... essa benemerita instituição à qual a lavoura do café do Brazil deve os mais assinalados serviços pelo extraordinario credito e impulso... com referência a exposições realizadas no Rio de Janeiro, Amsterdam, Nijni-Novgorod e outros pontos...”²³. Promoveu o seu eco na imprensa do Rio de Janeiro, até ao desaparecimento de Eduardo Lemos e Ramalho Ortigão, não só “...dirigindo-a como escrevendo a maior parte dos artigos que se referiram às exposições realizadas com tanto brilho no Rio de Janeiro.”²⁴ Assinalável é a sua **intervenção na crise desencadeada em 1890** quando o Estado do Rio de Janeiro lançou a cobrança de 11% sobre as exportações de café. A solução de conciliação que estudou e propôs veio a ser aceite e vigorou por largos anos.²⁵

O prestígio alcançado no campo económico terá contribuído para que mais tarde venha a ser membro do Conselho Fiscal do extinto *Banco Internacional* e depois do *Banco Nacional Brasileiro*.

Entretanto, o tempo de “ócio” é sabiamente aproveitado numa valorização humana e humanitária, social, intelectual, e cultural... Joaquim José convive a partir de então muito com o antigo patrão, agora sócio, com o seu irmão **José Ramalho Ortigão** e, pouco a pouco, insinua-se junto dos membros mais prestigiados da colónia portuguesa do Rio, o que se reflecte no seu porte e na sua maneira de vestir e no título de “*Conselheiro*” que mais tarde lhe vai ser conferido pelo governo português.²⁶

²³ Cf. Manuscrito anónimo: doc 71 do *Fundo de D. M^a Emília B. C. Sena de Vasconcelos* referente à Família Belfort Cerqueira. *Anexo 17*.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Cf. “Tiras” manuscritas anónimas. Doc 70 do *Fundo de D. M^a Emília B. C. Sena de Vasconcelos* referente à Família Belfort Cerqueira. *Anexo 16*.

Em 1872 colabora com Joaquim Ramalho Ortigão que é Presidente da «**Real e Benemerita Sociedade Portuguesa - Caixa de Socorros de D. Pedro V**» que apoia viúvas, crianças carenciadas e trabalhadores portugueses acidentados e que nas primeiras décadas de existência dispendera já enormes quantias em esmolas, pensões, consultas, medicamentos e passagens...tendo papel decisivo na grande crise económica de 1884. Entre os seus benfeitores contava-se o próprio José Bonifácio!²⁷ Mais tarde, os dois sócios terão sido fundadores da “Beneficiência Portuguesa” . “Auxiliou com muita intelligencia os trabalhos da Comissão portuguesa de socorros às victimas da febre amarella em 1873 e depois à “Comissão de socorros a inundados” em 1877”²⁸.

Em 1880 **Joaquim J. Cerqueira** integra, como 2.º Secretário, a directoria do **Gabinete Português de Leitura**²⁹ (Joaquim R. Ortigão é o 1.º Secretário e constituem-na ainda Eduardo Lemos que preside, José Joaquim Godinho e Albino de Freitas³⁰) onde desde 1878 se empenhou e que então orienta as Comemorações do Tricentenário de Camões, comemorações essas cuja continuidade se vai revelar decisiva conforme muito recentemente se tem vindo a divulgar³¹:

“O Real Gabinete, criado no ano da graça de 1837, foi inaugurado em 1887 na Rua Luís de Camões - no coração do Rio “antigo” - num edificio de traça manuelina. D. Pedro II lançou a primeira pedra duma instituição que representa hoje o mais volumoso e valioso conjunto de obras portuguesas fora das nossas fronteiras (...) Numa ocasião Ramalho Ortigão foi lá e emocionou-se: «Se um dia, o nome de Portugal houver desaparecido da carta política da Europa, esta Casa será como a expressão monumental do cumprimento da profecia: ...não se acaba a Língua nem o nome português na terra...» E Joaquim Nabuco clamou: «As pedras deste edificio parecem estrofes dos Lusíadas»”

²⁷ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Adeus não: - Até à volta!*, op. cit., p. 58.

²⁸ Cf. Manuscrito anónimo: doc 71 do *Fundo de D. M.^a Emilia B. C. Sena de Vasconcelos* referente à Família Belfort Cerqueira (*Anexo 17*).

²⁹ Cf. *Adeus não...*, op. cit., p. 57: “...que começou por ser uma modesta biblioteca onde, nas horas de folga, os nossos compatriotas podiam distrair-se e incrementar a sua cultura. Organizada em 1837 pelo dr. José Marcelino da Rocha Cabral, cinco anos depois o seu movimento justificava já a sua ampliação em edificio próprio; mas só em 1872 se comprou o terreno para ele. A colocação da sua primeira pedra a 10 de Junho de 1880, considerou-se como uma das cerimónias relativas à celebração do Tri-centenário de Camões (...). E em memória do facto foi cunhada uma grande medalha de bronze, rara - que possuo...”

³⁰ O mesmo que nos aparece em 1883 como testemunha do seu casamento?!

A título de mera curiosidade: nestas instalações esteve sediada até 1970 a “Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, organismo político da comunidade portuguesa e seu porta-voz”, presidida por António Gomes da Costa que, também ele oriundo de família modesta, veio adolescente para o Rio e aqui “respira em português, chora com os Lusíadas, vive com Portugal no coração e na memória e sofre com as lacunas ou os erros da estratégia cultural portuguesa em relação ao Brasil”. “Se não fosse a Gulbenkian... os focos de cultura portuguesa no Brasil já teriam desaparecido (...) Os próprios brasileiros acham a Gulbenkian um superministério da Cultura...”

Em suma:

- A vasta biblioteca de D. João VI e a boa-vontade de um punhado de portugueses formaram os alicerces do Gabinete Português de Leitura.
- O Imperador D. Pedro II lançou a primeira pedra em 10 de Junho de 1880.
- Joaquim José Cerqueira terá, com a Directoria que integrava, contribuído com muitas outras “quer físicas quer espirituais” deixando uma “tradição ainda hoje vivíssima no R.de Janeiro...”³²
- “Ramalho Ortigão foi lá e emocionou-se...”
- **Passados mais de cem anos** - conforme o artigo supracitado - um outro emigrante (António Gomes da Costa) mantém a sua dinamização,
- **Mário Soares** visita-o, consegue o contributo da Gulbenkian para a respectiva ampliação e modernização, tornando-o actualmente uma decisiva “alavanca” de cultura e...
- mais um foco do “Projecto Resgate”!!!³³

³¹ Cf *Pública*, n.º 32, de 29.12.1996 - “As Jóias Brasileiras”, pp 35-36.

³² Cf. Doc 71 (em *anexo*) do *Fundo de D. M^a Emília B. C. Sena de Vasconcelos* referente à Família Belfort Cerqueira “Ultimamente ainda os jornais anunciavam um donativo seu ao Gabinete P. de L. de vinte contos de reis moeda pura, completando assim uma soma avultada de donativos.”

³³ Cf *Pública*, n.º 32, artº cit.: “...o projecto, que data dos anos 70, visa o resgate de documentação histórica sobre o Brasil através da tecnologia da microfilmagem e informatização...”

IV - Com José Ramalho Ortigão

Em 1883, aos 36 anos de idade, **casa com TERESA DE BELFORD**, de apenas 19 anos, filha de António Raimundo Teixeira Vieira, Barão de Gurupy e Visconde de Belfort, e de cujo avultado dote constam duas escravas - Florência e Margarida - que antes já lhe prestavam serviço e que por dedicação aceitam seguir (v.cap.º anterior). Ao contrário do seu ex-patrão e sócio, Joaquim Cerqueira **simpatiza com o Movimento de Libertação dos Escravos** que aceitava como apelo inevitável da mudança dos tempos, o que terá poupado muitos aborrecimentos à firma ao ser votada a Lei em 1888.

Em 1889 morre Joaquim Ramalho Ortigão, ficando “à cabeça dos negócios” Joaquim Cerqueira passando a firma a chamar-se **CERQUEIRA & SOARES**³⁴.

À cabeça dos negócios como à cabeça da própria família como o atesta a carta³⁵ muito interessante e pensamos que, em parte inédita, do escritor Ramalho Ortigão à viúva e que, por isso, se transcreve integralmente:

Lxa. Maio de 1889

Querida Mana. Quem me diria quando ha tão pouco tempo ahi estivemos juntos, felizes e alegres, que tão cedo um lucto tão cruel e tão inesperado nos cobriria o coração! Eu não tenho palavras para a consolar numa saudade que também me envolve e n'uma dor que tanto é da mana como de mim proprio. A falta do meu querido Joaquim é enorme e irreparável como marido, como irmão e como cidadão, mas acima de tudo é incalculável a perda que da sua morte resulta como pae. O cuidado que lhe dava a orphandade de suas filhas era de todos o que mais pesava, e com bem fundada razão, no coração tão

³⁴ In M.^a Emília Sena de VASCONCELOS “Um garotito de Viana”, art.º cit., p. 117. A firma virá em 1914 a sofrer nova alteração passando a designar-se CERQUEIRA, SOARES e C^a conforme diversa documentação do *Fundo de D. M.^a Emília B. C. Sena de Vasconcelos* referente à Família Belfort Cerqueira. Dela se destaca, pela sua curiosidade, um “balanço” reportado a 13 de Outubro de 1916, dia a seguir à morte do Conselheiro, e elaborado para efeito de partilhas (*Anexo 21*).

³⁵ *Ibidem*, nota 6: “O original desta carta constava do espólio de Joaquim Ramalho”. Apenas chegou às nossas mãos uma cópia, vinda do Brasil, toscamente dactilografada.

grande e generoso do seu infeliz marido e meu chorado irmão, Por isso me parece que o mais grato e o mais piedoso tributo que podemos pagar à sua memória é o de nos dedicarmos com toda a energia e com toda a solicitude da nossa intelligencia e do nosso coração à educação d'essas meninas. Quando o chefe da casa impondo-se pelo prestigio do seu valor ao respeito geral, defende pelo simples facto de existir a inviolável dignidade da sua família e do seu lar, a educação das meninas quasi que se faz expontaneamente no trato e no exemplo dos bons. Mas quando falta essa poderosa e invencivel protecção, a educação torna-se um problema muito mais complicado, muito mais difficil, e de muito maior responsabilidade, porque é na educação que desde esse momento passa a residir toda a defeza, que até ahi estava no respeito exhalado do pai. Os rapazes vão naturalmente para a escola. Não pode ser de outro modo. É preciso que elles convivam com os da sua geração, que desde pequenos se habituem a lidar com os seus semelhantes e a conhece-los taes como elles realmente são, uns bons, outros soffríveis e outros maus. O collegio é a meu ver um tirocinio indispensavel ao preparo de um homem. O cuidado resume-se em escolher o melhor collegio. Pouco mais há que fazer. O homem pertence desde pequeno à convivência da sua sociedade, ao conflicto do seu meio. Se as regras d'essa concordancia estão defeituosamente estabelecidas e iniciadas, como desgraçadamente succede, a responsabilidade é da sociedade e não da família. O rapaz não pode ser sem grande perigo para elle, isolado dos outros na incommunicabilidade doméstica. As meninas, pelo contrario, destinadas a viver principalmente na familia, é na familia que tem de ser educadas. A educação tradicional das meninas do Rio de Janeiro - permitta-me a mana que lh'o diga um velho com alguma experiencia e algum conhecimento do mundo - é em geral péssima. As poucas meninas bem educadas que ahi vi não o são por effeito de uma corrente geral, mas sim em virtude de uma energica resistencia individual à acção nociva dessa corrente. É preciso para bem educar as meninas não abandonar coisa alguma ao acaso, ao costume, à razão deploravel de que é assim que toda a gente

usa, de que é assim que toda a gente faz³⁶. O que a maioria da gente faz é precisamente o contrário d'aquillo que se deve fazer. A mana há-de ter a grande bondade de me perdoar a atrevida franqueza com que lhe fallo em tal assumpto. Para o fazer salto por cima de todas as considerações, e cumpro, dizendo-lhe abertamente a minha opinião, o que julgo ser o mais sagrado dos meus deveres para com a memoria do meu irmão e seu marido. Para bem me fazer entender entrarei em algumas particularidades que reputo essenciaes e d'esta ousadia desculpavel perante os meus annos, perante alguma experiencia que tenho do bem e do mal, é perante a profunda amizade que, consagrava a meu irmão, lhe peço de joelhos e humildemente perdão. As bases principais da educação d'essas meninas, de cujo destino a mana é hoje depositaria, são, a meu vêr, as seguintes: 1.º - A confecção de um programma escripto, de uma disciplina tão exacta como a do mais rigoroso convento. N'este programma tudo deve estar previsto e mencionado: o emprego integral do tempo, hora a hora, em cada dia - hora de levantar da cama, hora de banho, hora de gymnastica, hora de estudo, hora de lição, hora de recreio, etc., até a hora precisa de recolher; systema de alimentação regularissima a horas determinadas e com um numero de pratos restricto, segundo o regimen aconselhado por um bom hygienista.

2.º - Escolha escrupulosissima da convivencia: o menor numero de criados e o menor contacto com elles que seja possivel; absolutamente vedada de portas a dentro a entrada de pessoas cuja respeitabilidade se não ache acima de toda a suspeita, e em cujo trato não haja alguma coisa que aprender em ideias justas, em sentimentos bons ou em maneiras dignas. O trato de gente que não tenha algum relevante merito, de pessoas frivolas e de pessoas ordinarias, é sempre prejudicial e perigoso.

3.º - Pratica de religião. Eu sou insuspeito n'este conselho porque nem sou beato nem vou à egreja. Mas entendo que uma mulher não presta para nada se não tem o espirito caritativo, se não tem o espirito de humildade, o espirito de

³⁶ Sublinhado na cópia dactilografada a que tivemos acesso.

resignação e o espírito de sacrificio. E como ás meninas se não pode ensinar uma philosophia humanitaria, é unicamente pela religião que n'ellas se educam esses sentimentos delicados e dôces sem os quaes o coração feminino é um simples poço de crueldade inconsciente e de malvadez irresponsavel. Para que as meninas aprendam a respeitar alguma coisa superior ao capricho da sua vontade, ao amor dos trapos com que se vestem e ao appetite das gulodices com que se nutrem, é preciso que ellas vão à missa todos os Domingos e se confessem todos os annos. É esse o único meio pratico de se habituarem a collocar-se algumas vezes frente a frente com a sua propria consciencia, aprendendo n'esse exame de si mesmas a dedicarem-se, a submetterem-se, a sacrificarem-se, a perdoarem benignamente alguma coisa dos outros em desconto do muito que todos temos de fazer-nos perdoar a nós mesmos. Esses tres são, no mais breve resumo, os principios fundamentaes do grande encargo que a mana tem corajosamente de assumir aconselhada pelos melhores amigos do seu marido. Quando digo os melhores quero dizer os mais dignos, os mais experientes pela educação dos seus proprios filhos e os mais intelligentes. Quem não tem filhos não sabe por mais que queira, aconselhar quem os tem.

Os conselheiros e os amigos da mana devem ser d'entre os paes de familia aquelles que melhor teem sabido educar ao seus proprios filhos. O Cerqueira, socio do Joaquim, por via do qual lhe envio esta carta, é d'aquelles que ahi conheci o que mais garantias me dá para o desempenho d'este tão delicado mister de amizade. Fallecido o meu querido irmão, se ao cuidado de alguém eu tivesse que recommendar ahi o destino de meus proprios filhos em tenra idade, seria a elle que eu escolheria. A sua intelligencia, que elle envolve em uma grande modestia, reúne predicados que são raros: tem, como muito poucos, a piedosa religião da amizade, é casado com uma senhora raramente bem educada, e tem outra coisa a que eu ligo grande importancia: é de raça de boa gente, teve elle mesmo a mais dôce e a mais amavel das mães, o que é um dos mais fecundos elementos que podem concorrer para se formar o bom coração de um homem.

Teria muito mais coisas que lhe dizer, ser-me-hia mesmo ir ahi para lhas dizer todas..... Mas não quero enviar-lhe um livro em vez de uma carta. Abraçando-a bem commovida e bem consternadamente, outra vez lhe peço, querida mana, que me perdôe a aparente impertinencia com que entendi que lhe devia fallar a minha amizade. Saudosos e sentidos beijos para todos os seus filhos, da Emilia e do seu irmão mto. Amigo.

José.

É impossível, pela sua extensão, analisar-se exaustivamente esta carta (por pouco «um livro»...) no âmbito do presente trabalho. Mesmo assim, justifica-se salientar:

1. O contraste entre a educação feminina e a educação masculina:

“...O colégio é a meu ver um tirocínio indispensável ao preparo de um homem; o cuidado resume-se em escolher o melhor (...) As meninas, pelo contrário, destinadas a viver principalmente na família, é na família que têm de ser educadas....”

2. A censura, bem expressa, à educação feminina no Brasil e programa alternativo: “A educação tradicional das meninas do Rio de Janeiro... é em geral péssima...”; a necessidade de uma “enérgica resistência individual à acção nociva” dessa corrente geral, acção que deve assentar em três princípios fundamentais: 1.º um rigoroso e disciplinado programa escrito com «emprego integral do tempo»; 2.º “escolha escrupulosíssima da convivência”, afastando-se o mais possível dos criados e “de pessoas frívolas e ordinarias”; 3.º ”practica de religião (...) E como às meninas se não pode ensinar uma philosophia humanitaria(....)”

3. A prática da religião como “philosophia humanitaria” preconizada por alguém que não é beato nem vai à Igreja: “...e se confessarem todos os anos. É esse o único meio eficaz de se habituarem a colocar-se algumas vezes frente a frente com a própria consciência...”³⁷

³⁷ É uma tentação comparar esta afirmação com a intervenção da Professora Lucia LEPECKI, também brasileira e professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa no Congresso “A escrita: caminhos

4. O elogio das qualidades humanas num brilhante «retrato psicológico» de J. J. Cerqueira, sugerindo a respectiva colaboração no programa proposto: "...aconselhada pelos melhores amigos do seu marido... Quando digo os melhores quero dizer os mais dignos, os mais experientes pela educação dos seus próprios filhos e os mais inteligentes. Quem não tem filhos não sabe... O Cerqueira, sócio do Joaquim (...) é d'aquelles que ahi conheci o que mais garantias me dá... A sua intelligencia... reúne predicados que são raros... casado com uma senhora invulgarmente bem educada, (...) é de raça de boa gente, teve elle mesmo a mais doce e amorável das mães, o que é um dos mais fecundos elementos que podem concorrer para formar o bom coração de um homem..."

Se o original desta carta constava do espólio de Joaquim R. Ortigão, infelizmente não se lhe conseguiu acesso e o exemplar toscamente dactilografado já referido, deve-se ao oportuno envio, na década de 70, por uma tia brasileira já desaparecida.

Resta-nos, para a confirmarmos, a probabilidade de um confronto que se tentou através de uma **análise comparativa** a vários níveis: **cronológico, de conteúdo, de estilo.**

Para isso, descobriram-se e consultaram-se na Biblioteca Municipal do Porto, as seguintes publicações de JOSÉ RAMALHO ORTIGÃO:

- 1883 - *A Lei da Instrucção Secundária na Câmara dos Deputados em Portugal, Rio de Janeiro, Typ. Gazeta das Noticias*. Na forma como salienta e comenta a intervenção de vários deputados, por exemplo:
 - a de BERNARDINO MACHADO sobre a importância da educação³⁸.
 - a de ALBERTO PIMENTEL sobre a urgência da educação feminina,³⁹ sobre a importância da religião⁴⁰

com futuro" (*II Encontro com a Adolescência* - Porto, Fundação António Cupertino de Miranda, 21 e 22 de Abril de 1995) quando salienta a importância da instituição do sacramento da confissão nos sécs. XI e XII como um grande serviço à Humanidade pois conduziu a um "*compulsar do próprio interior*" (intercâmbio com o "outro" do seu ser, da sua intelligência, da sua liberdade interior, da sua tranquilidade interior...), a objectivação do próprio Eu.

³⁸ p. 14-18: "...o interesse e a segurança da sociedade exigem que os educadores.. tantas garantias como as que se exigem aos médicos... porque a saúde do espírito não é menos sagrada para o homem que a saúde do corpo..."

³⁹ p. 19: "...já é tempo de se dizer à mulher... tu que és a rosa... sê também o perfume... tu que és a força na fraqueza sê o impulso, a origem do movimento no progresso das sociedades modernas..."

De modo geral, Ramalho Ortigão revela-se muito desconfiado e crítico quanto à educação ministrada nas escolas públicas e ainda mais quanto às particulares. O Estado terá falta de meios mas os que tem são desperdiçados!!! Comentários discretos mas pertinentes⁴¹ que revelam já uma vocação de pedagogo consagrada na própria carta com data de 19 de Maio de 1889.

- **1899 - Crónica “A vinda de França”** inserida nos nºs 19 e 21 d’O *CORREIO DA MANHÃ*⁴² em que reflecte o turbilhão e a ambivalência de sentimentos de ser pai pela primeira vez já tardiamente: ora, na carta em questão (escrita só 10 anos antes...) José Ramalho Ortigão desabafa: “Quem não tem filhos não sabe...”
- **1914 - Carta de um Velho a um Novo, Cascais, 7 de Setembro.** Espécie de “Testamento” de valores que considera fundamentais, prefaciada e comentada por alguns intelectuais de destaque. Defesa da Família cuja dissolução compara, já em 1876, a um terramoto⁴³ É evidente uma proximidade de estilos apesar dos 25 anos que as separam: “...permitta-me a mana que lho diga **um velho** com alguma experiência e algum conhecimento do mundo...”

A análise comparativa ensaiada revela-se, talvez, suficiente para certificar o essencial de uma carta arquivada, até à data, como documento familiar de valor meramente afectivo. No entanto, parece-nos que este documento mereceria uma investigação e um estudo mais aprofundado pela quantidade de informação acumulada não só sobre a mentalidade e os princípios pedagógicos da época, como sobre o próprio Ramalho Ortigão. Ficam também em suspenso outro tipo de interrogações:

Como vai evoluir a situação familiar da viúva de Joaquim Ramalho Ortigão?

Como se processa o desenvolvimento e o crescimento de suas filhas?

Quatro anos depois é a vez de Joaquim Cerqueira regressar a Portugal...

⁴⁰ p. 21: “... reformas de instrução que ponham de parte o elemento religioso... parecem-se com a estátua de Nabuco, que tinha a cabeça de ouro e os pés de barro.”

⁴¹ Ibidem, pp 64-71.

⁴² “...Desde então, porém, até hoje, a impressão que me produziam as crianças modificou-se singularmente: não vejo uma que me não lembre de que ella deu a seu pae uma commoção igual à que eu tive; paro sempre um momento para a contemplar e não prossigo nunca sem olhar, uma vez pelo menos, para traz...”

⁴³ In pp 49, 61-62

V - No regresso, o que espera a Família Belfort Cerqueira?

Em 1894, receosos de mais contágios, o Casal Cerqueira regressa definitivamente a Portugal, depois da pequenina Maria ter morrido com febre amarela. No porto de Lisboa tiveram, por isso, que se sujeitar a uma prolongada estadia no respectivo lazareto. É de salientar que a sua ligação à terra natal sempre se mantivera, manifestando-se por exemplo:

- na dotação de um lavadouro público.o “Lavadouro de Santa Teresa”, já desaparecido.⁴⁴
- na organização de uma subscrição entre a colónia portuguesa para dois valiosos candelabros para o futuro templo de Santa Luzia;

Esta generosidade e a gratidão da cidade encontram-se bem documentadas nas actas das sessões camarárias⁴⁵ de 19/5, 15/6 e 29/12 de 1892 (*Anexo 19*) de que se transcrevem algumas passagens:

“O Snr Presidente apresentou uma carta do Ex.mº Snr Joaquim José Cerqueira que acompanhou uma letra de 100 libras do Banco dos Estados Unidos do Brasil,sobre Londres, a 90 dias, para ser aqui negociada e a sua importância acreditada no cofre Municipal por conta das obras do lavadouro público em construção a expensas de S.Ex.ª...” (*Sessão ordinária de 19 de Maio de 1892*)

“ O Snr. Presidente deu conta à Camara de haver negociado no dia 13 do corrente mez com a casa commercial d’esta praça Noble de Murat, pela quantia de 578\$165 reis a letra do Ex.mº Snr. Joaquim José Cerqueira, que foi presente à Câmara em sessão de 19 do mês passado ...” (*Sessão ordinaria de 15 de Junho de 1892*)

⁴⁴ In *Adeus não...*, op. cit., pp 50-51: “Ao conselheiro Joaquim José Cerqueira se ficou a dever um lavadouro - o lavadouro de Santa Teresa, em terrenos atrás da Estação de Caminho de ferro. Teresa se chamavam sua mãe e uma das suas irmãs; Teresa se chamava a sua mulher e uma das suas filhas (...) Mais perdura o nome na família, porém, do que durou na urbe o lavadouro: o traçado de uma estrada impôs, há anos, o seu derrube. E ignora-se o que foi feito das suas belas cantarias. De resto, a época dos lavadouros passou, também.”

⁴⁵ E ainda por Maria Augusta ALPUIM, referindo-se ao templo de Santa Luzia, in “Sentada junto ao Sagrado” artigo inserido na obra recentemente publicada *Viana, cidade e circunstância*, ed. dos Estaleiros de Viana do Castelo, p. 27: “António Tomás Quartim propos uma subscrição em Portugal e no Brasil para angariar dinheiro para as obras. Foi um sucesso. Os Vianenses foram generosos. Do Brasil veio muito dinheiro. Joaquim José Cerqueira, presidiu no Brasil à comissão angariadora.”

“Pelo Snr. Vereador Araujo foi mandada para a meza a seguinte

- Proposta -

«Submecto à aprovação da Camara, para que seja inserida em uma chapa ou lapide commemorativa e collocada no Lavadouro Publico dos Cruzios, a seguinte inscripção: «Este Lavadouro Publico foi mandado construir pela Camara de 1892, por iniciativas e a expensas do benemerito filho d'esta cidade, Joaquim José Cerqueira, residente no Rio de Janeiro. » Vianna e sala das sessões da Camara Municipal, em 29 de Dezembro de 1892. Manoel de Araújo.»

Esta proposta foi approvada por unanimidade.

Pelo mesmo Snr. Vereador foi mandado para a meza mais o seguinte...”-

(Sessão ordinaria de 29 de Dezembro de 1892)

Em 1894, ainda mal se tinham instalado em Portugal concretizam uma grande viagem pela Europa (v. capít.^o anterior). Este gosto pelas viagens vai acompanhar J.J. Cerqueira até ao fim da sua vida, tornando-se grande entusiasta dos passeios de automóvel: “Mas nada superava nele por fim o prazer de passear pelo seu rincão natal no seu grande *Berliet*, conduzido por qualquer dos filhos ou pelo motorista João...”⁴⁶

Em 1897 compram um palacete em Viana do Castelo, na R. de S. Sebastião N° 206⁴⁷, hoje R. Manuel Espregueira, palacete esse que depois de várias vicissudes se encontra actualmente em bom estado de conservação: retocado exteriormente, mantém a sua traça inicial e no frontão da fachada, bem visíveis e bem ao gosto da época, as iniciais de Joaquim Cerqueira (JC); o mesmo já não se pode dizer do seu espaço interior que, bastante alterado, foi adaptado a centro comercial; no entanto, nas traseiras, não escapa a um olhar mais atento o que resta do jardim introduzido ainda por sólida escadaria de pedra, cenário de tantas fotografias de família...

⁴⁶ Cf. M.^a Emilia Sena de VASCONCELOS in *Adeus não...*, op.^o cit., p. 52.

⁴⁷ Compra profusamente documentada no já referido *Fundo de D. M.^a Emilia B. C. Sena de Vasconcelos*.

Nesse mesmo ano nasce mais um filho (Manuel) e Joaquim Cerqueira aloja a Mãe e as irmãs em mais uma casa que compra na Rua da Bandeira, passando estas a ser então referidas por «Tias da Bandeira»⁴⁸.

Entretanto o Brasil não é esquecido visto que em 1898 são enviadas novas verbas para o Gabinete Português de Leitura, outra vez em situação económica difícil...

Em 1899 compra a Casa/Palacete da R. do Salitre N.º 62, em Lisboa, à família do Conde Alves Machado,⁴⁹ por 35 contos de réis, preço oficial que compreendia todo o seu recheio incluindo: móveis, reposteiros, tapetes, louças, cristais, lustres, objectos decorativos, muitos dos quais, bem identificados pelas iniciais A/M em forma de monograma, ainda se encontram na família.

A documentação variada do *Fundo particular de M.^a Emília B. C. Sena de Vasconcelos* permite reconstituir a história deste palacete desde a sua construção até à aquisição por Joaquim Cerqueira. Curiosa, porém, é a enorme discrepância entre o valor que figura na escritura de venda e na carta, datada de alguns dias antes, manuscrita pelo vendedor em papel selado que se transcreve na íntegra:

⁴⁸ Cf. M.^a Teresa B. C. Sena de VASCONCELOS in *Antes que a Memória se apague*, manuscrito já citado, pp 34-35, refere-se às «Três Tias da Bandeira», duas solteiras - a Tia Teresinha e a Tia Mariquinhas - e a Tia Anica, viúva, forte, imponente, mãe do José Marques que, amimado por este «trio» e estroina, desperdiçou as oportunidades que lhe foram proporcionadas e os bons colégios pagos pelo tio, para quem foi uma fonte de desgostos!

⁴⁹ Outro “Brasileiro” com uma história semelhante cf. *Boletim da Fundação Oriente* n.º 4, Abril de 1992, p. 8: “...Já pronta a casa é vendida por 22 contos a um proprietário de nome José Alves Machado que viria a morrer pouco depois passando o imóvel para o seu irmão, Manuel Joaquim Alves Machado, antigo emigrante no Brasil e temporariamente instalado no Hotel Universo em Lisboa. (...) A 18 de Junho de 1896, D. Carlos I elevou-o a 1.º conde do mesmo título. Conservou o conde esta residência de Lisboa até 1899, ano em que decide vendê-la por pouco a utilizar.”

Curiosamente, ao consultarmos *O Correio da Manhã* de 24/5/1896, deparamos na 1.ª e 2.ª pp com uma notícia cujo título nos chamou a atenção «O imperador do Brasil e o Senhor Conde de Alves Machado» onde se registava e enaltecia a generosidade deste último para com a família Imperial (em dificilíssima situação financeira pois D. Pedro II rejeitara uma prestação pecuniária do Estado quando abandonou o Brasil e partiu para o exílio...) particularmente na ocasião em que a Imperatriz morre no Porto (em 28.12.1889); dirigindo-se ao Visc.º de Ouro Preto, Alves Machado anuncia: “... O que queria dizer a V.Ex.^a era que ponho à disposição de S. Majestade todos os meus haveres, todos illimitadamente... e que nos funerais da Imperatriz não se olhasse a despesas...” “... O seu offercimento espontaneo, opportuno e magnanimo foi utilizado até uma soma muito elevada (...) E ainda hoje ... se phantasariam hypotheses se a acção do sr. Conde de Alves Machado não fosse contada em Paris por quem a podia contar.” É num hotel de Paris e em circunstâncias de pobreza que morre, em 5.12.1891 o Imperador D. Pedro II (cf. *Grande Enc.ª Port.ª e Brasileira*).

Ill^{mo} Ex^{mo} Snr. Conselheiro Joaquim José Cerqueira.

Lisboa, 5 de Junho de 1899.

Rogo-lhe mandar entregar, segundo esta ordem, no Rio de Janeiro, à firma dos Snr^s Thedim Rodrigues e C^a, por minha conta, a quantia de cento e sessenta e cinco contos de reis, valor por que lhe vendi a minha casa com quintal da Rua do Salitre n^o 172, com todos os móveis que contém, trastes, espelhos, piano, louças, critais e mais objectos d'arte; sendo aquela soma em moeda brasileira.

Declaro, outro sim, que logo que receba telegramma daquelles Snrs da entrega ali d'esta somma lhe passarei a respectiva escriptura de venda, salvando qualquer eventualidade de morte, em cujo caso os respectivos herdeiros, tanto d'uma parte como d'outra, farão effectiva a referida venda. A firma dos Snr^s Thedim Rodrigues e C^a é no Rio de Janeiro.

Sou com estima

De V. Ex^a

O mais att^o am^o certo ob^a

(a) C. de Alves Machado

Telegramas se trocaram dando instruções e a 27 de Junho celebra-se a escriptura por 35 contos!

Neste mesmo ano, nasce mais uma filha e terá morrido, em Viana, a acreditar na notícia já referida⁵⁰ do *Correio da Manhã - Porto*, de 1/7/1899, nos últimos dias de Junho e “em cima” da escriptura da compra do palacete da Rua do Salitre o seu irmão João Roberto:

Em Portugal mas ainda muito ligado ao Brasil, onde se desloca periodicamente, com raízes e família no Minho mas com interesses e casa em Lisboa, **como concilia e se movimenta Joaquim José Cerqueira no seu vastíssimo círculo de influências ?**

Nesta altura, começam a definir o seu estilo de vida, optando por passar parte do ano (Outubro a Junho) em Lisboa e o Verão em Viana.

⁵⁰ Em anexo. Ver 1.^a nota de “II - De Viana ao Rio”:

VI - Vida Pública

Joaquim Cerqueira aparece-nos como deputado⁵¹ pelo círculo de Viana onde promove “banquetes políticos”.

Continua, também, a desenvolver a sua actuação como benemérito⁵², consagrada em actas das sessões ordinárias da Câmara, de 18 e 26 de Julho de 1900, conforme os excertos:

“Pelo snr. Vereador... foi dito que attendendo às altíssimas qualidades de benemerências praticadas em actos constantes de verdadeiro patriotismo em proveito do município, pelos nossos illustres conterraneos Domingos Jose de Moraes e conselheiro Joaquimose Cerqueira, e, parecendo-lhe de toda a justiça (interpretando os sentimentos de todos os Vianenses) que esta cidade patenteie de uma forma amais condigna, a sua gratidão para com aquelles cavalheiros, propunha... fazendo-se àquelles dois benemeritos concidadãos uma consagração que seja significativa do mais elevado apreço, da mais sentida consideração e do mais profundo reconhecimento pelo muito que ambos têm feito em proveito do engrandecimento d’estas terras.

E a camara, recebendo com o mais vivo entusiasmo esta proposta, resolveu approva-la desde ja devendo accordar na proxima sessão na forma de mais rapida e condignamente...” (*Sessão ordinária de 18/7/1900*)

“O Snr. Presidente fez varias considerações sobre o motivo d’esta reunião relatando minuciosamente a serie de beneficios prestados a tantas corporações d’esta cidade pelos nossos generosos conterraneos Domingos José de Moraes e conselheiro Joaquim José Cerqueira, os quaes por tal motivo são e, justamente, credores da geral sympathia de quantos se interessam pelas prosperidades d’esta formozza terra, urgindo por isso que esta Camara, em nome de todos os seus municipes procure e sem demora dar-lhes um publico e perduravel testemunho de gratidão e intimo recnhecimento de todos os Vianenses. (...)”

(*Sessão extraordinária de 26 de Julho de 1900*)

⁵¹ Cf. Carta da C. M. de Viana do Castelo informando ter sido eleito deputado em 1905 (*Anexo 18*). *Fundo de D. M^o Emilia B. C. Sena de Vasconcelos* referente à Família Belfort Cerqueira.

⁵² Não só a nível regional como também nacional como o revela uma convocatória régia para a Comissão de Luta contra a Tuberculose.

Em Lisboa, é Conselheiro de Estado e recebe amigos do Rio (ex.: Dr. José Maria Rodrigues, Conselheiro Camelo Lampreia). “...Na casa de Lisboa o conselheiro «recebia muito tendo inclusive frisa em S.Carlos.» É que, para além de conselheiro de Estado, Joaquim José Cerqueira foi duas vezes deputado chegando mesmo a fazer parte do grupo dos sete que ostensivamente abandonou a Câmara em protesto contra o iminente monopólio dos tabacos (A Dissidência de 1905)...”⁵³ Possivelmente o acolhimento e a intensificação dos contactos com o Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, então ministro de Portugal no Brasil, estarão relacionados com os preparativos da projectada viagem do rei D. Carlos a esse país em 1908 e com a elaboração de um *Livro de Ouro* comemorativo desse acontecimento: edição luxuosa que apesar do regicídio (1 de Fevereiro de 1908) decidem levar até ao fim já que homenageava não só os poderes públicos como também toda a colónia portuguesa no Brasil e “toda a sua acção ali espalhada”.⁵⁴

Admira o rei D.Carlos e, em 1905, quando Viana recebe a **visita real**, vemo-lo a integrar e a financiar a Comissão de Recepção: “...Coalhada de povo estava a Praça também (tal como a rua Cândido dos Reis), em 1905, para ver o carro de D. Carlos passar sob o arco levantado pelo conselheiro J. J. Cerqueira junto ao Palácio dos Távoras, e sob o arco levantado pelos artistas vianenses no termo daquela rua, frente ao chafariz - a caminho da casa da Praça, onde se hospedava...”⁵⁵

“Assim, quando em 1903 se gizaram as manifestações a D. Carlos, aqui hospedado durante as manobras em Barcelos... achou-se decerto impossível recebê-lo mais prosaicamente. Mas ao estro do maior épico se recorreu **agora**. E no arco erguido pois em sua honra pelo conselheiro J. J. Cerqueira, junto do Palácio dos Távoras, e realizado pelo construtor Rêgo Viana, - na face voltada a St.^a Luzia lia-se pois, à esquerda: “Vem poderoso rei cujo alto império/O sol logo em nascendo vê primeiro” - e à direita “Vereis amor da pátria não movido/ De prémio vil... E julgareis qual é mais excelente/ Se ser do mundo rei se de tal gente...”⁵⁶

⁵³ Cf. *Boletim da Fundação Oriente* n.º 4, já cit., p. 8.

⁵⁴ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Adeus não...*, op.cit., pp. 28-29, onde em nota, acrescenta: “...Poucos exemplares, no entanto, foram postos à venda. O que possuo era de meu avô. Tem o n.º 1017”.

⁵⁵ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS, “O Espectáculo em Viana”, in *Cadernos Vianenses*, tomo X, separata, 1987; p. 63.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 91.

Membro do Partido Progressista, em 1905 torna-se dissidente e contra o “Monopólio dos Tabacos”.

O regresso de Joaquim José Cerqueira enquadra-se, pois, no “retorno de inovação” conforme tipologia proposta por *F. P. Cerase* e citada por *Jorge F. Alves*⁵⁷

Muito preocupado com a 1ª Grande Guerra, e sempre “atormetado por crises de asma” **morre a 12 de Outubro de 1916 em Viana**, poucos dias antes do casamento do seu filho Sílvio com a única filha de um outro «Brasileiro» e grande amigo, João Francisco de Moraes: Benemérito constante das obras de Santa Luzia como da “Misericórdia e demais instituições locais, o seu retrato, como o de outros benfeitores, figura nas grandes telas dos seus consistórios, e num busto da autoria de Teixeira Lopes, na Caridade. (Aliás a todas estas Casas, por testamento, atribuiu ainda importantes legados).”⁵⁸

“...Deixo a cada um dos meus afilhados de baptismo, que apresentem a respectiva certidão, em dinheiro, cem mil reis. Deixo á nossa antiga creada do nome Beatriz, como lembrança de reconhecimento pelos dedicados serviços que nos prestou durante a doença do nosso estremecido filho Joaquim em dinheiro tresentos mil reis; ás creadas ou creados que estiverem ao nosso serviço por ocasião do meu fallecimento, em dinheiro, quarenta mil reis a cada um. (...) Deixo em inscripções da divida interna portugueza de 3%, do valor nominal de um conto de reis cada uma, ás quatro instituições de caridade estabelecidas em Vianna do Castello os seguintes legados, a saber: À Santa Casa da Misericordia seis inscripções; ao Hospital e Congregação de velhos e entrevados, quatro inscripções; ao Asylo de Infancia Desvalida tres inscripções; e á Associação de meninas orphãs e desamparadas, duas inscripções. Deixo quatro centos mil reis para serem distribuidos por familias pobres e honestas. (...) Deixo à Polyclinica desta cidade [Rio de Janeiro] em homenagem ao seu illustre e benemerito instituidor, o Conselheiro Dr. José Carlos Rodrigues, meu querido amigo, cinco contos de reis, em moeda corrente brasileira. (...)”⁵⁹

O seu corpo repousa no jazigo de família no cemitério dos Prazeres, em Lisboa.

⁵⁷ In *Os Brasileiros*, op. cit. p. 22

⁵⁸ In *Adeus não...*, op.cit., p.52

⁵⁹ Testamento datado do Rio em 3 de Dezembro de 1913. (*Anexo 20*)

VII - Joaquim José Cerqueira, um «homem de excepção»?

Poderemos considerar Joaquim José Cerqueira um TIPO, um PARADIGMA do seu tempo?

Com efeito, encontramos nesta biografia “indicadores” que o aproximam de vários outros “BRASILEIROS” já profundamente estudados, permitindo a sua integração na respectiva “categoria”:

- origem social: família numerosa de pequeno comerciante de cidadezinha do litoral;
- parte “recomendado” para o Brasil com aproximadamente 16 anos;
- mobilidade social ascendente reforçada por um “bom” casamento;
- assume, ainda no Brasil, a função de protector e “patriarca” da família e de
- benemérito da sua terra
- regresso a Portugal com 46 anos
- fixa residência em 2 grandes palacetes
- ocupa cargos políticos de prestígio

No entanto, atrevemo-nos a pensar que poderá ter ido mais longe, manifestando características que o individualizam e que o tornaram uma figura de prestígio sim, mas incómoda e independente, nem sempre “aco..moda...da” à mentalidade predominantemente vigente no seu “campus” de influência e acção:

- pela qualidade da promoção intelectual que, desde cedo, a si próprio impôs (ex. posição de destaque no Gabinete Português de Leitura)⁶⁰
- pelas qualidades humanas (cf. Carta de Ramalho Ortigão), pelo culto e veneração das amizades (cf. Testamento)

⁶⁰ Cf. Daniel BERTAUX, op.cit., p. 42: Porque há-de ser a “profissão” o único padrão sobretudo nos homens? É grande a importância da imaginação e da criatividade presente em muitos outros «campus» do indivíduo e reconhecido hoje como essencial

- pela generosidade “desinteressada”: “prazer de dar e de dar prazer”⁶¹ “São inumeros os actos de philantropia praticados pelo Cons^o Cerqueira...”⁶², “...benemerito no paiz e benemerito fora d’elle...”⁶³
 - No Brasil, lembra-se da sua terra (lavadouro público, candelabros de St.^a Luzia, teatro Sá de Miranda)
 - Na sua terra, lembra-se do Brasil (verbas para o Gabinete Português de Leitura e instituições de assistência)
- pelo sentido de ética pouco vulgar num mundo de negócios fáceis (“O Cerqueira... é daquelles que ahi conheci o que mais garantias me dá...”)⁶⁴ “...só quem alli tem vivido e alli tem interesses estabelecidos, pode bem julgar das vantagens de conservar n’aquelle meio de tanta emulação pelo trabalho e pelas riquezas...”⁶⁴
- pelo sadio espírito de associação - “...procurando manter entre os portugueses o tradicional espírito de associação, dando os mais nobres exemplos de desinteresse e patriotismo dispendendo não pequenas sommas no interesse commum...”⁶⁵
- pela forma como viveu o dilema Portugal/Brasil na viragem do século (escravatura, *Ultimatum* inglês, monopólio dos tabacos).

“Tais são singela e resumidamen^{te} os elevados dotes de character e os serviços prestados com abnegação e desinteresse pelo Cons^o Cerqueira aos dous paizes irmãos: Brazil e Portugal aos quaes tem vinculado todos os primores e louçanias de seu esclarecido espirito e da sua grande actividade...”⁶⁶

O que terá contribuído para gerar uma tão forte personalidade?

⁶¹ In M^a Emília B. C. Sena de VASCONCELOS - “Um garotito de Viana”, art.^o cit.^o, p.121.

⁶² In Doc. 70 do *Fundo de D. M^a Emília B. C. Sena de Vasconcelos* referente à Família Belfort Cerqueira. (Anexo 16)

⁶³ Ibidem, Doc.71(Anexo 17)

⁶⁴ Ibidem, Doc.71

⁶⁵ Ibidem, Doc.71

⁶⁶ Ibidem, Doc.70

Atrevemo-nos, mais uma vez, a arriscar:

- a pertença a uma “raça de boa gente, teve elle mesmo a mais doce e a mais amorável das mães, o que é um dos mais fecundos elementos.”⁶⁷
- a “Grande Escola da Vida” que lhe terá proporcionado e onde soube colher:

vastidão/variedade de horizontes,

preocupações humanitárias, intelectuais e culturais

mobilidade social

- a amizade e o valor humano do seu 1º e único patrão
- o casamento com uma “senhora invulgarmente bem educada”

Poderemos aproximar Joaquim José Cerqueira do TIPO IDEAL tal como nos é apresentado por Peter Burke e Paul de Bruyne⁶⁸

“Alliando todas estas qualidades de homem de negocios, de patriota e de cidadão, o nosso biographado tem pelo incessante estudo a que se dedica nas horas disponiveis dos seus labores commerciaes, enriquecido o seu espirito com um precioso peculio de conhecimentos illustração que o tornam **intellectualmente fallando**, um dos vultos mais proeminentes da actual colonia portuguesa no Rio de Janeiro. ...merecendo ultimamente^{amente} do governo portuguez a distincção de ser agraciado com o titulo de Conselheiro...

“Na personalidade do Consº Cerqueira concorrem ainda qualidades apreciabilissimas que, apesar da sua natural e especial reserva, ...referimo-nos ao seu inexcedivel amor e dedicacção pela sua familia.” “...ninguem mais do que elle **sabe amar** e querer os entes que nos são charos ao coração ou aos quaes estamos ligados por laços de sangue, d’amisade ou d’afeição intima.”⁶⁹

⁶⁷ In Carta já transcrita de R. ORTIGÃO que nos remete, afinal, para o processo de produção antroponómica tal como nos é apresentado por D. BERTAUX, op.cit., pp 43-58.

⁶⁸ Cf. op.s cit.s, respectivamente, “*Sociologia e História*” pp. 31-38; Paul de BRUYNE [et al.] *Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais*, F. Alves Editora, 5ª Ed., Rio de Janeiro, 1991, pp. 180-182 e 230: “constelação de conexões causais”, “Todo o tipo ideal é uma organização de relações inteligíveis próprias ou a um conjunto histórico ou a um encadeamento de acontecimentos”, desenhado com a intenção de levar ao extremo cada um dos traços concretos para produzir uma representação sobre-real, um conceito hiper-concreto, uma “utopia concreta”, “uma ficção idealizante”...

⁶⁹ In doc. 71 do *Fundo de D. M.ª Emília...*

Sigamos então o seu rasto na geração dos filhos...

PROSOPOGRAFIA

(Elaborada a partir do manuscrito *Antes que a memória se apague*- op.cit. - pp 10/14)

Nome	Nasc.	Elementos biograficos
Augusta	Brasil	Casa com JOSE VICENTE DA SILVA SENA - segue biografia
Teresa	Brasil	Aluna do pianista Rey Colaço e amiga íntima da filha M ^a Amélia. Casa, em Viana, com Álvaro de Pinho e Campos. Teve um só filho que nasceu morto.
M ^a Joaquina	Brasil	Morre menina com a febre amarela.
Joaquim	Brasil	Muito inteligente e culto, morre aos 20 anos com tuberculose óssea. Estadia na Suíça numa tentativa de cura.. Coleccionava a revista "Je sais tout" e discos de música clássica. Despertava a admiração de todos. (Cf. notícia póstuma in <i>Aurora do Lima</i> nº 8269 de 11/6/1911)
Sílvio	Brasil	Formado em Engenharia na Suíça. Casa com Noémia, filha de João R. de Moraes, um "Brasileiro" de Ponte de Lima onde construiu a "Villa Moraes", actual Fundação Erasmus Têm cinco filhos. Teve uma "curta incursão" pela política; foi deputado pela U.N. e Governador Civil de Évora
Manuel	Viana	"...o oposto do irmão. Mau estudante, estroina, namorador, a "ovelha negra" da digna família Belfort Cerqueira. Foi "imposto", de castigo para o Brasil, recomendado aos ex-sócios do pai. Casa cedo, com uma mulher muito inteligente, Firmina M. Real, que consegue fazer dele um "homem de bem". Nunca tiveram filhos. Já viúva, acolhe e apoia no Rio de Janeiro sobrinhos-netos "refugiados políticos" no post 25 Abril de 1974
M ^a Gabriela	Viana	"Viúva" mesmo antes de se casar pois o noivo, irmão mais novo da cunhada Noémia Moraes, morre com a pneumónica. Mantém animação cultural (arte/música) na sua elegante vida de sociedade, em Lisboa

Curioso observar que, de forma indirecta, o percurso de José Joaquim Cerqueira continua nos dois filhos que lhe sobrevivem:

Um, o Sílvio, valoriza-se sob o ponto de vista intelectual acompanhado de um trajecto, ainda que breve, pela política.

O outro, Manuel, parecia votado ao insucesso na sociedade de bem-estar em que nasceu; no entanto, na “luta pela vida” valoriza-se pelo trabalho, consegue ultrapassar obstáculos, mesmo longe dos seus, e afirmar-se através de um casamento inteligente. Não têm filhos mas é nesta “ovelha negra” da família, com um comportamento aparentemente «disfuncional», que na 2.^a metade do séc.XX, na década de 70, se reatam relações familiares luso-brasileiras quase históricas pela conjuntura em que se processaram.⁷⁰

E as figuras femininas?

Marquemos o compasso de uma geração, de duas gerações até que a trajectória histórica lhes proporcione oportunidades para uma realização mais evidente e global...

⁷⁰ Cf. M.^a Teresa VASCONCELOS in *Antes que a memória se apague*, op.cit., p.13: “...Ali casou, novíssimo com a Tia Firmina, da família Monteiro Real. Muito inteligente e equilibrada, ela conseguiu fazer dele um bom marido (contra todas as expectativas) e um homem de bem, se não uma pessoa de acção e expediente. Sempre viveu no Rio de Janeiro, na Urca, na simpática casa da família Real. Ali morreu assim como, anos depois a Tia Firmina. Julgo que seria grande ingratidão não dizer que a Tia Firmina, já então com muita idade, e a sua impagável irmã Abigail, ainda mais velha, quando a Luisa* e o Zeca** foram para o Rio de Janeiro naquele período caótico do post 25 de Abril, foram para eles grandes e incomparáveis amigas.”

*Economista e actualmente Directora da Zona Norte da Caixa Geral de Depósitos.

** Hoje médico, licenciado pela Universidade de Teresópolis e Director de Serviços no Hospital de Stº António; colaborador activo de Organizações Humanitárias através de comissões de serviço voluntário: em Moçambique (Nov. 1996), de onde é natural.

Cf. José Augusto SEABRA em “Dos arquivos do silêncio aos da memória” in *Público* de 9/3/1998: “Pudemos assistir à sessão de lançamento dos dois últimos números da revista «Memória» e ouvir alguns dos antigos prisioneiros falar do que era, por exemplo, o «inferno de Pitesti», com a característica especial de serem os comunistas a dirigir antigos torcionários fascistas (...) Os que de qualquer deles foram cúmplices preferiam, sem dúvida, os arquivos do silêncio aos da memória. Mas estes são inexoráveis.”



O Capitão José Sena ao lado do Infante D. Afonso, "O Arreda"

CAPITÃO JOSÉ SENNA

Um difícil percurso de coerência

"Estas notas, escriptas de memória em Janeiro de 1931, são apenas destinadas às minhas filhas para que conheçam alguns incidentes da minha carreira militar e da minha vida na côrte."

José Senna

Antes de começar a tecer o fio narrativo da vida aventureira do Capitão Senna, um significativo paradigma da viragem do século e da transição tumultuosa da Monarquia para a República, pensamos ser oportuno salientar que privilegiar-se-à, nesta narração, não só os contactos com a África e o Oriente (no âmbito do tema deste Mestrado) mas ainda o Regicídio, pois todos os elementos apresentados poderão ser contributos importantes para um capítulo da nossa História que, volvidos 90 anos, permanece ainda cheio de interrogações e de sombras...

Destacamos, porque indispensável a uma futura perspectiva crítica, a introdução das “Memórias” que, a partir de agora, se tornam públicas:¹

“Estas notas, escriptas de memoria em Janeiro de 1931, são apenas destinadas às minhas filhas para que conheçam alguns incidentes da minha carreira militar e da minha vida na côrte.

José Senna”

Até que ponto a “memória” de um homem de 61 anos poderá ser um “espelho fiel” dos acontecimentos narrados?

Qual a importância do “filtro afectivo” em relatos por vezes emocionantes?

Será esse olhar ainda próximo um obstáculo a uma análise objectiva dos acontecimentos?

*Adolphe Thiers*² sugeriu que o momento ideal para escrever a história é talvez aquele em que os protagonistas, libertos da acção e das paixões que os animaram, conservam ainda a memória dos acontecimentos em que intervieram.

Mais próximo de nós, *Alçada Baptista*³ aconselha-o entre os 45 e os 55 anos...

¹ Ver *Anexo I*

² Citado. por Jean LACOUTURE, op. cit., p.318.

³ In *A Pesca à linha - Algumas Memórias*, op. cit., p. 9

JOSÉ SENNA
CRONOLOGIA

1870	Nasce em Elvas a 11 de Maio
1880	Exame de instrução primária em Portalegre.
1881	Entra no Real Colégio Militar.
1886	Termina-o como 1.º sargento graduado, assentando praça em Infantaria 4.
1887/8	Entra na Academia Politécnica do Porto
1888	É transferido para Lanceiros 1.
1890	Conclui o curso preparatório na Academia Politécnica. Actividade político-literária: colaboração no jornal “O Rebate” com Antero Quental; participa em manifestações e na “Liga Patriótica do Norte”.
1891	Frequenta a Escola do Exército, onde em
1892	Conclui, como 2.º tenente, o curso de artilharia.
1893	Destacado em Penafiel.
1894/5	Estadia em Angola, já como 1.º tenente, para onde se desloca a bordo do vapor “S.Tomé”.
1895/6	Na Índia sob o comando do Infante D. Afonso, entretanto nomeado Vice-rei.
1896	Passeio pela Europa. Na Corte, como Ajudante de Campo do Inf. D. Afonso.
1897/1900	Procura, em vão, escusar-se do serviço do Infante.
1900	Eclipse do sol na Serra da Estrela.
1901.03.	Em Nice e Mónaco (Montecarlo)
1903	Em Paris (15 dias). Em Londres (com Eduardo VII, Marquês de Soveral, Sr. Ritz, Lord Landsdowne/Ministro dos N.Estrangeiros). De novo em Paris (4 dias; com Buonapartes), Aix-rallye (com Rothschild), Genève, Madrid (com Afonso XIII e Rainha Cristina).

1903/4	Em Lisboa, com a “fina-flor” das cortes europeias e o rei Chulalongkorn. Acumula várias funções militares com as de Ajudante de Campo do Infante.
1904	Recebe a Ordem de Avis em Setembro.
1905	Itália, c/rainha Margarida e respectiva Corte; no regresso, de novo em Paris.
1906	Porto - Palácio das Carrancas, acompanhando o Infante (nomeado inspector dos corpos de artilharia montada)
1907	Em Madrid, no baptizado do Príncipe das Astúrias. Com o Rei e o Infante nas Pedras Salgadas e Buçaco. Intrigas políticas.
1908	Regicídio. Acompanha durante três dias a Rainha D.Maria Pia. O Infante oferece-lhe uma pistola do rei D. Carlos.
1909	Casa com Augusta de Belfort Cerqueira, depois de receber autorização do rei D. Manuel.
1910	Relato pormenorizado do 5 de Outubro. Referência ao banquete dado dois dias antes pelo Presidente Hermes da Fonseca, do Brasil.
1910/15	Tenta “passar à reserva”.
1911	Controla “Levantamento de Rancho” na Trafaria.
1912	No Forte de S. Julião da Barra, como ajudante do Comandante. Orienta cursos de telemetristas de costa para sargentos.
1912	Morte da sua Mãe.
	Nasce a 1.ª filha, Maria Emília.
1914	Nasce a 2.ª filha, Maria Teresa
	Publicação do <i>Curso de Telemetristas de Artilharia de Costa - lições teóricas</i>
1914 /18	No Regimento de Artilharia - Trafaria: defesa da costa
1918/...	Cargo administrativo na Sociedade Portuguesa de Máquinas e Electricidade.
1931	Escreve as suas “Memórias”.
1944	Morre com 74 anos.

I - As origens

Castelo de Vide.

Terra de fronteira na dualidade histórica peninsular, marco decisivo numa dualidade ainda mais ampla, a etnoreligiosa...

Confortamos um pensamento em arrepio, intimamente felizes e tranquilos por viver uma era de diáspora e não de êxodo, de conciliação e não de perseguição... Com a diferença de umas décadas no tempo, de umas centenas de km.s no espaço, brumas ou névoas nas nossas origens eram... estigmas fatais!

1866 - Emília Filomena da Silva Fonseca⁴ casa com João Vicente Senna.

Fixam residência em Elvas, numa grande casa, na Rua da Cadeia, edifício do antigo Hotel Alentejo, agora reduzido a uma pastelaria e a um café.

“A família Senna era uma família de agricultores ricos do Alentejo, da região de Elvas. (...) Como disse, o meu avô era rico. Mas tendo ficado por fiador de um amigo que, não sei em que circunstâncias, faliu e desapareceu, a sua honestidade fê-lo assumir todas as responsabilidades, perdendo assim tudo quanto tinha. E como nesse tempo e numa terra de província, viver mal onde se tinha vivido bem era quase uma vergonha, veio morar com a família num andar muito modesto da R. do Salitre, em Lisboa, onde não eram conhecidos. E, depois, moraram na Trav.^a de S. Sebastião, à Escola Politécnica. (...)”⁵

⁴ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Apontamentos manuscritos em 1991* op.cit., p.1-2: “...O Dr. Bonifácio António da Silva, era pessoa muito conhecida e estimada no pequeno meio de Elvas. Foi médico, creio, e proprietário de recursos, nos arredores (...). Teve vários filhos - que procurou educar o melhor possível, na época. Duas das filhas foram educadas no Colégio das Albertas, de Lisboa (hoje o Museu de Arte Antiga) - «muito bem frequentado», - das quais a Emília Filomena (morena, baixinha, esperta) viria a ser a minha avó. Outra, Henriqueta, foi para o Colégio des Oiseaux, de Paris, onde seguidamente decidi professor. E para a acompanhar nessa hora solene daqui se deslocou toda a família em «embaladora» viatura por 185.... pelas estradas e albergues de Espanha e de França, até Paris!... Esta pequena por lá ficou, lá foi professora e lá morreu. **A Emília Filomena apaixonou-se depois em Elvas por um comerciante(?) modesto, oriundo de Castelo de Vide, João Vicente de Senna. Com ele casou, não sei se muito a gosto da família, mas sem «drama» (1866) e com ele viveu, seguidamente, no melhor «entendimento»...** “...Tinha mais três irmãs o meu avô Senna. Uma irmã Dionízia, freira em Borba (...). E um irmão frade, José. E outra irmã de que nada sei. O avô Senna teve também um irmão, João Celestino, cónego da Sé de Elvas depois de viúvo. Assim, casou um dos próprios filhos, deu os últimos sacramentos a uma filha, etc...”

⁵ Cf. M.^a Teresa B. C. Sena de VASCONCELOS in *Antes que a Memória se apague*. (v. Anexo 2)

Desde já, uma contradição: João Vicente da Silva Sena, “comerciante modesto” segundo uma das netas; “de uma família de agricultores ricos” segundo outra. Podemos esclarecer, através de entrevista à neta M^a Teresa em 24/1/98, que é possível que num passado mais recente ele fosse comerciante (quando se fixa em Lisboa?) mas considera indiscutível que tradicionalmente a sua família era de grandes agricultores.

João Vicente ficou sempre «na penumbra» das memórias orais e escritas deixando embora um profundo “lastro” de integridade e de discrição. Por sua vez, Emília Filomena é ainda hoje uma referência: “Apesar de tudo isto, o meu Pai contava que a sua Mãe, a minha avó Emília (que eu já não conheci), repetia frequentemente a propósito de uma ou outra coisa: «Pobretes mas alegretes!». Entendo que isto só por si mostra uma grande força de ânimo(...)”⁶

Na longínqua infância dos irmãos Senna adivinhamos dois espaços, dois tempos subitamente divididos por uma fronteira dura: numa primeira fase, uma meninice livre, leve e despreocupada em Elvas; numa segunda fase, uma juventude difícil, um crescer “tolhido” por dificuldades financeiras e pela tacanhez de um humilde andar em Lisboa...

Com a deslocação para Lisboa, esta família que poderíamos fazer corresponder à “família quadro do sector privado” na tipologia de *Daniel Bertaux*,⁷ escapava hábil, discreta e dignamente à tensão e à pressão de uma “norma social” ultraexigente e imposta como obrigação, vulgo “noblesse oblige”! Pode, no entanto, para todos os efeitos concluir-se que embora e, atendendo à época, esta família tivesse um forte substrato sociocultural, o seu nível de vida económico foi sempre bastante inferior, como o revela a sequência da documentação

“...Os Sena moravam agora na Trav.^a de S. Sebastião (n.º 3 - 1.º, à Praça das Flores). Ignoro por que razão se transferiu para lá a família e a criada (renda menor? proximidade do liceu do tio Camilo?). Tinham algumas relações amigas (...) mas raramente iam ao teatro. E ao serão a minha avó e a tia Emília entretinham-se sobretudo com os trabalhos de agulha, com as «prendas das mãos» (...) Neste apartamento morreram enfim os meus avós em 1909 e 1912 - a que os filhos deram simples mas digno jazigo no cemitério dos Prazeres .

E morreu, em 1918, a tia Emília...”⁸

⁶ Cf. M^a Teresa B. C. Sena de VASCONCELOS in *Antes que a Memória se apague*, op. cit., pp.2-3

⁷ In *Destinos pessoais e estruturas de classe*, op. cit., capº 3: “Produção antropológica e Famílias de classe”, p. 107-108.

⁸ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Apontamentos...1991*, art.º cit., p.5

II - Os irmãos

João Vicente Senna e Emília Filomena têm cinco filhos, sucessivamente João Carlos, Emília da Assunção, José Vicente, Maria Vicência e Camilo Amândio, cuja microbiografia se encontra registada no quadro seguinte:

João Carlos	n. 1867 † 18.6.1932 (65 anos)	• Estudante brilhante da Univ. de Coimbra • Médico em Niza - Alentejo - onde se tornou uma figura carismática (ver pp seguintes)
Emília da Assunção	n. 1868 † 1918 (50 anos)	“...minha madrinha ficou solteira destino quase infalível nessa altura de uma rapariga que não era bonita e não tinha dote. Morreu já não muito nova com a «pneumónica»”
José Vicente	n. 11.5.1870 † 7.9.1944 (74 anos)	• Oficial de Artilharia • Ajudante de Campo do Infante D. Afonso. • Segue a biografia
Maria Vicência	n. 1869 † 1873	Morreu menina.
Camilo Amândio	n. 29.12.1880 † 10.9.1968 (88 anos)	• Oficial de Artilharia. • Prof. de Balística na Escola Militar • Publicou “Marinha de guerra portuguesa...” • Concede uma entrevista a um jornal norueguês em 1931.

Poderemos desenhar, nesta geração de irmãos, uma trajetória “intelectual”?

Caso afirmativo, em que “campus” se processa a respectiva emergência? No campo científico? No humanístico? No político? No militar?

É o que se pretende evidenciar no quadro que apresentamos: não já na 1.^a metade de oitocentos, mas na 2.^a metade podemos incluir os três irmãos Senna num extenso grupo de

“intelectuais ignorados”.⁹ Se *Maria de Lourdes Costa Lima dos Santos* sentiu, ao estudá-los, uma natural empatia, que diremos nós da emoção com que trazemos à luz toda uma rica história confinada até agora à sombra dos textos manuscritos e aos limites de uma memória oral?!...

Será possível introduzir esta família na tipologia proposta pela autora acima referida na obra *“Intelectuais Portugueses na 1.ª metade de oitocentos”*¹⁰ ?

Considerando a tipologia concebida a partir de duas variáveis (formação escolar/profissão dos pais) e tripartida em:

Família de tipo I - situação desfavorecida para qualquer das formas de capital consideradas;

Família de tipo II - situação desfavorecida em termos de capital económico mas com certas disponibilidades de capital cultural e social;

Família de tipo III - situação favorecida para qualquer das formas de capital consideradas;

entendemos que aquela em que, grosso modo, podemos enquadrar a família Senna será a do tipo II correspondente “na maior parte dos casos a uma fase de movimento descendente nas trajectórias de famílias que anteriormente se aproximavam do tipo III...”¹¹

Também no que diz respeito à **formação**, predominantemente técnico-científica¹², será esta a “categoria” familiar mais aproximada.

Este diferencial entre “capital económico” e “capital cultural” determinou destinos singulares: João Carlos, formado em medicina com altas classificações, declina o convite para uma carreira universitária e de investigação - que o atraía mas pouco compensadora financeiramente - para de imediato entrar no activo e proporcionar a ajuda indispensável à família que, entretanto, mergulhara em plena crise... mas, presume-se, acompanhara os seus

⁹ cf. M^a de Lourdes C. Lima dos SANTOS in Prefácio de *Os Intelectuais Portugueses na 1.ª metade de oitocentos*, op. cit.

¹⁰ Op. cit., pp. 37-50..

¹¹ Ibidem, p. 40: “... Por vezes a perda ou abandono de bens (...) aparece também como um dos factores responsáveis pelas alterações de sentido negativo que afectaram as trajectórias sociais de algumas famílias, agravadas ainda quando havia um número elevado de filhos...” “Neste tipo II, os pais embora não raro fossem proprietários rurais, faziam geralmente vida urbana... Ocupavam, por vezes, cargos médios... Em muitos casos desempenharam o papel de primeiros mestres dos filhos...”

últimos sucessos com pesado sacrifício económico animado por orgulhosa e secreta devoção: imaginemos a ternura prazenteira com que, à distância, Emília Filomena, bordava a «consagração» do filho mais velho na sua pasta de fim de curso¹³:

“...Aquele descalabro financeiro (...) levou-o a aceitar o «partido» de médico rural, tipo João Semana, em Nisa, uma vilória do Alentejo. Aí exerceu, dando mais do que cobrando aos seus doentes, segundo diziam. Viveu sem nunca se casar, numa modéstia quase monástica ...”¹⁴

Indiscutivelmente, João Carlos da Silva Senna despertou a gratidão e a veneração não só dos seus familiares mais próximos como da comunidade que “serviu” de corpo e alma ao longo de mais de 40 anos. **Reconheceram-lhe dotes humanitários e de médico mas ter-lhe-ão reconhecido o valor intelectual?** Analisemos os testemunhos do seu tempo nos periódicos regionais que lamentam a sua morte (*Anexo 22*):

“Brados do Alentejo”, de 19 de Junho de 1932:

“Dr. Carlos da Silva Sena

Morreu o Dr. Sena! Foi esta a notícia que às primeiras horas da manhã de ontem, abruptamente foi anunciada pelo dobrar plangente dos campanários locais (...) Durante os 43 anos em que o sábio facultativo espargiu sobre Niza as luzes da sua fulgurante inteligência... a sua vida foi sempre a mesma: - a vida dum sacrificado à sua própria idiosincracia, num isolamento de asceta que só tinha entusiasmos para os júbilos do pensamento, para conquistas da ciência e para os deslumbramentos da arte. (...) E, no entanto, este homem cuja diminuta estatura física contrastava singularmente com a sua proeminência intelectual (...)”

¹² Ibidem, pp. 69-86.

¹³ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Apontamentos manuscritos...1991*, art.ºcit. pp. “... O filho mais velho, João Carlos, ponde (sic) formar-se em Medicina, em Coimbra (ainda possui uma foto sua com a «pasta de fim do curso» maravilhosamente bordada pela mãe e igualmente na minha mão) (...) e, graças aos dotes patenteados, logo foi convidado por um estudioso lente para seu assistente num laboratório de pesquisas. O que ele adorava. E era muito honroso mas...pouco rentável! Então, sabendo do transe que os seus atravessavam, em Elvas, disso desistiu e, para os ajudar imediatamente um pouco (...) De onde não mais saiu, exercendo o seu lugar com requintes de santo, - não os esqueceram os periódicos locais, ao anunciarem a sua morte (Junho de 1932) (...) Só veio de fuga a Lisboa quando da morte da Mãe, em 1912, pouco antes de eu nascer. Não conheceu estas duas únicas sobrinhas - e nunca as esquecia, no entanto nos nossos anos recebíamos sempre um pequeno mas bom presente encomendado ao *Cartier* de Paris (...)”

¹⁴ Cf. M.^a Teresa B. C. Sena de VASCONCELOS in *Antes que a Memória se apague*, op. cit., pp.3-4: “...O móvel mais confortável da sua casa era, diziam, uma poltrona de verga. Mas, paradoxalmente, manda ir de Lisboa as suas camisas e gravatas, do «Pita», então a melhor casa de vestuário de homem. E presenteava as suas sobrinhas com objetos de prata (...) encomendados do *Cartier* da Place de Vendôme de Paris ou da ourivesaria Reis, do Porto, a melhor da época...”

“Districto de Portalegre”, de 26 de Junho de 1932

“Dr. Silva Sena

Faleceu em 13 do corrente mês, o sr. Dr. João Carlos da Silva Sena, que, ao deixar em 1891 a Universidade de Coimbra de que foi aluno muito distinto, tendo merecido alguns «accessits», foi nomeado facultativo municipal de Nisa, tendo exercido também, durante muitos anos, o lugar de subdelegado de saúde do concelho. Dando sempre as melhores provas da sua competência e zelo. (...)

Exerceu durante muitos anos o lugar de juiz substituto da comarca com uma tal proficiência, critério e justiça, que mereceu o elogio de muitos advogados (...) e muito especialmente dos magistrados dos tribunais superiores (...) Muito versado em assuntos científicos, literários e históricos e dotado de um espírito de verdadeiro artista, mostrou sempre nos seus discursos, em linguagem correcta e elegante, uma erudição invulgar. (...) O seu funeral (...) foi muito concorrido... nele se encorporaram todas as pessoas categorizadas de Nisa e outras povoações... a filarmónica... as crianças das escolas, diversas associações e muito povo, vertendo-se algumas lágrimas que significavam muita gratidão e sentimento. (...) Aos seus estremecidos irmãos, os srs. Capitão José Vicente da Silva Sena, antigo ajudante de campo de D. Afonso, e coronel Camilo da Silva Sena, digno inspector da arma de artilharia, e professor da Escola de Guerra, os nossos sentidos pezames. “

“A Voz Portalegrense”, de 26 de Junho de 1932:

Obituário (...) Era um dos mais abalisados membros da classe médica e bastante erudito, tendo por vezes exercido o lugar de juiz substituto que desempenhou sempre com elevada proficiência, rectidão e justiça...”

“A Rabeca”, Portalegre, 26 de Junho de 1932:

Dr. João Carlos da Silva Sena

Prematuramente se extinguiu este brilhante espírito de que a Terra Alentejana se honra por ter visto nascer.

A sua personalidade *sui generis* bem mereceria ser conhecida e memorada, não só para aproveitamento dos exemplos que dele emanassem como pelo interesse analítico que oferecia a sua psicologia - mixto de simpleza e complexidade, paradoxo indecifrável para as almas rudes e inteligências acanhadas, mas compensadoramente foco de luz e gerador de virtudes para as almas sensíveis e espíritos clarividentes.... Não torceu - morreu! Tão raros tais homens no presente século! (...) O seu espírito de artista, cultivado com requinte, fazia acrescer ao académico, o encanto de faculdades dissertadoras que uma profunda erudição quase sublimava. (...) Além disso, a história, a geografia, a sociologia, o latim, o grego, etc., tiveram também nele um fervoroso cultor. (...) “

Passados 66 anos, é com entusiasmo redobrado que recuperamos de papéis amarelados a “memória” de **João Carlos da Silva Sena**,¹⁵ cuja polivalência foi reconhecida por um amplo consenso, e avivamos um rasto que não mais se apagará...

¹⁵ Dando um “salto” no espaço e no tempo, a Niza aparece-nos ainda associado um fortuito encontro na Tailândia, Bangucoque, em Junho de 1992: “...Entretanto, este fim-de-semana houve um seminário na Universidade de Thammasat sobre o Encontro de Civilizações Portugal/Tailândia, com uma exposição inaugurada pelo embaixador. Assim, na 6.ª feira foi o dia dedicado às conferências. Infelizmente a maior parte delas foi em tailandês, de maneira que eu não percebi nada. Houve uma em inglês feita por uma Teresa Sena, de Macau, que veio cá fazê-la. Perguntei-lhe donde vinha o «Sena» dela e disse-me que a família do pai dela era de Niza, perto de Elvas. Não seremos primas afastadíssimas, Mãe?” excerto de uma carta de *Joana Sena de Vasconcelos*. Quem diria e no outro lado do mundo... ?! Para já, uma coincidência curiosa a provocar uma investigação na primeira oportunidade...

Camilo da Silva Sena é o último dos irmãos. Nasce com um acentuado intervalo (cerca de 11 anos) da irmã mais nova que, entretanto, tinha morrido. A sua infância decorre numa fase de desequilíbrio financeiro da família pelo que já frequenta o liceu em Lisboa.

“...de tudo o que na vida o interessou ele se ocupou «a fundo»: em miúdo só pensava em ingressar na marinha, só desenhava barcos, mas nas provas de admissão, perante lápis de côr, chamou verdes aos vermelhos, e assim, e... foi recusado como daltónico! Entrou então para a Escola Militar e foi, durante 3 ou 4 períodos (ninguém queria substituí-lo...) um grande professor de balística. (Entretanto escreveu o livro «A Marinha de Guerra Portuguesa»¹⁶). Concebeu uma modernização do desactualizado material do nosso exército logo festejada e aceite: e que presentes ótimos lhe enviaram então os representantes, no país, das fábricas estrangeiras (...) mas tudo devolvia. Queria escolher livremente essas fábricas. Optou, creio, pela Vickers, no Reino Unido, e pela Bofors, no norte da Suécia - onde passou, por vezes uns meses, com outros oficiais... que a falta de luz e sol neurastenisava, à menor gripe! Mal [sic... Mas?] ele suportou-os bem. (...)”¹⁷

O projecto dessa renovação entusiasmou a Noruega que comprou esse estudo ao governo português. Camilo Sena, individualmente, nada lucrou com isso: pelo contrário, teve que comprar de uma só vez todas as insígnias das condecorações até então recebidas para se poder apresentar condignamente nas recepções para que foi convidado pelo governo norueguês. No *Anexo 23* apresentamos uma entrevista (de que se conseguiu uma tradução¹⁸) concedida em 1931 a um jornal desse país que o consulta sobre uma possível união ibérica (“a questão ibérica” ainda).

No regresso da guerra e das viagens, preenche o “vazio” da morte dos pais e irmã, apoiando e acolhendo a família do seu «impedido» que, pouco a pouco, também vai desaparecendo.

Nessa altura, a sobrinha e afilhada - Maria Teresa - arranja-lhe uma governanta de muita confiança e com uma certa cultura que amima e anima a sua velhice: compreende, favorece e apoia os seus anseios culturais, de que também faziam parte contactos frequentes

¹⁶ Não o livro mas viemos a descobrir um extenso artigo de 72 pp no volume encadernado de 1926 da *Revista Militar*, inserido em duas separatas e com aviso de «*Continua*» (p.587)...

¹⁷ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Apontamentos...1991*, art.º cit., pp 5-7.

¹⁸ Deve-se ao Eng^o Kim Rosenbom, dinamarquês radicado em Portugal. O nosso agradecimento.

com a Sociedade de Geografia, onde, enquanto a saúde lho permitiu, ia jantar pelo menos uma vez por semana.

“Agora na reforma, ele tornara-se um grande estudioso do romanico e do gótico em Portugal (...) interessado (ou indignado, por vezes) com a obra dos Monumentos Nacionais, comprou um carro e pediu à D. Joaquina para tirar a carta. Depois, tanto ia visitar o restauro da Sé de Silves como o que se fazia em Bravães. Muito bem informado pela recuperação da Sé lisboeta pelo próprio (e culto) sacristão do templo, zangava-se, não raro: (...) Morreu o tio Camilo aos 88 anos. Na véspera ainda calmamente me disse: - Sabes, é certo que estou em muito boa idade de abalar, - mas olha que ainda me entretinha bem aqui, com as minhas manias e a D. Joaquina a olhar pelo resto...”¹⁹

Donde se conclui que, tal como muitos dos “Intelectuais de oitocentos”, o **Coronel Camilo da Silva Sena** no decorrer da sua longa carreira e dos trabalhos de investigação efectuados, recebeu mais honras de consagração no estrangeiro que no agitado, redutor e “mesquinho” Portugal dessa época. E, exactamente como o seu irmão mais velho João Carlos, revela-se até ao fim da sua longa vida (88 anos!), sedento de coerência e de rituais mas desprendido da sede de prestígio e de bens:

“Quando a minha irmã enviuvou, no Porto, muito nova... e com 7 filhos pequenos, levei-lhe uma carta do tio Camilo. Ela tomou-a e disse-me: - Olha, sabes o que vou ler aqui? - tudo o que é meu é vosso... - E era exactamente o que lá vinha. E no entanto, vivia do seu soldo. E do supérfluo dos meus avós, em Elvas, restavam-lhe ao todo algumas boas travessas de Cantão e alguns antigos santos e alfaias da remota capela. No Banco, parcas economias...”²⁰

¹⁹ Cf. M^a Teresa B. C. Sena de VASCONCELOS in *Antes que a Memória se apague*, op. cit., pp. 5-6: “O Tio Camilo, meu padrinho (...) Foi um grande, grande amigo. Sempre pronto a ajudar, a colaborar (...) quando era preciso, estava ali. Sinto-me feliz e dou graças a Deus por ter podido contribuir para que tivesse uma grande alegria no fim da sua vida (...) O tio Camilo embora crente estava afastado de praticar a religião porque o seu espírito científico não conseguia aceitar um certo número de coisas até muito tarde consideradas quase como dogmas. E por coerência para consigo próprio não praticava. Vendo-o muito pior telefonei ao prior e disse apenas que se pensava voltar a visitar aquele paroquiano era a altura. Ele veio. Devia ser inteligente e compreensivo. Conversaram muito tempo e quando saiu disse que voltava no dia seguinte com os últimos sacramentos. Nessa manhã a impaciência do tio Camilo era tal que voltei a telefonar pedindo que se apressasse. E depois de tudo, o tio Camilo disse-me: «-Vai comprar champagne...» E como eu quase não percebia, explicou: «- Todos os grandes dias da minha vida foram festejados com champagne, o dia do meu baptizado, quando me formei. E hoje é um grande dia!» Morreu dois dias depois.”

²⁰ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Apontamentos... 1991*, art.º cit., p. 7.

III - Juventude

José Vicente da Silva Senna, nasce em Elvas, a 11 de Maio de 1870 e é o terceiro de 5 irmãos. "...Tendo feito exame de instrução primária em 1880 no lyceu de Portalegre, fui admittido no Real Collegio Militar em 1881, cujo curso terminei em 1886, sendo promovido a 1.º sargento graduado aspirante a official depois de assentar praça em infantaria 4. Dois annos depois fui transferido para lanceiros 1 e em 1890, e tendo concluído o curso preparatório na Academia Polytechnica do Porto, entrei para a Escola do Exército onde frequentei o curso de artilharia que terminei em 1892 sendo promovido a 2.º tenente em 31 de dezembro."²¹

Terá sido tudo fácil nessa longínqua infância? O estilo de vida, primeiro farto depois modesto, terá sido sempre temperado pela força de ânimo, doçura e sentido de humor de uma mãe cujo lema era "pobretes mas alegretes" ?!

"...A este internaram-no (como «filho de particular») no Colégio Militar de Lisboa; onde ele começou por sentir-se tão mal que escrevia sempre desesperado para casa, suplicando que dali o tirassem - (o que felizmente não fizeram, - acrescentava mais tarde, a rir)..."²²

Entre o Real Colégio Militar e a Escola do Exército, frequenta e conclui o curso preparatório na Academia Politécnica entre 1887 e 1890. Confirma-se, assim, a versão apresentada em *"Intelectuais Portugueses na primeira metade de oitocentos"* da ligação ao exército desta Academia, numa tentativa de afirmação de posição correspondente à Academia da Marinha de Lisboa.²³

Como irá José Senna viver esse período escaldante na história do Porto e da sua Academia?

²¹ Cf. José SENNA in *Livro de Memórias*, obra manuscrita em 1931, p. 99.

²² Cf. M.ª Emília Sena de VASCONCELOS in *Apontamentos... 1991*, op. cit., p.2

²³ Cf. Maria de Lourdes C. Lima dos SANTOS, op. cit., 2.ª parte, p. 91

“Como estudante, apenas brilhei nos dois primeiros annos da Polytechnica, obtendo um primeiro *accessit* em Chimica no primeiro, e classificação para premio em calculo, physica e analyse chimica no segundo. No terceiro anno, porque o recrutamento de officiaes para o corpo do Estado Maior a que desejava pertencer, passasse a ser feito de modo diverso, por um lado e o ter-me relacionado com diversas famílias do Porto cuja sociedade me distrahia bastante por outro, satisfiz apenas para ficar aprovado.”²⁴

Que “diversas famílias do Porto” serão essas “cuja sociedade” o distraiu e absorveu a ponto de apenas conseguir os níveis de passagem?

Está então no entusiasmo dos seus 20 anos e em plena fase de activismo politico que passa também por intensa actividade literária:

“Relendo as paginas que deixo escriptas, notei que não expliquei sufficientemente a minha reluctancia em acceitar o logar de official às ordens do Infante como vice-rei da Índia. Pertencendo à geração academica contemporanea do “ultimatum” inglês de 11 de janeiro de 1890, anno em que frequentava o 3.º anno da Academia Polytechnica do Porto, tomei parte activa nas manifestações que então se fizeram contra a Inglaterra, collaborei no jornal «O Rebate», órgão da academia do Porto, publicado por essa occasião, e accompanhei de perto a organização da Liga Patriótica do Norte, presidida por Anthero de Quental,²⁵ na qual foram incubados os germens do movimento revolucionario do 31 de janeiro do anno seguinte em que já frequentava a Escola do Exército. Era pois um *pé fresco*, quasi, e tanto assim que foi com desagrado que...”²⁶

“Como militar, durante o meu tempo de estudante, fiz sempre serviço durante as ferias grandes nos regimentos a que pertencia, passando grande parte das de 1890 no cordão sanitario que se estabelecera por causa de uma epidemia de cholera em Espanha. Tinha o quartel em Portalegre, mas todas as semanas percorria a fronteira n’aquella zona, visitando os diversos postos. No anno anterior fui com o meu esquadrão a Evora assistir à aclautoração [sic... acantonção?] de um soldado do mesmo, acto que me impressionou bastante.”²⁷

²⁴ Cf. José SENNA in *Livro de Memórias*, op. cit., pp. 99-100

²⁵ Consultando-se o catálogo n.º 38 da Biblioteca Nacional, *Anthero*, no capít.º 3 - “Índice dos Jornais com colaborações de Antero...” (p. 52-53), lá vem registado: “296 - REBATE. Porto. Colaborou no 1.º número deste jornal, em 1890”.

²⁶ Cf. José SENNA, op. supracit.^a, pp. 96-97

²⁷ Ibidem, p. 100

Na Biblioteca Municipal do Porto, encontraram-se e consultaram-se todos os exemplares d'*O Rebate*, jornal da Academia do Porto, do n.º 1 (publicado em 11 de Março de 1890) ao último, o n.º 31 (publicado em 19 de Abril do mesmo ano). De publicação diária, nasce como oposição ao “Ultimatum” e rapidamente se torna republicano:

cf. n.º de 30/3, p.3 - “«Panico» - Vai um pavor extrordinario pelas fileiras monarchicas. Os jornais de Lisboa, regeneradores e progressistas, chegados hontem à noite, tremem como varas verdes e balbuciam: - O... nos... so... dever... é... pois... estar... sempre... ao... lado... da... monarchia... Tenham vergonha, seus poltrões!”

cf n.º de 10/4, p. 2 - “«A Patria» e a Lei das Rolhas - Aos leitores que extranharem a falta do artigo do fundo do número de hoje, explicamos que nos achamos não governativa mas financeiramente coactos (...) “Bravo, collegas!/ Seremos todos por um e um por todos.” “À cadeia!/ Ao degredo!/ À revolução/ À republica!” “Ódio! Ódio! Ódio!” “VIVA A REPUBLICA!”

A sua publicação efémera prolonga-se apenas por um mês e uma semana, sendo rapidamente vítima da «2.ª Lei das Rolhas». O seu percurso é, pois, semelhante ao de muitos outros periódicos da época que não conseguem sobreviver devido a uma teimosa e persistente independência face aos poderes institucionais, à censura, à asfixia económica²⁸. É o caso d'*O Arauto* (n.º 1 a n.º 13, de 13/5/98 a 9/9/98; jornal político mas não partidário²⁹; d'*O Micróbio*, Semanário de Caricaturas (de 8 de Julho de 1894 a 9 de Maio de 1895).

Correram-se os *Rebates* de ponta a ponta e não se detectou em qualquer artigo uma referência ou a assinatura de José Senna. **Uma desilusão. Porquê?**

Efectivamente grande parte dos editais e das colunas de informação não são assinados nem nos aparece, sequer, uma personalidade responsável. **Repetimos: porquê?**

²⁸ Apela-se, por isso, com frequência, ao pagamento das assinaturas que n'*O Rebate* se faz “adiantado, gozando os senhores assignantes nos annuncios 25% de abatimento...”

²⁹ Cf. n.º 13, “Finis est” - “O Arauto cae mas limpo e sem ter na espinha o menor sintoma de baixeza... O público mal comprehende a existência de jornais honrados e breve os abate...”

Quem se esconde por trás desta “voz eloquente, mas... uma voz sincera ainda nos seus impetos de paixão.”³⁰ Viemos a encontrar a resposta mais tarde³¹ quando transcreve, gostosamente, a opinião de um outro colega, *O Jornal da Manhã*:

«O “Rebate” e os seus colegas»: “Appareceu este anciosamente esperado jornal da Academia do Porto, que se apresenta vivo, quente, sem preguihos, nem considerações convencionaes e atrophiantes, alegre e animoso, sentindo-se brilhar em todo o seu contexto uma alvorada bellicosa «entrainante». (...) «É isto o que *O Rebate* significa. É esta attitude combatente da mocidade academica o que ele symbolisa.» Segundo consta, o “*Rebate*” é collaborado por academicos dos mais classificados do Porto, alguns dos quaes já conhecidos no jornalismo por produções litterarias; e é dirigido por um distincto jornalista portuense, não há muito sahido da escola medica. Saudamos sinceramente o novo collega.”

É a emergência da verdade e está pois justificado por que é que José Senna arrebatou prémios nos 1.º e 2.ºs anos e se ficou pelo mínimo do 3.º !...

Curioso constatar como *O Rebate* é cioso do **anonimato dos seus colaboradores**³² De facto, só nos aparecem assinados poemas relativamente inofensivos na rubrica *Esmaltes*, sendo os mais atrevidos inseridos em *Gazetilha* e assinados sob um pseudónimo. A título quase excepcional e de forma ostensiva e provocatória, o artigo *Bragança, o último* assinado por *António J. Almeida*³³, acompanhado de esclarecedora introdução. Também nos últimos números, bem no centro da 2.ª página, é destacado e assinado

³⁰ In “Ao que vimos”, primeira página d’*O Rebate*, *Jornal da Academia do Porto*, n.º 1.

³¹ In 3.ª página do n.º 4, de 14/3/1890.

³² Cf. resposta à insinuação d’*O Jornal da Manhã*: “Agradecemos as amaveis palavras que o collega nos dirige. Quanto ao que diz acerca de ser *O Rebate* dirigido por um distincto jornalista portuense, não há muito sahido da Escola Medica, informaremos o collega de que o nosso jornal é única e exclusivamente dirigido por academicos, embora o jornalista a que se refere esteja para os estudantes do Porto como Fialho de Almeida para os estudantes de Lisboa.”

³³ Cf. quase toda a primeira página do n.º de 27 de Março de 1890: “Damos hoje o nosso lugar de honra ao valente e energico artigo que o nosso collega António J. de Almeida publicou no 1.º número do *Ultimatum*, o jornal dos academicos de Coimbra. O jornal teve a honra de ser processado por causa d’esse artigo que desagradou à canalhada que em Belem e no Terreiro do Paço, nos expolia, nos atraiçoa e nos rouba descaradaemente em proveito da *tia ingleza*. O sr. António J.d’Almeida tem, pois, as columnas do Rebate à sua inteira disposição. Segue o artigo. (...) «(...) Entendo pois que o melhor será (...) metel-o numa das gaiolas

por *Guerra Junqueiro* escrito em Viana do Castelo com data de 8 de Abril de 1890. *O caçador Simão (a Fialho de Almeida)*, celebrando a futura agonia do rei:³⁴

<i>"Jaz el-rei entrevado e moribundo Na fortaleza lóbrega e silente... Corta a mudez sinistra o mar profundo.. Chora a rainha desgrenhadamente. Papagaio real, diz-me, quem passa? ... É o príncipe Simão que vae à caça.</i>	<i>Os sinos dobram pelo rei finado... Morte tremenda, pavoroso horror!... Sae das almas atonitas um brado, Um brado immenso d'amargura e dor... Papagaio real, diz-me quem passa? ...É el-rei D. Simão que vae à caça..."</i>
---	---

Este poema profético, volta-nos a aparecer³⁵ mas reduzido apenas ao mote final que se repete cinco vezes entre o pontilhado que acusa a censura e... a agonia do jornal, acompanhado duma **"notícia fúnebre"** sobre a *Lei das Rolhas* que *Principia hoje a vigorar* assim como de uma pequena e breve notícia

S. M. El-Rei no Porto, "e a expensas... exclusivamente suas, como se lê nos Debates... Vamo-nos pois preparar para uma manifestação de estrondo. Haverá bombas, dynamite, bichinhas, tracs e toda a pyrotechnia do estylo. Quando decidirem S. M. a viajar no estrangeiro, será à custa da nação?"

O último número, de sábado - 12 de Abril de 1890 - tem a toda a primeira página a **"notícia funebre"** deste jornal (*Anexo 24*):

† R.L.P. O Diário do Governo de 7 de Abril de 1890 tem o pezar de annunciar aos seus amigos e freguezes a morte da Ex.ma Sr^a D. Liberdade em todo o paiz, hontem 11 de Abril de 1890. / Pede desculpa de cumprimentos.

Resta acrescentar que, ao longo da breve existência d'*O Rebate*, foi abundante o noticiário sobre a "Liga Patriótica do Norte" e as manifestações populares e estudantis.

centraes do Jardim Zoologico, fazer-lhe lá uma cama de palha e deixal-o ficar meio tranquillo e muito descansado..."

³⁴ Cf. Oliveira MARTINS in *D. Carlos I e os «Vencidos da Vida*, Parceria Ant.^o Maria Pereira, 2.^a Ed., Lisboa 1942, pp. 133-134, referindo-se aos remorsos e ao fim de vida modesto e triste de Guerra Junqueiro: "E assim deixou de existir o último dos «Vencidos da Vida», ligado perenemente à memória do Rei, pela fatalidade dum destino cruel entretecido pelas próprias mãos. Guerra Junqueiro ao incitar o povo à caçada ao «caçador Simão» (Simão era o último sobrenome do Rei D. Carlos), conduzira, pelos umbrais do martírio, à imortalidade das glórias Pátrias. D. Carlos II!"

³⁵ In 2.^a p. do penúltimo número, de 11 de Abril (*Anexo 24*).

Todo o anonimato e quase clandestinidade dos colaboradores deste periódico ressaltam como uma evidência justificável pela situação de crise político-social a que podemos associar a aguda e pertinente irreverência estudantil³⁶.

O Rebate chega, pois, ao seu fim.

A Liga Patriótica do Norte termina pouco depois.

A 31 de Janeiro de 1891 morre, ainda que provisoriamente, a esperança republicana.

A 11 de Setembro desse ano, Antero de Quental põe fim à sua vida e aos seus sonhos.

E José Senna, onde pára?

“...O meu pai terminou os seus estudos e foi pois logo colocado numa pequena guarnição da Província. Mas pretendendo, por sua vez, colaborar na ajuda à família (...), pediu pouco depois para seguir antes para o Ultramar, onde se combatia (de resto também a acção quadrava melhor com o seu feitio que o entorpecimento provinciano). Em Angola viveu então cerca de dois anos com momentos duros, mas não detestou esse ambiente.”³⁷

“Entorpecimento provinciano” ou inquietação ideológica em busca de equilíbrio interior?

Ou, ainda, desejo de evasão face à agitação e frustração colectivas que se sentiam a nível nacional?!

Auto-exilava-se?³⁸

³⁶ Esta ilacção viu-se confirmada na comunicação de Conceição Meireles PEREIRA, “Jornais, editores e tipografias do Porto na 2.ª metade do séc. XIX”, apresentada no Colóquio *A Indústria Portuguesa em perspectiva Histórica* (Auditório do Palácio da Bolsa, 4 e 5 de Dezembro de 1997); a Lei de Imprensa de 1890 foi referida no contexto de reforço do sistema monárquico, desencadeando uma multiplicidade simultânea de responsáveis (editor/autor/proprietário) perante o crime de “abuso de liberdade de imprensa”, prevenindo também uma “postura maliciosa” quando não se denunciavam uns aos outros; é “filha directa da ditadura de 1890” esta “2.ª Lei das Rollhas”, cf. Bento Carqueja (a 1.ª fora em 1850), dificultando a divulgação da ideologia republicana ao perseguir os jornais.

³⁷ Cf. M.ª Emília Sena de VASCONCELOS in *Apointamentos...1991*, op. cit., p. 3.

³⁸ Cf. M.ª de Lourdes C. Lima dos SANTOS in op. cit., p. 10: “Lentes, estudantes, ministros, militares, académicos... a fugirem do Reino sem poder fazer por ele e pela pátria o que os novos tempos já pediam...”

IV - África: uma “peregrinação” gratificante

Angola, (23/6/1894 a 15/3/1895)

José Senna tem 24 anos. É promovido a primeiro tenente para poder comandar a secção de “Artilharia de Montanha” (a cavalo), anexa à Companhia de Dragões do planalto de Moçâmedes, numa missão de soberania portuguesa no sul de Angola, ameaçada pela crescente imigração “boer”. Todos os elementos destas duas formações eram voluntários.

Esta missão insere-se, afinal, na sequência de um esforço recente de 30 anos. Conforme *Maria Emília Madeira Santos*³⁹ “À semelhança do resto da Europa, Portugal conheceu um período de certo alheamento em relação ao mundo ultramarino. Se exceptuarmos o Brasil (...), verificamos que em Portugal os problemas coloniais ocupavam um plano secundário (...) Com Sá da Bandeira, a opção africana impôs-se no Governo (1836-65) (...) “A partir de 1876, com a criação da Sociedade de Geografia, e de 1877, com as primeiras grandes expedições ao interior da África Austral, é uma “corrida contra o tempo”, acelerada em 1883 pelo ministério de Manuel Pinheiro Chagas para tentar garantir, quase desesperadamente, o “domínio português em África.”

Portugal era “um parceiro bastante incómodo” mas os nossos territórios “mantinham-se presa fácil quando as grandes potências europeias, num movimento geral, aderiram à ideologia colonialista (1876) e pouco depois acabaram na corrida a África”⁴⁰: 1876-1885 é pois o tempo das grandes expedições científicas, militares e da luta pela preponderância económica, cultural e política do mundo extra-europeu com um novo competidor: a Bélgica. 1890 e o desastre do «mapa cor-de-rosa» ainda estão frescos na memória e no coração dos Portugueses que se sentem humilhados e atraídos.

“Os Boérs estavam a chegar ao limite sul desse imenso «domínio» sem fronteiras terrestres. Também a ocupação das costas quer de Angola quer de Moçambique, tinha pontos vulneráveis. Os Ingleses rondavam. (...) Ataques marítimos na foz do rio Zaire, em Lourenço Marques e no Sul de Angola pretendiam diminuir a extensão do litoral e a respectiva zona de interior. Havia que delimitar outras zonas de influência política (...)”⁴¹

³⁹ “Comércio e exploração da África nos séculos XVIII e XIX”, in *Atlas de Portugal*. Ed. Selecções do Reader's Digest. 1988, pp 86 - 88

⁴⁰ Ibidem. pp 86 - 87

⁴¹ Ibidem. p. 86

ROTEIRO CRONOLÓGICO DESTA EXPEDIÇÃO ^(a)

Data	Locais	Acontecimentos/ Episódios de referência	Livro de Memórias, página:
23.Jun.1894	Lisboa	Largada no vapor “S.Thomé”.	2
		Escalas em: Santiago (C.V.) e S. Tomé	2
	Cabinda	Almoço na residência do governador do distrito, Cap. Tenente Nuno Querial	2
	Ambriz		
	Luanda	Jantar no palácio do Governador Geral. Cap. de Fragata Álvaro Ferreira	2
	Novo Redondo		
	Benguela	Almoço com governador do distrito, Cap. Tenente Montenegro	3
de comboio para	Catumbela	Jantar e passagem da noite numa fazenda. Assistem a uma “rebita” (baile indígena) *	3
24.Jul.1894	Moçâmedes	Permanência de quase um mês aproveitada para treinar o gado, recém-chegado no navio de guerra “Índia” para a travessia do deserto	3
26.Ag.1894		Partida para o Planalto - do litoral à serra de Chela:nos contrafortes, acampamento junto da fazenda de um idoso e carismático caçador de leões. *	3 - 4
31.Ag.1894	Lubango	Chegada ao quartel	4
Nov.1894		Perseguição de uma quadrilha de salteadores *	4 - 5
27.Nv.1894	Catumba	“Baptismo de Fogo”: perde 2 homens. Insubordinação na Companhia dos Dragões.*	5 - 6 - 7
Dez.1894 (finais)	Humpata	Despedida comovente.* Jantar em casa do Major Artur de Paiva ⁴² , notável africanista.	7 - 8

⁴² Também referido por M.^a Emília Madeira SANTOS no art.º supracit.º, p.88: Em 1884 realizam-se três grandes expedições e completando-as “no planalto de Moçâmedes, as missões católicas renovaram a sua acção.

Dez.1894		Caminhada de regresso a cavalo só com o impedido (durante 3 jornadas). 1ª noite - Capangombe(?) sede de concelho - contacto com pitoresco capitão de cavalaria indígena *; 2ª noite - Pedra Grande, no meio do deserto ao ar livre (Grande Areal)	8 - 9
26.Jan.1894	Moçâmedes	16 dias à espera de transporte. Muito bem acolhido pelo Capitão Victor Cordon, director de obras públicas. Joga polo diariamente com ele e com o Capitão de Mar-e-Guerra Rio de Carvalho, comandante da estação naval de Angola e Cap. de Fragata Botto comandante do navio-chefe «Bartholomeu Dias».	9
		Regresso no mesmo S. Thomé. Os mesmos pontos de escala. Viagem bastante tormentosa desde Cabo Verde. Espera-o possível missão em Macau (intenção do Ministro da Marinha e Colónias Neves Ferreira).	11 9 - 10
15Mar1895	Lisboa ⁴³	São e salvo.	11

(a): Todos os elementos indispensáveis à elaboração deste roteiro foram recolhidos no “Livro de Memórias”, pp 2 - 11 .

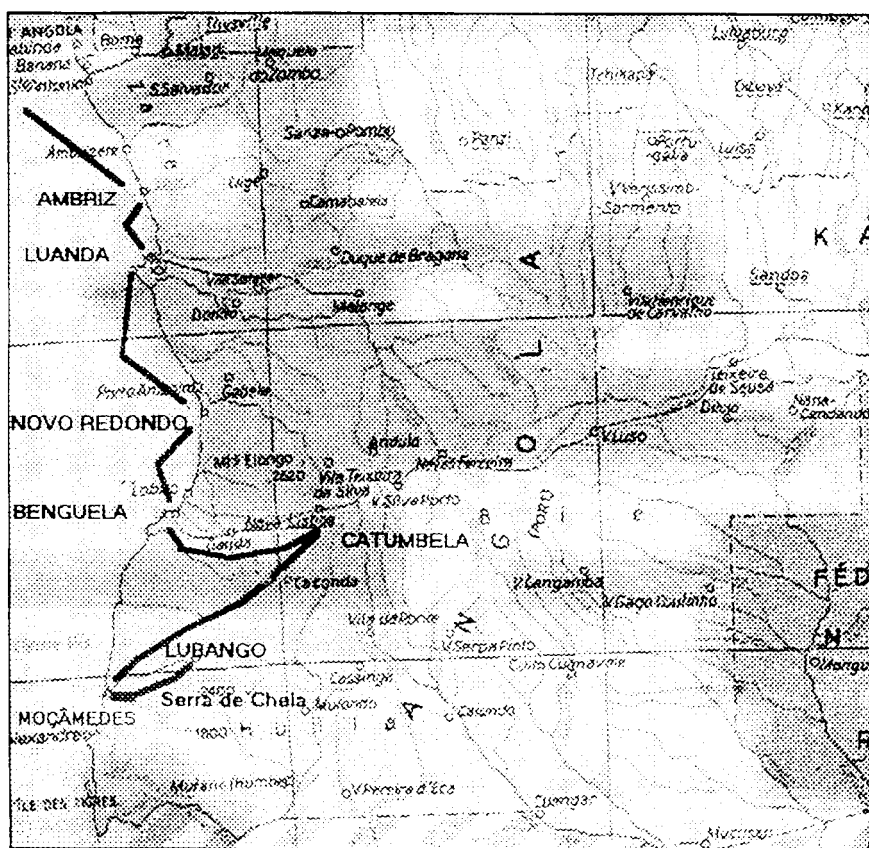
* Episódios que julgamos de particular interesse e que, por isso, serão transcritos na íntegra:

Passados quase 40 anos, no filme que percorre mentalmente através de uma África por desvendar, plena de fascínio e de imprevisto, que episódios focaliza o Capitão Senna, onde se prende o seu olhar intenso e a sua emoção?

Catumbela, a volúpia insinuante das noites tropicais num baile indígena :
“...depois do qual tomámos o comboio para Catumbella onde jantamos e passamos a noite n’uma importante fazenda, assistindo a uma rebita (baile indígena) em que as mulheres se apresentaram vestidas com ricos pannos e adornadas com vistosos brincos, collares e braceletes de ouro...”

As bacias do Caculuar e do Cunene, assim como as suas populações, seriam estudadas pelos frades missionários. Pouco depois *Artur de Paiva* explorava o Cubango.”

⁴³ Também referido no *Correio da Manhã* n.º 3241, 16/3/1895. 1.ª p. - “Echos da Havaneza”: “Dois passageiros chegados hontem d’África a bordo do S. Thomé. e que se hospedavam no Hotel Malta (...) deram pela falta de um alfinete de subido valor real e estimativo...”



Planalto de Moçâmedes, a travessia escaldante, poeirenta, árida do deserto desembocando na subida íngreme da **serra de Chela**; nos **contrafortes**: uma primeira aragem fresca e um encontro, mágico, com um caçador carismático - "...através do verdadeiro deserto, que vai do littoral à serra de Chella, e parte, n'esta, vencendo uma altitude superior a 900 m. por uma estrada com rampas de tal declive que, por vezes, tivemos de içar, quasi, as viaturas, embora ligeiras, que nos acompanhavam. N'uma das etapes, já nos primeiros contrafortes da serra, bivacamos junto de uma fazenda perttencente a um afamado caçador de leões, conhecido em toda a África do sul, o portuguez *Nestor José da Costa*, já de bastante idade, o qual confiando pouco na firmeza da pontaria e para fugir à tentação de atirar às feras de longe, limava os pontos de mira das suas espingardas. Caçava, avançando a cavallo, para ellas provocando-lhes o salto e atirando n'essa ocasião, o que já o collocara n'algumas críticas e lhe custara alguns ferimentos serios."

Catumba, o calafrio do "baptismo de fogo", a dor triturante das primeiras "baixas" a par de uma íntima satisfação pelo dever cumprido: - "N'uma incursão que a companhia fez para perseguir uma quadrilha de salteadores, a qual durou 14 dias, tive a

satisfação de ouvir referências lisongeiros sobre o modo porque se conduziu a força do meu commando, quer nas marchas durante as quaes não faltaram incidentes, como o da passagem de um rio a vau e o de passarmos mais de 24 horas quasi em jejum, quer n'um tiroteio que sustentou em um sítio denominado Catumba, em 27 de Novembro, e em que tive o desgosto de perder dois dos meus soldados, o 7 e o 13, o primeiro attingido por um zagalote no alto da testa, que lhe produziu morte instantânea, e o segundo com um tiro no peito de que veio a fallecer já no nosso quartel. Ambos cahiram junto de mim, a menos de 2 m. de distância, na mesma linha em que me encontrava com o capitão Gaivão, commandante dos dragões. e onde eramos, naturalmente, os mais alvejados. A maneira como os nossos se portaram n'este baptismo do fogo, avançando intrepidamente, sob uma nutrida fuzilaria, para o reducto dos salteadores, depois de com dois tiros de peça ter aberto uma brecha na forte paliçada que o defendia, foi admirada por vários boers que presencaram o ataque, chegando um d'elles a dizer-me que *os brancos em Affrica eram muito poucos para se exporem assim!* “

Na Companhia dos Dragões, um desafio diferente: firmeza e serenidade decisivas no ultrapassar do esgotamento colectivo: “Outro incidente notavel foi uma insubordinação de parte da companhia dos dragões, depois do toque do recolher, estando eu de inspecção ao quartel, por ter mandado encerrar n'um palheiro alguns soldados que se haviam apresentado em completo estado de embriaguez. Apenas ouvi vozearia na caserna, corri para lá acompanhado apenas pelo sargento do dia, conseguindo dominar os insubordinados e mette-los na forma. N'um dado momento, ouvindo ruído na parada, vim à porta da caserna e vi que os meus soldados, julgando-me em perigo se haviam armado tal como estavam deitados, quase todos apenas em camisa, e corriam em meu auxílio. Tive de lhes ordenar, pedir, mesmo, para se recolherem immediatamente, a fim de evitar um conflicto gravissimo entre as duas unidades. Este incidente, apesar de terem sido severamente castigados os homens apontados como cabeças de motim, não attrahiu sobre mim a antipathia dos dragões, julgo até que me deu um certo prestígio entre elles por, no apuramento das responsabilidades ter posto de parte quaesquer sentimentos pessoaes e influencias estranhas, procurando ser apenas justo, sem deixar de ser quanto possível benevolente...”

Humpata, uma despedida comovente: quebram-se, também dolorosamente, laços profundos gerados no perigo e no risco - “...e assim quando, cerca de mez e meio depois, parti para Mossamedes a fim de embarcar para a Europa, tive o prazer de me ver acompanhado até

à Humpata, 1.º etape do meu regresso, por todos os officiaes, incluindo o capitão Gaivão, muitos sargentos, cabos e soldados e até pela charanga que pedira licença para ir tocar durante o meu ultimo jantar no planalto, em casa do Major Arthur de Paiva, notavel africanista. As despedidas que fizemos constituiram uma das primeiras grandes commoções da minha vida militar. Antes d'esta, apenas encontro fundamente gravada no meu espirito a morte dos meus dois soldados na escaramuça da Catumba.”

Capangombe, impacto de uma “inculturação ao vivo” num pitoresco capitão de cavalaria - “Passei a primeira noite em Capangombe”, na séde do concelho cujo chefe (um capitão de cavallaria, de côr, mas habilitado com o curso de sua arma) surprehendi a tratar de uma plantação de milho, trajando como qualquer preto, isto é, de tanga! Apenas me viu ao longe, fugiu e foi fardar-se para me receber o que fez com a maior correcção, constatando durante as horas que passamos juntos que era bastante illustrado e conhecedor da tactica de cavallaria e mesmo da das outras armas...”⁴⁴

**O “Preço da Verdade”: Quanto mais popularidade junto dos inferiores, mais
desconfiança junto dos superiores⁴⁵**

“...Durante a minha estada em Angola fui sempre muito feliz, merecendo a consideração de todos os officiaes e da população boer com cujas familias mais cathegorisadas cheguei mesmo a ter muito boas relações.”⁴⁶

“... A minha demora em Africa foi tão curta por me haver pertencido a promoção a 1.º tenente no exército da metropole e ser intenção do ministro da marinha e das colonias *Neves Ferreira* mandar-me assumir o commando da bateria de artilharia de Macau que se havia insubordinado mezes antes e cuja disciplina ficára bastante abalada. Tendo porem sido substituido, quando eu já vinha em viagem, o seu successor, pretextando a necessidade de fazer economias, mandou-me apresentar no ministerio da guerra, parecendo-me, porem, que esta resolução do ministro teria sido um tanto influenciada pelo director geral das colonias o qual, tendo-me recebido do modo mais agradável, não gostou da opinião que lhe expus, a seu

⁴⁴ Cf. comentario de M.^a Emília Madeira SANTOS in “Silva Porto e os caminhos de África”. artº citº, p. 88: “A adaptação à África, o respeito das regras, o aproveitamento das experiências, a simpatia pela terra, haviam sido a solução para uma coexistência prolongada. (...)”

⁴⁵ Cf. José SENNA, *Livro de Memórias* já citado, p. 84

⁴⁶ *Ibidem*, p. 4.

pedido, à cerca do estado em que se encontravam os centros da colonização europeia que, por sua iniciativa, creio, haviam sido estabelecidos no planalto, em consequência do pessimo recrutamento do pessoal dos ultimos, principalmente, constituído na sua quasi totalidade por gente da peor moral de que as auctoridades da ilha da Madeira se desfizeram. Foi este também o parecer do chefe da repartição militar do Ultramar que me fôra apresentar ao diretor geral, por indicação d'este, e assistiu à conversa. Quasi um anno depois, teve grande vulgarização nos meios coloniaes um interessante e desenvolvido trabalho sobre a colonização de Angola, publicado por um distincto medico do ultramar, o *dr. Nascimento*, que corroborava inteiramente a minha opinião sobre tal assumpto.”⁴⁷

E, ao folhearmos o *Correio da Manhã*⁴⁸, sob o título *A partida dos navios para África* noticiando a partida de cerca de 300 vadios para o Ultramar, aparece-nos o seguinte comentário: “Quanto aos vadios achamos excelente que se limpe a capital de tais elementos de desordem e de desmoralização...” mas é importante que “... tudo disponhamos para que não vamos presentear as colónias com uns ruins elementos que lhe vão contrariar o desenvolvimento... A maior parte dos colonos são mais ou menos uns vadios, sem as condições devidas para poderem trabalhar e ser úteis no Ultramar (...) Isto francamente não é colonizar...”!!!

Não, também não fora em África que José Senna encontrara a paz de espírito sempre fugidia desde a sua juventude... “No largo dominio colonial português, estendido de Cabo Verde a Timor, numas vastidões de impérios (sic), também se acentuava a crise da metrópole, sobretudo em matéria de ocupação. (...)”⁴⁹

⁴⁷ Ibidem, pp 9-11.

⁴⁸ Cf. n.º 3407, de 3/10/1895, 2.ª p.

⁴⁹ Cf. Rocha MARTINS in *D. Carlos, História do seu Reinado*, edição do autor, Oficinas do ABC, 1926, cap.º VII, p. 72.

V - Índia: Vinculado, a contragosto, ao Infante D. Afonso

No regresso, nova adaptação à mudança num descanso forçado: a sua família assentara já definitivamente em Lisboa na rua do Salitre - em frente ao palacete de Joaquim José Cerqueira - e aí se restabeleceu de uma perna partida numa queda de cavalo.

Finda a convalescença, nova viagem se anuncia: com pouco mais de 25 anos, o tenente Senna parte rumo ao Oriente não para Macau como projectara mas para a Índia e em companhia do... Infante D. Afonso!!!⁵⁰

“... Em 21 de outubro de 1895 embarquei para a Índia no vapor «Zaire» por me ter oferecido para commandar a secção de artilharia de montanha que fazia parte do corpo expedicionário que, sob o commando do Infante D. Afonso, para alli seguiu a fim de suffocar uma insubordinação militar complicada com uma revolta dos mahrattas. A minha secção, destacada de uma das duas baterias que estavam sendo organisadas para accudir às necessidades das sucessivas expedições que estavam sendo mandadas para Moçambique, era constituída por homens que desconheciam esta especialidade de arma, transferidos dos regimentos de campanha, peccando a maior parte por não terem limpa a respectiva folha do registo disciplinar.”⁵¹

“... Era pois um *pé fresco*, quasi, e tanto assim que foi com desgosto que, quando já vinha de Penafiel com a minha secção de artilharia de montanha, ao chegar a Campanhã, tive conhecimento de que o Infante fôra nomeado commandante da expedição, por não sympathizar muito com elle, e só por brio militar não acceitei, ao chegar a Lisboa, a proposta

⁵⁰ In *Apontamentos...* 1991, art.º, cit., p. 3 “...Quando regressou, moravam os pais na capital, vindos do Alentejo já há tempos, mesmo por causa dos estudos do tio Camilo (os colégios saíam muito caros!), num 1.º andar de prédio azulejado (ainda existente em 1990...), precisamente fronteiro, na rua do Salitre, ao palacete ocupado já pela grande família do conselheiro José Joaquim Cerqueira. Com a filha mais velha deste viria meu pai a casar em 1910: mas, de momento, em nada o interessava. E olhar os vizinhos era mera distração enquanto esperava, estendido na saleta dos pais, que soldasse uma perna, partida antes, ao descer de um cavalo... Sem mais. Assim que se curou (...), pediu para seguir para a Índia, com as tropas agora enviadas a dominar a revolta dos Ranes. E para lá partiu, no «Zaire», com a ingénua artilharia a transportar em mulinhas... Com ele partiam destacamentos da Infantaria 3, de Viana do Castelo, de Cavalaria 3, de Penafiel, - e o próprio Infante D. Afonso, irmão do rei D.Carlos, a quem em Gôa seria entregue o bastão de vice-rei. Ao saber de tal presença a bordo o meu pai ainda pensou em retardar a sua própria ida, pois antipatizava com ele. Mas já era tarde...”

⁵¹ *Livro de Memórias*, op. cit., pp. 11-12

de troca que me fez o então tenente de artilharia Francisco de Serpa, official que privava muito com este membro da Família Real e que mais tarde foi meu collega no seu serviço.”

A bordo do «Zaire», porem, a minha má disposição foi-se modificando em consequencia da maneira como elle convivia com todos os officiaes e pelo apoio que me deu quando castiguei, apenas ligeiramente, os meus soldados que se insubordinaram com o alferes de cavallaria que considerei como provocador do motim pelos modos grosseiros com que os tratava e palavrões que lhes dirigira por um motivo futil. Reccordo-me de que, enfiando o seu braço no meu, passeamos bastante tempo no convés, conversando no assumpto e concordando com o meu procedimento que não agradára aos officiaes de cavallaria. Comecei assim a sympathisar com o homem e essa sympathia foi-se accentuando dia a dia, mas mantendo o propósito de não me deixar captivar a ponto de alienar a minha independencia em matéria politica...”⁵²

Lá longe, a Índia, parecia em pé-de-guerra. Porquê?

Qual a origem de agitação tão grande e perigo tão eminente?

Justificar-se-à a deslocação urgente do irmão do Rei, em cima das exéquias do próprio pai - o Rei D. Luís - que vai a enterrar mesmo na véspera da partida da expedição, conforme registos colhidos na primeira página do *Correio da Manhã*⁵³

Foi ainda neste periódico que a par e passo acompanhou esta expedição - ou não participasse nela um elemento da família real - e através de uma pesquisa exhaustiva, que descobrimos as razões de tal situação de alarme. Efectivamente, na sua 1.^a página e, pelo menos, desde os princípios de Outubro de 1895⁵⁴ publica diariamente notícias sobre *A Revolta na Índia* ou *A Questão da Índia*, ou *A expedição à Índia* o que se prolonga por todo o 1896 e, como iremos ver, até por 1897.

⁵² Ibidem, pp. 97 - 98

⁵³ Cf. *Correio da Manhã* n.º 3422, de 20/10/1895 (Anexo 25) “**As Exéquias na Sé** (...) Às 11 horas em ponto chegaram sua magestade a rainha D. Maria Pia e o sr. Infante D. Affonso, acompanhado pelos dignatarios de serviço. A augusta viúva de el-rei D. Luiz I trajava de lucto rigoroso, com a banda de Santa Isabel. Pouco depois chegou sua magestade a rainha regente. (...)” “**Secção Colonial - A expedição à Índia:** Parte amanhã para a Índia a força expedicionaria, commandada por Sua Alteza, o sr. Infante D. Affonso. O effectivo da expedição abrange: 1 tenente-coronel, 1 major, 3 ajudantes de campo, 1 ajudante, 1 cirurgião-ajudante (...), 2 tenentes de infantaria, 1 de cavallaria e 1 **primeiro tenente de artilharia**, 4 alferes de infantaria e 1 de cavallaria(...) Total: 22 officiaes, 567 praças de pret.”

⁵⁴ Cf., por ex., dias 4, 6, 9, 10, 11, 12, 15...

Nesse mesmo n.º 3422, nas duas primeiras colunas da 1.ª página, sob o título «**A situação em Gôa**», adivinham-se alguns dos motivos: choque de poder entre Ranes, Marathas e as autoridades portuguesas pela deslocação forçada de companhias indígenas para guarnições de Moçambique e Timor. Recuando nos *Correio da Manhã* e no tempo⁵⁵, vamos descobrindo as razões mais profundas e até uma compreensível solidariedade com a causa dos Marathas. Em resumo, o nosso governo encontra-se a braços com um pesado domínio colonial: em Moçambique sucedem-se as campanhas de Mouzinho de Albuquerque contra Gugunhana, a exigirem reforços: à distância, a solução mais simples é fazê-los deslocar da Índia, ali, tão próxima. Mais simples mas não a mais correcta. Para estes indígenas, há uma impossibilidade real imposta pelas suas tradições e costumes que os impede de se deslocarem para África - Moçambique, ou até para Timor, e daí a sua revolta.

Citando-se⁵⁶ a *Evolução* de Pangim pormenoriza-se: «(...) A reluctancia do hindú e do mouro em abandonar família é tanto mais justificada quanto é certo que muitos delles teem mulheres em idade pupilar, umas creanças que ficariam aqui sem amparo na carencia de pessoa idones a cujo cuidado podessem ser entregues; pois convém notar que a puberdade é para a mulher hindú um impedimento dirimente para contrahir nupcias. E qual é a sorte que espera essas infelizes quando, por fatalidade, aconteça que os seus maridos deixem a ossada em África? É vedado às viúvas hindús casar pela segunda vez, segundo os preceittos da sua religião, e n'estas circunstâncias, viúvas jovens, muitas dellas ainda virgens ou creanças, se vêem na necessidade de seguirem o caminho da prostituição, augmentando as phalanges d'essas desgraçadas que commerceiam com a própria carne. Acima de tudo isto, há uma circumstancia importante que não pode deixar de ter actuado no animo d'essa pobre gente: - **a pouca lisura e pontualidade com que, em tempos preteritos, teem sido cumpridas por parte do governo as promessas feitas ao pessoal alistado para servir em África.**»

⁵⁵ Cf. *Correio da Manhã* n.º 3419, de 17/10/1895, em 1.ª p. - "OS MARATHAS. Acabamos de vêr em dois dos nossos collegas de imprensa, dos melhores informados, que na Índia terminou a revolta dos marathas, tendo estes entregado as armas e sendo licenciados pelas auctoridades. *O Seculo* publicava mesmo um telegramma de Bombaim dizendo: BOMBAIM, 15.ás 17 e 30 m. - (...) Era facil de comprehender a razão desse movimento geral: a causa da reluctancia dos marathas tinha sido uma flagrante injustiça. Quer fosse por effeito da nova reforme das forças ultramarinas, quer não, a injustiça era egualmente sensível, razão porque nós nunca nos referimos à questão da Índia que não pedíssemos toda a energia, mas *toda a justiça*. Releiam-se os artigos que temos escripto sobre o assumpto. (...)»

⁵⁶ Cf. *Correio da Manhã* n.º 3420, de 18/10/1895, ocupando cerca de 2/3 da mancha gráfica da 1.ª página, em "A QUESTÃO DA INDIA"... E, nesta mesma página, logo a seguir, se anuncia uma "Notícia grave": «**Gôa, 16, t.** -As auctoridades estão alistando todos os homens válidos de 16 a 45 annos para defesa da cidade. Há insurgentes que não estão dispostos a ceder.»

Assistimos, assim, a um crescendo da revolta⁵⁷: “No quartel - (...) Até que, algum tanto serenado o tumulto, o commandante perguntou qual a causa da deplorável resolução. - **Não vamos para Moçambique - não vamos para a guerra** - responderam algumas vozes isoladas. (...)”⁵⁸

Aproximemos a razão de ser destes levantamentos, que em tempo oportuno até terão recebido o indulto, com o conteúdo da notícia inserida na 2.ª página do exemplar já referido:

A expedição à Índia: “Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso que, como temos ditto, vae commandar a expedição que na próxima segunda feira parte para a Índia (...) foi mandado abonar para além do soldo e a gratificação da sua patente mais o subidio diário de 5\$600 réis que por lei lhe compete. (...) O decreto organizando a expedição à Índia é do theor seguinte: Constando que uma parte da força de guarnição no estado da Índia, **esquecendo os seus deveres, se revoltou contra a auctoridade legalmente constituída ...**”

À partida, o *C. M. n.º 3423, de 22/10/1895*, informa que “A situação em Gôa” é crítica.⁵⁹ E, aos leitores atentos, logo em baixo e em letra mais reduzida, não escapa a actuação da *censura*.⁶⁰ Não é pois de admirar que esta tensão se reflectisse no ambiente dramático e quase de revolta que acompanhou “A partida da expedição” :

⁵⁷ Cf. *Correio da Manhã* n.º 3421, de 19/10/1895 - sábado - a par duma destacada notícia sobre «A situação em Lourenço Marques», mais uma vez em 1.ª página e com o título «A questão da Índia», citando a *Índia Portuguesa*, “um dos mais antigos e conceituados jornaes daquela província, os seguintes trechos: (...) Os maharatas mostram em regra summa repugnancia para se expatriarem porque em terras estranhas e mesmo nas viagens encontram sempre grandes contrariedades na sua hygiene e modos de vida que são, geralmente, subordinados à religião que professam. Não é de admirar, por isso, que sendo chammados à capital para embarcarem immediatamente para Moçambique, mostrassem certo desgosto, principalmente porque ninguém lhes dava explicações satisfatórias acerca dos seus vencimentos, etc. (...) Louvamos também a circumspecção e brandura com que o governo tem procurado terminar esse incidente.”

⁵⁸ Cf. citação de um outro jornal da capital (Pangim/Nova Goa), o *Vinte e um de setembro*.

⁵⁹ Cf. telegrama recebido: «NOVA GOA, 19 - Continuando roubos e extorsões, annullado o indulto. Suspendi garantias no território de Gôa. - Governador.»

⁶⁰ “No dia 13 último foi sustado em Lisboa pela censura telegraphica, o despacho seguinte dirigido de Bombaim à Agência Havas, por via de Londres. **Bombaim, 13, t.** - Os negócios de Gôa estão sérios: um destacamento que ia a Sanquelim (...) foi detido por uma força de 1.500 revoltosos; o destacamento foi cercado depois de renhido combate, sendo aprisionados os soldados, alguns dos quaes feridos; do destacamento só se conservaram fieis os soldados europeus; os indígenas recusaram obedecer às ordens do seu commandante. O governador envia canhões para a Aguada, e toma providencias para defender Pangim.”

“...Quando chegamos imprecações e as censuras contra o sr. Ministro da marinha. (...) alguns morras ao ministro ecoavam ainda no espaço entre os populares. Retiramo-nos contristados. Um punhado de bravos lá iam, corajosamente, alegres por cumprirem o seu dever, abandonando família, bem estar, alegrias, para remediar um gravíssimo erro. Valentes soldados! Esqueceremos todas as amarguras, para vos acompanhar com os melhores votos do nosso coração! Que Deus vos acompanhe! “

“A sahida do Zaire estava annunciada para as duas da tarde, mas às onze da manhã era já grande a concorrência do povo no largo do Pelourinho, rua do Arsenal e outras ruas(...) Ao meio dia e tres quartos chegou a brigada da artilheria de montanha, trazendo à frente a charanga da artilheria 1, que executava o hymno nacional. Os soldados marchavam alegres, mostrando-se excellentemente dispostos e muito animados. (...) Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e o sr. Infante D. Affonso entraram em carruagem descoberta, à 1.45 da tarde (...) Às duas horas precisas chegou a Rainha sr.^a D. Maria Amelia (...) começou o embarque das forças expedicionarias, que se fez em cerca de vinte minutos, ao som do hymno real(...) Quando já estavam a bordo todos os expedicionários, suas magestades as rainhas D. Amelia e D. Maria Pia abraçaram o sr. Infante D. Affonso, bastante emocionadas. (...)”

“Às 3 horas e 10 minutos o vapor começou a levantar ferro...”⁶¹

Na expedição à Índia, o filme que José Senna percorre mentalmente será acompanhado pelo registo do noticiário divulgado pelo *Correio da Manhã*: observaremos que nem sempre o texto condiz com a imagem e que muitas vezes o contraste é tal como o de um filme a preto e branco para um filme colorido.

⁶¹ In *Correio da Manhã*, n.º 3423, já referido, 1.ª p.

ROTEIRO CRONOLÓGICO COMPARADO

Data	Locais	Livro de Memórias Acontecimentos / Episódios de referência	Pág.	Correio da Manhã de
21.10.1895	Lisboa	Embarque no “Zaire” *	12	22/10/1895
11.1895	Pangim	Desembarque*		
1 semana depois	Rio Mandovy	Subida do rio		
28.11. 1895 1 mês	Satary	No forte de Nanuz *	13	29/11/1895 1 /12/1895 18/12/1895
Dezembro de 1895	Sanquellim	Razias violentas *: uma aventura na floresta	14/ 18	25/12/1895
Janeiro 1896(finais)	Lisboa	É festivamente acolhido o vapor Zaire que regressa com parte da guarnição		17.18 e 21/1/1896
	Pangim	O Inf. D. Afonso assume o cargo de vice-rei. José Senna é convidado para ajudante de campo.*	18/ 19	
	Pondá Sanguém	Batidas com resultados nulos .	19	
Meados de Abril	Bardez Pernem	Acompanhando o Infante e o típico Visconde de Pernem *	20	22/4/1896 ?
	Margão	Caminho de ferro de Mormugão	21	17/5/1896
	Pondá	Rituais religiosos e bailes	22	18/5/1896**
	de Mormugão a Pangim	c/ Alto Comissário Neves Ferreira ⁶² nomeado para o governo da Índia. Grande Baile de despedida e de recepção	22	27/5/1896 suspensão do C. M.
Fins de Maio 1896	Embarque para Portugal	Regresso no vapor “Ambaca” com escala em Bombaim, Aden e Port-Said	22/ 23	n.º 1 de “O C.M.” 18/6
20/6/1896	Lisboa	Chegada em apoteose.Homenagens ao Infante.		20,21 e 23/6
22/6/1896	Palácio da Ajuda	D. Maria Pia impõe a J. Senna as agulhetas de Ajudante de Campo do Infante	22/ 23	n.º 8, 27/6

* Episódios que julgamos de interesse transcrever quase na íntegra ou que é oportuno comparar com outras fontes escritas.

** Referem-se ainda atritos e conflitos entre o Correio da Manhã e o Correio da Noite sobre coisas da Índia (jogos de interesses ingleses?) - cf. 19/5/1896 “Cautella!”.

⁶² O antigo ministro da marinha e das colónias (ver IV - África. O preço da verdade...). Jogos de poder?!

Levantamento a bordo e respectivo “tratamento” disciplinar : “Dias depois de sairmos do Tejo, já no Mediterrâneo, insubordinaram-se com um alferes da força de cavallaria 3 que seguia no mesmo porão, mas facilmente os metti na ordem e pouco a pouco os fui disciplinando, occupando-os com a instrucção que me era possível ministrar-lhes a bordo, de modo que, no desembarque em Pangim, o aprumo com que se apresentaram impressionou de tal modo os assistentes que o governador geral, o capitão de mar e guerra Raphael de Andrade, me felicitou. Succedendo o mesmo quando, uma semana depois, seguimos para o interior em jangadas que subiram o Mandovy, pela rapidez com que embarquei homens, gado e material.”

Satary: “correrias sem resultados apreciáveis”? :”Bivacados durante cerca de um mez em Satary, junto do forte de Nanuz, onde se alojou o estado maior da expedição que fôra reforçado com algumas companhias do regimento de infantaria indígena e vários contingentes de cypaios, passou-se o tempo em correrias sem resultado apreciável porque os revoltosos facilmente se escoavam atravez das florestas para territorio inglês. Para taes correrias era frequentemente chamada a minha secção que actuava como infantaria, serventes e conductores armados de carabina, pela rapidez com que se aprestava.”

Eis a *versão oficial - via governador* - que encontramos: “India- Recebeu hontem o governo o seguinte telegramma de Gôa: « Ministro da Marinha. - Lisboa. Hontem 25 foi occupado sem resistencia o forte de Nanuz centro principal dos revoltosos. Senhor Infante, officiaes e soldados todos bem.Governador»”⁶³ “India - Chegaram hontem a Lisboa os seguintes telegrammas que completam as boas informações (...) «Pangim,30 - A S.M. El-Rei. Lisboa - Revolta militar extincta. Felicito (...) de V. Magestade, Sr. infante, officiaes e soldados todos bons. (a) Governador.»”⁶⁴

⁶³ *Correio da Manhã*: 29/11/1895, 1.^a p. E segue-se o comentário do periodista: “(...) Apesar do forte de Nanuz ser reputado o centro de acção dos revoltosos, a verdade é que como elemento de defeza não vale nada: podia servir para as primeiras resistencias mas a verdadeira guerra, a dar-se, seria como dissemos, uma guerra de guerrilhas nos alcantis inhospitos de Satary. (...)”

⁶⁴ *Correio da Manhã* de 1/12/1895, 1.^a p. «Pangim, 30.- Ministro da Marinha. - Revolta militar extincta; restam ranes dispersos Satary, que nossas forças exterminarão. Bom exito deve-se à attitude da expedição.(a) Governador.»”. De Lisboa acodem telegramas de felicitações d’El-Rei e do Ministro também incluídos nesta 1.^a página.

De facto, segundo este noticiário, pontuado por correspondência telegráfica intensiva, as “correrias sem resultado apreciável” (referidas por José Senna) aparecem-nos como retumbantes vitórias pessoais do próprio Infante⁶⁵

“Novas conquistas”, Sanquellim, optimismo oficial sempre forçado e duvidoso...? “Passado aquelle tempo, o estado maior regressou a Pangim com uma companhia de infantaria 3 e parte da cavallaria, depois de uma *pequena acção* em que o commandante da cavallaria foi ferido n’uma perna teve morte a sua montada, sendo as restantes forças aquartelladas em varias povoações das provincias chamadas Novas Conquistas. A minha secção, com uma força de infantaria 3, outra de infantaria indigena, oito praças de cavallaria e um contingente de cipayos, ficou em Sanquellim, sob o commando superior do coronel Martins de Carvalho, sendo esta tropa a mais castigada com marchas violentas em perseguição de grupos de revoltosos cuja concentração nos era annunciada, *mas que conseguiram sempre escapar à nossa aproximação, passando a fronteira.*”

Comparemos com as “*Boas Noticias da Índia (...) «Goa, 24, às 3 h. da t. - Ministro da marinha, Lisboa. - Sua Alteza regressou a Pangim depois de bater revoltosos próximo da fronteira, tendo corrido grande perigo. Durante a campanha, feridos tres officiaes e três praças de pret. Os revoltosos perderam oitenta mortos e sessenta feridos. São dignos de louvor os officiaes e soldados da expedição, e forças indigenas. Territorio portuguez em perfeita paz. Felicito governo. (a) Governador.»*”⁶⁶

⁶⁵ *Correio da Manhã* de 18/12/1895, 1.^a p. - “INDIA - Recebeu hoje Sua Magestade El-Rei e o governo o seguinte telegramma que nos enche de regosijo: «GOA, em 17, às 6 h. da t. - Satary foi batida em todas as direcções. Aldeias e plantações dos rebeldes foram arrasadas. O sr. Infante D. Affonso, cujo valor pessoal, energia e tacto militar evidenciaram, conseguiu levar a artilheria e cavallaria aos mais elevados cumes das montanhas d’aquella accidentada região. Soldados e officiaes dignos do maior louvor. Os revoltosos acossados pela nossa tropa internaram-se em territorio britannico, ficando prisioneiros muitos ranes e outros indigenas. A expedição retira amanhã de Satary, ficando em Walpoi cem homens. **A colonia pacificada.** (a) Governador Geral.»” E segue o comentário do jornalista: “(...) A referência que n’este telegramma se faz ao valor, energia e tacto militar do sr. infante D. Affonso é motivo para felicitar-mos sinceramente Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, El-rei, a familia real e o paiz. São aquellas as qualidades que o povo portuguez mais aprecia nos seus príncipes. Um bravo pelo Infante e pelos nossos soldados.”

⁶⁶ In *Correio da Manhã* de 25/12/1895, 1.^a p. Seguem-se-lhe, à semelhança do que anteriormente já foi exemplificado, quatro telegramas de felicitações, dois dirigidos ao Infante e dois ao Governador geral, e no fundo desta 4.^a coluna da 1.^a p., mais uma notícia que inclui, como muito esclarecedor, o telegrama enviado a D. Carlos: «**Sua Magestade El-Rei, Lisboa** - Sua Alteza, o sr. infante, acaba de regressar a Pangim. Só ontem pôde retirar de Sanquellim, porque na vespera do dia em que tencionava partir, uma força de rebeldes, que, depois de occultar armamento, se refugiara em territorio inglez, atravessou a fronteira e atacou de surpresa uma pequena força nossa, ferindo sem gravidade o capitão Salema que a commandava.»

Entretanto, a dureza, o risco e a imprevisibilidade de uma luta de guerrilha revelava-se nesta... **Aventura na floresta** - "...N'uma dessas marchas deram-se comigo dois incidentes interessantes. Por uma estreita vereda, atravez da floresta, marchava de noite uma longa columna commandada pelo coronel Martins de Carvalho que ia à frente com os seus ajudantes e ordenanças, todos a cavallo. Precedida de uma força de cipayos, seguia-as a infantaria europeia, depois a minha secção com as suas duas peças e, finalmente, a infantaria indígena. Como desde a testa dos cypaios até à extremidade da cauda da columna só eu ia a cavallo, tanto os meus homens como officiaes e praças das duas infantarias insistiam frequentemente comigo para que eu me apeasse por ir demasiado exposto. Um dos meus sargentos chegou a dizer-me: "Lembre-se, meu tenente, que não vae connosco mais nenhum official da nossa arma." Achando razoável o que me pediam, apeei-me, entregando o cavallo ao corneteiro. A certa altura a columna fez alto e pouco depois appareceu junto de mim o commandante o qual, vendo-me a pé, fez uma observação que me pareceu irónica e me disse que, tendo sido ouvidos ruídos suspeitos à nossa direita, mandasse um homem de confiança, capaz de se internar na floresta sem se desorientar, explorar o terreno. Respondi-lhe que ia cumprir as suas ordens e, como elle se afastasse, entreguei o commando da minha força ao sargento mais antigo e avancei na direcção indicada, caminhando com todas as precauções, fixando as formas das árvores e os accidentes do terreno para assegurar o meu regresso. Tendo andado uns dez minutos, talvez, sem nada descobrir, n'um dado momento ouvi ruido na minha rectaguarda. Voltei-me immediatamente, empunhando o revólver, e divisei um vulto que me disse: «Não atire, meu tenente, sou eu, sou o 28!» Era um dos meus cabos, um verdadeiro hercules, que me havia seguido para que eu não me aventurasse só... Limitei-me a dizer-lhe; «Escapaste de bôa, ias pagando caro o ter deixado a columna sem ordem minha... Vamo-nos embora, porque por aqui não há ninguém!» Ao chegar à columna, o que conseguimos sem difficuldade porque o cabo também tomara as suas referencias, encontrei furioso o coronel que me censurou, mas depois de uma troca de explicações em que lhe fiz sentir o motivo que determinara o meu procedimento, apertamo-nos as mãos e continuei a marcha a pé..."

"Era já dia claro quando attingimos o local onde, segundo constara, se escoitava um importante grupo de revoltosos protegido por um denso bosque. Ordenou-me o comandante que tomasse posição n'uma pequena eminencia e d'ahi batesse o bosque, protegendo o avanço da infantaria. Assim fiz, mas ao quarto tiro notei que uma ordenança se

aproximava, a galope e fazendo-me repetidos gestos, e como não tivesse observado o rebentamento da terceira granada, pensei logo que este fosse prematuro e algum desastre causasse na infantaria o que me affligiu de sobremaneira, embora não me coubesse responsabilidade alguma por ter tido o cuidado de tomar nota dos elementos do tiro que dera e verificar a sua exacta execução antes de cada tiro. Felizmente, tratava-se apenas de uma ordem para suspender o fogo, por não haver maneira de fazer avançar a infantaria que se deitava no chão ao ouvir sibillar as granadas que lhe passavam por cima. Nada mais ocorreu ou porque os revoltosos já não estavam ou nunca tinham estado em tal sitio ou porque os meus tiros os affugentaram e, depois de uma conferência com dois officiaes ingleses de um destacamento que se encontrava n'aquelle parte da fronteira em que se lhes pediu o internamento dos revoltosos que transpusessem a fronteira. regressámos a Sanquellim.”

Entretanto o vapor «Zaire» e parte da guarnição inicial regressara a Portugal onde chega em finais de Janeiro de 1896, sendo carinhosa e festivamente acolhido.⁶⁷

Ajudante -de-campo do Vice-rei da Índia:

Também de regresso, mas a Pangim, depois de um currículo militar abrilhantado pela imprensa, é hora do Infante D. Afonso tomar posse do cargo de vice-rei - como simples medida estratégica? - o que é bem aceite e aplaudido tanto localmente⁶⁸ como na metrópole.

É então que José Senna é convidado para respectivo ajudante-de-campo, honra a que se tenta esquivar: “Pouco depois do governo da Índia ter sido assumido pelo Infante com o título de vice-rei, fui surpreendido com uma carta do Major Benjamim Pinto, seu ajudante de campo mais antigo, convidando-me «em nome do mesmo Senhor que desejava cercar-se dos officiaes que lhe mereciam inteira confiança, para exercer o governo, para ser official às ordens.»

Não fiquei nada satisfeito com tal convite e tanto assim que só dois dias depois e cedendo aos conselhos do coronel Martins de Carvalho para não dar uma resposta negativa que podia ser-me prejudicial, me resolvi a responder «agradecendo muito a honra que S.A. me dava mas que me seria extremamente penoso deixar o commando da minha unidade,

⁶⁷ Cf. *Correio da Manhã* de 17/1/1896 - 1.^a p. - “A Chegada do «Zaire»” (preparativos): 18/1 e 21/1. 1.^a e 2.^a pp respectivamente: “Os festejos nacionaes”, “A chegada do Zaire”.

⁶⁸ Cf. *Correio da Manhã* de 22/4/1896 - 1.^a p. - “Coisas da Índia”.

abandonar os meus homens, embora conhecesse e apreciasse o tenente Neves e Castro (recentemente chegado à Índia) que me substituiria junto d'elles.» Esta carta teve como resposta uma ordem para a secção regressar immediatamente a Pangim, onde, continuando a commandá-la, passei a desempenhar o meu novo lugar.”⁶⁹

Mesmo assim, com pouco à vontade, conforme o comenta noutro ponto, já referido, das suas *Memórias*: “...mas mantendo o propósito de não me deixar captivar a ponto de alienar a minha independência em matéria política, e daí as minhas hesitações em acceder ao convite que me era feito e que o coronel Martins de Carvalho acabou por vencer, sem grande dificuldade, devo dizê-lo, porque a esse tempo já começava a perceber o charlatanismo dos pregoeiros da moralidade na administração do paiz e das liberdades públicas.”⁷⁰

Como em África, um perfeito exemplo de “aculturação” desta vez no Visconde de Pernem: “Em meados de abril, accompanhei o Infante n'uma visita aos concelhos de Bardez, onde descançamos algumas horas em casa de (...?) Arabó, rico proprietário que nos offereceu refrescos, e de Pernem onde passamos dois dias em casa do Visconde de Pernem que nos hospedou principescamente. Tive ai ensejo de observar um facto interessante: o Visconde, homem rico, instruído e viajado, não pertencia a uma casta superior. Tendo ido procura-lo um pobre cipayo por qualquer motivo, o visconde apressou-se a ir recebe-lo na escadaria que dava accesso ao palacete e descendo dois degraus abaixo d'aquelle em que se detivera o cipayo, d'esse logar conversou com este.”⁷¹ Tendo-lhe fallado da minha observação, respondeu-me que procedendo sempre assim, respeitando as castas superiores (e a do cipayo era de certo superior à sua) é que mantinha a sua grande influencia no concelho e seus limitrophes. Outra nota interessante que tomei é que, assistindo sempre às nossas refeições, verdadeiros banquetes, servidos por creados que expressamente mandára vir da Índia inglesa, se abstinha de tocar em qualquer prato ou vinho, por lhe ser defezo pela religião que, na Índia, elle observava escrupulosamente.”

⁶⁹ In *Livro de Memórias*, pp 18-19.

⁷⁰ Ibidem, p. 98. Tinha 26 anos ! .

⁷¹ Cf. SUBRAHMANYAN Sanjay (historiador indiano da Expansão Portuguesa) em entrevista ao *Expresso* de 4/10/97, p. 92, embora referindo-se ao séc. XVI, afirma: “Eu refiro o nome das castas quando aparecem e quem conhece sociologia indiana, reconhece-os, mas há muito exagero, há quem diga que o sistema de castas impediu a comunicação, que era impossível o comércio marítimo porque os hindús não queriam convívio a bordo entre as castas, o que está há muito demonstrado ser falso”.

Uma despedida exuberante: “Depois d’esta excursão, fizemos outra a Margão, seguindo pelo caminho de ferro de Mormugão. A recepção que ali tivemos foi extraordinariamente entusiástica, cobrindo-nos a população a flores e folhinhas de ouro e prata⁷². Presenciamos a exibição de numerosos brincos⁷³, verdadeiros cortejos e danças carnavalescas, assistimos a uma recita de gala em que se representou um drama heroico, em caucassi, do qual, está claro, não percebemos palavra, e a um baile em que mulheres das melhores famílias, vestidas ricamente a rigôr, dançaram o mandó, espécie de quadrilha.

N’um passeio a Pondá, visitámos o mais importante pagode da nossa Índia, sendo recebidos com toda a solemnidade pelos bottos (sacerdotes) e assistindo a interessantes cerimoniaes de culto durante as quaes nos serviram uns dôces envolvidos em folhas de areca, nos enfeitaram com collares de flôres aromaticas e nos perfumaram na testa e nas mãos com uma essencia qualquer. Nas cerimoniaes, interessaram-nos mais os canticos e as danças das bailadeiras. À noite, das varandas do edificio em que está installada a administração geral dos mares, onde pernoitámos, assistimos a uma especie de arraial a que concorreram vários grupos de bailadeiras.

Nas vespersas da expedição regressar a Portugal fui encarregado de ir esperar a Mormugão e acompanhar a Pangim, o alto commissario Neves Ferreira, que fôra nomeado para o governo da Índia, e assisti a um grande baile dado pelo Infante no palácio do governo, de despedida e em honra do alto commissario.”

Regresso. Espera-os o... “triunfo”!

“Embarcando em fins de maio de 1896, cheguei a Lisbôa em 20 de junho (...) O regresso da Índia foi no vapor «Ambaca» que tocou nos mesmos pontos em que havíamos tocado à ida, Bombaim, Aden e Port-Said nos quaes desembarquei.”

Exactamente cem anos depois, encontramos ecos desta expedição emocionante na sua neta Gabriela que faz da sua rota profissional uma rota revivalista.⁷⁴

⁷² De alguma forma se contradiz o anunciado no *Correio da Manhã* nº 3419, 17/10/1895, 1ª p.: “Os Marathas - (...) parece, portanto que... temos guerra e que não será como em 1870, em que... o Oriente. ...teve muito prazer em receber entre danças e folguedos um principe portuguez. o sr. Infante D. Augusto. Os ourives de Goa até fizeram verter... uma copiosa **chuva de estrellas de ouro e prata**. Foi uma expedição festiva.”

⁷³ Respeitaram-se os sublinhados do original.

⁷⁴ Ver em anexo a carta datada de Goa, Maio de 1996

Pensamos ser de salientar, mais uma vez, o contraste entre a sobriedade deste registo sintético, com a emoção e o pormenor do noticiário alusivo recolhido n' *O Correio da Manhã*, diferença que não nos parece justificável apenas pela longa distância no tempo (35 anos!) e pelo «acinzentar» da memória...

C. M. n.º 1, 18/6 1896, 1.ª p. - “**Echos da Havaneza**” - “O vapor Ambaca que conduz a bordo o sr. Infante D. Affonso e parte dos expedicionários da Índia é esperado no Tejo amanhã ou depois. El-Rei e as duas Rainhas irão a bordo, esperar o sr. Duque do Porto, cuja chegada será anunciada com tres tiros pela fragata D. Fernando...”

C. M. n.º 3, 20/6 1896, 1.ª p. - “**A Expedição à Índia**” - Depois de comentar, louvar e sugerir uma calorosa recepção às forças que vão ser recebidas em Lisboa, escreve-se: “...Por isso as forças chegam dizimadas, comballidas pelas febres, gastas pelo clima e pelo trabalho, e a patria as recebe com a consideração e reconhecimento que merecem. À frente dessas forças vem o sr. Infante D. Affonso que as commandou com superior criterio e teve propicio ensejo de mostrar a sua tèmpera de soldado e as suas excellentes qualidades de chefe...”

C. M. n.º 4, 21/6/1896, 1.ª p., em 4/5 de toda a sua extensão - “**Os expedicionários da Índia**”, com numerosos subtítulos: No Tejo. No Arsenal - “...N'isto o sr. Infante D. Affonso (...) acompanhado pelos srs. ... e o ajudante da força, montaram a cavallo e à frente das tropas expedicionárias encaminharam-se para o Terreiro do Paço (...)”.

Por cá, entre marchas de triunfo, jantares e brindes festejam-se os êxitos e tecem-se louvores ao Infante. Lá longe, na Índia, a situação volta (?) a deteriorar-se e o altocommissário Neves Ferreira⁷⁵ apresenta a sua demissão depois da amnistia decretada pelo

⁷⁵ Tão longe e tão próximo de Afonso de Albuquerque que morrendo à vista de Goa, exclamava em 1515: «Morro de mal com os homens por amor d'el-rei e de mal com el-rei por amor dos homens!»

sr. D. Afonso⁷⁶, já na Metrópole, com o apoio de um governo entusiasmado mas desorientado.⁷⁷

“...e tendo havido um banquete no palácio da Ajuda dois dias depois, a Rainha D. Maria Pia offereceu-me as agulhetas de ajudante de campo do Infante, nomeação que seria publicada na primeira ordem do exército, ordenando-me que as collocasse immediatamente. Esse banquete foi dado pela mesma Senhora para celebrar o regresso do filho e em honra dos officiaes que tinham servido sob as suas ordens, assistindo a elle também El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia.” Depois deste banquete que incluiu um brinde especial do Rei, as diferentes secções militares regressam aos seus locais de origem.⁷⁸

Na Índia os problemas continuavam:

Correio da Manhã n.º 10, 30 de Junho de 1896, 1.ª p. - “**Os salteadores da Índia**”: mal vira costas o Inf. D. Afonso, “cujo respeito os marathas haviam solemnementemente jurado nos seus templos para immediatamente (...) começarem os mais violentos actos de bandoleirismo...”, apelando-se para medidas rigorosas e denunciando em alguns jornais uma “tão aguda «nevesferreirophobia»”.

Estas notícias prolongam-se por todo o mês de Julho (n.ºs 11 a 24) e no n.º 158, de 19/12/1896, ainda deparamos com... “Novos acontecimentos na Índia” !...

Confirmava-se, assim, a superficialidade da actuação do Infante D. Afonso e do noticiário oficial - mera acrobacia do “poder simbólico”... !!! - e a veracidade dos «resultados nullos» sugeridos pelo Tenente Senna!

⁷⁶ Já «herói consagrado» em “Perfis Contemporâneos” (in *Domingo Litterario*, *O Correio da Manhã* n.º 15 de 15/7): “O Sr. Infante D. Affonso” pelo escritor Fernandes Costa.

⁷⁷ Cf. *O Correio da Manhã* n.º 27/6, 1.ª p. - “Echos da Havaneza”: “O conselho de ministros na sua última reunião occupou-se largamente da portaria lavrada pelo senhor commissario regio da Índia, pondo em prática extraordinarias medidas de rigor e de repressão, que causavam grande surpresa apoz a publicação do decreto de S. Alteza o Sr. Infante D. Affonso concedendo a amnistia a todos os individuos implicados nos últimos acontecimentos da Índia. Resolveu-se enviar um telegramma ao sr. commissario regio, dizendo que o governo não podia acceitar semelhante doutrina e que portanto ficariam sem effeito as disposições extraordinarias que havia decretado. O Sr. Neves Ferreira, segundo nos consta enviou hontem um telegramma, pedindo a sua exoneração do elevado cargo para que foi nomeado...”

⁷⁸ Cf. *O Correio da Manhã*, n.º 8, de 27/6 e *Correio da Manhã* N.º 9, de 28/6/1895, 1.ª p. - “Echos da Havaneza”: “A brigada de artilharia de montanha que regressou da Índia chegou ontem ao Porto, às 7 da manhã sendo esperada por muitos outros officiaes da arma. Seguiu depois para Penafiel. A força de infantaria 3 que se dirigia para Viana do Castelo...”

VI - Contrariado, na corte

“Depois, o regresso e as mil caras da mudança e a dureza das suas exigências...”⁷⁹

De regresso a Lisboa, a Portugal e à Europa, um novo “campus” sociocultural e político para que não se sentia particularmente atraído, espera o Tenente Senna:

“Em fins de 1897 comecei a fazer semanas de serviço ao Infante (...), mas era sem prazer, embora todas as pessoas da Família Real me tratassem muito bem, porque me sentia deslocado n’aquelle meio, e quando essas semanas se tornaram mais frequentes, acabando por serem normaes, comecei a pensar na melhor maneira de sahir de tal situação.”⁸⁰

A oportunidade ansiada surge finalmente na Primavera de 1900 quando a Rainha D. Maria Pia e grande parte da respectiva comitiva do Palácio da Ajuda, se deslocam até à Serra da Estrela para observar um sensacional eclipse do sol., não convidando José Senna. No regresso, o Infante encontra uma carta com o seu pedido de dispensa de serviço, invocando problemas de saúde a exigirem tratamento, o que até era verdade.

Mas esta situação não vai durar muito⁸¹: menos de um ano depois, José Senna retoma o serviço no Paço que, apesar de tudo, prefere (?) a ser colocado em «artilharia 2», como nos revelam confidências com o ministro da guerra Pimentel Pinto. Acompanha, então, o Infante D. Afonso num passeio pela Europa (Março de 1901), donde regressa firmemente decidido a candidatar-se a uma vaga de governador de Diu que, infelizmente, já estava prometida. Para o governo de Benguela, que lhe é então sugerido, não se sente ele competente. Pouco convincente na argumentação, fica irremediavelmente vinculado à família real, para o bem e para o mal, como o revela a conversa com o rei D. Carlos que se transcreve na íntegra porque decisiva para o futuro:

“...e que se pedira o menos importante de todos os nossos governos ultramarinos fôra exactamente para ahi começar a minha pratica de administração colonial... mas El-Rei interrompeu-me perguntando: «-Olha lá! Tu tens dificuldades na tua vida e são ellas que te

⁷⁹ Cf. M.^a de Lourdes Lima dos SANTOS, op. cit., pp 9-10

⁸⁰ *Livro de Memórias*, op. cit., p. 24

⁸¹ *Ibidem.*, pp 26-29

levam a queres voltar para o ultramar?» Apressei-me a dizer que não, que era apenas o interesse que a vida colonial me merecia, o desejo de ser útil... e nova interrupção de El-Rei: «Falla-me francamente... Tens a vida atrapalhada ou alguma razão de queixa de meu irmão?» - Nem uma nem, nem outra cousa, meu senhor, respondi com certa vehemencia, e então El-Rei pondo-me a mão no hombro, disse-me: «Então deixa-te estar com o Affonso. Gosto que estejas com elle!»

E.... continuei no paço até à proclamação da republica!”⁸²

Conseguirá o Tenente Senna adaptar-se ao ambiente da Corte e a todo o pesado cerimonial de protocolo e etiqueta, tão contrários à sua educação e personalidade desprendida e sóbria?! E a sua família, como irá acompanhar esta “cavalcada de prestígio” tão pouco conforme à existência discreta que tinha procurado em Lisboa (v. subcap.º I)⁸³?

Conseguirá ultrapassar o dilema profundo entre a fidelidade às suas convicções de juventude e a aproximação efectiva e afectiva de uma Família Real que progressivamente o envolve e compromete? Até quando irá resistir?

Antecipará o esfumar-se do seu “capital de sonho” na instauração de uma República que, desde a década de 90 (v. subcap.º III - Juventude), lhe surgia e à sua geração, como redentora de todas as traições, de todas as injustiças?

Como joga com a sua dupla e difícil missão de militar e de responsável pelo Infante D. Afonso, um temperamento difícil e inconstante, num cargo para que não se sente vocacionado e que, com frequência, o oprime (cf. actuação de 1897 a 1901)?

Será esta memorável conversa com D. Carlos momento representativo de uma “abdição” pessoal de José Senna, o ponto final de uma luta íntima e solitária?

⁸² *Livro de Memórias*, op. cit., pp 28-29.

Apontamentos manuscritos...1991, art.º cit.º, p.4: “Na India tudo correu bastante bem para o meu pai...a ponto de saber, a certa altura, que fôra nomeado ajudante do Infante. Ah, mas isso viria a ser tarefa palaciana, para a qual não sentia a mínima vocação! De resto, continuava a gostar da vida colonial (...) voltou para Portugal com o Infante, mas bem determinado a fugir ao Paço na primeira oportunidade... o que aliás nunca conseguiu. O próprio rei, se ele aventava qualquer hipótese nesse sentido, lhe respondia apenas: - Sim, sim, zangaste-te outra vez com o mano, não foi? Mas deixa, que isso passa! Assim, no Paço ficou até à implantação da República...”

⁸³ *Ibidem.*, pp 3-4: “Cuido que o pai, em novo, não era muito monárquico. Mas pela família real (que pelo seu lado muito o estimou) foi cimentando através dos anos um afecto e uma sincera admiração de facto muito especiais...”

É visível o ascendente e a competência em assuntos militares sempre reveladas pelo Tenente Senna que mesmo num relance, «à vol d'oiseau», pensamos ser de salientar.

Ainda está no segredo dos deuses a razão secreta que o fez preterir a colocação em artilharia 2,⁸⁴ sujeitando-se assim, em definitivo, ao serviço do Paço. A sua farda, mais do que um ornamento representativo, é sinal de uma formação profissional que não esconde: armas, munições, artilharia, são sempre temas de conversa em salas e salões, entre altas individualidades, reis, príncipes e ministros

Exemplificando: **em 1904, com o rei Afonso XIII** - “...Antes, durante e depois do chá, o rei entreteve-se de tal modo comigo a conversar sobre assumptos militares de que mostrava possuir já bastantes conhecimentos, cavallos e colonias portuguesas... que a dado momento a Mãe lhe mandou dizer que «se havia esquecido de que estava mais alguém na sala, além do Senna que já devia estar cansado da sua tagarelice...”⁸⁵; **em 1905, com a armada francesa**: “...seguiu-se uma demorada visita ao couraçado durante a qual me entretive, n'uma das suas grandes torres, a conversar com o respectivo commandante. A conversa enveredou para o emprego das pólvoras sem fumo e como era assumpto que muito me interessava então, creio que os conhecimentos que mostrei prenderam a atenção não só do official mas da guarnição por mais de meia hora (...) À noite, no baile da legação, muitos officiaes da esquadra quizeram conhecer-me e os proprios ministros, m. e m^a Bouvier (?), me felicitaram pelas referencias...”⁸⁶

Terá sido mesmo a força e a certeza das suas convicções e o seu mérito militar que lhe mereceram a **Ordem de Avis** em Abril de 1904⁸⁷: “Tendo acompanhado El-Rei e o Infante a Vendas Novas em cujo polygono se realizava um concurso de peças de campanha a fim de ser escolhida a que mais conviria adoptar para o armamento da nossa artilharia, depois das provas, almoçamos no Vidigal (...) assistindo à refeição o ministro da guerra, general Pimentel Pinto, o almirante G.^o Capello, ajudante de campo de El.Rei, o coronel Duval Telles, inspector de engenharia do Campo entricheirado de Lisbôa e também ajudante de campo d'El-Rei, o coronel Antonio Waddington, official às ordens e mais alguns officiaes. Sentado junto do

⁸⁴ Cf. *Livro de Memórias*, op. cit., p.26: “...que de modo algum me convinha...”

⁸⁵ Ibidem, p. 38.

⁸⁶ Ibidem, p. 40.

⁸⁷ Anteriormente já recebera: «Medalha Rainha D. Amélia - Índia 1895»; mais tarde vem a receber a «Legião de Honra» de França e a de «Mérito Militar» de Espanha.

coronel Duval Telles e conversando de artilharia, não tardou que entre nós se estabelecesse uma discussão sobre uma obra que se estava fazendo no Campo entricheirado e que eu condenava. A discussão foi-se avivando, começando a interessar os presentes, respondendo eu com felicidade a varias objecções que me fez o coronel, a uma do ministro e a outra do almirante Capello, e era já tal a minha excitação que me passou despercebido que o almoço terminara e que El-Rei esperava que eu acabasse de fallar para se levantar da mesa. Notando, finalmente o facto, concluí a defeza do meu modo de ver com uma replica um tanto viva a uma última objecção do coronel, que me parecera impertinente, e levantei-me da mesa bastante nervoso, indo fumar para um terraço em companhia do coronel Waddington, enquanto El-Rei e os outros convivas haviam passado a uma outra sala.

Passados momentos, o Infante veio ter comigo, dizendo-me: «Não estejas zangado com o Telles porque ele fez-te justiça e disse ao mano que estava admirado que tu já soubesses tanto destas cousas.» (...) passados alguns mezes, na recepção de gala de 28 de Setembro (...) o ministro aproximou-se de mim e disse-me: **«Agradeça a El-Rei a «Aviz», por serviços distinctos, com que hoje é agraciado, por proposta minha, como lembrança da sua turra com o Duval Telles.»**»⁸⁸

Efectivamente e como se depreende, desde há um ano atrás, o Tenente Senna acumulava funções de progressiva exigência teórico.prática, numa crescente e melindrosa articulação de responsabilidades e de competências: serviço em artilharia 1 para poder ser promovido a capitão; ajudante de campo do Infante D. Afonso como Príncipe; ajudante de campo deste mesmo Infante como General e como Governador do Campo Entricheirado!!!

⁸⁸ In *Livro de Memórias*, pp 43.45. Importante ainda é o esclarecimento que encontramos nas pp 45-46: "...por esse tempo eu era também ajudante do Infante como governadôr do campo entricheirado e que fui nomeado para esse logar da seguinte maneira: Estava fazendo serviço em artilharia 1, a meu pedido, a fim de completar o tempo de serviço em tropas da arma para poder ser promovido a capitão, quando em determinado dia, telephonaram do ministerio da guerra para que eu alli fôsse por o ministro querer fallar-me. Dirigi-me para o ministerio e sendo logo introduzido no gabinete do ministro, disse-me este que me ia nomear ajudante de campo do Governador do Campo Entrincheirado, cargo em que o Infante fôra investido poucos dias antes, ficando assim duplamente ajudante d'este, como principe e como general, e tendo-lhe observado que fôra elle proprio, ministro, que havia attendido o pedido que lhe fizera em ser collocado em artilharia 1 para o fim que já indiquei, respondeu-me: «Faça isso também lá no campo em qualquer das unidades, como puder. Na sua nova situação militar, o Senhor Infante precisa de ter junto de si um official de confiança, que seja capaz de estudar rapidamente o que já está feito e de acompanhar o muito que há a fazer!» Passou-se isto uns 9 ou 10 mezes antes da scena occorrida no Vidigal."

Por outro lado, a vida na corte, vai continuar a proporcionar-lhe a vastíssima abertura de horizontes, sem limites nem fronteiras, que a África e o Oriente lhe haviam revelado: se no Ultramar José Senna se descobre numa segura autoafirmação como pessoa e como militar, deixa-se também fascinar por um saboroso “**encontro de culturas e civilizações**”: de **África**, persistem-lhe na memória, a animação dos bailes indígenas, a temeridade do caçador de feras, a ruralidade do capitão nativo; da **Índia**, o colorido dos cerimoniais religiosos e das danças, o contacto único com o Visconde de Pernem...

Todas estas recordações ecoam em profunda simbiose numa personalidade polivalente, gerada numa família já de si multifacetada (ex.: João Carlos e Camilo Senna), alargando o seu “capital cultural e social”!!!⁸⁹

Que lhe reservam, agora, as **Cortes Europeias**, cujas portas, ofuscantes, se lhe abrem de par em par, em toda uma grandiosidade e novidade exuberantes, através de viagens oficiais ou particulares em que acompanha o Infante e de que os seus primeiros dois meses de férias, em 1896, por 20 £, tinham sido um mero aperitivo?!

Todos os caminhos têm uma passagem obrigatória por **Paris**, que nos aparece citada pelo menos oito vezes, talvez por ser eixo de cruzamento das vias férreas do «Sud Express» em que de modo geral se concretizaram todas todas estas viagens. Segue-se-lhe Madrid como segundo ponto de escala obrigatória nas rotas da Europa!

E perante um olhar extremamente observador, atenuado por natural reserva, desfilam actores de primeira grandeza, nomes bem sonantes, «estrelas» muitas delas fugazes, quase cadentes, mas cujo brilho exerce irresistível atracção!

De comboio, de automóvel, de «yacht», ou muito simplesmente de carruagem/«coupé», aproximemo-nos...

⁸⁹ Cf. M.^a de Lourdes Lima dos SANTOS, op. cit., 2.^a parte, cap.^o 2, “O exílio, lugar de aprendizagem”.

NA EUROPA - ROTEIRO

Data	Locais	Acontecimentos/ Episódios de referência	Livro de Memórias, página:
1896 - Ag/Set	Passeio pela Europa	À sua custa (20£): Madrid. Bordéus. Paris. Bruxelas. Colónia. Berlim*, Viena. Veneza. Milão. Génova. Montecarlo. Nice. Marselha. Barcelona. Madrid (*e também em Vilvorde - a convite do alemão Jules Froëhling, que conhecia da artilharia em Santarém)	24
1901 - Março	Nice Mónaco Regresso por Paris	• Com o Infante e com passagem por Paris • Grande animação (tarde/noite) em <u>Montecarlo</u>: • batalha de flores • grande baile da colónia americana • 2 recitais no teatro do Casino • 2 almoços no yacht "Princesse Alice" • 1 jantar no respectivo palácio • Com Infanta D. Eulália d'Espanha e nosso embaixador (ministro em França) Conde de Sousa Rosa: • colossal circo "Barnum" (?) • Exposição da galeria das machinas (remanescentes da exposição de 1889)	27-28
1903	Paris (15 dias)	com o Infante	
1904 (princípios de Julho)	Paris Londres (6 dias - Great Central Hotel) Paris (4 dias - Hotel Liverpool) Aix-Les-Bains em tratamento (24dias) Paris-Lisboa (5 dias de comboio)	Paris - só de passagem Londres - Últimas festas da "Season" • "Covent-Garden": recita da "Melrêa" • contactos com Rei Eduardo VII e Marquês de Soveral • Grande popularidade do nosso embaixador M.de Soveral: encontro e história do Senhor Ritz * Para Aix. de automóvel Muita animação e distrações: José, "Vicomte de Senna"... • Com passeios a Chambéry, Grenoble, Annecy, Genève • Membro da Comissão de Honra da Gincana de Automóveis acompanhando o Infante (Presidente Honorário) e nomeado pelo Barão de Rothschild	30 31 31-32-34 35-36
1904 (de Nov. a fins de Dez)	Paris (hospedado no Hotel Liverpool) comboio regresso por Madrid comboio	• Com o Infante e para "recuperar" rainha D.Maria Pia, cuja longa ausência suscitava "intrigas". • Animado "Inverno" com: • Isabel d'Espanha (mãe Infanta Eulália) • Imperatriz Eugénia (viúva Napoleão III) • Lactitia Buonaparte (viúva Amadeu Sabóia) • Condes d'Eu (almoço em Passy) • Durante 5 horas no Palácio Oriente - chá com família real espanhola • longa conversa com jovem rei Afonso XIII sobre assuntos militares	37 38

1905 a 1907	Lisboa: desfile de um brilhante cortejo de personalidades	“Brilhante situação internacional de Portugal”(??11) • Visitas “poderosas” esquadras alemã, inglesa, francesa • Chefes de Estado e famílias “reais”: - Rainha Alexandra de Inglaterra - Imperador Guilherme II da Alemanha - Rei Eduardo VII de Inglaterra - Rei de Saxe - Presidente Loubet (França) - Duques de Connaught (irmão de Eduardo VII) - Chulalongkorn, rei do Sião - Príncipe de Hohensollern - Rei Afonso XIII de Espanha, etc.... - Episódio com armada francesa prolonga-se no “baile da legação” com Ministro Bouvier - Presidência ao protocolo no jantar da “Sala dos Cisnes” (Palácio de Sintra” com Dr. Carlos Tavares (distinto médico e Prof. Faculdade de Medicina)	39/41 39 40 41
1905 Novembro e durante um mês 1906-meados Janeiro	Itália (no palácio de Stupinigi) Regresso por Paris-Lisboa	Com Rainha D. Maria Pia e Infante na corte da Rainha Margarida (mãe do rei d'Itália) • conversa sobre “malária” e África* • colóquios culturais com: - Duque d'Abrusos, explorador das regiões árticas - Condessa Pês e a paixão das aves	47 47-48 50-51
1906	Porto Palácio das Carrancas Amarante (3 dias)	como Ajudante do Infante (Inspector dos Corpos e Artilharia Montada) em “Casa do Freitas” com Joaquim Leite de Carvalho, António Cândido e Adolpho Pimenta (político importante, governador civil)	53 54
1907 (Maio)	Madrid (Palácio do Oriente) - 5 dias	• Baptizado do Príncipe das Astúrias - com o Infante, Almirante Guilherme Cappello, Ajudante Campo José de Mello • Elementos de famílias reais - Princesa de Battenberg, mãe da Rainha - archiduque Eugénio d'Austria - príncipe Filipe Leopoldo da Prússia - príncipe Arthur de Connaught - tourada • Hino Nacional - rectificações e ensaios: “fronteira hispano-portuguesa era uma linha muito ideal”	55 56-59

* À semelhança do critério adoptado nos capítulos anteriores, assim se assinalam os episódios cujo interesse justifica uma transcrição integral ou quase.

O Marquês de Soveral e o Sr. Ritz : “...N’esta visita a Londres, a cada passo notava a bella situação que ahi disfructava o nosso ministro em cuja companhia passeei bastante. Assim, n’uma manhã, passava junto a nós um *coupé* muito bem posto que parou repentinamente e do qual desceu um *gentleman* que se dirigiu muito affectuosamente para o marquez com quem se entreteve alguns minutos conversando. Este chamou-me para me apresentar o Lord Landsdowne, ministro dos estrangeiros de Inglaterra...”

“Nas mais frequentadas ruas, como Regent Street, e nos passeios, como Hyde Park, eram numerosissimas as pessoas que o cumprimentavam, homens e senhoras. N’um banquete offerecido por um congresso algodoeiro e realizado no hotel em que o Infante se hospedara (Great Central Hotel), ao ministro do commercio e a que assitiram diversas altas personalidades, encontrava-se entre estas o nosso ministro, único diplomata estrangeiro presente. O que, porem, mais me impressionou, foi o seguinte: O Infante, o Antonio Waddington e eu fômos um dia jantar com o Marques ao Carlton, o melhor hotel de Londres n’esse tempo, a seu convite. Ao entrarmos na sala, notei que o marquez appertara affectuosamente a mão a um individuo já edoso, correctamente vestido, que estava junto da porta e nos guiou para a mesa que nos estava reservada, conservando-se depois pouco afastado d’ella a dirigir o serviço do nosso jantar. O caso causou-me estranheza e perguntei ao marquez: «Mas, afinal, quem é este sujeito que cumprimentou e está agora a fazer o serviço de *maître de hotel*?» - «Eu lhe digo, respondeu-me, este homem é uma das criaturas mais gratas que tenho conhecido. É o proprietario do hotel, o **sr. Ritz**, também proprietario do hotel de Paris que tem o seu nome. Encontrando-se n’uma situação critica, por um esforço extraordinário, empenhando tudo o que possuía e contrahindo grandes encargos, fundou o Carlton. Conhecendo-me já de Paris e sabendo das minhas relações pessoas com o actual rei, então Príncipe de Galles, e com a aristocracia ingleza, veio pedir-me que o protegesse, frequentando o hotel que acabara de abrir, contando-me tudo o que fizera para levar a cabo a empresa que metterá hombros. Sympathizando com o homem que sabia ser serio, e apreciando a audacia que representava a cartada que jogára, prometti-lhe que n’um dia proximo levaria a jantar lá o Príncipe de Galles, o qual promptamente accedeu ao meu convite(...) Claro está que d’ahi por diante o hotel começou a ser frequentado pello que há e vem de melhor, em Inglaterra, o que salvou o Ritz de um desastre que o arrastaria, talvez, ao suicidio. E este

homem, que deve ser hoje millionario, nunca esqueceu o favôr que lhe fiz e prova-m'o dirigindo elle proprio o serviço da minha meza sempre que aqui venho jantar!»”

Em Italia, na corte da Rainha Margarida: “A estadia em Italia agradou-me bastante e posso dizer que fui muito feliz durante o tempo que vivi no meio cultissimo que era a côrte da rainha Margarida onde se succediam, como hospedes, individuos de notoriedade, italianos e franceses, escriptores, artistas, diplomatas, etc. Quási todos os dias, antes do chá, havia palestras interessantes sobre lettras ou artes, ou concertos musicais, e enquanto aquelle era servido, sentados todos em semicirculo, em cujo centro estavam as duas rainhas, a Rainha Margarida interrogava, ora um, ora outro dos presentes, sobre este ou aquelle assumpto, revelando uma notavel erudição.”

“É de suppôr a minha preocupação no primeiro dia em que isto succedeu, esperando a cada momento estar também “na berlinda”. Não tardou que isso me acontecesse, perguntando-me: «Senna, você que esteve em Affrica travou certamente relações com a malária. Que pensa àcerca da melhor defeza contra ella?»”

“Ao ser assim chamado “à barra”, tendo acabado de receber a minha chicara de chá, senti-me bastante atrapalhado e foi por milagre que aquella não se me escapou das mãos. Tomei a palavra um tanto atarantado, mas pouco a pouco fui serenando e acabei por me sahir menos mal da exposição que fiz. Pelo menos, a Rainha D. Maria Pia, quando nos retiramos para os nossos aposentos a fim de nos vestirmos para o jantar, affirmou-me que a cunhada lhe dissera ter gostado de ouvir-me, o coronel Benjamim Pinto e a marques de Unhão, que sabiam do meu receio, felicitaram-me e, à hora do jantar, um escriptor francês, cujo nome não me ocorre, dirigiu-se para mim dizendo que achára muito interessante o que me ouvira e fez-me varias perguntas sobre costumes africanos e colonias portuguezas, conversando demoradamente comigo.”

Este vaivém não se processa, porém, sem um certo desgaste: é um esforço constante manter-se à altura das circunstâncias, desempenhar com dignidade e até com sentido de humor, um «**papel social**» que sente não ser bem o seu... Assim se justifica este desabafo sobre a corte italiana que tão bem o acolhera: “D’ahi por deante comecei a sentir-me mais à vontade, favorecendo-me uma especie de hypermnesia relativamente ao que tinha lido e visto até então, mas confesso que, por vezes, ao deitar-me, sentia uma certa fadiga de espirito como, por exemplo, depois de uma longa conversa de história com um ex-ministro dos estrangeiros,

o conde de S. Giuliano, e antes com a marquesa de Elfieri, uma senhora extremamente ilustrada e como tal conhecida em Italia sobre litteratura portugueza e para a qual me vi forçado a “verter” para francez um soneto de Camões...”⁹⁰

Viver na Corte e sobreviver entre os “Grandes” (mesmo a contragosto..) é também uma aprendizagem de que José Senna fará um dever: com perspicácia, adivinhamos nas suas memórias um processo de sociabilização que faz de um «urso»⁹¹ uma companhia «cobiçada», capaz de presidir à mesa de um jantar real na sala dos Cisnes do palácio de Sintra.⁹²

À noite, na humildade de uma casa azulejada da trav.^a de S. Sebastião⁹³, uma irmã - Emília da Assunção - afogando, talvez, sonhos de grandeza..., coleccionava religiosamente “convites” e “menus” a que ele pouco ligava...

⁹⁰ De certo modo este encontro é a emergência da afirmação de M.^a de Lourdes L.dos Santos, op. cit., p.281: “Entre nós, a proeminência das mulheres só excepcionalmente será assinalável nos salões que, aliás, nunca atingiram a importância que alcançaram noutros países...”

⁹¹ In *Livro de Memórias*, op.cit., pp. 92-96: “Muito mais do que em Cintra, a chamada «sociedade elegante» convivía em Cascaes onde a nata das colonias balneares d’esta praia e dos Estoris se reunia no «Sporting», ou «Parada», como vulgarmente era conhecido o club que a Família Real também frequentava, quer de tarde, nos «courts de tennis», quer de noite, no salão de baile. De manhã, o ponto de reunião era na praia, sob os toldos. O meu apparecimento n’um tal meio, acompanhando o Infante, despertou naturalmente certa curiosidade por não pertencer a família conhecida no mesmo (...) Não me surpreendeu, portanto, a curiosidade ou desconfiança com que me olhavam, justificada ainda pelo meu retrahimento em me relacionar por intermedio das pessoas já minhas conhecidas (...) Sendo ainda bastante novo e procedendo d’esta maneira, era com razão que as meninas, principalmente, me considerassem um perfeito «urso», com o que pouco me importava e demais a mais as minhas semanas de serviço eram então muito espaçadas (...)”

⁹² Ibidem, pp. 41-42: “Conservo também uma boa recordação de um jantar dado no palácio de Cintra pela Rainha D. Maria Pia e a que assistiu toda a Família Real (...) fôra posta uma outra meza na «sala dos Cysnes» que foi presidida por mim e, não tendo sido n’ella marcados lugares, convidei para se sentar à minha direita o dr. Carlos Tavares, medico do paço e professor da Escola medica de Lisbôa, umma das summidades da medicina portugueza. O jantar decorreu muito animado pela bôa disposição em que se encontravam e findo este (...) a Rainha disse-me que estava muito satisfeita pela maneira porque eu presidira à mesa (...) tendo a Rainha dito ao dr. Carlos Tavares que tivera pena de o não ter sentado à sua mesa, este lhe respondeu que só o consolava d’isso **a forma distincta por que eu a representara na outra**, accrescentando mais algumas amabilidades a meu respeito. (...)”

Ver ainda Luís Filipe M. da GAMA in *El-Rei Dom Carlos - Memória Viva*, Lisboa: Ed. Inapa, 1991, p. 69: na legenda de uma fotografia de D. Carlos I e de Eduardo VII no Palácio da Pena, em Sintra, aparece-nos referenciado o tenente Senna.

⁹³ *Apontamentos manuscritos...1991*, art.º cit.º, p. 5: “...E um dos seus prazeres, ainda, era coleccionar os «menus» do Paço ou os programas da Ópera ou demais espectáculos que o meu pai, ao tornar a casa, largava descuidadamente sobre a cómoda do seu quarto...”

VII - Regicídio. Um testemunho doloroso

E, no entanto, enquadradas numa persistente fachada de brilho e de luz, a todo o instante e num crescendo trágico, se avolumam sombras que não só ameaçam a Coroa Portuguesa como outras monarquias europeias... “Linhas de força” profundas, ondas de “energia humana” surgem como verdadeiro “movimento histórico”⁹⁴, ao mesmo tempo que o vulto cada vez mais próximo da República se anuncia como catalizador de todas as crises...

Em Portugal, desde há muito que ecos de alarme agitavam os ânimos e a Imprensa: recordemos, por exemplo, em 1890, as sonoras badaladas d’*O Rebate* (v. subcapº III), dobrando por “el-rei D.Simão que vae à caça” e não volta, chorando “a rainha desgrenhadadamente” enquanto chovem “notícias fúnebres”...

Já mais próximo, n’*O Micróbio* de 10 de Janeiro de 1895, lê-se: “Anno novo e politica velha... (...) No entrementes **o rei diverte-se**. Pesca, caça, (...) Nem vê a onda que avança nem sente o fogo que mina. É lei histórica, cumpra-se. Mais do que lei histórica, é lei universal! **Luís XVI** na antevéspera da **grande derrocada**, também pescava, também caçava. (...) Condemnadas à morte, as instituições erguem a cabeça ante a guilhotina que lha reclama. (...) Pois não haverá no Paço quem fale claro ao Rei? O espírito de lisonja e bajulação **pesará** mais no coração dessa horda que o cerca do que **a gratidão e o respeito** que, pessoalmente ou pelo cargo que ocupa, esse homem, pode e deve inspirar-lhe. O «amor de mãe», o «amor d’esposa», o «amor fraterno», o «amor dos amigos» terão descido, acaso, n’esse fatal meio, à condição de tão balofas phrases que não chegam para inspiradoras de uma revelação que se oferece inevitável. Em tantas cabeças que cercam o monarca, não há meia que um lampejo de bom senso ilumine? Entre tantas boccas... não há uma que se entreabre e ... lhe brade: « - **Senhor ainda é tempo de, indo vós com o País, evitardes que o País vá contra vós!...»**»(...)

Ressuscitara a antiga virulência dos periódicos, desmentindo-se a afirmação de Charles Vogel.⁹⁵ “Hoje, a maior parte dos jornais do período revolucionário estão mortos...”

⁹⁴ Cf. Daniel BERTAUX. op. cit., p.41

⁹⁵ Referido por M.^a de Lourdes C. Lima dos SANTOS. op. cit., p. 198

No início do século, a animada corte de Lisboa - fruto da fértil actividade diplomática do rei D. Carlos - não deixa de esconder pesadas contradições: a 8 de Janeiro de 1902, ainda mal arrefecidos e silenciados os «bravos» pelas campanhas de África, é Mouzinho de Albuquerque que põe termo à vida: enrodilhado numa teia de intrigas e de conflitos, sente-se incapaz de satisfazer o pedido de D. Carlos dirigido ao aio de seu filho: «Faz dele um homem e lembra-te que há-de ser Rei!»⁹⁶ Regressara definitivamente de Moçambique em 1898, tendo-se demitido de comissário regio na administração colonial: “...O depoimento de um dos seus intimos descreve a situação de Mouzinho ao abrir do século como de tal modo trágica e incompatível com o ambiente nacional que só a morte poderia ser o desfecho lógico do conflito...”⁹⁷ Aproximemo-lo de Antero de Quental em 1891 (v. subcap.º III) e citemos Eça: “...como a vida lhe não convinha, saiu dela voluntariamente...”

“E, no entanto, o tempo era de mudança. A tentar fazê-la ou a mantê-la por diferentes modos se consumiam os esforços de muitos desses intelectuais, sujeitos históricos a assumirem-se como tal, mesmo quando a obra era pouca...”⁹⁸

Ainda mais próximo, já em 1907, pressentimos no *Livro de Memórias* de José Senna, o agravamento dos sinais: nesse verão, El-Rei está nas Pedras Salgadas quando é divulgada a morte de Hintze Ribeiro, chefe do Partido Regenerador. É, então, que intrigas e expectativas em torno da atitude régia se adensam com requintes de crueldade e de malevolência: “...Pois, passados esses dias bem tristemente, o jornal «As Novidades», de Lisboa, publicava uma correspondência das Pedras em que se afirmava que, na propria noite em que El-Rei recebera a notícia da morte do Hintze, se realizára uma alegre serenata na qual El-Rei se mostrára tão bem disposto que «até cantára o fado fazendo-se acompanhar à guitarra por uma senhora»! E como esta, quantas calumnias urdiram os politicos republicanos e... monarchicos⁹⁹ durante o seu reinado!...”¹⁰⁰

⁹⁶ Cf. Rocha MARTINS, op. cit., capº XIII, p. 417. Diz-se que, a propósito de Mouzinho, D. Carlos terá comentado com o Capitão Senna: “Não há nada mais difícil do que ser grato a um herói quando ele não morreu na altura certa!” (cf. testemunho oral de M.ª Emília Sena de VASCONCELOS)

⁹⁷ Cf. *Dicionário da História de Portugal*, op. cit., vol. I, pp 76-77.

⁹⁸ Cf. M.ª de Lourdes Lima dos SANTOS, op. cit., p.10

⁹⁹ Sublinhado no original.

¹⁰⁰ In *Livro de Memórias*, pp. 60-62: “O único incidente desagradável que se deu durante esse tempo foi ocasionado pela inesperada morte de Hintze Ribeiro, chefe do partido regenerador. Voltávamos de uma pesca às trutas na serra que El-Rei acompanhou na melhor disposição de espírito, tanto à vontade que ele mesmo queria frigar as trutas para o almoço, quando ao descermos dos automóveis, seriam umas seis horas da tarde, junto da fonte cuja água tomava, se aproximou o coronel D. Antonio Paraty trazendo um telegramma que

Para o Tenente Senna é também violenta a constatação do choque entre poder simbólico, personificado na Família Real, e o poder efectivamente **real** exercido por João Franco e a sua ditadura.¹⁰¹

O tempo era efectivamente de “**crise**”, fruto duma interacção de “campus” diferentes, movimentados por uma acentuada “aceleração” histórica.¹⁰²

Mas a captação desta evidência não é nem da consciência colectiva nem do domínio público... D. Carlos e o Príncipe Herdeiro não escaparão, como «bode espiatório», ao movimento ascendente de emoção e tragédia que os conduz a um inevitável cadafalso... **o Regicídio!**¹⁰³

“A atmosphaera politica, ao começar o anno de 1908, era pessima. A permanencia no poder do ministerio presidido por João Franco irritava de tal modo os partidos monarchicos (?) da opposição, que a violencia dos seus ataques a El-Rei, na imprensa e nos comicios excedia a dos Republicanos.”¹⁰⁴

Comparemos este sentir de José Senna com o do Coronel Albuquerque (ajudante de campo de D. Carlos) revelado em entrevista publicada em 1913 no livro *Os cem dias funestos*: “...a atmosphaera estava pesada. Não se respirava bem. Nem sombra de alegria, de

communicava a El-Rei a morte de Hintze. Este mostrou-se bastante impressionado com a noticia, deixou de dar o passeio habitual e recolheu immediatamente ao hotel. O jantar foi triste, sendo dispensada de tocar a banda regimental que tinha sido destacada para as Pedras, não fez a costumada partida de bridge e foi cedo para o seu quarto, procedendo de modo idêntico nos dois dias immediatos (...) Esta noticia provoca a indignação de todos quantos tinham testemunhado os acontecimentos, mesmo de Republicanos convictos, como o Dr. Maximiliano de Lemos, professor da Escola Médica do Porto...”

¹⁰¹ De cujos perigosos excessos o rei se apercebe horas antes de morrer: se nesse verão de 1907, comentando os progressos de certa recuperação financeira e a recepção de “um telegramma do administrador da casa de Bragança comunicando ter sido paga a última prestação da dívida da mesma casa: « Ao Luís já deixo a casa de Bragança desembaraçada. Vamos ver se lhe deixo o paiz.»” (in *Livro de Memórias*, p.64), meia dúzia de meses depois quando o ministro da Justiça, se desloca a V. Viçosa, no rescaldo da 2.ª revolução republicana - de 28/1/1908 - com a lei do degredo para crime contra a segurança do Estado, consta que, ao assiná-la, D. Carlos terá murmurado: «Acabei de assinar a minha sentença de morte...»

¹⁰² Cf. *La sociologie de Bourdieu*, op. cit., cap.º 9, n.º 68, “Qu’est-ce qu’une crise”, p. 172.

¹⁰³ Ao iniciarmos a abordagem do Regicídio como 1.ª etape do “**clímax**” desta crise (a instauração da República será a 2.ª), fá-lo-emos tentando recorrer o mais possível às fontes de testemunhas próximas e directas, numa busca nem sempre fácil de fidelidade. Por isso, transcrevemos passagens gravadas no *Livro de Memórias* de José Senna - para cuja presença apresentamos confirmação de textos históricos - em paralelo com passagens do *Diário de D. Manuel II* (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, reproduzido na revista *Memória*, n.º 1, Ed.ª Livros Horizonte, Lisboa, 1989.)

¹⁰⁴ In *Livro de Memórias*, p. 63

desprendimento sequer nas conversas. Formavam-se grupos que segredavam, e que a seguir se dissolviam para se formar novos agrupamentos onde também segredos se trocavam...”¹⁰⁵

O ambiente geral era, pois, de **conspiração**, conspiração que, para as altas esferas, poderia atingir o governo mas nunca a família real...: “...Esse risco que o governo sentia sobre a sua cabeça, não há também muito que o Dr. Luiz Reis Torgal m’o attestou contando-me o seguinte: (...) O Reis Torgal diz que é director de uma companhia de seguros (A Equitativa dos E.U. do Brasil) mas que não segura a sua vida (de João Franco) n’um pataco. E o João Franco respondeu-me: E eu não lhe dou um vintem pela novidade!”¹⁰⁶

Aproximamo-nos do «clímax»: não desfaçamos o nó dos acontecimentos e criemos espaço para a reportagem objectiva e sintética do capitão Senna, registada 23 anos depois!¹⁰⁷ “Em 1 de Fevereiro, regressaram El-Rei, a Rainha D. Amelia e o principe real D. Luiz, de Villa Viçosa, onde haviam passado algum tempo. Estando de serviço. acompanhei o Infante, às 4 h. da tarde, à estação dos vapôres do Terreiro do Paço a espera-los, mas como ahi me informassem de que o comboyo real trazia uma hora de atraso devido ao descarrilamento de um outro comboyo, fômos dar uma volta pelo Campo Grande e pouco antes do desembarque estávamos novamente na estação, encontrando-se já na ponte o Infante D. Manoel, o ministerio, dignatarios do paço e auctoridades.”¹⁰⁸

“Terminados os cumprimentos, El-Rei, a Rainha e seus filhos subiram para uma carruagem descoberta que se pôs em andamento, demorando-se um pouco o Infante a segui-la no seu automóvel. Quando dobrávamos a esquina do torreão em que está instalado o ministerio da guerra, ouvimos tiros e notámos que fugia gente em varias direcções. o que levou o Infante a apressar o andamento. Momentos depois chegávamos junto da carruagem real, parada, continuando a ouvir tiros e vendo a Rainha de pé, agitando um ramo de flôres, n’uma attitude afflictiva. Apeamo-nos, vimos a desgraça que ocorrera e acompanhamos a carruagem

¹⁰⁵ Joaquim LEITÃO, *Os Cem dias funestos*, op. cit., p. 157.

¹⁰⁶ Ibidem, pp 158-159: “...É também a minha convicção - acentuou o coronel Albuquerque - o governo admittia que a vida dos ministros estava ameaçada mas a vida do monarcha, não. (...)”

¹⁰⁷ In *Livro de Memórias*, op. cit., pp 65-71

¹⁰⁸ Cf. Rocha MARTINS, op. cit., capº XVII “O Regicidio”, p. 582 : «No Terreiro do Paço, visinhando com a ponte limosa, juntavam-se os que aguardavam os soberanos, oitenta pessoas quando tantas pois escasseava a assistência às receções, desde que os políticos os abandonavam(*) (...)»

(*) Além dos Infantes D. Afonso e D. Manuel e de todo o Ministerio estavam presentes as senhoras duquesas (...) Jordão de Freitas, major João Dias, da policia, **capitão Sena** e Luís Trigueiros, o célebre repórter mundano da época.”

até esta entrar no Arsenal da Marinha, para onde o Infante voltara os cavallos por o cocheiro estar desnortado. El Rei estava morto, o principe real dava poucos signaes de vida e o Infante D. Manoel ligeiramente ferido n'um braço!”

Dias depois, é o próprio D. Manuel quem regista no seu *Diário*:

“(…) Depois disto não me lembro quase do resto: foi tão rápido! Lembro-me perfeitamente de ver minha adorada e heróica Mãe de pé na carruagem com um ramo de flores na mão gritando àqueles malvados animais: «Infames, infames.» (...) Eu também fui ferido num braço por uma bala. Faz o efeito de uma pancada e um pouco de uma chicotada(...) Agora que penso neste pavoroso dia e no medonho atentado parece-me e tenho quase a certeza (não quero afirmar porque nestes momentos angustiosos perde-se a noção das coisas) que eu escapei por ter feito um movimento instintivo para o lado esquerdo. (...)”

“...A condessa de Figueiró não continha sua dor nem calava suas condenações: «-Não havia um polícia! Não havia um polícia! Fôram elles!» e increpava o govêrno no seu anti-franquismo, na sua cólera de amiga dedicada da rainha. Em desesperos acusava, ante o horror da sua desgraça.”¹⁰⁹

Nesse instante, o impacto do Regicídio foi brutal, lancinante, mas mais brutal ainda é o sofrimento prolongado, dia-a-dia, cruzado com a exigência e a intransigência, inadiáveis, dos deveres e negócios de Estado...

Em privado com a dor: “...Retirados os corpos para um armazem, o infante D. Affonso mandou-me tomar o automóvel para ir prevenir a Rainha D. Maria Pia do triste acontecimento, o que fiz, mas tendo-se dado um desarranjo no motor a meio da calçada da Tapada, fiz o resto do percurso a pé, chegando offegante ao paço, e dirigi-me para a “sala azul”, a sala habitual da Rainha, onde me haviam dito que ella ainda estava. Apenas a Rainha me viu, suspeitando que qualquer occorrença grave se dera, mas longe de suppôr o que fôsse, perguntou-me sobressaltada: «E o Infante?» Respondi-lhe: «O Senhor Infante está bem, minha Senhora, mas succedeu uma grande desgraça». Levantou-se, approximou-se anciosa de mim, dizendo: « Mas que aconteceu? Diga, diga...» Foi só então, ao contrario do que se lê

¹⁰⁹ Ibidem, p 586 .

Cf. ainda António CABRAL in *O Agonizar da Monarchia, erros e crimes - Novas revelações*. Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa, 1931, pp. 249-252: “...Tinha razão a nobre dama da Rainha (...) Naquelas horas terríveis, João Franco nem energia mostrou! (...) Tres dias depois da partida para o estrangeiro de João Franco, realizavam-se os régios funeraes. Pareciam já os funcraes da Monarchia!...”

n'algumas narrativas da tragedia, que disse: «El-Rei está gravemente ferido, foi victima de um attentado no Terreiro do Paço e encontra-se no Arsenal da Marinha.» E esta informação foi dada pouco a pouco, conforme m'o permittia a minha commoção.”

“A Rainha mandou que lhe trouxessem um chapéu e uma capa, fazendo o mesmo a marquesa de Bellas, dama de serviço, exclamando: « Vamos já para lá!» e enquanto uma creada a compunha, a marquezia de Bellas sahiu-me ao encontro, quando voltava de mandar apromptar o automóvel, perguntando-me o que realmente succedera, sendo a esta senhora que eu disse que El-Rei estava morto e o principe em estado gravissimo.”

“Só no automovel, já em marcha para Lisbôa, é que, depois de umas sentidas palavras da marqueza que tendiam a dispôr a Rainha contra a dureza do golpe que a esperava, lembrando-lhe que os Saboyas se tinham mostrado sempre estóicos ante a desventura, fui descrevendo a tragedia, preparando a rainha para encontrar o filho morto e o neto com pouca vida, de modo que ao defrontar-se no Arsenal com a Rainha D. Amelia que vinha ao seu encontro, exclamou: «On a tué mon fils!» respondendo-lhe esta: «Et le mien aussi!», no momento de se abraçarem chorando. Era já noite, quando as duas rainhas e o já rei D. Manoel retiraram para o palacio das Necessidades e pouco depois eram os corpos para ahi transportados em carruagens fechadas, ladeados por cavallaria, *indo eu na primeira, que conduzia o cadaver do principe, e o Infante na segunda, com o cadaver do rei.*”¹¹⁰

Nesta passagem, encontramos **confirmações** mas também **variantes** relativamente a outros relatos:

Um primeiro exemplo, o do Coronel Albuquerque¹¹¹: “...«Eu me encarrego de dirigir o regresso de Suas Magestades,» disse eu. Na carruagem tomaram logar Suas Magestades a Rainha Senhora D. Amelia, e D. Maria Pia - *(a quem tinham levado a noticia à Ajuda, dada cautelosamente sobre a forma de que El-Rei estava muito ferido, e que se apresentára logo no Arsenal)* - o Senhor D. Manuel e o sr. Conde de Sabugosa. Na almofada, fui eu.(...) Estava cumprida a primeira missão...: Restava a segunda: levar para o Paço os corpos d’El- Rei e de S.A. o Principe D. Luiz Filippe. Voltámos ao Arsenal, numa carruagem da casa... Organizou-se o angustiado cortejo, em dois carros: num o corpo de Sua Magestade, o Senhor D. Carlos, o Conde de Sabugosa, o coronel Guilherme Charters d’Azevedo, noutro...

¹¹⁰ In *Livro de Memórias*, pp. 66-68.

¹¹¹ In *Os cem dias funestos*, op. cit., pp 164-166

(...) *No outro foram: o corpo de S. A. D. Luiz Filippe tambem sentado, o Senhor D. Affonso, o capitão José Vicente da Silva Senna, e eu. (...)*”

Outro exemplo, o de Rocha Martins:¹¹² “...*Para o outro trem levavam o filho. Sendo alto e magro, parecia alongar uma vasta sombra na parede fronteira onde se encavalavam a dos que o conduziam, meio vergados. Eram o Infante D. Afonso (...), o tenente-coronel Alfredo José de Albuquerque e o capitão José Vicente da Silva Senna, os fiéis, os gratos, os de sempre naquêlê Arsenal onde só havia sentinelas, meia duzia de palacianos e o esquadrão da Guarda, pronto a escoltar as victimas.*”

Poderá contrapor-se a hipótese:

Apesar de estas notas serem «escriptas de memoria» em 1931, até que ponto José Senna se terá apoiado em registos entretanto publicados e referidos nas anotações ?

Provavelmente os mesmos a que recorremos na presente investigação para a indispensável confrontação do texto manuscrito?!

É possível, mas tal não invalida:

- a originalidade absoluta de determinadas passagens (ex.: encontro do «arauto da desgraça», José Senna, e de D. Maria Pia).
- a irregularidade no ajuste de alguns pormenores (ex.: a distribuição das vítimas e respectivos acompanhantes pelos carros que as trasportam do Arsenal ao Palácio das Necessidades - v. p. anterior)
- o grande paralelismo na caracterização do ambiente envolvente (quase uma «cópia» - ver p. 61)
- a prioridade concedida à transmissão dos seus sentimentos, de desabafos, quase como que uma justificação, face às únicas interlocutoras que lhe interessam - as filhas -, das suas opções e atitudes numa conjuntura com tanto de sombria como de polémica.
- por que não, mesmo uma autojustificação?!
- Confirma-se, assim, a intencionalidade íntima e privada da análise e comentário dos acontecimentos seguintes:

Uma indignação crescente :

“... Ao chegarmos, entre as muitas pessoas que estacionavam na escadaria do palácio, notei a presença de muitos dos políticos que mais tinham concorrido para que a tragédia se desse e a falta de outros que tinham sido presos ou passado a fronteira depois do malôgro de uma tentativa revolucionária que tinha tido lugar dois dias antes. e não tardou que me apercebesse que entre os primeiros já fervilhava a intriga, contando com a demissão do ministério, o que fiz notar ao Infante e ao dr. Carlos Tavares, dizendo-me este que estava observando a mesma miséria! Não posso precisar se foi n'esta ocasião, se mais tarde, depois da reunião do conselho de estado, que revoltado com o que presencava disse ao Infante: «Senhor Infante, se não fôsse a situação crítica em que se encontra a Família Real, era esta a última semana de serviço que lhe fazia porque a essa canalha nunca poderei fazer bôa cara como é obrigação de quem está n'este lugar!» Creio que reproduzo textualmente as palavras que então pronunciei e foram ouvidas pelo Dr. Carlos Tavares, como tempos depois m'o disse.”¹¹³

E a sua presença revelou-se realmente indispensável:

Nessa noite, encontramos o capitão Senna apoiando e amparando as Rainhas :

“...encontrei-me a sós n'uma sala contigua com a Rainha D. Amelia (...) Esta senhora que não sei por que motivo parecia não sympathizar muito comigo, encostou-se a mim a chorar, dizendo. «Que grande desgraça, Senna!»” No dia seguinte recebe ordens do Infante para ficar ao serviço da Rainha D. Maria Pia no Palácio da Ajuda. É então que recebe, à falta de melhor e para prevenir qualquer outra trágica eventualidade, uma arma de D. Carlos: “...e, como lhe respondesse negativamente, o Infante disse-me: «Espera que eu vou ver se te arranjo uma» e pouco depois trazia-ma uma pistola nickelada, de dois canos, que era de El-Rei, dizendo-me mais tarde que podia ficar com ella «como recordação do mano»”.

“E até depois dos funeraes, passei esses dias e noites, ora na Ajuda, ora nas Necessidades, accompanhando sempre a Rainha D. Maria Pia, cujo veador de serviço era o velho Duque de Loulé, sem que felizmente se desse qualquer incidente...”¹¹⁴

¹¹² In *D. Carlos, História do seu Reinado*, op. cit. p. 589

¹¹³ *Livro de Memórias*, op. cit., pp. 68-70

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 71

VIII - Casamento

A partir de então e durante todo o luto pesado, o capitão Senna passa quase todos os serões com D. Amélia e El-Rei D. Manuel no Palácio das Necessidades, onde é tratado com amizade.

Entretanto, já com 38 anos, pensa casar-se e, nada mais nada menos, com... **Augusta de Belfort Cerqueira**, uma vizinha dos «velhos tempos» da rua do Salitre, 14 anos mais nova. Há já longos anos (8 ?) que uma sorrateira “troca de olhares” entre o grande palacete e a casa modesta - a cuja porta, cúmulo do absurdo, tantas vezes parava a carruagem do paço... - era acompanhada pelo focar dos binóculos nas récitas de gala, na ópera em S. Carlos... «Amores» mais adivinhados que confirmados pois que a senhora «ditadora» Teresa de Belfort Cerqueira (v. cap. 2.) interceptava a correspondência, devolvendo-a, procurando invalidar a perspectiva de um genro que não lhe parecia um «bom partido»...

“...(que tempos! que costumes!) esta é que decidira que um companheiro daquele príncipe, que grangeara fama de tão extravagante e desvairado, «não podia ser também boa pessoa». Assim, «cortara logo aquilo»...”¹¹⁵

Ironia do destino: é este mesmo genro que se vai tornar, mais tarde, o seu gestor financeiro, o homem da sua confiança, o seu confidente, como o testemunham o testamento de Joaquim José Cerqueira e as “memórias” das netas: “Curiosamente que eu saiba, uma única pessoa se atrevia a fazer-lhe frente, sem prejuízo da grande amizade e confiança entre os dois: o meu pai.”¹¹⁶

Quem resolveu afinal a situação foi Sílvia Belfort Ramos casada com Mário de Belfort Ramos (v 1.- quadro genealógico) entretanto colocado na embaixada do Brasil, proporcionando e facilitando encontros em torno de um «chá» que esclareceu todos os mal entendidos.

¹¹⁵ Cf. M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Apontamentos manuscritos...1991*, p 13.: “...O mais espantoso no entanto é que a avó Teresa, a «ditadora» neste caso, ganhou seguidamente tal confiança e tal afecto pelo meu pai que, uma vez viúva, só com ele combinava até, toda a sua vida financeira, e não com os filhos (também amicíssimos dele e que, felizmente, nunca isso levaram a mal!)

Nesta atitude, aproxima-se em parte e só relativamente, da estratégia referida por *Daniel Bertaux*, op. cit., cap.º 8, p. 267.

¹¹⁶ Cf. M.^a Teresa B. C. Sena de VASCONCELOS in *Antes que a memória se apague*, op. cit., p.15.

Pouco depois (24 de Outubro) deu-se o «pedido oficial» e é então que o capitão Senna solicita uma audiência ao rei D. Manuel, para que este lhe conceda a protocolar autorização, ao mesmo tempo que confirma a sua intenção de - finalmente... - abandonar o serviço do Paço, já que a sua noiva não o queria numa vida «tão vadia»! Intenção...frustrada !

“...El-Rei ao dar-me audiencia entre muitas que tinha n’esse dia, aproveitou a ocasião para fumar um cigarro na minha companhia e conversar sobre as dificuldades que lhe criavam constantemente as ambições dos politicos, lamentando ver assim prejudicado o seu empenho em servir bem o paiz, o que era verdade. Ao despedir-me teve para mim expressões muito amaveis, terminando por dizer-me: «... e deixe-me renovar o desejo que um dia lhe manifestou meu Pae. Constou-me que pensa em deixar o serviço do Tio. Desista d’esse proposito, **peço-lh’o**, porque todos nós apreciamos a sua lealdade e a sua dedicação de amigo!» **E, naturalmente, cedi mais uma vez...**”¹¹⁷

E o casamento realizou-se com “pompa e circunstância”, em 26 de Janeiro de 1910, pelas 11,30 h., na Igreja do Sagrado Coração de Jesus - Lisboa, animado pelo sexteto da orquestra de S. Carlos, seguindo-se-lhe grande recepção na “casa do Salitre”, sendo muito divulgado nos jornais da época.

Pensamos ser importante referir que o Infante não foi convidado para não ter de se alargar os convites à corte. Entre os convivas encontravam-se: “Dr. Costa Motta, ministro do Brasil; dr. Óscar de Teffé, secretario da legação brasileira; M. J. F. da Cunha, consul do Brasil (...) Joaquim Belford, 2.º tenente da armada Henrique Correia da Silva (Paço d’Arcos) (...) Ao «dessert», o sr. dr. Costa Motta, illustre ministro do Brasil, ergueu a sua taça em honra dos noivos. Respondeu-lhe agradecendo essa deferencia e a honra da sua presença e de sua gentil filha, **o sr. conselheiro Joaquim Cerqueira, que fez commovidas referencias ao Brasil, onde nasceu a noiva**, tendo justas palavras de elogio para o illustre representante em Portugal, d’aquelle paiz. (...)”¹¹⁸

Sem exagero, podemos afirmar que se reuniram neste casamento todas as personagens que deram vida ao presente trabalho e que se apertaram os laços para que procuramos um sentido...

¹¹⁷ *Livro de Memórias*, op.cit., p.72.

¹¹⁸ In *Diário Ilustrado*, 27 de Janeiro de 1910 (*Anexo 26, assim como o convite*).

Depois do casamento, o Infante D. Afonso “foi realmente duma grande condescendencia”¹¹⁹, permitindo-lhe ir passar todas as noites em casa, dando-lhe liberdade depois do jantar e mesmo durante o dia nas semanas de serviço, facilitando-lhe a deslocação pelo «Ponta da Unha» (*chauffeur*). Tal não evitou que Augusta Belfort Cerqueira recebesse cartas anónimas que nunca a preocuparam e “foram felicíssimos - no melhor ou pior da vida. (...)”¹²⁰

Embora não vivessem com o luxo da Rua do Salitre, onde passaram os seus primeiros tempos de casados, o seu amplo andar da rua Castilho n.º 13 - 1.º dtº, com 16 divisões e mais uma no sótão, assegurava-lhes um bom estilo de vida: para as quatro pessoas que a família virá a abranger tinham uma empregada para as meninas, a cozinheira e criada de fora, a mulher a dias, a lavadeira e a costureira (uma ou duas vezes por semana).

“No princípio da época imediata,¹²¹ seria então apresentada na Corte a minha mãe - frágil, delicada, muito «senhora» à maneira do tempo (...) - mas isso... é que já não consentiu a revolução de 5 de Outubro desse ano!”¹²²

¹¹⁹ *Livro de Memórias*, op. cit., p. 73.

¹²⁰ *Apontamentos...* 1991, p. 13.

¹²¹ Cf. entrevista a Mª Teresa B. C. Sena de VASCONCELOS em 22/3/1998. 1.º Baile da temporada: Janeiro do ano seguinte

¹²² Cf. *Apontamentos...* 1991, p. 4 e p. 14.

IX - Na «I República» - Sobressaltos

“Quebra-se o círculo encantado da legitimidade”¹²³

Ainda sob o embate do Regicídio e sob o efeito dos serões no Paço, «olhos nos olhos» com uma família real destroçada para quem se tornou indispensável, compreendemos que para José Senna o «5 de OUTUBRO» tenha sido mais um atentado, que o arrasta bem longe das suas lutas e convicções de juventude.¹²⁴

O desafio continua... Onde está o seu «lugar»? E onde está o seu dever?

De grande serenidade nas grandes ocasiões, adivinhamos, nos episódios que se seguem,¹²⁵ para além dum agitar físico - para onde me devo deslocar? - um agitar íntimo que chega a doer e que só acalma quando se define numa declaração de “não hostilidade” à República com tanto de breve como de sabiamente pensada.

Nessa época, acumulava o serviço do paço com o de uma “repartição do Arsenal do Exército que superintendia nas fábricas e depósitos de material de guerra”.

Terminado o banquete dado, em 3 de Outubro, no palácio de Belém pelo presidente eleito do Brasil Hermes da Fonseca, o Rei e o Infante deveriam ter regressado aos seus locais de veraneio, Sintra e Estoril respectivamente. O capitão Senna encontra-se no palacete da R. do Salitre onde ainda vivia quando rebenta a revolta republicana. Considera ser seu dever militar comparecer na repartição, de importância estratégica, sobretudo porque era o único oficial de serviço. É entre duas descargas que para lá se dirige na madrugada do 4 de Outubro e aí se mantém até às 4h. da tarde, recebendo então ordem do ministério da guerra para fechar o Arsenal, que ficou entretanto guardado por uma força de caçadores 5 e por outra de engenharia:

“...Mandando-me o general director do Arsenal retirar, dirigi-me para o quartel general (...) A confusão que observei no quartel general era grande¹²⁶ e veio agravar a má

¹²³ Cf. *La Sociologie de Bourdieu*, op. cit., cap.º 2.

¹²⁴ *Livro de Memórias*, op. cit., p. 73.

¹²⁵ Confirmados, a par e passo, com testemunhos de José RELVAS nas *suas Memórias Políticas*, vol. I. Col. “Portugal Ontem, Portugal Hoje”. Lisboa: Terra Livre, 1977-78.

¹²⁶ Cf. José RELVAS op. cit. p. 123 e p. 129, respectivamente: “A impressão dominante era de fraqueza dum e doutro lado...”; “...o quartel general sem acção coordenadora...”

impressão que colhera na rua da Palma vendo o regimento de infantaria que ahí estacionara já bastante desordenado, cercado de populares que conversavam com os soldados, mas sendo ahí informado de que El-Rei passara a noite nas Necessidades, resolvi dirigir-me para lá (...)”¹²⁷. Entretanto, pelo caminho, encontra um criado da Casa Real que o informa de que El-Rei já tinha ido para Sintra. Regressa, então, a casa.

Proclamada a República no dia seguinte e, “não sabendo o que mais me conviria fazer”, escreve ao General Siqueira, director do Arsenal, perguntando-lhe se o dispensava do respectivo serviço, “dada a minha situação”, isto é, talvez para se encontrar mais disponível face a qualquer emergência da Família Real. A resposta, que se transcreve textualmente, vem-lhe no próprio sobrescrito da carta (!!!): «Está dispensado. Não pense em se sujeitar a um enxovalho. Veremos o que succede. Não se arrisque tôlamente sem proveito seja por quem fôr. Sequeira. 5/10/10.»¹²⁸

Dias depois, recebe em casa “a visita do tenente do estado maior Costa Veiga que ia de parte do chefe do estado maior da divisão, capitão Pereira Bastos, para lhe mandar uma simples declaração de que não hostilizará a república. Discutidos os termos em que deveria ser redigido tal documento, **discussão amigavel por serem excellentes as relações pessoaes que mantinha com esses dois officiaes**, dei-lhe a seguinte redacção:

«Declaro que, como official do exercito, servirei lealmente as instituições que o paiz livremente escolher.»¹²⁹

No entanto, o ambiente continua tenso¹³⁰ visto que mais à frente esclarece: “Tendo-me abtido por completo de entrar em qualquer das conspirações monarchicas por não estar disposto a servir de degrau, para rehaverm o poder, aos mesmos homens que tanto haviam contribuído para que a monarchia fosse derrubada e a alguns dos quaes considerava como verdadeiros cumplices do duplo regicídio de 1908,conhecendo bem a sua ambição insoffrida e a sua má fé, não deixei por isso de me tornar suspeito aos bons¹³¹ republicanos

¹²⁷ *Livro de Memórias*, p. 75. Ver, também, José RELVAS, op. cit. p. 125: “No princípio da noite começou a correr o boato insistente da fuga do rei e da Corte, sem destino conhecido...”

¹²⁸ *Livro de Memórias*, p. 76

¹²⁹ *Ibidem*, p. 77. A título de curiosidade, um nosso tio-avô paterno - Luís Xavier Barbosa da Costa - casara em 1902, com D. Maria Amélia de Mello Arriaga, filha do futuro 1.º Presidente da República...

¹³⁰ Cf. também José RELVAS, op. cit., p. 126, referindo-se a *Brito Camacho*: “O homem que... tanto contribuiu para manter a coesão... foi mais tarde acusado de mau patriota e mau republicano...”

¹³¹ Sublinhado no original.

durante o tempo que, sob a republica, ainda estive no serviço activo do exército, pelo ascendente que facilmente conquistava sobre os meus subordinados.”¹³²

E exactamente entre as páginas 78-84, concretiza esta opinião recordando com emoção e pormenor o que resumidamente narramos:

Em 1911, terça-feira de Carnaval, inspeccionando o grupo de artilharia de costa, colocado nas fortificações da Trafaria: neutraliza, com o apoio dos sargentos (que convenceu da necessidade absoluta de disciplina para evitar a anarquia) e passando toda uma noite em branco, um «levantamento de rancho» e tentativa de posterior sublevação dos “praças”, detectando e conseguindo a transferência imediata dos “cabeças de motim” evitando, assim, uma grave insubordinação. Tal atitude mereceu-lhe:

Por um lado: o louvor do major Soares Branco, o comandante, que posteriormente o incumbe de organizar estratégias de defesa que inviabilizem “um golpe de mão tentado pelo lado de terra pela marinha, cuja revolta se annunciava”, responsabilizando-o ainda pela requisição do respectivo material e pela instrução dos soldados.

Por outro: a consideração e um brinde especial do suprarreferido “corpo de sargentos” aquando da inauguração do respectivo clube, mesmo estando ausente pois, recusou o convite “pretextando doença”.

1912 - É entretanto colocado no Forte de S. Julião da Barra como adjunto do comandante do sector de defesa marítima que o informa de “registos lisongeiros” na sua folha de serviços. Aí rege o curso de telemetristas de costa¹³³ para catorze bem dispostos sargentos, alguns já do tempo do forte da Trafaria que, mais uma vez, lhe manifestaram provas comoventes de amizade quando a sua mãe morre em Novembro desse ano.

No entanto, quanto mais cresce a sua popularidade, mais cresce também a desconfiança dos “«acérrimos» deffensores da Republica”, que consideram S. Julião da Barra “um ninho de thalassas”¹³⁴ e que era preciso não me perderem de vista”. Ao propor para seu ajudante, neste curso de instrução prática, o tenente Raul Pissarro, um dos oficiais que mais se distinguira nesta especialidade e que mal conhecia, o capitão Senna vê o seu pedido indeferido

¹³² *Livro de Memórias*, pp 77-78.

¹³³ Escreveu então o livro *Curso de Telemetristas de Artilharia de Costa - lições teóricas*, publicado em 1914, mas estranhamente sem referência ao autor que é apenas identificado por uma anotação manuscrita pelo próprio (frontispício no anexo 26A).

“«por este ser também um thalassão» e o chefe de estado maior recear que fossem perseguidos...”¹³⁵ É fácil concluir que, por mais competente que se revele, por maior que seja a admiração e a confiança que desperte em alguns dos superiores hierárquicos, sempre o irão “triturar” ou avaliar pelo seu passado “monárquico”...

Com uma lucidez amarga assume e insiste na única solução que lhe resta: retirar-se!

Só o consegue em 1915 e por pouco tempo porque, quase logo, Portugal entra na 1ª Grande Guerra e é de imediato mobilizado para o Campo Entricheirado de Lisboa onde se conserva até a guerra terminar.

Renunciando finalmente a uma dimensão pública em que nunca mais poderia voltar a sentir-se realizado, aos 48 anos José Senna torna-se sócio-administrador de uma empresa de material eléctrico - Sociedade Portuguesa de Máquinas e Electricidade¹³⁶ - e vai refugiar-se no «campus familiar», investindo na educação das suas filhas e desenvolvendo um rico processo de produção antroponómica com forte suporte afectivo: “Como pai, foi ele que nos abriu para uma cultura muito agradável porque muito vasta e variada. Deu-nos assim possibilidade de escolher o que queríamos aprofundar e uma grande latitude para apreciar um grande número de coisas.”¹³⁷

“Ela (mãe), mais reservada mas de uma dedicação total¹³⁸. Ele (na intimidade) mais “meigo” e aberto. Eu adorava-o. Quando o sentia entrar em casa corria para ele, num ímpeto.”¹³⁹

¹³⁴ Sublinhado no original (*Livro de Memórias*, p. 84); vocábulo de gíria designando “monárquico”.

¹³⁵ *Ibidem*.

¹³⁶ Cf. testemunhos orais de M.^a Teresa e de M.^a Emília B. C. Sena de VASCONCELOS: sediada na R. do Crucifixo, era presidida por Lobo da Costa que vem a ser Presidente da Câmara de Lisboa.

¹³⁷ *Antes que a Memória se apague*, op. cit., p. 5.

¹³⁸ Esta “reserva” da mãe foi completada por toda uma enorme ternura e inteligente espontaneidade da saudosa Marcolina Cordeiro, a «**Pechim**» ou «**Pechy**» que, vivendo até aos 94 anos, ainda animou a infância e a juventude da geração seguinte.

Ver também *Antes que a Memória se apague*, op. cit., p. 22.: “Pequenina, muito feia mas com uns lindos cabelos brancos ondulados impecavelmente penteados, tinha uma força extraordinária num corpo tão franzino. Quando éramos pequenas e até depois, já bem grandalhotas, levantava-nos muito alto à força de braços e dizia: «- Lá vai a menina até aos Altos Pirinéus!» Nós, gostando da ginástica, insistíamos. «- Pechy, leva-me outra vez até aos Altos Pirinéus!» Muito mais tarde, já depois de ela morrer (com 94 anos), há relativamente poucos anos, subi de Lourdes ao Circo de Gavareine. E lá em cima, rodeada daquela beleza tão grande que fazia doer, o pensamento que me veio foi: «- Pechy, cá estou eu nos Altos Pirinéus!...» Assim se vê como ela nos marcou. E por isso falei tanto dela com a sensação de que ainda ficou imenso por dizer!”

X - De «pé fresco» a «thalassa»?

ou

Uma conciliação impossível entre as ideias e os afectos?

José Senna foi um homem de acção, revelando grande profissionalismo como militar, visível:

- Num indiscutível espírito de chefia assente numa autodisciplina contagiosa (ex.: no anular das diferentes insurreições quer a bordo quer na Trafaria), com que tempera, também, os excessos e as "birras" do Infante D. Afonso¹⁴⁰.
- Numa decidida coragem (em África, na Índia, no post-Regicídio) que o leva a assumir as missões mais arriscadas.
- Na firmeza e frontalidade no contacto com os superiores, conduzindo-o a atritos que não «rodeia» («compte-rendu» de África; campanhas da Índia; "real" discussão que lhe valeu a Avis).
- Nos conhecimentos técnicos profundos (conversa com Afonso XIII; episódio da Armada Francesa, "real discussão").

José Senna foi um intelectual e um humanista pelas:

- Fortes convicções, aliadas a uma profunda vivência ética: apesar do progressivo arrefecimento do entusiasmo republicano, cinco vezes tentou "libertar-se do serviço do Paço" e cinco vezes não conseguiu, vendo sistematicamente falhar as diferentes estratégias para «manter as distâncias» convenientes.
- Polivalência em assuntos militares, históricos, musicais e até pedagógicos: "saber convergente"¹⁴¹

¹³⁹ In *Apontamentos manuscritos... 1991*, art.º cit.º, p. 13.

¹⁴⁰ *Livro de Memórias*, op. cit., p. 85-86.

¹⁴¹ Cf. Boaventura de Sousa SANTOS in *Um discurso sobre as Ciências*, op. cit.

- Veneração e culto das Amizades, que mantém contra tudo e contra todos e que «grava» em tantas páginas das suas memórias: traça-nos comoventes “retratos”, transbordantes de perspicácia e de sensibilidade:
 - Dr. Carlos Tavares
 - Rainha D. Maria Pia
 - Rei D. Carlos¹⁴²
- Sensibilidade a um certo prestígio e à doçura envolvente de ambientes requintados:
 - Covent Garden (Londres)
 - Visconde de Senna (Aix)
 - Jantar na sala dos Cisnes (Sintra)¹⁴³

São também estes dois vectores fundamentais, o homem de acção que permanentemente se questiona pela introspecção, os responsáveis pela emergência das suas «Memórias».

*Maria de Lourdes Lima dos Santos*¹⁴⁴ refere a «intelligentsia» liberal de oitocentos e a sua estreita proximidade com os centros de poder, objectivando-se num dilema: a perplexidade e a contradição entre uma “desinteressada vocação de ser a consciência da sociedade e o interessado e puro envolvimento nas coisas temporais”: na tentação de “unir saber e poder”, as famílias com origem modesta desenvolvem ambições numa escalada ascendente (corrente cultural de sentido popularizante) e as de origem mais aristocrata recuam (corrente cultural de sentido aristocratizante): é nesta última que nos parece ser de incluir o capitão Senna, recuo que se torna sobretudo evidente no período republicano.

Nesta perspectiva atingiu um nível de coerência quase absoluto, que *Daniel Bertaux* designaria mesmo como “absurdo”,¹⁴⁵ considerando a forma como foi “sacudido, maltratado por influências sociais contraditórias”, desviando-se (como os seus irmãos João Carlos e Camilo) de uma certa “mafiagem de redes” que caracteriza as “famílias de enquadramento”.

¹⁴² *Livro de Memórias*, op. cit., Dr. C. Tavares na p. 41, D. Maria Pia na p. 87 e de D. Carlos nas pp. 88 -92, salientando a sua faceta de humanista, de cientista - oceanógrafo - e de artista.

¹⁴³ *Ibidem*, respectivamente nas p. 31, p. 35-36 e p. 41.

¹⁴⁴ *Os Intelectuais...* op. cit., pp. 29-30 e pp. 329-338.

¹⁴⁵ *Destinos pessoais...* op. cit., pp. 62-67.

Politicamente, como o poderemos definir?

Republicano?

Monárquico da situação?

Monárquico da oposição?

Por quê esta preocupação em lhe colocarmos uma etiqueta redutora que ele nunca procurou nem quis assumir no borbulhante, confuso e volátil «campus»/«caldo» político-partidário em que viveu?

Aberto a uma pluralidade de pontos de vista, renunciando a um ponto de vista único¹⁴⁶, recebeu da sua própria experiência de vida, alargada e heterogénea, a possibilidade de pairar acima de divisões e de quezílias partidárias, impedindo-o, efectivamente, de arrumar o mundo das ideias e dos homens em grandes lotes de bons e de maus!¹⁴⁷

Podemos sem hesitação afirmar que sempre procurou colocar a **RES PUBLICA** acima dos seus interesses individuais e de grupo e que o traço, ainda que fugaz, de uma vida que descobrimos no seu “Livro de Memórias” é o seu melhor testemunho: sempre entendeu o “poder” como um “serviço”, como o entenderam alguns reis e como, quem dera, sempre o tivesse entendido a República.

Foi, o que de forma sentida, revelou quando redigiu a declaração de fidelidade que lhe foi exigida, **insista-se, respeitosamente**, no 5 de Outubro de 1910:

“Declaro que, como official do exercito, servirei lealmente as instituições que o paiz livremente escolher.”

¹⁴⁶ Cf. Pierre BOURDIEU in *A miséria do mundo*, op. cit., Paris, Ed. Seuil, 1993, cap.º 2, “O espaço dos pontos de vista”.

¹⁴⁷ Cf. *Livro de Memórias*: p. 62 - “...quantas calumnias urdiram os políticos republicanos e... monarchicos durante o seu reinado!”; responsabilidade dos monárquicos no Regicídio; destaque para os bons republicanos.: pp. 62-63: apresentação dos Dr. Luís Viegas e Dr. Maximiliano de Lemos, republicanos nortenhos, ao Rei: “«Estes senhores ganham muito em serem conhecidos de perto»”.

Podemos sem medo concluir que o difícil percurso de coerência de José Senna o conduziu a uma ponte, a uma longa ponte entre homens e culturas, entre o séc. XIX e o séc. XX, **uma longa Ponte para o Infinito, entendido como procura incansável de uma Verdade Absoluta:** “Só a verdade inteira, tão profunda quanto possa ser dada numa determinada época, possui uma força libertadora... E esse deveria ser o cuidado constante daqueles que têm o privilégio da palavra pública, professores e investigadores, escritores e - muito particularmente - jornalistas, procurar sempre aprofundar a verdade e dizê-la...”¹⁴⁸

¹⁴⁸ Cf. Daniel BERTAUX op. cit., p. 276.



M.^a Emília e M.^a Teresa de Belfort Cerqueira da Silva Sena de Vasconcelos

RASTOS NO NOSSO TEMPO

“Tudo o que colectivamente nos irmana e nos ajuda a enfrentar a incerteza e a difícil renovação do ciclo fatal da vida - a língua, a história, o modo amável de nos reconhecermos nesta terra ou em qualquer outra parte do mundo (...) tudo isso só sobreviverá se a civilização moderna do conhecimento exigente e exposto e da informação global brotar também de nós. Se ficarmos a vê-la passar, melancolicamente, como os navios da lenda, nem o miradouro que julgávamos nosso nos ficará, nem o olhar, nem a voz e, por fim, nem a memória de um povo.”

José Mariano Gago

Maio de 1997

I - Epílogo... quase!

“Construir a mais pequena democracia no coração da sociedade”¹

Antes de entrarmos no domínio das conclusões, uma breve perspectiva das actuais gerações, numa visão rápida, sem a qual esta «história de família» esfumava-se, indecisa...

É tempo, também, de respondermos à pergunta deixada em suspenso no final da biografia de Joaquim José Cerqueira: “E as figuras femininas? Marquemos o compasso de uma geração, de duas gerações até que a trajectória histórica lhes proporcione oportunidades para uma realização mais ampla e global...”

Afinal elas são as predominantes nesta “apresentação” intencionalmente breve: corremos o risco de, não só alongarmos exageradamente este trabalho, como também, porque envolvidos ainda em forte teia afectiva, tentarmos uma história do imediato sem a distância indispensável. Começemos pois por...

Maria Emília de Belfort Cerqueira da Silva Sena de Vasconcelos, n. em 1912: Investiu na pesquisa etnográfica, na literatura, no memorialismo, cultivando também o seu gosto pelas viagens, “da Índia à Rússia”. Confirmam-no os artigos *Perfil*, em última página do *Jornal de Notícias* de 12 de Novembro de 1992 e o publicado nas páginas 504-505 (*Anexo 28*) do volume IV do *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* em Março de 1998.²

Em 1996, recebeu da Câmara Municipal de Viana do Castelo, a medalha de «Cidadã de Mérito da Cidade».

¹ Lema das Nações Unidas para o Ano Internacional da Família (1994) in Prólogo de *Conferência dos Ministros Europeus Responsáveis pelos Assuntos da Família - Síntese*. Coleção “Estudos/Documentos” II série. Ed. Min. Emprego e Seg. Social. 1992

² Ver ainda *Vianenses Ilustres (Títulos atribuídos em 1995-1996)* Ed. Câmara Municipal de Viana do Castelo. Jan. 1997, pp. 127-133.

Maria Teresa de Belfort Cerqueira da Silva Sena de Vasconcelos, n. em 1914.

Investiu sobretudo na educação dos sete filhos e no acompanhamento carinhoso e inteligente dos dez netos.

Quando enviuvou, encontrou uma forma mais de equilibrar o apertado orçamento familiar na publicação, com o pseudónimo de *Maria de Melo*, das muitas histórias que contava aos filhos nos *media* que as acolheram :

- Programas radiofónicos da Emissora Nacional.
- Revistas Infantis - «Fagulha», «Pisca-pisca» e outras

Tem ainda publicados na colecção “15”, as biografias de Gago Coutinho - *Uma página de Aviação (1869-1959)* e *Padre Américo, gigante da caridade*³ mas muitas outras histórias aguardam uma merecida e mais aperfeiçoada edição, dependente agora só da disponibilidade dos filhos: será a nossa próxima empreitada. Então o seu contributo para a literatura infantil virá a ser reconhecido tal como o foi em Paris, no Congresso «*La Presse et la littérature enfantine*», promovida pelo B.I.C.E. no âmbito do Ano Internacional do Livro (Maio de 1972), onde, a propósito da elaboração das conclusões finais, alguém comentou: “Là, la petite dame portugaise a déjà tout dit !”

Já na terceira idade “abriu asas e voou” percorrendo a Europa de Oeste e de Leste (Checoslováquia, Hungria), América (Brasil, E.U.A.), África (Marrocos), Ásia (China, Hong-Kong, Macau, Índia, Tailândia)...

De seis dos seus filhos, cuja carreira se tem processado à escala internacional e intercontinental, nos fala o quadro que se segue, apoiado em anexos variados, e a que poderíamos acrescentar a nossa própria experiência em Moçambique, em Novembro de 1997, considerada como «trabalho de campo» deste Mestrado, a cruzar outras calorosas experiências de **contactos humanos** com a África, o Brasil e o Oriente!

³ Respectivamente em *15 Aventuras Históricas* - pp. 241-254 e *15 Grandes Destinos* - pp. 261 a 178 - Ed. Verbo, s/data

Ainda sob o pseudónimo de Maria de MELO S. João Baptista e S. Bento Ed. Livraria Cruz, Braga, 1974.

Prosopografia dos irmãos Sena de Vasconcelos

Luisa	n. 8/10/1947	• Licenciada em Economia (U.P.) • Brasil - 1975/78; África (Moçamb.) - Nov.96 • Directora da Zona N. da C.G.D.
Teresa	n. 28/1/1949	• Curso de Educadora Infantil. • Post-graduação em Psicoped.^a(Madrid)1973 • Mestrado em C.s Educ.- E.U.A. (N.Y.) 1987 • Doutor.^o em C.s Educ.- E.U.A(Illinois)1995 • Prof^a Coorden.^a da ESE de Lx.. tem promovido • Cursos de Formação nos PALOP's
Joana	n. 27/1/1952	• Licenciada em Germânicas (U.L.) • 4 anos de leitorado em Aachen • 5 anos de leitorado em Bangkok - 1993/97 • Co-autora do 1.º dicionário Port./Tailandês. (Anexo 28)
Luís	n. 29/5/1953	• Curso de Gestão de Empresas (ITFI) • Ex-corredor de automóveis • Administrador da Acembex (RAR) c/deslocações constantes pela Europa
Rosário	n. 8/7/1955	• Licenciada em Germânicas (U.P.) • Tradutora e intérprete no escritório de um advogado especializado em litígios c/ firmas estrangeiras.
Gabriela	n. 7/9/1957	• Curso de tradutora e intérprete (ITFI) • Outros cursos dos Inst^os Italiano e Alemão • Gestora da Empresa Weil (Besançon) no Oriente c/estadias: China -1990-92 Hongkong - 1993-94 Índia - 1995-98... <i>(ver carta - anexo 29)</i>

II - A diáspora de um Povo numa História de Família.

(Conclusões)

“À medida que nos aproximamos do presente, emerge à luz da história um elenco de personagens tão variadas como a natureza humana. As descobertas tornam-se episódios de biografia, imprevisíveis como os novos mundos que os descobridores abriram para nós.”

Daniel J. Boorstin⁴

Tempo de Comemorações dos Descobrimentos, tempo de celebração ⁵.

Tempo, também, de «balanço» e de «tomar lanço»: afastar com segurança e firmeza os preconceitos do passado, conjecturar com prudência e, sobretudo, com esperança um Futuro como Grande Projecto Aglutinador de Toda a Humanidade, girando colectivamente numa Terra cada vez com menos sombras... “Não é da luz do sol que carecemos. Milenarmente a grande estrela iluminou a terra e, afinal, nós pouco aprendemos a ver. O mundo necessita ser visto sob outra luz: a luz do luar, essa claridade que cai com respeito e delicadeza. (...) Necessitamos não do nascer do sol. Carecemos do nascer da Terra.”⁶

Fomos os primeiros a sonhar com uma Aldeia Global ?...

Fomos! Ao concretizá-lo criámos algumas «manchas escuras» agora bem conhecidas e... assumidas, primeiro passo para lhe atenuarmos os efeitos, tornando-nos personagens adultas e amadurecidas na construção de um devir histórico e de uma harmonia cada vez mais envolvente...

A nossa vocação foi marítima e universal ?...

E é! Recolhamos, só no nosso século embora numa perspectiva diacrónica, testemunhos externos, do «outro» que por não ser o «protagonista» desta narrativa, terá porventura uma visão mais objectiva e imparcial.

⁴ In *Os Descobridores - de como o Homem procurou conhecer-se a si mesmo e ao mundo* Ed. Gradiva, Dezembro de 1987, p. 13.

⁵ E em vésperas da abertura da **Exposição Universal de 1998** Cf. *Jornal do Gil* (dirigido às crianças e jovens), n.º 45, Fevereiro de 1998, p. 8 : “Portugal é um país de mistura e sucessivas assimilações. O sangue português é persa e celta, negro e semita. No nosso ser reunimos todos os que nos formaram.”

⁶ Cf. Mía COUTO, *Contos do Nascer da Terra*. Ed. Caminho, Lisboa, 1997, p. 7

Comecemos por sondar *Pedro Calmon*⁷, estudioso e produtor quase enciclopédico de uma história do Brasil e das relações luso-brasileiras integradas num contexto tão lato e abrangente que nos parece ainda hoje não ter perdido a actualidade:

“Desde os meados do séc. XV, o oceano exerceu sobre o povo lusitano, pobre, hesitante, entre a ameaça espanhola, a intranquilidade religiosa e a sugestão de novas terras descobertas... uma atracção triunfante. Tornou-se o povo mais facilmente deslocável da Europa, o de maior capacidade de aventura e viagem... A população de Portugal ao iniciar D. Manuel Venturoso o seu reinado, era de um milhão de homens, dos quais 300 000 em estado de participar dos riscos e glória da epopeia marítima...” “O europeu era tenaz, inteligente, empreendedor mas a sua iniciativa como a sua audácia participaram da circunstância emotiva, essencial à actividade, à índole portuguesa.” E citando *Keyserling*, “este foi sempre um povo que pensou, agiu, realizou **por explosão** como indicam o seu idioma, os seus ciclos económicos, as curvas da sua e nossa história.”⁸

No nosso sinuoso itinerário histórico, há evidências que constantemente emergem, venham as análises de onde vierem: “O português foi o mais hábil dos colonizadores das regiões intertropicais, porque os seus climas físico e moral entre a Europa e a África”, “nação educada na mocidade por mouros e árabes”, citando *Murphy*, “o tinham transformado num meridional moreno, sóbrio, predisposto à aliança com as raças escuras (...) navegante pela sua condição ribeirinha, mercador pela sua herança israelita, soldado pela sua progénie lusitana, colono pela sua tradição moura...”⁹

Gilberto Freyre acrescenta: “Nenhum povo europeu dos que colonizaram a América, foi menos dominado pelo complexo da superioridade ou da pureza da raça do que o português. (...) É a tendência [da tradição religiosa cristã] que mais concorda com o espírito daqueles povos que não fazem do preconceito da raça uma consciência de nacionalidade, misturando-se tão franciscanamente com o negro, com o espanhol, com o italiano, com o judeu, com o alemão...”¹⁰

⁷ Académico de mérito, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, produtor de mais de 30 títulos; considera o Brasil uma «democracia racial» “a maior e mais pacífica aliança de raças que houve no mundo” in *O que a América Portuguesa deu ao Mundo* - Separata das Actas do Colóquio “Presença de Portugal no Mundo”, Lisboa, 1982.

⁸ Cf. Pedro CALMON in *História social do Brasil*, op. cit., pp. 159-161.

⁹ Ibidem, p. 155.

¹⁰ Cf. Gilberto FREYRE. *Interpretação do Brasil I*. Lisboa: Livros do Brasil, [19--], pp. 17-18

Apesar das sombras da nossa peregrinação e da nossa colonização, só compreensíveis à luz de uma “história das mentalidades”, *E. J. Dingwall* afirma: “They were adaptable and easy-going, assimilation coming easily, and with it a fading of any tendency towards dominance and superiority, which so often marred the results of colonisation among other peoples.” E aponta exactamente como exemplo o Brasil onde os “inter-marriage became common, for, as has been pointed out, Portugal was never dominated by colour prejudice.”¹¹ Por sua vez, alerta *K. G. Jayne*: “...When all the criticisms have been weighed and all defects discounted, Portugal has a past which any nation might envy...”¹²

E é bom antever a hora da reconciliação n’*A ponte do Afecto* do moçambicano *Nelson Saíte* (1990), colectânea de entrevistas com escritores portugueses, e em *Cada Homem é uma Raça* de *Mia Couto* (1990) que mais tarde confessa: “Me deleita esta maneira macua de falar português. Não há em todo o Moçambique, modo mais feminino de namorar com o idioma luso. Esse idioma que, fazendo Moçambique, se fez moçambicano. No falar dos Macuas se indistintam África e Portugal. Ou são mestiçagens que vêm de mais longe?”¹³

Cada vez mais próximo de nós e em entrevista ao jornal *Público* de 9 de Março de 1998¹⁴, deparamos com a opinião do historiador indiano *Kirti Chaudhuri*: “Entre 1500 e 1600 a expansão portuguesa é completamente diferente das outras expansões europeias, nomeadamente da espanhola. (...) A minha tese é esta: os portugueses foram extremamente pragmáticos - na utilização de informações sobre os mercados, povos, as diferentes culturas (...)” a que podemos acrescentar a do co-autor da sua obra, *Francisco Bethencourt*: “No fundo, Portugal era uma espécie de entreposto...”

Mas a grande síntese encontramos-la no *Prefácio à Edição portuguesa de «The Discoverers»*:

¹¹ Citado por J. M. BRAGA (Conselheiro da União das Comunidades de Cultura Portuguesa) in *Portugal and Asia*, Tip. KAVA, Macau, s/ data, pp 7-8.

¹² Ibidem.

¹³ In “Ilha de Todos, Ilha de Moçambique”, in *Oceanos* n° 25, Jan. Mar. 1996, p. 92

¹⁴ In pp. 21-22: “Nova visão da expansão portuguesa”, entrevista com os historiadores Kirti CHAUDHURI e Francisco BETHENCOURT, nas vésperas do lançamento do primeiro de 5 volumes da *História da Expansão Portuguesa - os Portugueses no Mundo de 1415 a 1998*, por eles coordenada e c/ a colaboração de 20 investigadores.

“Nada me agradaria mais do que ver aparecer *The Discoverers* em português - a língua de Camões e dos pioneiros dos descobrimentos do Ocidente. É também espantosamente apropriado que este pequeno símbolo de agradecimento e reconhecimento possa ser mandado do Novo Mundo, que teria sido com certeza um lugar muito diferente e muito menos interessante se não tivessem sido a imaginação, a coragem e o espírito de aventura dos Portugueses na época dos descobrimentos. Os descobridores portugueses ainda não tiveram o reconhecimento e as celebrações que merecem no Ocidente de língua inglesa. (...) devemos lembrarmo-nos de que o esforço do homem para se conhecer a si mesmo e ao Mundo é uma lenda sem fim onde existem muitas passagens e laços secretos entre os sucessores famosos e os inúmeros pioneiros que ficaram por cantar. (...) O povo português e a língua portuguesa desempenharam um papel singular e eloquente no acender do espírito de descoberta pelo Mundo. Espero que este livro sirva para encorajar os leitores e os escritores portugueses e manter vivo esse espírito e, assim, recordar-nos como todos ganhámos com essas aventuras.

Daniel J. Boorstin, Washington, D. C. Junho de 1987. ”

Enquadrada na gesta de um povo, traçou-se a de uma família em diáspora. Conhecendo-se a frágil fronteira entre a força de uma «explosão» que degenera em destruição e a força de uma «explosão» que se transforma em «expansão», procurou-se determinar:

1. Um ponto de partida e um ponto de chegada

2. Uma rede ou suporte de equilíbrio

1. No ponto de partida geraram-se biografias - apoiadas sobretudo em espólios documentais particulares - de «actores» onde, em diversas gerações, germinaram capacidades pouco vulgares, emergindo como dons ou estigmas, mas sempre tendo como «indicadores» um acentuado espírito crítico, uma grande criatividade, uma fome insaciável de saber, uma relativa inadaptação, uma ânsia de partir para o desconhecido... Descobrimos nas suas vidas ou em

parte delas um ingrato, difícil e, ocasionalmente, doloroso percurso de solidão - por vezes caminho de liderança -, pontuado por incompreensões, dúvidas, crises de auto-confiança.¹⁵

Numa perspectiva diacrónica, os trajectos de:

- **Joaquim José Cerqueira**, um laço forte entre Brasil e Portugal, «conselheiro» por vocação e por mérito;
- **Joaquim Paço d'Arcos**, cavaleiro andante e errante entre Oriente e Ocidente, emigrante, jornalista e homem de letras;
- **José Senna**, «preso» entre laços intelectuais e afectivos no seu difícil percurso de coerência entre a Monarquia e a República.

revelam uma ânsia de largueza de horizontes, física ou psicológica, inerente ao indivíduo, funcionando como pulsão ou tensão na busca do próprio equilíbrio, e pressionando uma “vocação universal”...

Inadaptação a um meio mais restrito, adaptação a uma escala maior?

Homens e Mulheres mais à escala “planetária” que “local” cumprindo, no contexto da época, o projecto de cidadão de uma “Aldeia Global”.

As gerações actuais vêm, como observamos na última prosopografia, confirmar uma forma de estar em que o genético¹⁶ e o adquirido são difíceis de separar e, cada vez mais impelidas pela aproximação de fronteiras, reflectem este desejo de universalidade.

A ascensão social, a mobilidade ascendente que com frequência lhes está associada não nos aparece como um «móvil» em si; não pressentimos neste trajecto familiar uma “rede de favores mútuos” e os postos decisivos muitas vezes ocupados foram sempre mais entendidos como um “serviço” do que como um “pódio” de prestígio: daí um certo desprendimento face ao poder...

¹⁵ Cf. história de Trigo de Morato referida in *Os Intelectuais de 800...*, op. cit., pp. 80-86.

¹⁶ V. Jorge F. ALVES, *Os Brasileiros*, Referindo-se a Tapinos que encara “a decisão de emigrar numa perspectiva genética... implicando uma série de encadeamentos tendo em conta um conjunto de antecipações... Assim a emigração coincide geralmente com processos de ruptura.” op. cit. p. 25

V. ainda Helena MATOS, “Hereditariedade, até onde nos condiciona” in *Máxima*, Dezembro de 1989, pp.259-272.

2. Nesta história colectiva, a Família revelou-se como “instituição-chave nas relações indivíduo/sociedade”¹⁷, evidência para que actualmente convergem teólogos, pedagogos, psicólogos, antropólogos, sociólogos, biólogos e ... historiadores.

Destaque correspondente para a importância da mulher e para **as figuras femininas**:

- **Teresa de Belfort Cerqueira**, numa elegante «fachada» de senhora de sociedade; e também,
- **Teresa Cerqueira** na sua existência simples de minhota não escapou despercebida a Ramalho Ortigão que a refere na sua carta como «a mais doce e a mais amável das mães»;
- **Maria do Carmo Belford**, “presença constante e comovente” nos Paços d’Arcos;
- **Emília Senna**, «pobretes mas alegretes»;
- **Marcolina Cordeiro**, uma verdadeira «ama» no sentido literal da palavra;
- **Teresa de Belfort Cerqueira Senna de Vasconcelos**, «peja, peja ma poxo, poxo...»¹⁸

que revelaram uma força antroponómica invulgar, um **“capital pedagógico”** que passou de geração em geração, estimulando, valorizando, equilibrando, harmonizando capacidades e tensões: de forma intuitiva, quase subterrânea - mas sobretudo numa grande transparência de afecto - proporcionaram raízes seguras; impediram que dons degenerassem em estigmas; favoreceram contextos e circunstâncias à respectiva afirmação como pessoas... permitindo, afinal, que a **«explosão» assumisse uma direcção positiva**: ora mais “expansiva” - viagens e outras iniciativas; ora mais “restritiva/introspectiva” - busca de um relativo isolamento para digerirem e escreverem «memórias», sublimando e eternizando fracassos, êxitos e aventuras!

Retomando o que já foi referido na introdução: o reforçar dos laços de família nessa odisséia pessoal que atravessa o tempo e o espaço, encontrou e continua a encontrar na expressão escrita um instrumento intimista e privilegiado de comunicação que a instantaneidade de meios sofisticados não invalidaram: na actual geração produzem-se e recebem-se cartas/circulares que enriquecem o património familiar.

¹⁷ Cf. Marinha Fernandes CARNEIRO in *Família e Educação Familiar em Perspectiva*, art.º já cit., pp 152/3

Quando a busca de equilíbrio foi bem sucedida na trajetória individual, constatou-se que a família funcionou como “rede”, não tanto da forma como tradicionalmente é encarada - fios de contactos que se tecem favorecendo oportunidades, (tal como encontramos em Joaquim José Cerqueira e no seu filho Manuel ao chegarem ao Rio), mas muito mais uma rede entendida como estrutura flexível, rede de afectos e de valores entrelaçados num profundo fio espiritual, que ora favorece os «impulsos», ora suporta as «crises».

São arriscadas as palavras com que ousamos terminar: nesta vocação colectivamente universal esboçamos percursos individuais que esvoaçam sempre mais alto como coloridos, leves e frágeis papagaios de papel, infância dos nossos sonhos e sonhos da nossa infância, imagem de um futuro a acenar num horizonte sempre mais distante... em latente e constante desejo de expansão...

*“Muitas vezes, na vida, cuidei ser
- não gente:
um mero papagaio de papel!
A balançar no alto. Ora aprumado
ora inclinado...
Com bruma em baixo. E nuvens por dossel.
(Nunca avistei porém
o alguém
que manjava o rolo do cordel.)
(...)”¹⁹*

A família e a respectiva força antroponómica e espiritual são o lastro e o laço.

A mão que segura à terra firme um fio sempre mais longo, mais distante, mais alto...

¹⁸ Linguagem infantil significando “pesa, pesa, mas posso, posso!” que se tornou lema na sua vida de família.

¹⁹ M.^a Emília Sena de VASCONCELOS in *Rimas da minha terceira idade*, poemas manuscritos já citados.

“...Esta é uma história sem fim porque o mundo permanece um palco móvel para as descobertas do futuro...”²⁰

²⁰ Cf. Daniel BOORSTIN in *Os Descobridores...* op. cit.

FONTES

I - FONTES MANUSCRITAS

1. Documentos impressionistas e circunstanciais

SENNA, José - *Livro de Memórias*, obra manuscrita em 1931

VASCONCELOS, M^a Emília B. C. Sena de - *Apontamentos Manuscritos em 1991*

VASCONCELOS, M^a Emília B. C. Sena de - *Rimas da Minha Terceira Idade*, poemas manuscritos em 1990.

VASCONCELOS, M^a Emília B. C. Sena de - *Genealogia da Família Belfort* - Árvore genealógica acrescentada à tradução manuscrita da “Acte de Succession des droits de primogéniture de la Famille Belford” (reproduzida na p. 13)

VASCONCELOS, M^a Teresa B. C. Sena de - *Antes que a Memória se apague*

VASCONCELOS, M^a Teresa B. C. Sena de - *A História da Nossa Família*, livro de registo de memórias e acontecimentos, incluindo recortes, fotografias, genealogias, e relatos originais manuscritos.

ORTIGÃO, José Ramalho - *Carta do escritor Ramalho Ortigão à viúva do seu irmão residente no Rio de Janeiro, Lisboa, 19 de Maio de 1889*. Cópia dactilografada.

2. Fundos municipais e particulares

Biblioteca Pública de Viana do Castelo - *Actas das sessões camarárias de Viana do Castelo*.

Fundo de D. Maria Teresa Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos referente à Família Belfort Cerqueira. Constituído por cartas, fotografias, recortes, relatos manuscritos, etc.

Fundo de D. Maria Emília Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos referente à Família Belfort Cerqueira. Pela sua importância procedeu-se à sua catalogação que se apresenta nos quadros das páginas seguintes.

Documentos relativos D. Teresa de Belfort Cerqueira

Documento	Data	Conservatória Notário, etc.	Conteúdo	Nº Ord.
Certidão de Casamento na Matriz do Espírito Santo	1883 22 Abril (assento) 26 Março (casam.)	Matriz de S. João de Lagôa. Fls. 123 do Livro 5º de Casamentos	Casamento de D. Teresa Augusta Duarte de Belfort com Joaquim José Cerqueira	1
Declaração de oferta	Rio. 6 de Abril 1883	Assinado s/ estampilha pelos Barões de Gurupy e Visc. de Belfort	Os Visc. Declaram que deram a sua filha D. Teresa casada com J. J. Cerq. "...em brilhantes, duas escravas e direito sobre o prédio onde residem..." quantia igual à que deram à irmã em 1841 ficando ambas em igualdade.	2
Declaração de oferta	Rio. 6 de Abril 1883	Ass. s/ estampilha pelos Barões de Gurupy e Visc. de Belfort	idem várias peças de prata por terem dado também à outra filha.	3
Declaração de dívida	Rio. 12 de Abril 1881	assinado sobre estampilha	A Baronesa deve a sua filha D. Teresa 3 contos de reis	4
Declaração de dívida	Rio. 28 Agosto 1883	Assinado pelo Visc. de B.	O Visc. deve a sua filha D. Teresa 6 contos de reis provenientes de apolices da Soc. Protectora das Famílias. Anexo um documento da referida Soc. de 18 de Agosto 1879.	5
Autorização	3 Dez. 1883	assinado sobre estampilha	O Visc. autoriza J.J. Cerqueira a pagar todas as despesas feitas com o curativo, enterro, etc da Viscondessa. O Dr. Paula Ramos dá o seu acordo.	6

Documentos relativos à Herança Gurupi

(por morte da Viscondessa de Belfort D. Augusta Carlota)

Documento	Data	Conservatória Notário, etc.	Conteúdo	Nº Ord.
Conjunto de planos e propostas de partilha da herança Gurupy		Manuscritos de letras diversas	- "Inventário Gurupy" - folha dupla com 3 das 4 p. escritas na 1ª pessoa por J. J. Cerqueira - Declaração" assinada por A. Paula Ramos (trata-se de uma cópia talvez pela mão de J.J. Cerqueira) - "Não me sendo fácil..." folha manuscrita f. e v. na 1ª pessoa como se fosse J.J. Cerqueira mas não é a sua letra - "Inventário Gurupy - esboço a rectificar" - Plano de partilha amigável... Relação dos bens e valores a partilhar(incluindo as escravas Cesária, Florência e Margarida) e onde se confirmam dívidas ascendendo a cerca de 26 contos e respectivos credores entre	7

			os quais figura J.J. Cerqueira. - Plano de partilha amigável... (outras verbas) - Plano de partilha amigável... (idem numeradas as folhas de 1 a 3) com observações finais e valores para preencher. assinada por Dr. Sousa Ribeiro 28/1/1884. Parece ser uma proposta inicial que os documentos anteriores completam. - “Na hipótese de não ser cumprido o usufruto...” fl. com contas - Fl. escrita a lápis com contas	
“Proposta”	s/ data	pela letra do mesmo que fez a relação do inventário	Levanta uma série de perguntas quanto ao modo de proceder à partilha por morte da Visc. de B. Ao mesmo tempo esclarece quanto à situação financeira dos Viscondes	8
Parecer	Rio. 9 de Jan 1884	António Joaquim Ribas (Advogado?)	Manuscrito assinado com 5 pág.s que responde e esclarece as perguntas do doc. Anterior.	9
“Explicações”	Rio. 25 Fev 1884	Manuscrito assinado pelo Dr. A. Paula Ramos	Aceita todas as sugestões e propõe 2 projectos de partilha: o nº 1 para valer e o nº 2 para oficialmente ser presente ao Juiz.	10

Documentos relativos à herança do Padrinho de D. Teresa, o Senador Dantas, que inclui uma casa na R. de S. Pedro e outros documentos relativos a esta casa

Documento	Data	Conservatória Notário, etc.	Conteúdo	Nº Ord.
Publica forma de certidão de teor de Sentença do Juízo d'Orfãos	1847. 2 Junho	Assinado por Joaquim José de Castro (Notário?)	D. Angélica M ^{te} de Jesus herda de seu pai uma casa na Rua de S. Pedro fazendo canto para a R. Formosa na Cidade Nova. Com descrição pormenorizada da casa.	11
Escritura de declaração de outra	1847. 9 de Junho	Idem	Justino e sua mulher D. Angélica declaram ter feito uma escritura de venda ao Senador Dantas a qual não sendo bem clara é agora esclarecida(!)	12
Certidão negativa de hipoteca	Nictheroy, 1847. 31 de Maio		Sobre a casa da R. de S. Pedro não há hipoteca	13
Recibo e autorização	1 Junho 1847	Assinado por Luis Caetano da S. procurador de D. Joana	D. Joana Brito da Silva (foreira? Da casa da R. de S. Pedro) autoriza a venda e transfere a “...penção de 3\$600 para o novo impossado...”	14
Certidão de teor de adjudicação exarada no verso do requerimento	7/6/1847 (o req.) 10 Jun (a cert.)	Escrivão José Alvares dos Offícios de Orfãos. O req. e feito pelo punho do Senador	Por inventário judicial a casa da R. de S. Pedro ficou no quinhão do herdeiro menor José Ant ^o Leite	15
Recibo	2Jun 1847	Ass. Ilegível	“...por corretagem da compra da casa que eu agencei...” na R. de S Pedro.	16

Procuração	2Jun 1847	Tabelião Francisco M. Proença Roza	D. Angélica dá poderes a seu marido para vender a casa	17
Autorização	Rio 2 Março 1867	Folha manuscrita ass. Por Luis Caetano da S.	Como procurador e testamenteiro de D. Joana Brito autoriza o Senador a transferir a posse do terreno que possui na R de S. Pedro para a afilhada D. Teresa	18
Certidão de teor de Sentença	Rio. 24 de Jul. 1871	Juizo dos Orfãos subscrita pelo Juiz de Orfãos Agostinho Luis da Gama	Relação dos bens que na partilha por morte do Senador Dantas ficam a D. Teresa D. Belfort (menor representada por seu pai) e cujo usufruto é de sua mãe a Viscondessa	19

Documentos relativos à compra da casa em Viana do Castelo

Documento	Data	Conservatória Notário, etc.	Conteúdo	Nº Ord.
Escr. de venda que faz D. Laura Plácido... ao Cons. J.J. Cerqueira. No mesmo acto a vend. liquida a dívida que tinha a. José Frederico da Cunha	1897. 4 de Outubro	Vianna do Castello	Venda das casas nºs 202 a 208 da R. de S. Sebastião pelo preço de 3.100\$00 ("morada de casas altas. quintal e água" na ref. Rua) São liquidadas as hipotecas que sobre aquelas casas pendiam no valor de 2.800\$00 + 300\$00	20
Certidão do registo da hipoteca das casas da R. de S. Sebastião em nome de D. Laura	1897. 4 de Outubro	Conservatória de Vianna do Castello	Refere as inscrições sobre o prédio: - arrendamento a J.J. Cerqueira a partir de 1 de Julho de 1895 por 3 anos - arrendamento da loja (nºs 202 e 204) a Joaquim Fernandes, marceneiro -hipoteca a favor de José Frederico da Cunha pela quantia de 2.800\$00 + 300\$00	21
Folha manuscrita que parece um rascunho	s/data	s/ assinatura	Indica confrontações das casas da R. de S. Sebastião com a casa pegada na R. das Rozas	22
Certidão de óbito de Bento José da Costa Amorim casado com D. Laura Plácido...	1 de Agosto de 1896	Coadjutor da Paróquia de S. Martinho de Cedofeita no Porto	Morreu com 25 anos de idade	23
Certidão de teor de verba de Inventário	10 Agosto 1896	4º Ofício da 1ª Vara Cível do Porto	Verba nº 92 (?) "Uma morada de cazas na Rua de S. Sebastião..."	24
Certidão em como não há hipotecas sobre as casas da Rua de S. Sebastião	30 Julho 1896	Conserv de Viana do Castelo	Como averbamento somente consta o arrendamento ao Cons. J.J. Cerqueira (Obs a hipoteca é posterior)	25
Certidão de teor de inscrição na matriz	30 de Julho 1896	Fazenda de Viana do Castelo	Inscrito com o nº 101 em nome de D. Laura... "morada de cazas constando de lojas, primeiro andar. águas furtadas e quintal. sito na rua de Sam Sebastião com o numero 206 e rendimento collectavel de 110 mil reis"	26

Certidão negativa de dívida à Fazenda	3 de Agosto 1896	Fazenda de Viana do Castelo	As contrib. referentes ao prédio inscrito com o nº 101 já se encontram pagas.	27
Certidão de teor de inscrição de hipoteca	1896. 10 Agosto	Conservatória de V. do Castelo	Hipoteca das casas da Rua de S. Sebast. como garantia da dívida de 2.800\$00 a favor de José Frederico da Cunha	28
Certidão	8 de Maio de 1897	José Malheiro Reymão Conserv. do Reg. Predial de Viana do Castelo	Nova hipoteca no valor de 300\$00 feita em 6 Fevereiro de 1897	29
Escritura de arrendamento	1895. Março 6	Tabelião Jorge Camélier. Lisboa	Arrendamento que faz D. Laura Plácido por 250\$00 por ano ao Cons. J. J. Cerqueira das casas da Rua de S. Sebastião (excepto loja) a partir de 1 de Julho de 1895 por 3 anos	30
Certidão	25 de Agosto de 1895	Conserv. do Reg. Predial de Viana do Castelo	Averbamento do arrendamento	31
Certidão	3/1/1898	C. R. P. Viana do Castelo	Em 4 de Outubro de 1897. inscrição a favor do Cons. J. J. Cerqueira do prédio da Rua de S. Sebastião	32

Documentos relativos à compra da casa na Rua do Salitre

Documento	Data	Conservatória Notário, etc.	Conteúdo	Nº Ord.
Venda que faz o Conde de Alves Machado a J. J. Cerqueira da casa do Salitre e móveis	1899. 27 de Junho	Tabelião António Tavares Carvalho. Lisboa	Por 35 contos de reis sendo 20 contos pelo imóvel e 15 contos pelos móveis	33
Carta do Conde de Alves Machado a J. J. Cerqueira indicando o modo de pagamento	5 de Junho de 1899		Deverá ser entregue a quantia de 165 contos de reis em moeda brasileira na firma dos Srs. Thedim Rodrigues e Cª no Rio de Janeiro	34
Certidão de teor de verbas de inventário por óbito de António José Alves Machado (irmão do Conde Alves Machado) Na partilha a casa fica para o Conde	14 de Setembro de 1899	António Emygdio de Sá Nogueira. 4º Ofício de Juízo de Direito da 5ª Vara de Lisboa	Verba nº 247 - propriedade sita na Rua do Salitre com o nº 172. Descreve com muito pormenor a arquitectura da casa. etc. Avaliado rendimento em 850\$00. Donde a avaliação: $850\$00 \times 20 = 17000\$00$ menos mil reis por precisar de obras. Portanto 16 contos de reis	35
Certidão de teor dos averbamentos ao prédio com o nº 4328	10 Junho 1899	1ª C. R. P. de Lisboa	Várias inscrições do prédio da Rua do Salitre	36
Escrit. de Venda que faz Adriano Antão Barata Salgueiro a João Alberto Lopes, cambista, do prédio urbano "Quinta do Moreira"	1875, 10 de Abril	Notário na Rua Augusta 141, 1º	Prédio na esquina da Rua do Salitre para a Travessa do Moreira. ("casas nobres. cocheira, cavalaria. palheiros...." Muitas disposições referentes à venda	37

Venda que faz João Alberto Lopes a António José Alves Machado. negociante	1879. 4 de Abril	Tabelião Francisco Vieira da Silva Barradas	vende a propriedade que comprou a A.A. Barata Salgueiro "...compreendendo-se n' esta venda retrete. banheira de pedra e fogão de cosinha." por 22 contos de reis	38
---	------------------	---	---	----

Documentos relativos à herança do Visconde de Belfort

Documento	Data	Conservatória Notário, etc.	Conteúdo	Nº Ord.
Escritura de Partilha	Rio. 14 Maio 1907	Tabelião Joaquim Machado	Partilha amigável de António Paula Ramos e sua Mulher e J. J. Cerqueira e sua mulher por morte do Visconde de Belfort	39

Documentos relativos ao inventário e partilha dos bens do Cons. J.J. Cerqueira

Documento	Data	Conservatória Notário, etc.	Conteúdo	Nº Ord.
Cópia dactilografada (sem selos ou carimbos) do Testamento do Cons. J. J. Cerqueira	Rio de Janeiro. 3 de Dezembro de 1913			40
Dr. Alfredo Pinto Vieira de Melo contratado como Inventariante do falecido Cons. J. J. Cerqueira	Rio de Janeiro. 8 de Março de 1917		sendo os honorários de 8 contos de reis dos quais 3 pagos neste acto. É procurador de D. Thereza Duarte de Belfort Cerqueira. António Affonso Ferreira	41
Conta de custas	31 de Outubro de 1917	José Senra de Oliv ^a Jr. Serventuario vitalicio do Primeiro Officio da Provedoria e Residuos do Rio de Janeiro	Custa do Inventário do Cons. J. J. Cerqueira	42
Certidão de pagamento de imposto de transmissão de propriedade, Taxa judiciári	18 de Outubro de 1917	José Senra.....	Aqui consta que a herdeira D. Augusta B. C. da Silva Senna recebe acções do Banco do Comércio e do Banco do Brasil	43
Publica Forma de Recibo de quitação	7 Maio 1918	Tabelião no Rio de Janeiro (carimbo em mau estado)	Manuel Duarte Belfort Cerqueira recebe liquida do inventariante Ant ^o Affonso Ferreira a quantia de 2768\$611 para saldo da sua legitima	44
Certidão de teor dos Autos de Inventário	2 de Maio de 1918	José Senra.....	Em 16/Out/1917 compareceu o Professor Doutor António Paula Ramos Junior que recebeu as quantias deixadas por seu sogro a sua mulher e seus filhos e ainda à Polyclinica do Rio de Janeiro	45

Inventário dos bens que constituíam a herança de Joaquim José Cerqueira		Cópia manuscrita não oficial	11 folhas numeradas contendo a relação dos móveis e bens das casas do Salitre e Viana	46
Escritura de Partilha dos herdeiros do Cons. Cerqueira	17 Junho de 1918	Notário May de Oliveira. Lisboa	Partilha amigável entre D. Thereza Duarte Belfort Cerqueira e seus filhos	47
Escritura de venda que faz D. Thereza de Belfort Cerqueira a seus filhos	31 de Maio de 1918	Notário May de Oliveira. Lisboa	Vende a seus filhos "todos os mobiliários, louças, vidros, roupas, joias, objectos de ouro e de prata que tem e guarnecem a sua casa" do Salitre e do mesmo modo da casa de Viana	48
Certidão	10Fev1919	Cons. R.P. Viana do Castelo	Registo a favor de D. Teresa Belfort Cerqueira seus filhos e genro da casa da R. de S. Sebastião	49
6 Certidões	30/8/1918	1ª Cons. R.P. de Lisboa	Registo a favor de D. Teresa Belfort Cerqueira de metade do prédio da Rua do Salitre e cada um dos seus 5 filhos 1/10 do mesmo	50
Recibo	18Jun1918		João Pedro dos Santos recebe de D. Teresa B. C. a quantia de 40\$00 legada pelo Cons. J.J. Cerqueira	51
Alvará de Quitação	4Dez1918	Administrador do 1º Bairro de Lisboa	D. Thereza D. B. C., testamenteira de J. J. Cerqueira "...prestou contas perante este juizo dos encargos pios - esmolas a pobres - por este ordenados em testamento."	52
Pagamentos e Recebimentos Espólio do Cons. J.J. Cerqueira	3Jan1917 até 20Dez1918		Conta corrente. Contas a apresentar a D. Teresa B.C.pelo inventariante no Brasil - António Affonso Ferreira. O total dos montantes referidos é de 123 contos	53
Recibo de J. Pinheiro e Irmão. Construtores	4Dez1917		Obras efectuadas no prédio da R. Visconde de Itamar nº 114 (recibo solto no meio da conta corrente)	54
Relação de Titulos de Bancos e Companhias			Relação do número (e nº de ordem) das acções a atribuir a cada um dos herdeiros. Manuscrito de 4 folhas sem data e sem selos ou carimbos	55
Carta de Adjudicação extraída dos autos do Inventário dos bens deixados por J. J. Cerqueira	9Nov1917	Cartório do 1º Officio da Provedoria e Resíduos. Escrivão Senra Jr. Rio de Janeiro	Certidão de teor de diversos documentos: Autuação (?); Petição do Dr. A. Paula Ramos como testamenteiro no Brasil para assinar; Despacho:sim; Testamento de J. J. Cerqueira (completo e esta é cópia oficial); Termo de declaração de falecimento e herdeiros; Auto de Inventário; Termo de declaração de bens; Avaliação (...prédio na R. Visc. Itamar 114 descrição muito pormenorizadasendo o valor 60 contos de reis... chalet na R. Gomes Braga... acções dentre as quais:9 acções da <i>The Leopoldina Railway</i> , 50 da Soc. Anon. <i>Gazeta de Notícias</i> ... "um quinhão na Sociedade Empresária do Theatro Apollo" (mil reis)... 100 acções na	56

			Comp ^a de Transportes e Carruagens. etc.); Partilha: Pedido para que a partilha de terras no Estado de Maranhão se faça mais tarde uma vez que os respectivos títulos ainda não apareceram.	
Recibo	19Junho 1915	Solicitador A.A. Mendonça Heitor. Lisboa	Despesas referentes à emancipação de Maria Gabriela e Manuel Duarte B. C.	57
3 Recibos	31Dez 1916/ 1917 e 1918	Solicitador A.A. Mendonça Heitor. Lisboa	Despesas referentes à herança de J.J Cerqueira	58
Recibo	2Jan1918	Advogado C.L.Oliv ^a e Castro. Lisboa	Honorários (15\$00)	59
Recibo	24Jul1917	3º Bairro de Lisboa	José Vicente da Silva Sena pagou o imposto de 345\$05 pelo legado de 2000\$00 que recebeu por óbito de J.J.Cerqueira	60
Recibo	24Jul1917	3º Bairro de Lisboa	Maria Emilia. filha de José Vicente da Silva Sena pagou o imposto de 30\$60 pelo legado de 1000\$00 que recebeu por óbito de J.J.Cerqueira	61
Mapa de pagamentos		Virgílio Gonçalves Roma(?) Solicitador(?)	Pagamentos a: José Cerqueira M. d'Oliv ^a 2831\$82 Ed ^o Francisco Silva Jr. 100\$00 M ^a do Carmo D. Moutinho 83\$52 S ^{ra} Casa Da Misericórdia 153\$60 Congregação da Caridade 102\$40 Asilo da Infancia Desvalida 76\$80 Asilo das Meninas Orfãs 51\$40 José Alves (creado) 40\$00 Esmolas a famílias pobres 400\$00	62
21 Recibos	a partir de 1916	Assinados com assinaturas reconhecidas	As 3 irmãs do Cons. J.J.Cerqueira recebem mensalmente de D. Teresa B. C. 100\$00 referentes ao rendimento da sua parte na herança (títulos de Divida pública)	63
Escritura de entrega e quitação	26 de Abril 1921		D. Teresa B. C. entrega às 3 irmãs do Cons. J.J.Cerqueira os títulos de Divida pública ficando desonerada e quite de qualquer encargo	64
Recibo	17 Julho 1918		José Augusto Marques de Oliveira recebe do Major Virgílio Gonçalves Roma. procurador de D. Teresa B. C. a quantia de 2000\$00	65

Documentos relativos à firma Cerqueira, Soares e C^a e também relacionados com o inventário e partilha dos bens do Cons. J.J. Cerqueira

Documento	Data	Conservatória Notário, etc.	Conteúdo	Nº Ord.
Contrato (Publica Forma) entre Manuel Duarte B. Cerqueira, Ant ^o Ferreira Nog. Soares. Armindo Sousa Machado. J.J Cerqueira e Francisco Joaquim Pereira Soares	Rio de Janeiro. 28 de Outubro de 1914	Tabelião Alincourt Fonseca	A firma Cerqueira e Soares transforma-se em Cerqueira. Soares e C ^a . O capital é de 300 contos sendo de J.J Cerqueira 200. de F. J.P Soares 50. A gerência compete a A. Soares e A. Machado. A escritura é assinada por todos excepto F. Soares procurado por J.J.Cerqueira	66
Balanço Geral em 13 de Outubro da Casa Cerqueira. Soares e C ^a	7Abr1917	Registado no Tabelião Alincourt Fonseca do Rio de Janeiro e no Consulado Geral de Portugal	Balanço da casa comercial estabelecida à Rua Theophilo Ottoni nº 84. O total do activo e passivo é de 1 505 037\$531	67

Outros documentos de natureza biográfica ou particular

Documento	Data	Referências, aspecto, etc.	Conteúdo	Nº Ord.
Carta do Presidente da Assembleia de Apuramento Geral da Eleição de Deputados	23 Fev. 1905	Papel timbrado da Câmara Municipal de Vianna do Castello	Informa ter sido "...na eleição de deputados por este circulo nº 1 que se realizou no dia 12 do corrente mez... V. Ex. ^a eleito deputado."	68
"Os Brasileiros do Sr. Conselheiro Emygdio Navarro"		Tiras manuscritas num.s de 1 a 3 (formato larg. 10.0 alt.31,7 cm. papel muito fino sem linhas impressas)	Resposta a um artigo publicado no <i>Novidades</i> de 8 de Novembro de ?? (cujo recorte original se encontra colado) e termina: "Para nós. que já não é novo o insulto e o desdém. respondemos com a transcrição da resposta que a insanias semelhantes responderam do Rio de Janeiro ao então deputado Sr. Luiz Palmeirim os nossos compatriotas. Eis o escripto:"	69
"O Conselheiro Joaq. ^o José Cerqueira"		4 Tiras manuscritas na frente e verso com pág.s numeradas de 1 a 8 (formato larg. 11.3 alt.32,0 cm. com 35 linhas impressas)	Noticia biográfica de J.J. Cerqueira. Refere pormenorizadamente a sua vida destacando-se a sua actividade no Gab. Português de Leitura e relações com Eduardo Lemos e J. Ramalho Ortigão. desenvolvimento do comércio de café. intervenção patriótica na crise do <i>Ultimatum</i> , os seus "...inumeros actos de philantropia...", etc. Provavelmente uma noticia para jornal ou sua transcrição. Poderá ser também um discurso?	70

"Joaquim Cerqueira companheiro e am ^o estrmeido de Eduardo Lemos e Ramalho Ortigão..."		5 Tiras manuscritas (uma também no verso) com pág.s não numeradas (formato larg. 11.2 alt. 17.6 cm). Outra maior que dobrada capeia as anteriores	Parece rascunho de notícia biográfica de J.J. Cerqueira. Está incompleto pois só 4 das folhas se sucedem. Refere especialmente a sua actividade no Gab. Português de Leitura e relações com Eduardo Lemos e J. Ramalho Ortigão, referindo-se ainda ao Conde de Mattosinhos e Barão de Salgado Zenha (os quatro já falecidos)	71
Carta dirigida ao Cons. José Malheiro Reymão - Vianna do Castello	Lisboa, 17 de Fev. de 1905	Carta ainda no seu sobrescrito, ambos ostentando o monograma do Cons. J.J. Cerqueira	Em face de anteriores afrontas "...pareceu-me de boa prudencia retrahir-me das suas relações, sem odios, sem malquerenças:..." porém pelas últimas provas de simpatia propõe um reatamento de relações. À margem a lápis: "Não foi ao seu dest ^o por conveniencia."	72
Convite	Carimbo dos correios de Lisboa. 8-6-99	Convite impresso com as armas da Rainha a ouro	Sua Magestade a Rainha convida o Cons. J. J. Cerqueira para uma comissão tendente a diminuir a tuberculose em Portugal.	73
Jornal "A Aurora do Lima"	30 de Junho de 1911	Jornal	"Faz hoje 30 dias da morte de Joaquim Belfort Cerqueira..." filho do Cons. J.J. Cerqueira. Notícias e elogios com 2 colunas a toda a altura da 1ª página que inclui fotografia. A notícia completa-se na página 2. São subscritores S.C. e Ernesto Sardinha.	74

II - FONTES IMPRESSAS

1. Autores da família

- AZEREDO, Maria Augusta Vasconcelos de - "Did you know that two thirds of the world were discovered by the Portuguese?" e "Sabia que dois terços do mundo foram descobertos pelos portugueses?" texto bi-lingue de duas conferências na Universidade de Chulalongkorn e no Centro Cultural da Embaixada de Portugal, Bangkok, Janeiro de 1996 (difusão restrita)
- AZEREDO, Maria Augusta Vasconcelos de - "A Foz quando um século acaba e outro começa...", comunicação ao Congresso "O Porto no Fim do Século" Ateneu Comercial, Fevereiro de 1991; reeditado no *Correio Pedagógico*, nº 15, Agosto de 1991.
- AZEREDO, Maria Augusta Vasconcelos de - *A Expressão Escrita: continuidade entre a Escola e a Vida*, Dissertação para Exame de Estado do 1.º Grupo, Porto e Escola P. de Gomes Teixeira, Abril de 1974 (difusão restrita).
- BELFORD, Sebastião Gomes da Silva - *Acte de Succession des droits de primogéniture de la Famille Belford*, Paris, 1910
- MELO, Maria de - "Padre Américo, gigante da caridade" in *15 Grandes Destinos* - pp. 261 a 178 - Ed. Verbo
- MELO, Maria de - "Uma página de Aviação (1869-1959)" in *15 Aventuras Históricas* - pp. 241-254 - Ed. Verbo
- PAÇO D'ARCOS, Joaquim - *Memórias da minha Vida e do meu Tempo*, vol. I, Guimarães Editores, Lisboa, Abril de 1973.
- PAÇO D'ARCOS, Joaquim - *Memórias da minha Vida e do meu Tempo*, vol. II, Guimarães Editores, Lisboa, Abril de 1976.
- SENA, Camilo - "Apontamentos para a História da Marinha de guerra Portuguesa" - in *Revista Militar*, 1926 (p.587)
- SENNA, José - *Curso de Telemetristas de Artilharia de Costa - lições teóricas*. Lisboa: Tip. La Bécarré de Francisco Carneiro, 1914.
- VASCONCELOS, M.ª Emília Sena de - "O Espectáculo em Viana", in *Cadernos Vianenses*, tomo X.
- VASCONCELOS, M.ª Emília Sena de - "Um garotito de Viana", in Tomo III dos *Cadernos Vianenses*, Edição do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal, Dezembro de 1979.
- VASCONCELOS, M.ª Emília Sena de - *Adeus, não: - Até à volta*. Ponte de Lima, 1987.
- VASCONCELOS, Teresa Maria Sena de - "Onde pensas tu que vais? Senta-te - Etnografia como experiência transformadora" in *Educação, Sociedade & Cultura*, nº 6, 1966.
- VASCONCELOS, Teresa Maria Sena de - *Ao redor da Mesa Grande - a prática educativa de Ana*, Porto Editora, Outubro de 1997.

2. Imprensa periódica

Boletim da Fundação Oriente n.º 4, Abril de 1992.

Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. e respectivo catálogo de autores. 1876-1926.

Correio da Manhã - Porto - n.º 1, de 1/7/1899 ao n.º 21 de 25/7/1899

Correio da Manhã - Lisboa - de 1894 a 1896

Diário da Manhã - 1898

Diário ilustrado, 27 de Janeiro de 1910

Jornal do Gil (Jornal da Expo 98 dirigido às crianças e jovens) .

Luzitania. Jornal comemorativo da revivescencia patria n.º único 11/1/1890

Memória, n.º 1, Ed.ª Livros Horizonte, Lisboa, 1989.

Micróbio, (O) do n.º 1 de 8/7/1894 ao último de 9/5/1895

O Arauto - n.ºs 1-13, 13/6/1898 - 9/9/1898. Tip. Rua da Fábrica 80, Porto.

O Correio da Manhã de 18/6/1896 a 19/12/1896

O Rebate, Jornal da Academia do Porto, n.º 1 de 11/3/1890 ao n.º 34 de 19/4/1890

Oceanos Rev. da Com. Nac. para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Revista "V." n.º 2, Fev. de 1998

Revista do Club de Engenharia. Rio de Janeiro, 1882

Revista Máxima. Vários exemplares

Revista Militar, 1926

Revista Pública (Separata do jornal *Público*)

3. Dicionários e Enciclopédias

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses - Inst. Port. do Livro e das Bibliotecas, Ed. Europa América, 1998

Dicionário de História de Portugal - SERRÃO, Joel. - 4 vols. Porto, Liv. Figueirinhas, 1981.

Dicionário de Moraes - Grande Dicionário da Língua Portuguesa - Lisboa: Ed. Confluência Lda., 1949 -1959

Atlas de Portugal - Lisboa: Ed. Selecções do Reader's Digest, 1988

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira - Lisboa: Ed. Enciclopédia Limitada, Lisboa / Rio de Janeiro, [195-] Vols. 1-56.

Verbo - Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura - Vols. 1 - 20. Editorial Verbo, 1963 a 1980

Dicionário Bibliográfico Português - SILVA, Inocêncio Francisco da - Lisboa: Imprensa Nacional, 1885.

Petite Encyclopédie Géographique. Editions Sequoia. Paris/Bruxelles, 1960

4. Bibliografia

- ACCARDO, Allain; CORCUFF, Philippe - *La Sociologie de Bourdieu*, Ed. Le Mascaret, 2.^a ed., Bordeaux, 1986.
- AHILA, *Mujer y Familia en America Latina, siglos XVIII-XX - Cuadernos de Historia Latinoamericana* n.º 4, Ed. Algazara, Málaga, 1996.
- ALLEN, Charles [et al.] - *História da Vida Quotidiana*. Selecções do Reader's Digest, 1.^a Ed. Lisboa, 1993.
- ALMODOVAR, António; ALVES, Jorge Fernandes; GARCIA, Pilar - *Rodrigues de Freitas. A Obra e os Contextos - Centenário 1896-1996*. Actas de Colóquio. Ed. CLC-FLUP, Porto, 1997.
- ALPUIM, Maria Augusta - "Sentada junto ao Sagrado" in *Viana, cidade e circunstância*, ed. dos Estaleiros de Viana do Castelo, 1997.
- ALVES, Jorge Fernandes - "Porto-Brasil, uma teia de relações" in *O Tripeiro*, 7.^a série, Ano XV, n.º 9, Set. 1996.
- ALVES, Jorge Fernandes - *Os Brasileiros. Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*. Porto, 1994.
- ALVES, Jorge Fernandes - *Uma Comunidade Rural do Vale do Ave*. Dissertação de mestrado em História Moderna, FLUP, Porto, 1986.
- Anthero*. Catálogo da Biblioteca Nacional, n.º 38.
- AVILLEZ, Maria João - "As Jóias Brasileiras" in *Pública*, n.º 32, de 29/12/96.
- AZEVEDO, Joaquim - *Avenidas da Liberdade. Reflexões sobre política educativa*. Porto: Ed. ASA, 1994.
- BAGANHA, Maria Ioannis Benis - "A Emigração de 1856 a 1875 vista de Viana do Castelo" in *Revista de História Económica e Social* n.º 3, Janeiro-Junho de 1979, pp 85-100.
- BAPTISTA, António Alçada - *A Pesca à Linha - Algumas memórias*. Editorial Presença, 2.^a Ed., Fevereiro de 1998.
- BENIS, Maria Ioannis "Uma contra-imagem do Brasileiro", in *Revista de História Económica e Social*, n.º 7, Janeiro-Junho de 1981, pp 129-137.
- BERTAUX, Daniel - *Destinos pessoais e estrutura de classe*. Col. Temas e problemas, Série Cultura, Moraes Editores, 1.^a Ed., 1978.
- BESSA, Daniel, [et al.] - *Nos 10 anos da Lei de Bases. Memórias e projectos*. Porto: Ed. ASA, 1997.
- BOORSTIN, Daniel - *Os Descobridores - de como o Homem procurou conhecer-se a si mesmo e ao mundo*. Ed. Gradiva, Dezembro de 1987
- BOURDIEU, Pierre - *La Misère du Monde*, Paris, Ed. Seuil, 1993.
- BRAGA, J. M. - *Portugal and Asia*. Macau: Tip. KAVA, s/ data.
- BRUYNE, Paul de [et al.] - *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais*, Francisco Alves Editora, 5.^a Ed., Rio de Janeiro 1991.

- BURKE, Peter - *Sociologia e História*, Ed. Afrontamento, 1980.
- CABRAL, António - *O Agonizar da Monarquia, erros e crimes - Novas revelações*, Livraria Popular de Francisco Franco, Lisboa, 1931.
- CALMON, Pedro - *História social do Brasil* - 1.º tomo - "O Espírito da Sociedade Colonial", C.ª Editora Nacional, 2.ª Ed., S.Paulo, 1937.
- CALMON, Pedro - *O rei cavaleiro: a vida de D. Pedro I.* - S. Paulo: Comp.ª Ed. Nacional, 1935.
- CALMON, Pedro, "O que a América portuguesa deu ao mundo" Lisboa: Acad. Port. da História, 1982. Sep. Actas - Colóquio Presença de Portugal no Mundo.
- CALMON, Pedro, 1902-1985 *História da civilização Brasileira.* - 2ª ed. - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- CARNEIRO, Marinha Fernandes - "Família e Educação Familiar em perspectiva", in *População e Sociedade*, n.º1, Ed. CEPFAM, 1995.
- CHAUDHURI, Kirti; BETHENCOURT, Francisco - "Nova visão da expansão portuguesa", (entrevista nas vésperas do lançamento do vol. 1 da *História da Expansão Portuguesa - os Portugueses no Mundo de 1415 a 1998*, por eles coordenada) in *Público* 9/3/1998.
- CHAVES, Castelo Branco - *Memorialistas Portugueses.* Col. Biblioteca Breve, série Literatura, Instituto de Cultura Portuguesa, MEC, 1.ª ed., 1978.
- COELHO, Eduardo Prado - "Uma Geração Rasa", in *Público - Leituras* - , 25.06.94, p. 12.
- CORREIA, Luís Felipe de Seixas - "O Governo dos Reis Espanhóis em Portugal (1580-1640): Um período singular na formação do Brasil" in *Revista do Instituto Geográfico e Brasileiro*, Rio de Janeiro, Out./Dez. 1994
- COSTA, João Paulo Oliveira e - *Portugal e o Japão. O século Nambam.* INCM, 1993.
- COUTO, Mía - "Ilha de Todos, Ilha de Moçambique", in *Oceanos* nº 25, Jan. Mar. 1996.
- COUTO, Mía - *Contos do Nascer da Terra.* Lisboa: Ed. Caminho, Maio, 1997.
- CRUZ, Maria Antonieta da Conceição - *Os Burgueses do Porto na 2ª metade do Séc. XIX.* Tese de doutoramento, Porto, 1994.
- DACOSTA, Luisa da - "Agenda Escolar - Folhas Soltas" in *Vida Mundial* nº 1695 de 3/12/1971.
- DAMÁSIO António - *O Erro de Descartes - Emoção, Razão e Cérebro Humano.* 3ª ed. Mem Martins: Pub. Europa-América, 1995.
- DELORS, Jacques - *Educação: um tesouro a descobrir.* Rel. UNESCO da Com. Int. sobre Educação para o Séc. XXI. Ed. ASA, 1996.
- Diário de D. Manuel II* (Arquivo Nacional da Torre do Tombo) in *Memória*, n.º 1, Ed.ª Livros Horizonte, Lisboa, 1989.
- DIRECÇÃO GERAL DA FAMÍLIA - *Conferência dos Ministros Europeus Responsáveis pelos Assuntos da Família - Síntese.* Coleção "Estudos/Documentos" II série. Ed. Min. Emprego e Seg. Social, 1993

- DUBY, Georges - *Ano 1000, Ano 2000 - No Rasto dos nossos Medos*, Editorial Teorema Lda., Outubro de 1997.
- FALCÃO, Ilídio - *Crianças sobredotadas, que sucesso escolar?* Porto: Ed. ASA, 1992.
- FERREIRA, João Palma - *Subsídios para uma bibliografia do Memorialismo Português*. Ed. Biblioteca Nacional, Série Bibliográfica, 1981.
- FERREZ, Gilberto - *Colonização de Teresópolis à sombra do dedo de Deus, 1700 - 1900*. Rio de Janeiro: Património Histórico e Artístico Nacional, 1970.
- FRANÇA, José Augusto - *Os anos vinte em Portugal - Estudo de Factos Sócio-Culturais*, Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- FREYRE, Gilberto - *Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. Lisboa: Livros do Brasil, [19--].
- FREYRE, Gilberto - *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Liv. J. Olympio Ed., 7ª Ed, 1985.
- GAGO, José Mariano - “Preâmbulo” do *Livro Verde para a Sociedade de Informação* - Lisboa: Ed. do Ministério da Ciência e da Tecnologia, Col. Missão para a Sociedade da Informação, 1997.
- GALLARDO, César Yañez - *Saltar Con Red - La temprana emigración catalana a América ca. 1830-1870*. Col. Alianza America, Alianza Editorial, Madrid 1966.
- GAMA, Luís Filipe Marques da - *El-Rei Dom Carlos - Memória Viva*. Lisboa: Ed. Inapa, 1991.
- GAMA, Sebastião da - *Diário*. Lisboa: Ed. Ática. 4ª ed. 1970.
- GAMA, Sebastião da - *O Segredo é Amar*. Lisboa: Ed. Ática.
- GARRIDO, José Luís [et al.] - *A Educação do Futuro e o Futuro da Educação*. Porto: Ed. ASA, 1996.
- GERSCHENFELD, Ana; MALHEIROS, José Vítor - “O Inconsciente ou a Memória Esquecida das Emoções” in *Público - Leituras* 10/6/1995.
- LACOUTURE, Jean - “A História imediata”. In *La Nouvelle Histoire, Les encyclopedies du savoir*. Paris: C.E.P.L., cop. 1978, pp. 270-300.
- LEITÃO, Joaquim - *Os Cem dias funestos*. Porto: J. Leitão, 1912.
- LEPECKI, Lucia - “Apoiar Futuros” in *Actas do Congresso A escrita: caminhos com futuro (II Encontro com a Adolescência)* - Porto: Fundação António Cupertino de Miranda, Abril de 1995
- LOUREIRO, João Evangelista - *Um grande Educador Português do Século XX. O Padre Américo e a sua Obra Pedagógica*. Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, 1996.
- LUIS, Agustina Bessa - “Prémio Máxima da Literatura” in *Máxima*, Julho de 1997.
- MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Mª Cândida - *Didáctica da História. Património e História Local*. Texto Ed., Lisboa, 1994.
- MARTINS, Oliveira - *D. Carlos I e os «Vencidos da Vida»*. Lisboa: Parceria Ant.º Maria Pereira, 2.ª ed., 1942.

- MARTINS, Oliveira - *Portugal Contemporâneo*. 2 vols. Lisboa: Parceria Ant^o M^a Pereira, 4^a ed. 1906
- MARTINS, Rocha - *D. Carlos, História do seu Reinado*. edição do autor, Oficinas do ABC, 1926.
- MATOS, Helena - "Hereditariedade, até onde nos condiciona?" in *Máxima*, Dez. 1989, pp 259-272.
- MATTOSO, José (direcção de) - *História de Portugal*. 8 vols. Lisboa: Ed. Estampa, 1993.
- MEDINA, João - "A Toponímia: local de memória" - in *Actas das Jornadas de História Local e Regional*. Lisboa: Ed. Colibri, 1994.
- MONTEIRO, Ana Isabel Libano - *Subsídios para o estudo das raízes da Família Ocidental*. Lisboa: Direcção Geral da Família, 1989.
- MONTEIRO, Paulo Filipe - *Emigração: o eterno mito do Retorno*. Col. Sociologias. Ed. Celta, Oeiras, 1994
- MORBEY, Jorge - *Macau 1999 - O desafio da Transição*. Macau: Ed. do Autor, Março, 1990.
- MOSCOVICI, Serge [orientação de] - *Psychologie Sociale*, PUF fondamentale. 1.^a Ed., 1984.
- NORA, Pierre - *Les lieux de la mémoire*, Ed. Gallimard, 1997, 3 volumes.
- O Professor Aprendiz. Criar o Futuro*. Programa Europeu PETRA II, Acção II. M.E. Dep. Ens. Sec. 1995.
- ORTIGÃO, Ramalho - *A Lei da Instrução Secundaria na Câmara dos Deputados em Portugal*. Rio de Janeiro, Typ. Da Gazeta de Notícias, 1883.
- ORTIGÃO, Ramalho - *Carta de um velho a um novo*. Col. Cadernos Políticos, Ed. Gama. [19..]
- ORTIGÃO, Ramalho - *Cartas Inéditas de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Batalha Reis e outros*. Cadernos "O Jornal", 1^a ed., Lisboa: Maio, 1987.
- PEREIRA, Conceição Meireles - "Jornais, editores e tipografias do Porto na 2.^a metade do séc. XIX" in *Actas do Colóquio A Indústria Portuense em perspectiva Histórica* Porto, Dezembro de 1997.
- PEREIRA, Inês Teotónio - "A República sem títulos", in revista «V. », n.º 2, Fev. de 1998.
- PIERRE, Abbé - *Testamento*. Ed. Notícias, 1996.
- PIRES, Eurico Lemos (apresentação e comentários de) - *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Ed. ASA, 1^a ed. 1987.
- Portugal e a Europa. Identidade e diversidade*. Porto: Ed. ASA, 1991.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de - *A Princesa dos Escravos*. Ed.^a Brasil-América Ltda.^a, Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1970.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc van - *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Ed. Gradiva, 1^a ed. Out. 1992.
- REIS, António (direcção de) - *Portugal Contemporâneo*. 6 vols. Lisboa: Pub. Alfa, 1990

- RELVAS, José - *1858-1929 Memórias políticas* - 2 v. Col. Portugal ontem, Portugal hoje - Lisboa: Terra Livre, 1977-1978.
- RODRIGUES, Henrique Fernandes - *A Emigração do Alto Minho 1835-1860. A Miragem do Brasil*. Dissertação para Mestrado em Hist.^a Mod. e Contemp., FLUP, Porto 1991.
- ROLDÃO, M^a do Céu; FELIX, Noémia - *Dimensões Formativas de disciplinas do Ensino Básico - História*, Instituto de Inovação Educacional, 1996.
- RUDESTAM, Kjell Erik [et al.] - *Surviving your dissertation. A comprehensive guide to content and process*. London: Sage Pub.s, 1992.
- SAMPAIO, Daniel - *Inventem-se Novos Pais*. Ed. Caminho, 5.^a Ed., Agosto 1995.
- SAMPAIO, Daniel - *Vivemos livres numa prisão*. Ed. Caminho, Lisboa, 1998.
- SANTOS, Boaventura de Sousa - *Um Discurso sobre as Ciências*, Ed. Afrontamento, 1987.
- SANTOS, M.^a Emília Madeira - "Comércio e exploração da África nos séculos XVIII e XIX", in *Atlas de Portugal*, Ed. Selecções do Reader's Digest, Lisboa, 1988, pp 86 - 88
- SANTOS, M^a de Lourdes Lima dos - *Intelectuais Portugueses na primeira metade de oitocentos*. Ed. Presença, Lisboa, 1985.
- SARNEY, José - *Norte das Águas*. Ed. bilingue, 2^a ed., Artenova, Lda, 1980.
- SAÚTE, Nelson - *O Apóstolo da Desgraça*. Maputo: Ed. Ndjira, 1996.
- SEABRA, José Augusto - "Dos arquivos do silêncio aos da memória" in *Público* de 9/3/1998.
- SERRÃO, Joel [et al.] - *Testemunhos sobre a Emigração Portuguesa: Antologia*. Lisboa: Livros Horizonte, Abril de 1976.
- SILVA, Beatriz Nizza - "A questão indígena: estratégias e conflitos" in *Actas do Congresso Internacional do Padre Antonio Vieira*, Lisboa, Universidade Católica, 1997.
- SILVA, Manuela Esteves da - *Sobredotados, suas necessidades educativas específicas*. Porto Editora, Porto, 1992.
- SKILBECK, Malcolm - *A Reforma dos Programas Escolares*. Rel. OCDE, Ed. ASA, 1992.
- SUBRAHMANYAN Sanjay (historiador indiano da Expansão Portuguesa) - entrevista in *Expresso* de 4/10/97.
- THOMAZ, Luís Filipe Reis - *De Ceuta a Timor*. Viseu: Ed. Difel, 1994.
- TOURAINÉ, Alain - *La voix et le regard*, col. Sociologie Permanente, Ed. Seuil, 1978.
- VEYNE, Paul - *Como se escreve a História*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- Vianenses Ilustres (Títulos atribuídos em 1995-1996)*. Ed. Câmara Municipal de Viana do Castelo, Jan. 1997.
- VIANNA, Helio - *História do Brasil*. S. Paulo: Ed. Melhoramentos, 7.^a edição, 1970.
- VILLIERS, John - *A Presença Portuguesa no Sudeste Asiático*. Macau: Imprensa Oficial de Macau, 1985.
- ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (direcção de) - *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Ed. de Representações Zairol, Lda., 1989

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

1	<i>Livro de Memórias</i> de José Senna - 1ª página. Tamanho natural	183
2	<i>Antes que a Memória se apague</i> - de Mª Teresa Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos - 1ª página. Tamanho natural	184
3	Acte de Succession des Droits de la Famille Belford	185
4	Capa da revista do Club de Engenharia (Rio de Janeiro, 1882)	192
5	Município de Belford Roxo - Página da Internet	193
6	Certidão de Casamento de D. Teresa de Belfort com J. J. Cerqueira (Doc. 1 do <i>Fundo de D. Mª Emilia Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos</i>) (Frente e verso; reduzido)	194
7	Declaração de dote (Doc. 2 do <i>Fundo de D. Mª Emilia Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos</i>)	196
8	Declaração de dote (Doc. 3 do <i>Fundo de D. Mª Emilia Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos</i>)	198
9	Declaração de dívida (Doc. 4 do <i>Fundo de D. Mª Emilia Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos</i>)	199
10	Autorização (Doc. 6 do <i>Fundo de D. Mª Emilia Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos</i>)	200
11	Livro de orações oferecido pela Viscondessa de Belfort a sua filha D. Teresa de Belfort - Parte final da dedicatória	201

12	Jóias Roubadas - Edital do Commissario Geral da Policia (frente e verso com anotações)	202
13	Joaquim Paço d'Arcos. Notícias póstumas	204
14	“Os Brasileiros...” Tiras Manuscritas, aspecto e cópia integral (Doc. 69 do <i>Fundo de D. M^a Emilia Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos</i>)	206
15	<i>Correio da Manhã</i> - Notícia da morte de João Roberto Cerqueira	209
16	“O Cons ^o Joaq. Cerqueira...” Tiras Manuscritas, cópia integral (Doc. 70 do <i>Fundo de D. M^a Emilia Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos</i>)	210
17	“Joaq. Cerqueira companheiro...” Tiras Manuscritas, cópia parcial (Doc. 71 do <i>Fundo de D. M^a Emilia Belfort Cerqueira Sena de Vasconcelos</i>)	214
18	Carta da C.M.de Viana do Castelo - J.J. Cerqueira é eleito deputado	217
19	Actas camarárias	218
20	Testamento de Joaquim José Cerqueira	220
21	Balanço da firma Cerqueira & Soares	226
22	Notícias acerca da morte do Dr. João Carlos Sena	227
23	Entrevista ao Coronel Senna em jornal norueguês (notícia e tradução)	230
24	Páginas de <i>O Rebate</i> (muito reduzidas)	232
25	<i>Diário da Manhã</i> - Exéquias de D. Luís.	235
26	Convite de Casamento de D. Augusta Belfort Cerqueira com o Capitão José Sena e notícia no <i>Diário Ilustrado</i>	236
26A	<i>Curso de Telemetristas de Artilharia de Costa</i> - Frontispício	237A
27	Dicionário Cronológico de Autores Portugueses. Referência a M ^a Emilia B. C. S. de Vasconcelos	238
28	Dicionário Português/Tailandês/Português. Notícia na <i>Tribuna de Macau</i>	239
29	Carta de Gabriela Sena de Vasconcelos - <i>Nas pegadas de um Avó</i> - Goa, Maio de 1996	240

Nas colonias

Quando 2.º Tenente de artilharia, fui promovido a 1.º Tenente para ir commandar a secção de artilharia de armaria, e em valle, annexa a Companhia de dragões da planície de Mossamedes, unidades criadas exclusivamente, com o pessoal todo voluntario, para fazer representar a soberania de Portugal no sul de Angola, ameaçada pela crescente immigração boer.

Fiz a viagem sem incidente material no vapor "A. Thomé" que sahio de Lisboa em 23 de junho de 1896 e chegou a Mossamedes em 24 de julho seguinte, tocando em G. Thomé, de Cabo Verde, G. Thomé, Cabinda, Ambriz, e ainda, Benguela e Nova Fátima. Em Cabinda, foram todos os officiaes convidados para um almoço na residência do governador do districto, e capitão Tenente Álvaro Pereira, em Luanda, para um jantar na palácio do governador geral, e capitão de fragata Mo-

As Famílias

A família Pereira era uma família de agricultores ricos do Alentejo, de origem de Elvas.

João Vicente Pereira, o menor, filho de Carlos de Vides, casou com Quintia Filomena da Silva Figueira, de Elvas, de família também rica que foi educada no convento das Albertas. Existia ainda cá em casa um copo de prata com as duas iniciais que fazia parte do "mobiliário" do hotel que levou para o colégio.

Decorreu na mesma família em Elvas, numa grande casa.

E já lá está ainda lá está, muito modificada porque ali onde se instalava o Hotel

COPIE AUTHENTIQUE
de l'original inscrit dans les registres du
Consulat du Brésil à Paris



ACTE DE SUCCESSION
 DES DROITS DE PRIMOGÉNITURE
 DE LA FAMILLE BELFORD

Famille Brésilienne
 dont l'origine princière, en Europe, remonte au
 XI^e SIÈCLE

Je soussigné, SÉBASTIAO GOMES DA SILVA BELFORD, brésilien, né dans l'État de Maranhão, le deux Décembre mil huit cent trente et un (1831), fils légitime de FELIPPE GOMES DA SILVA BELFORD et de D. IGNACIA GOMES DA SILVA BELFORD, petit-fils du côté paternel du Général du Corps des Ingénieurs SÉBASTIAO GOMES DA SILVA BELFORD, et du côté maternel du Conseiller à la Cour d'Appel de Lisbonne ANTONIO GOMES DA SILVA BELFORD, tous deux frères; gentilhomme de la Maison Impériale du Brésil et de la Maison Royale de Portugal; veuf sans descendance, par le présent acte de succession fait et signé par moi-même, je cède et transfère la succession de tous mes titres nobiliaires et de tous mes droits de primogéniture, en ma qualité de descendant direct de LANCELOT BELFORD — ou BERFORD en Irlandais — à mon cousin le Colonel ANTONIO ROXOROIZ, DE BELFORD par ses ancêtres, actuellement à Paris, 105, avenue Malakoff, lui aussi descendant direct de LANCELOT BELFORD.

Sur les registres et livres du Notaire public de la capitale de l'État actuel de Maranhão, au Brésil, ancien domaine colonial du Portugal, sont enregistrés, en date du dix-huit Mai mil sept cent quatre-vingt-dix-neuf (1799), comme en font foi des documents officiels dûment timbrés, les certificats de preuves et de recherches sur la généalogie de LANCELOT BELFORD; ces certificats furent envoyés par DON RICARDO LOMESTH, Archevêque de Dublin, Primat

d'Tbernia, en Kelibania, le huit décembre mil sept cent cinquante-neuf (1759), et par DON CARLOS LEYNEGAR, du Collège de Trindade, à Dublin, le deux Janvier mil sept cent dix-huit (1718).

De ces deux documents, il ressort que pendant plusieurs siècles le principal château féodal de la famille BELFORD, en Irlande, a toujours appartenu à des ancêtres de LANCELOT BELFORD. Ces ancêtres furent toujours de fervents catholiques et s'unirent par leurs mariages aux plus grandes familles du Royaume d'Irlande. Le premier du nom fut SEMAO BELFORD, vingtième aïeul de père à fils, Colonel porte-oriflamme du Roi Henri II, créé Comte et Lord de Taragh en mil cent soixante-trois (1163), huitième année du règne de HENRI II.

SEMAO BELFORD, premier de la famille, prit ce nom lorsqu'il vint en Irlande et ses descendants ont continué cette tradition; le nom de son père était HARLOUIN, neveu du Duc de Normandie, né dans ce duché, alors apanage de l'Angleterre.

Des documents qui se trouvent au " Real Archivo da Torre do Tombo ", de Lisbonne; de l'Histoire Généalogique de la Maison Royale Portugaise; de l'Histoire de la Maison de SYLVA et des Archives des Églises et du Siège épiscopal en la capitale de l'État de Maranhão, au Brésil, il résulte que :

LANCELOT BELFORD, fondateur de la famille BELFORD, au Brésil, né en Irlande, en Juillet mil sept cent huit (1708), qui a épousé en la capitale de l'État de Maranhão D. ANNA THEREZA FERREIRA, brésilienne, était fils légitime de RICARDO BELFORD, qui fut baptisé au château féodal de la famille BELFORD, et de sa femme ISABEL LOUWTHOR, baptisée à Emieskillinam, comté de Termanacani, en Irlande.

Il avait droit au titre de Lord, de par ses aïeux, qui furent comtes et barons et étaient, du côté paternel : JOAO BELFORD, marié avec CATHARINA BOERNEVELL; et du côté maternel : ANDRÉ LOUWTHOR, marié avec MARGARIDA HAMILTON.

D. ANNA THEREZA FERREIRA, femme de LANCELOT BELFORD, était fille de FELIPPE MARQUES DA SYLVA et de D. ROSA MARIA DO ESPIRITO SANTO, arrière petite-fille de DIOGO GOMES DA SYLVA et de sa femme D. ISABEL VASQUES DE SOUZA qui, de son côté était arrière petite-fille du Prince MARTIN AFFONSO,

filz du Roi de Portugal AFFONSO III, Prince qui s'est marié avec D. IGNEZ LOURENÇO DE SOUZA dans le courant du XIII^e siècle.

Le Roi fit le Prince MARTIN AFFONSO Seigneur de quelques provinces et, sans préjudice de ses legs laissés par testament, lui accorda, de son vivant, en mil deux cent soixante-treize (1273), des Statuts spéciaux en sa faveur pour donner satisfaction au Pape GRÉGOIRE X, grand ami de l'illustre Prince.

Pour cette raison ses descendants occupèrent les plus hantes situations en Portugal et gardèrent le droit de faire figurer dans leurs armoiries sur champ d'argent les cinq quines portugaises caractéristiques qui existent dans les armes actuelles des descendants directs de LANCELOT BELFORD.

Les armoiries se composent d'un écusson écartelé :

— Au Un d'argent chargé de cinq écus d'azur : un, trois et un, chargés chacun de cinq besans du champ : deux, un et deux (d'après les armoiries royales de Portugal et du Prince MARTIN AFFONSO).

— Au Deux, de gueules à deux lions léopardés passant d'or (d'après les armoiries de Normandie).

— Au Trois d'azur au Pélican en sa piété d'or (d'après les armes des GOMES DA SYLVA).

— Au Quatre d'argent au lion de gueules (d'après les armes des Souza).

L'écu timbré d'un casque princier avec lambrequins d'argent, de gueules et d'azur.

Du mariage de LANCELOT BELFORT avec D. ANNA THEREZA FERREIRA, brésilienne, naquirent, en la capitale de l'État de Maranhão, quatre enfants :

ANTONIO GOMES DE SOUZA BELFORD, qui épousa D. MARIANA DAS NEVES. De cette union naquit FELIPPE MARQUES DA SILVA BELFORD, qui se maria avec D. IGNACIA MARIA FREIRE BELFORD DA SILVA dont il eut un fils : le Général SEBASTIAO GOMES DA SILVA BELFORD, gentilhomme de la Maison Royale de Portugal, lequel épousa D. ANNA MARCELLINA NUNES DE SOUZA, d'où est issu FELIPPE GOMES DA SILVA BELFORD, gentilhomme de la Maison Royale de Portugal, Juriste et Commandeur de l'Ordre du Christ de Portugal, qui se maria avec D. IGNACIA MARIA FREIRE GOMES DA SILVA BELFORD. De ce mariage est né

SEBASTIAO GOMES DA SILVA BELFORD, le soussigné, auquel appartiennent tous les droits de primogéniture, comme chef actuel héritier du nom et des armes de la famille BELFORD, fondée au Brésil par LANCELOT, et qui font l'objet de cet acte de succession.

MARIA JOAQUINA BELFORD, brésilienne, deuxième enfant, mariée au Brésil et actuellement sans descendance.

RICARDO LÉON BELFORD, brésilien, troisième enfant, marié au Brésil, ayant comme descendant actuel le Marquis DE PENAFIEL, né en Portugal, qui a conservé sa nationalité portugaise, ayant cessé de porter le nom de BELFORD, ainsi que les autres descendants de cette branche.

D. FRANCISCA BELFORD, brésilienne, quatrième enfant, se maria avec LEONEL FERNANDES VIEIRA dont elle eut un fils : JOZE JOAQUIM BELFORD qui épousa MARIA THEREZA TEIXEIRA et, de cette union, naquit D. MARIA RITA TEIXEIRA BELFORD ROXO. Cette dernière, mariée avec le Commandeur José ROXO, eut une fille : MARIA THEREZA TEIXEIRA BELFORD ROXO qui épousa le Commandeur ANTONIO MARQUES RODRIGUES, juriste, etc..., et de ce mariage est né M. ANTONIO ROXOROÏZ DE BELFORD, résidant actuellement à Paris auquel est dévolue la succession des droits de primogéniture comme successeur de LANCELOT BELFORT et, par conséquent, la succession qui lui reviendra comme descendant direct des lords, comtes et barons Irlandais catholiques qui prirent part à la bataille de Boyne, en mil six cent quatre-vingt-dix (1690), pour la défense des Stuarts et dont les biens ont été confisqués par GUILLAUME III D'ORANGE qui a gagné cette bataille et s'est proclamé Roi d'Angleterre.

Du côté portugais, M. ROXOROÏZ DE BELFORD reste avec la succession comme descendant du Prince MARTIN AFFONSO, né en mil deux cent cinquante et un (1251), fils du Roi de Portugal AFFONSO III qui régna de mil deux cent quarante-huit (1248) à mil deux cent soixante-dix-neuf (1279) et sous le règne remarquable duquel les Maures furent définitivement chassés du territoire portugais. Ce Prince MARTIN AFFONSO épousa dans le courant du XII^e siècle D. IGNEZ LOURENÇO DE SOUZA.

Les ancêtres de la famille BELFORD ont occupé, depuis le XI^e siècle, comme nous l'avons déjà dit, les plus hautes situations aristocratiques, diplomatiques et militaires en Portugal et furent même, en Irlande, porte-oriflammes

du Roi au moyen âge; au Brésil, ce nom est directement et indirectement lié à tout ce qui s'est accompli de remarquable dans cette grande Nation.

LANCELOT BELFORD s'étant installé dans la capitale de l'État de Maranhão, au Brésil, après son mariage avec une descendante du Prince MARTIN AFFONSO fut décoré de l'Ordre du Christ par le Roi de Portugal, le Brésil étant encore colonie portugaise, par décret du seize Juillet mil sept cent cinquante-huit (1758), pour services éminents rendus audit État de Maranhão.

Parmi les descendants qui contribuèrent aux grandes entreprises nationales et prirent part à la politique brésilienne, il nous convient de citer :

Le Général SEBASTIAO GOMES DA SILVA BELFORD, arrière petit-fils de LANCELOT, aïeul du chef actuel héritier du nom et des armes dudit nom, ingénieur illustre que le Prince Régent, plus tard Roi DON JUAN VI, nomma Commandeur de l'Ordre du Christ pour trois générations en récompense des projets de tracés de milliers de kilomètres de voies de communication ralliant le Nord du Brésil depuis le Maranhão jusqu'à Rio de Janeiro, travail qui se trouve à la Bibliothèque de Rio de Janeiro.

FELIPPE GOMES DA SILVA BELFORD, Préfet de l'État, alors Province de Maranhão, qui organisa à côté du Commandant LIMA E SILVA, postérieurement Duc de Caxias, la défense du Gouvernement Impérial pendant la guerre des Balayos et dont le beau-frère, ANTONIO GOMES DE BELFORD, Colonel d'un régiment avec le Major RICARDO LÉON BELFORD SABINO et le Colonel FALCAO prirent la ville de Caxias, dernier centre de résistance des Balayos, ce qui mit fin à la guerre.

Le Vicomte DE BELFORD auquel DON PEDRO II conféra le titre de Baron DE GURUPY et qui représenta le Maranhão à la Chambre des Députés de l'Empire.

Les grands orateurs et Députés à la Chambre des Députés de l'Empire : TAVARES BELFORD et BELFORD DUARTE.

Le Contre-Amiral ALVARO BELFORD qui a défendu le Gouvernement légal du Brésil.

Les frères BELFORD VIEIRA, tous deux anciens Gouverneurs du Maranhão et Sénateurs Fédéraux; l'un d'eux, Ministre de la Cour Suprême et l'autre

Officier de Marine qui, reprenant le service actif, a été désigné pour commander la division navale qui représentera le Brésil au Centenaire du Chili.

Les BELFORD ROXO, hommes de grande valeur scientifique; l'un d'entre eux ingénieur, dirigea les travaux publics sous l'Empire et fut décoré par l'Empereur DON PEDRO II lui-même; un autre, ancien Magistrat, marié avec la fille du glorieux Général Baron DE TURRY ASSU, qui fit la campagne Péninsulaire, fut en dernier lieu Vice-Gouverneur de l'État de Maranhão, État auquel il avait rendu de grands services pendant de nombreuses années. Il collabora dans la presse avec son beau-frère ANTONIO MARQUES RODRIGUES, un des juristes et littérateurs les plus éminents du Brésil et auquel revient la gloire d'avoir commencé, à ses propres frais, l'abolition de l'esclavage dans son État natal, dont il présidait l'Assemblée législative.

Le successeur actuel du droit de primogéniture de ce nom illustre, M. ANTONIO ROXOROÏZ DE BELFORD qui, à l'âge de vingt-cinq ans, était déjà Président du réseau Brésil-Argentine-Paraguay, dont le principal travail technique, le plus important de l'Amérique du Sud, porte son nom, et c'est à lui que sont dus les tracés définitifs ainsi que la réalisation et la construction principale de ce réseau international qu'il présida avec le plus grand éclat.

Il s'est marié avec une fille de ce Comte DE MOTTA MAIA qui fut, sous le règne de DON PEDRO II, non-seulement un des Grands de l'Empire, mais encore un des familiers et des amis intimes les plus dévoués du souverain qu'il suivit jusque dans l'exil et qu'il accompagna jusqu'à la mort.

De ce mariage qui fut célébré le vingt-quatre Avril mil huit cent quarante-neuf (1899) en la ville de Petropolis par l'évêque de Olinda, mariage catholique comme celui de tous les descendants de la famille BELFORD, sont nés deux enfants : MARIA DE LOURDES ROXOROÏZ DE BELFORD et LUIZ ANTONIO ROXOROÏZ DE BELFORD, nés à Rio de Janeiro, seuls des BELFORD cités qui ne soient pas nés dans l'État de Maranhão.

ANTONIO ROXOROÏZ, dont le nom ROXOROÏZ tire son origine des noms ROXO et RODRIGUES, comme en font foi les registres légaux au Brésil, est fils de D. MARIA THEREZA BELFORD ROXO, mariée à ANTONIO MARQUES RODRIGUES, brésilien très illustre, ainsi que nous l'avons dit plus haut, qui fut aussi décoré

par le Roi de Portugal et qui, étant décédé en Europe, est inhumé à Arantes, propriété de ses ancêtres, dans le Royaume de Portugal.

Le prestige de M. Roxoroiz, qui porte un des noms les plus éminents de la haute banque au Brésil, est bien connu en Europe. Il suffit de considérer que le Roi de Portugal l'ayant déjà nommé Commandeur de l'Ordre du Christ vient de lui conférer le titre de Conseiller de Sa Majesté.

J'espère que mon successeur, auquel je cède tous mes droits de primogéniture, continuera les traditions conservatrices et catholiques de nos ancêtres, et je tiendrai pour ferme et valable tous les actes qui seront pratiqués en conséquence de cette succession.

Paris, le cinq Septembre mil neuf cent dix (1910).

(Signé) SEBASTIAO GOMES DA SILVA BELFORD

CLUB DE ENGENHARIA.

PRIMEIRO CONGRESSO

DAS

Estradas de Ferro do Brazil

Nascitur exiguus; vires acquirit eundo.

RIO DE JANEIRO

1882

Archivo dos Trabalhos

ORGANISADO PELO

ENGENHEIRO-CIVIL

Aarão Leal de Carvalho Reis

Natural da Provincia do Grão-Pará,

Chefe do Telegrapho da Estrada de Ferro Dom Pedro II,

Director-Secretario do Club de Engenharia,

Representante, no Congresso, da Estrada de Ferro do Oeste de Minas,

Socio honorario da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes,

Socio effectivo da Soc. Aux. da Industria Nacional,

Socio-Director da Liga do Ensino no Brazil,

etc., etc., etc.



Rio de Janeiro

CLUB DE ENGENHARIA

6 — Rua da Alfandega — 6

Club de Engenharia

O SEU CONSELHO DIRECTOR COMPOSTO DOS SRs.:

- Engenheiro* Antonio Augusto Fernandes Pinheiro, presidente.
" Francisco Pereira Passos, 1.º vice-presidente.
Industrial Chas. Paul Mackie, 2.º vice-presidente.
" Eduardo Klingelhoefer, secretario.
" Conrado Jacob de Niemeyer, thesoureiro.
Engenheiro Antonio Maria de Oliveira Bulhões.
" Antonio Paulo de Mello Barreto.
" Carlos Conrado de Niemeyer.
Industrial Carlos Hargreaves.
" Francisco de Paula Mayrink.
Engenheiro Herculano Velloso Ferreira Penna.
" Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim.
" Joaquim Antonio da Cunha.
" José Americo dos Santos.
" Raymundo Teixeira Belfort Roxo.

Estrada de Ferro D. Pedro II

PORTE EM TRAFEGO

- Engenheiro* Herculano Velloso Ferreira Penna,
" Jorge Rademaker Grunnewald,

PROLONGAMENTO

- " José Ewbank da Camara.

Estrada de Ferro de Porto Alegre á Uruguayana

Engenheiro Firmo José de Mello.

Prolongamento da Estrada de Ferro da Bahia

Engenheiro Miguel Noël Nascentes Burnier.

UNIVERSIDADE DO PORTO
BIBLIOTECA
3838-04
22.10.1968

• Território

- Área total (1997): 73,5 km²
- Data de instalação: 01/01/1993
- Altitude da sede: 18 m
- Coordenadas geográficas da sede
 - Latitude Sul: 22°45'51"
 - Longitude Oeste: 43°23'58"

• Demografia

- População (1996): 393.520
- Densidade Demográfica (1996): 5.354,0 hab/km²
- Taxa média geométrica de crescimento anual da população(1991-1996): 1,76%
- Taxa de urbanização (1991): 100,0%

• Área Social

- Estabelecimentos ambulatoriais credenciados pelo SUS (março/1997): 44
- Hospitais credenciados pelo SUS (abril/1997): 3
- Leitos para internação em hospitais credenciados pelo SUS (abril/1997): 310
- Estabelecimentos de ensino existentes (1996)
 - Federal: 0
 - Estadual: 50
 - Municipal: 69
 - Particular: 44
- Número de eleitores (1996): 221.456
- Delegacias de Polícia (1996): 1

• Infra-estrutura

- Ligações faturadas de água do sistema CEDAE (1996): 70.360
- Economias ligadas ao sistema de água da CEDAE (1996): 100.715
- Consumo de energia elétrica - MWh (1996)
 - Residencial: 140.527
 - Industrial: 143.846
 - Comercial: 24.708
 - Rural: 41

- Outros: 32.935
- Terminais telefônicos instalados (1995): 8.734
- Telefones públicos (1995): 162
- Agências de Correio (1996)
 - Próprias: 1
 - Franqueadas: 3
 - Satélites: 0

Transcricao de *Antônio Carlos*
20/11 *1917*



Antônio Carlos *Nada mais*
continua o referido documento
Transcricao de *Antônio Carlos*
Antônio Carlos *Antônio Carlos*
Antônio Carlos *Antônio Carlos*
Antônio Carlos *Antônio Carlos*

Antônio Carlos
Antônio Carlos
Antônio Carlos
Antônio Carlos

Antônio Carlos
Antônio Carlos
Antônio Carlos
Antônio Carlos

Reconheço o sinal *Antônio Carlos*
 de *Antônio Carlos*
 da *Antônio Carlos*

tabela pública desta cidade.

Rio de Janeiro, *Antônio Carlos*

O CONSUL GERAL:

Antônio Carlos



Pagou *1* *5* Reals segundo o n° *14*

da tabela. Verba lançada no livro da Receita
 sob o n° *9939*

Consulado Geral de Portugal no Brasil

Rio de Janeiro, *Antônio Carlos* de *1917*

Eu e minha mulher abaixo assignados
 declaramos que demos á nossa filha
 D. Theresa de Siquiera Duarte Boffort, ca-
 sada como f. d. Jos Joaquim Jose Corgueira
 em brillautes, duas escravas de nome
 Floruica e Elbarguenda, ambas em dois
 contos de reis, e o direito á' dez contos de
 reis no valor do que elle onde reside-
 mos na Rua do General Caldeira nº 109.
 por nossa morte, e que tudo perfaz quan-
 tia de dezasseis contos oitocentos e setenta
 e cinco mil reis (16:845:000) - iguaes á
 quantia que tambem demos á nossa
 filha D. Maria da Gloria Duarte Boffort
 Ramos, casada como f. d. Antonio de
 Paula Ramos Junior em 1841 - em bri-
 llhautes, vinte e cinco acaes de Pau-
 do Brasil, e duas escravas Felicidade
 e Ignacia, ficando portanto ambas
 minhas filhas em perfectu equaldade
 de dodivas. Por ser verdade e para cla-

clareza à todo tempo firmes, esta
declaração. Rio de Janeiro 5 de Abril
de 1883

Barão de Junqueira Visconde de Belfort.

Baronessa de Junqueira Viscondessa de Belfort.

Eu e minha mulher abaixo assignados
 declaramos ter dado á nossa filha D.
 Thereza Augusta Duarte Belgott, casa-
 -da com o Sr. Joaquin José Cergueira,
 um taboleiro grande, um leirinho, duas
 cestas e um gatheiro, tudo de prata
 por termos tambem dado á nossa filha
 D. Maria da Gloria Duarte Belgott Ran-
 -nos, casada com o Sr. Antonio
 de Paula Ramos Junior, um pararelho de
 apto para chá, e um taboleiro grande
 igualmente de prata. Por ser verdade
 e para allargar á todo tempo fizeemos
 esta declaracao. Rio de Janeiro 6
 de Abril de 1883

Barão de Curup, Duque de Belgott.
 Marquês de Curup, Viscondessa de Belgott.

Declaro que devo a minha filha Theresa
Augusta Duarte Belgout, a quantia de tres con-
tos de reis (3:000.000) moeda corrente, provini-
ente de tres apolices gerais, de conta de reis cada
uma, cujas she pertenciao, e vendi p.^o o consist.
e pintura de minha casa da rua Formosa N.º 97
Portanto tem direito de tirar essa quantia das bens
do meu casal, por minha morte, ou por morte de
meu marido. Rio de Janeiro 12 de Abril de 1881

Baronessa de Guoyuy, Viscondessa de Belgout.

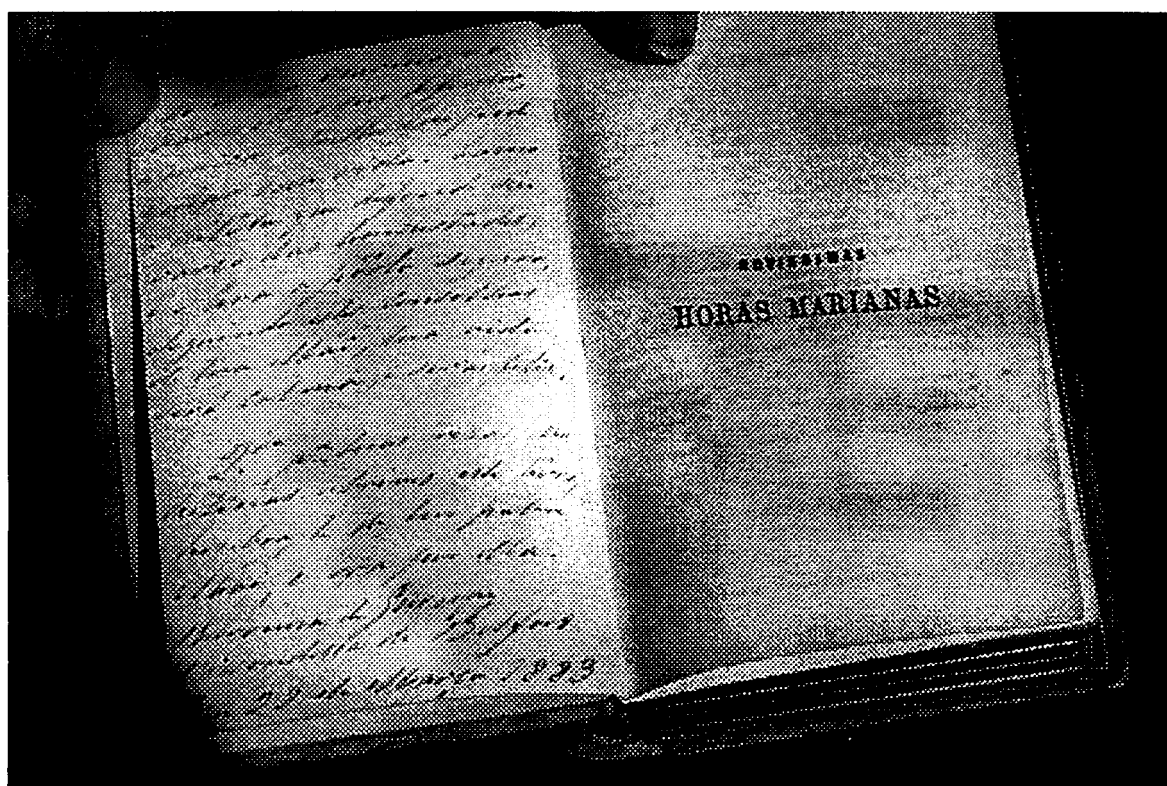


Como inventariante e cabeceira de meu
 casal authorizo ao meu genro Sr. ^{me} Gray.
 Sr. Cerqueira para pagar todas as des-
 pizas feitas como curativo de minha
 mulher, enterramento, decimas atrasadas, expe-
 sitas, penhas de agua, taxas de esera-
 vos e fôros de terrenos das Eguas do re-
 ferido Casal, sendo este responsável
 pelo prompto pagamento do que
 houver a ciãtado. Como documento
 servirá esta authorização, e minha es-
 traça firmada. Rio de Janeiro 3 de De-
 zembro de 1883.

Barão de Juruá, Visconde de Belfort.

Causado em a authorização supra. Rio
 3 de Dezembro de 1883.

Antônio de Paula Ramos Jr.



Livro de orações oferecido pela Viscondessa de Belfort a sua filha D. Teresa de Belfort
Parte final da dedicatória.

JOIAS ROUBADAS

Um Collar de brilhantes cravados em prata com 42 pedras grandes e outras mais pequenas.

Uma Pulseira d'ouro com uma estrella de brilhantes.

Uma " " lisa com solitarios.

Uma " " larga com uma rosa de brilhantes.

Uma " " estreita com um botão de rosa de brilhantes.

Uma Pulseira d'ouro com uma perola em fôrma de pêra pendurada.

Uma Pulseira d'ouro de onyx e brilhantes, formando xadrez.

Uma " " com brilhantes pequenos e uma perola pequena.

Um par de brincos com granadas rodeadas de brilhantes.

Um Ramo cravejado de brilhantes, representando botões de rosa.

Um Alfinete botão de rosa com brilhantes.

Um Alfinete d'ouro esmaltado, representando um amor perfeito com brilhantes.

Um Alfinete d'ouro com brilhantes e perolas imitando bolotas.

Um " " redondo cravejado de brilhantes.

Um " " com uma pedra aleitada com veios escuros rodeada de brilhantes.

Um Alfinete com estrella d'ouro e uma perola pequena.

Duas Pulseiras de ouro em fôrma de corrente.

Uma Pulseira d'ouro liso em fôrma de cadeado.

Uma " " fina com uma saphira e rodeada de brilhantes.

Um Alfinete d'ouro esmaltado em fôrma de leque.

Um Lado de brincos com solitario, rodeado com pequenos brilhantes.

Um Broche de camafêu róxo rodeado de perolas.

Um par de Brincos d'ouro e coral, tendo um coral descolado.

Um Alfinete para senhora, representando um cacho d'uvas com brilhantes.

Um par de Brincos d'ouro, feitto de folhas com perolas.

Um fio de Perolas com 2 voltas tendo no fecho uma saphira pequena.

Um Alfinete de prata esmaltado (paysagem) para senhora.

Um fio de Perolas miudas com fecho d'ouro.

Uma corrente pequena d'ouro para relógio com duas bollar d'ouro.

Um Broche de prata esmaltado (com figura de cabeça de mulher).

Uma lapiseira d'ouro em fôrma de chave.

Peço a quem forem apresentadas algumas d'estas joias, para as apprehender e reter o portador, dando participação a este Commissariado Geral.

Não vão os desenhos d'algumas joias por não ser possível retel-os na memoria.

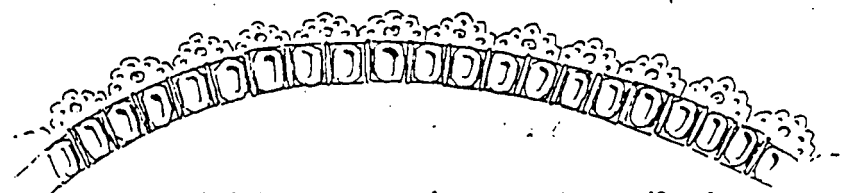
Porto, 28 de Fevereiro de 1894.

O Commissario Geral de Policia,

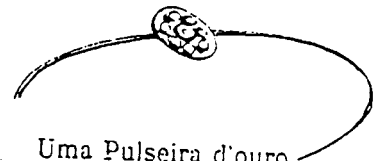
Dr. Adriano Accacio de Moraes Carvalho.

JOIAS DA AVÓ TERESA DE BELFORT CERQUEIRA,
ROUBADAS NO SUB-EXPRESSO A CAMINHO DE PARIS

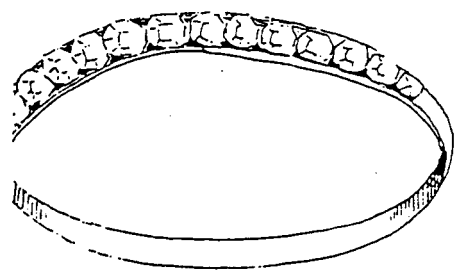
FORAM ENCONTRADAS ATRAVÉS
DA INTERPOL
EM 15 DE MARÇO DE 1994
Pelo Insp. Carlos Augusto de Almeida



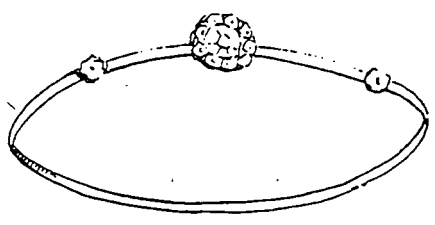
Um Collar de brilhantes cravados em prata com 42 pedras grandes e outras mais pequenas.



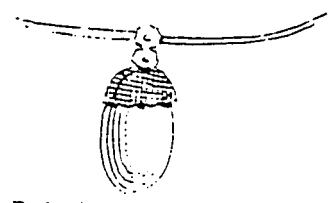
Uma Pulseira d'ouro com brilhantes pequenos e uma perola



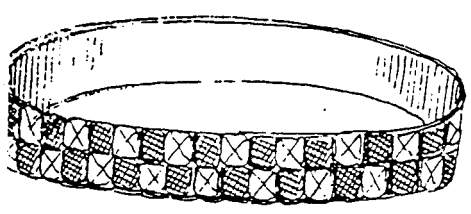
Uma Pulseira d'ouro lisa com solitarios.



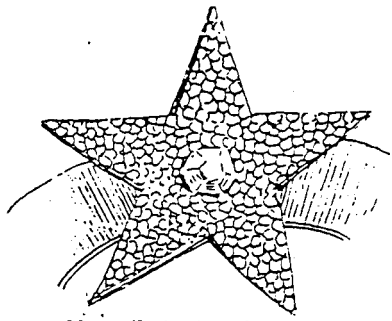
Uma Pulseira d'ouro fina com uma saphira e rodeada de brilhantes.



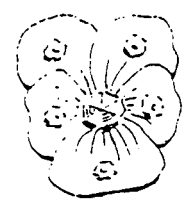
Uma Pulseira d'ouro com uma perola em forma de pera pendurada.



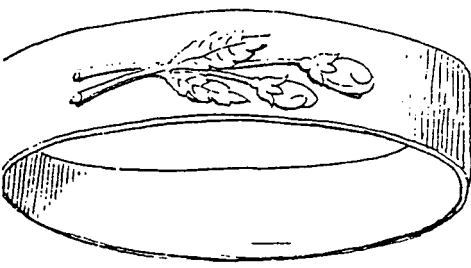
Uma Pulseira d'ouro de onyx e brilhantes, formando xadrez.



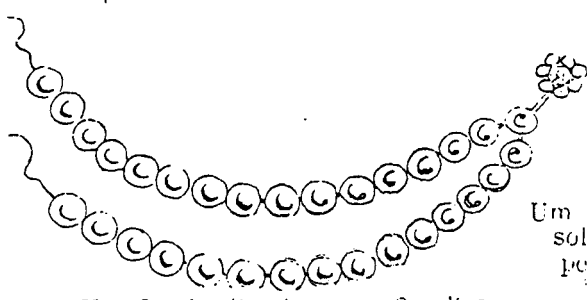
Uma Pulseira d'ouro com uma estrella de brilhantes.



Um Alfinete d'ouro esmaltado representando um amor perfeito com brilhantes.



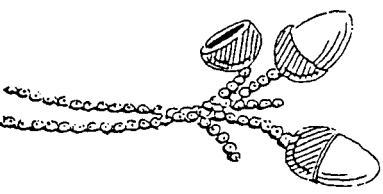
Uma Pulseira d'ouro larga com uma rosa de brilhantes.



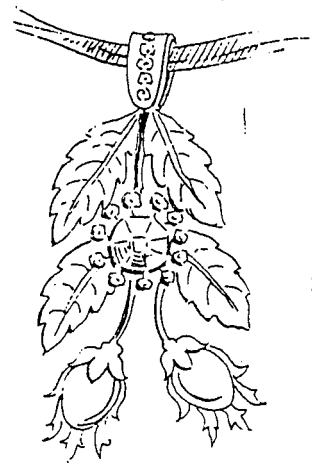
Um fio de Perolas com 2 voltas tendo no fecho uma saphira pequena.



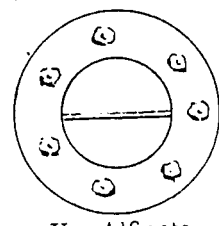
Um Lado de brincos de solitario, rodeado com pequenos brilhantes.



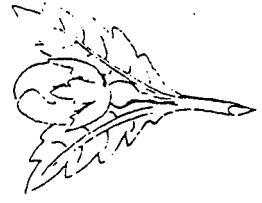
Alfinete d'ouro com brilhantes perolas imitando bolotas.



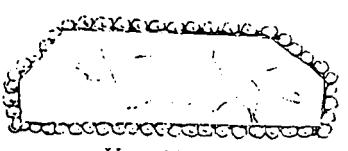
Um Ramo cravejado de brilhantes, representando botões de rosa.



Um Alfinete redondo cravejado de brilhantes.



Um Alfinete botão de rosa com brilhantes.



Um Alfinete com uma pedra aleitada com veios e rodeada de brilhantes.



Um par de Brincos d'ouro e coral, tendo um coral descolado.



Um par de brincos com granadas rodeadas de brilhantes.

MORREU O ESCRITOR PAÇO D'ARCOS

• É HOJE O FUNERAL

Faleceu, anteontem de manhã, em Lisboa, o escritor Joaquim Paço d'Arcos que este mês completaria 71 anos. O corpo encontra-se depositado na Igreja da Lapa, estando o funeral marcado para hoje, às 15h30.

Joaquim Belford Correia da Silva, nome completo de Joaquim Paço d'Arcos, nasceu em 14 de Junho de 1908.

O seu primeiro romance, intitulado «Herói derradeiro», data de 1933, seguindo-se-lhe, dois anos depois, o volume de novelas «Amores e viagens de Pedro Manuel».

Foi autor de várias peças de teatro, tendo sido uma delas representada pelo Teatro Nacional: «O ausente», que lhe valeu o prémio «Gil Vicente» do então «Secretariado Nacional da Propaganda».

Entre os seus romances mais conhecidos figuram «Ana Paula» e «Diário de um emigrante» traduzidos respectivamente para espanhol e finlandês.

Em 1936, o Secretariado da Propaganda atribuiu-lhe o prémio «Eça de Queirós» e, em 1942, o mesmo secretariado galardoou-o com o prémio «Fialho de Almeida» pelo livro de novelas «Neve sobre o mar».

Em 1938, a Academia atribuiu o prémio «Ricardo Malheiros» ao romance «Ana Paula», prémio que o autor recusou devido aos termos em que se exprimia o relatório da comissão encarregue de o atribuir.

Joaquim Paço d'Arcos foi

chefe de gabinete do governo do território da companhia de Moçambique na Beira e chefe dos serviços de imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros, cargo que ocupou a partir de 1936.

Junho 973

1º de Janeiro

QUANDO conheci, pessoalmente, o escritor e o homem Joaquim Paço d'Arcos? Sei lá, já; há umas quatro dezenas de anos! Tantos, que, ao recordar-lhe a presença, física, espiritual e anímica, ainda há minguado tempo, na sua acolhedora residência, em Lisboa, na Avenida de António Augusto de Aguiar, — me parece a olhar-me e a falar-me há longa distância, com a mesma verticalidade moral e fidalga simpatia, tão peculiar ao seu carácter e ao seu temperamento.

Foi o «cordão-umbilical» desse relacionamento e amizade sólida, a figura de meu Pai, *doublé* de médico-humanista e de escritor aprimorado. Do tempo afastado em que um irmão de Joaquim (o talentoso e infeliz Carlos Eugénio), frequentou, tocado pela implacável física, o então Sanatório Sousa Martins, na Guarda, de que Ladislau Patrício era prestigioso director-clínico.

Atraídos pelas coisas das letras e do cultivo do espírito, não tardaria a estabelecer-se

Joaquim Paço d'Arcos e o seu livro póstumo

Por JOÃO PATRÍCIO

1.º de Janeiro

entre ambos uma mútua admiração e estima. Daí que, ao morrer, Carlos Eugénio houvesse deixado a meu pai o seu dramático «Diário Íntimo». Após o falecimento do meu progenitor, em 1967, entreguei esse «Diário» ao autor de «Ana Paula» e de «Ansiedade», livros que possuo, como quase toda a obra de Joaquim, na minha biblioteca, oferecidos enternecidamente pelo romancista, novelista, dramaturgo e poeta, laureado pelos prémios Eça de Queirós, Ricardo Malheiros da Academia das Ciências, por ele recusado, Fialho de Almeida, Gil Vicente, e da Casa da Imprensa.

Não tive o prazer de conhecer o seu irmão Carlos Eugénio (já havia abandonado a Guarda, para cursar a Universidade em Lisboa), nem o outro irmão, o mais velho, o Henrique ou Anrique, nome literário de Henrique Belford Correia da Silva, conde de Paço d'Arcos, autor de «Divina Tristeza», «Peregrino da Noite» e de «Cidade Morta», entre mais.

Joaquim Paço d'Arcos, filho de oficial de Marinha (fora um emigrante-viajante, daí o seu «Diário de um Emigrante»), sempre, por curiosa coincidência, andaria ligado ao

sector da Marinha: casara duas vezes, por envivez da primeira, com filhas de oficiais superiores da Marinha.

Quando, em 1964, fomos companheiros de cruzeiro a Moçambique, integrados na viagem presidencial, Joaquim lera-me, no seu camarote o romance político, em original, «Cela 27», que seria editado no ano seguinte. Agora, em 1984, leio eu outro livro político seu, «O Crime Inútil», volume póstumo, lançado nos princípios do ano corrente.

Tendo como pano de fundo, temático e ideológico, o famoso caso do chamado «Crime do Guincho», de que fora

vítima o capitão Almeida Santos, — e ao julgamento do qual o escritor assistira, aguçado pelo aproveitamento literário do assunto, — Paço d'Arcos logo do caso urdiria a trama de obra dramática, a que poria o nome sugestivo de «O Crime Inútil», peça que se manteria inédita, desde o ano de 1961.

Encenação em três actos e um epílogo fantasioso, com notas e comentários criteriosos de Duarte Ivo Cruz, — ela empolga, do princípio ao final, pela tassitura, a linguagem e o movimento ajustado dos personagens, que prendem o leitor, e eventualmente o es-

pectador a que de fundo se dirige, a cada minuto, a cada segundo da acção, incisiva e fulminante. Tudo ali está bem doseado, desde as paixões políticas, sentimentais e eróticas, ao clima ambiental das conspirações ideológicas da época.

Não obstante a sua independência e objectividade frente ao regime anterior, Joaquim Paço d'Arcos não seria poupado à agressividade política das oposições que se chocavam entre si, a caminho do 25 de Abril. Acasaladas por necessidade e táctica comum. O caso da antiga Sociedade de Escritores, de que foi presidente, e de que eu, pela sua mão amiga, fiz parte também, — é disso prova paradigmática.

Em fins de 1974, e durante o PREC, já mortalmente ferido por doença incurável, o vi, eu e os seus fiéis amigos, na casa de António Augusto de Aguiar, acabrunhado e céptico pelo desenrolar dos acontecimentos da sua e nossa Pátria. Ao ler agora esta obra póstuma, recordo o seu olhar amigo, a pressentir a morte...

Os Brasileiros de F. Conde
 Engg. e Tavares

A nova designação que este escripto
 te jornalista encontrou para nos
 tornar conhecidos, no pair, mas nos
 offende nem inclindam. A antiga
 designação de brasileiros com que
 fomos e ainda somos conhecidos
 e tratados dentro da nossa propria
 patria creche nos de sincera e res-
 vancido contentamento, posto o
 nosso patriotismo, immenso e incre-
 dível, posto o nosso carinhoso affec-
 to e grande amor pela terra do nosso
 nascimento. Essa formula, porém,

Aspecto de uma das "Tiras Manuscritas"
 Apenas a parte superior em tamanho natural.

Os Brasileiros de St. Constança
Emgídio Navarro

Doc 69

A nova designação que este eminente jornalista encontrou para nos tornar conhecidos no paiz, não nos offende nem melindra. A antiga designação de brasileiros com que ramos e ainda somos conhecidos e tratados dentro da nossa própria patria enche-nos de sincera e reservado contentamento, posto o nosso patriotismo, immenso e incalculavel, posto o nosso carinhoso affecto e grande amor pela terra do nosso nascimento. Essa formula, porém, nem sempre nos é attribuida no justo valor dos nossos verdadeiros sentimentos de gratidão, antes nos vem repetidas vezes coberta de sarcasmos, de desdenhos e de apressos offensivos a' nossa dignidade de cidadãos portuguezes e offensivos — o que é mais grave — ao melindre do generoso paiz, a cuja sombra e hospitalidade alcançamos, ^{algumas} ~~muitas~~ ~~das~~ ~~nossas~~ ^{nossas} pela tenacidade do nosso trabalho e pela honradez do nosso caracter ^{alguns} ~~os~~ ~~nossos~~ ^{recursos}, ~~estes~~ modestos meios de vida, para a nossa triste velhice e sustento das nossas familias, recursos que alias a patria nos amesquinha ou nos recusa por completo.

É lamentável que um homem das responsabilidades publicas do Sr. Conselheiro Euzegio Navarro não hesite em cobrir de injurias concitadas inoffensivas cidadãos, que na sua patria, depois d'uma proficiada lucta pela vida, pouco mais reclamam de que esses sete palmos de terra no obscuro campo vanto da sua pobre aldeia, a sombra dos seus tristes cyperos, sem outras aspirações, que lhe repugnariam, n'um meio deploravelmente dominado por ambiciosos politicos dos mais torpes, dos mais baixos e corruptos sentimentos, que têm feito d'este infornado pain o ludibrio das nações civilisadas, a vergonha, o despreso e a deshonra do nosso nome.

O Sr. Navarro no seu artigo de fundo das Novidades de 8 de novembro diz-nos isto:

Mas é que as luctas politicas em Chaves tem hoje uma leição, me nos caracterisadamente, partidaria do que a tinham, ainda ha poucos annos, quando a influencia progressista ali era representada pelo sr. Eduardo José Coelho, que foi afastado d'essa supremacia em proveito d'um adventicio. É certo que os partidos precisam de renovar continuamente o seu pessoal, como no organismo se renovam incessantemente os seus factores vivificantes; e tambem é lóica a duvida, que na variedade dos elementos, que os constituem e em que se apoiam, reside a efficacia combatente da sua força. Um partido precisa, simultaneamente, de homens sabedores e bem fallantes, e de homens endinheirados de pessoal de propaganda e de governo, e de gente de riqueza. Não se faz a guerra de outro modo. Mas é sempre conveniente, que os diferentes elementos estejam, nos seus postos, e que não saiam dos seus logres. E sobretudo é preciso que a bandeira dos correligionarios nunca se confunda com a flamula dos filibusteiros. Le pavillon couvre la marchandise; essa regra é para o direito maritimo e não para as luctas politicas; a insignia d'um partido deve sempre flutuar de alto, e distincta. Assim nos parece que a imprensa politica que

Não conhecemos os elementos novos, que em Chaves substituiram a antiga supremacia do sr. Eduardo José Coelho; e por isso quere-mos crer, que são muito recomendaveis e muito respeitaveis. Essa nossa ignorancia, é rigoroso dever de justiça conceder-lhes, a priori, todas as virtudes e excellencias, publicas e particulares. Não nos vamos fallar dos individuos, que das soluções dos tribunaes, e até nos faz paranoias. É um elemento util, para ser devidamente aproveitado e justamente recompensado; mas, n'aquella apostura e funcção é irritante para a opinião publica, e deprimente para os partidos. E perdem-nos os nossos queridos amigos, e presados collegas, na furia eleitoral de Chaves, ha já excessos, com que o partido progressista nada ganha, pela razão suprema, para todos visivel, de que essa lucta em dada maneira é de ponderancia real dos partidos. O esforço, que não dá vantagens, é sempre perdido com prejuizos.

Para nós, que já não é mais o insulto e o despreso, responde com a transcrição da resposta que a insania semelhante responde ~~ram~~ do Rio de Janeiro ao então deputado Sr. Luiz Palmeirim as nossas congratulações. Eis o escripto:

e, ainda tomar al-
 guer uso das mãos
 e...
 NOTAS
 da justiça.
 sobre a esposa do
 SERICORDIA
 S:—12 contos ao n.º
 53, 400:000 reis ao
 n.º 3152.
 ra el-rei e o sr. in-
 gressaram a bordo
 o Yacht D. Amelia.

gando aqui as 2 horas da manhã.

De Vianna foi muita gente, á qual tambem se juntaram grande numero de pessoas de varios pontos do districto e de fora d'elle.

—Falleceu ha dias nesta cidade o sr. João Roberto de Cerqueira, irmão do sr. conselheiro Joaquim Cerqueira, a quem, bem como a restante familia, enviamos sentidos pêsames.

—Esteve em Darque em casa do distinto escriptor o sr. Luiz Trigueiros, seu irmão o sr. communicador João Dantas Trigueiros.

— Com sua ex.^{ma} esposa regressar ao Rio de Janeiro, donde esteve uns 5 annos a tri-

11-11-61

20

Novidades en

O Conde de São João Bernardino

Uma das individualidades mais sympathicas e mais cultas da actual colonia portugueza no Rio de Janeiro e, por seu dubido, a de São João Bernardino Aguiar ultimamente com o titulo de conde do Rio de Janeiro governou de S. M. Fidelissima.

Foi de um humilde e modesto negociante de Vianna do Castelo, nascido nesta cidade, a 5 de Junho de 1827 e ainda em tão jovem franqueado para o Brasil abacando a carreira de commercio que tem honras e nobilitado pelo prestigio de seu nome e pela probidade de seu Catonado trabalhoso. Actualmente chefe da Firma - Curquira & Soares - uma das principaes casas de commissões de café, tem sabido, pela sua superior illustração, honrada e actividade, conquistar a estima e o respeito do corpo commercial da capital da Republica Brasileira.

Tão valioso e de tão bons serviços prestados pelo Conde Bernardino Curquira, não se commoço de Rio de Janeiro, como a sua patria e immoções de trabalho para os honrosos titulos que a recomendarão a consideração publica.

Collaborou poderosamente com a fallecida Paro. Otiguiroz Ed. Lemos e outros, na propagação do "Centro do Lavrador e do Commercio", essa benemerita instituição a qual, a lavradora de café do Brasil deve os mais assignalados serviços pelo extraordinario credito e impulso

que conseguiu impressionar: he graças a tomar propaganda e intelligente divulgação de aquelle producto brasileiro até então insufficientemente conhecido em uma grande parte da mercado consumidor de cá e fora, isto é, de nativacões mascantil, a par de um mal entendido, como por parte d'outros países productores, que se viam contrariados pela superioridade de seu poderoso concorrente.

As exposições realizadas no Rio de Janeiro, Amsterdam, Nijmegen, Haerlem e outros portos, foram a individualidade e significativos resultados para a lavradora e commercio de café do Brasil, e ninguém de bom-fé poderia contestar o trabalho desinteressado de que se tornou credor, o Centro do Lavrador e do Commercio, com sua cruzada propagandista, em que o Conde Bernardino a seu tempo socio do fallecido Conde e Paro. Otiguiroz, teve largo quinhão que lhe dá direito a publicas reconhecimentos devidos a todas quantas, por qualquer forma, cooperaram para o bom exito e realisação de tão util e commettimento, tendo elle pertencido a propaganda pela imprensa fluminense, não só dirigindo-a, como escrevendo a maior parte das artigos que se referiam ás exposições realizadas com tanto brilho no Rio de Janeiro.

Impugnando, com auctoridade, pelos sistemas do Plano de que é immediata representante e interessada natural, nisto mais está exigido a parte, calvoro que tem em commun com os seus collegas com-

mae patrin. Secretaria por omittre
 annos do "Gabinete Portuguez de Leitura" ao
 P. de Pam.º, e immortal instituta crea-
 ção e gloria d'uma legião de bons leitores,
 que foubriam prognosticar em futuras
 bases, a representante mais genuina da
 face portugueza nas terras da Sta. Cruz,
 companheira fiel e devotada d'Edm. Leiros,
 e magno sacerdote d'aquelle templo, das
 letas levantado e sustentado por portu-
 gueses em paragens longes do ninho de
 paterns, o Cons.º Eugenio predor ao
 "Gabinete" os mais notaveis serviços, presen-
 e pecuniaris e um longo periodo sertado
 de juvancas e desventuras que a fatis-
 lisado descançavam sobre sua patristica
 associaçã portugueza!

A prematura e perdidissima morte
 de Eduardo Leiros e do Com.º Pam.º. Oti-
 gão deixando por largo tempo acipholo
 a guindencia do "Gabinete", obteve o Cons.
 Eugenio, debaixo dos maiores sacrificios,
 e manter-se a' testa da sua direcção com o
 devotado Com.º M.º J.º de Torresed até
 que vencidas enormes difficuldades e
 alquebrado da saúde, conseguiu ser sub-
 tituido no seu espirito de cargo, deixando
 apois si humissimas traças da sua passan-
 ças pela administração d'aquelle be-
 nemerito sociedade.

Que os seus serviços foram de maior
 monta e valin attestatione e eloquentemte
 os archivos do "Gabinete" e não vão por certo
 dos seus honrosos titulos para o raso
 illustre biographado. Espissito

modernos e comprehendendo perfeitamente
 que oás e' de do pai material, que o homem
 se sustenta, tem legitimis agulhas em harm
 fructada e melho de seu concuro e de seu
 apoio na manutenção d'aquelle insignes
 institucão onde tanto combativel prosoa
 tem podido obter a paz espirital e han-
 rir os juvenes perfumes da illustraçã e
 da sabedoria, que lha abracão de paz em
 pou as fiores e os segredos da Sciencia
 e da litteratura!

O Cons.º Eugenio foi um de verdadei-
 ros sentimentos patristicas, e abamente
 não podia conservar-se indifferente perante
 o celebre ultimatum do "Gabinete" em
 1891, e por isso foi um dos bons cidadãos
 que primeiro accudiram a offerta de
 nativo para as urgencias do pais.

Valioso e espontaneo a sua dadião,
 foi ella com que um echo de reprovaçã
 e de protesto contra o acto brutal e aril-
 tante que a Roberto Albion havia
 indignamente praticado contra o seu ve-
 lho alliado e honrado Portugal.

At' tem que justamente se ufano
 em o ter como seu dilecto filho, e que elle
 com estremecidamente tem a Cons.º leigo-
 dade os mais irrecusaveis testemunhos do
 interesse que lha merecem o seu progresso e
 o seu agformoso amento.

Foi do acto sua o bellissimo Lavadoiro publico
 e que Vianam tem a honra de possuir
 e que na seu genero e um bom modelo pela
 sua elegante e bem delineada construcção
 que attengia a alguns costos de reis.

O acabamento anterior do theatre -
 "João de Miranda", também, se deve, a de-
 licia e auxilio do distincto, diamantado,
 que conseguiu por si, e por os seus amigos
 do Rio de Jan.^o, obter recursos de summa
 importância que permitiram a Thamer
 e poder exhibir concluido aquelle magni-
 fica sala de espectaculos, uma das con-
 dições da Provincia.

A personalidade de Com.^o Conquero
 concorrem ainda qualidades apreciáveis
 simas que, apesar da sua natural e espe-
 cial reserva, nos permitem e deveriam
 publicamente, confiados em que era seria
 elevada a indiscricção: referimos-nos
 ao seu inexcedivel amor e dedicação pe-
 la sua familia. -

De facto, não conhecemos quem saiba
 derramar mais extremos de affecto e de
 intensas carinhos pela sua familia do que
 elle; não, nem mais de tudo elle sabe
 amar e querer os, entes que nos são cha-
 ros, os corações, os, as quae estamos li-
 gados por laços de sangue, d'amicado
 ou d'officiis intimas.

Com justificada razão pôde-se dizer
 que o Com.^o Conquero, consubstancia
 toda a sua felicidade e a suprema ideal
 da sua existencia n'estas tres palavras
 phrases: Trabalho, Patria e Famí-
 lia!

Aliando todas estas raras qualida-
 des de homem de negocios de patriota e de
 cidadão, e nosas biographias tem pela in-
 cessante estado a que se dedica nos ho-

ras, desempenho das seus labores commer-
 ciales, empenhados seu espirito com um pro-
 cicio peculiar de applicação e illustração que
 o tornam intellectualmente fallacioso, um
 dos vultos mais proeminentes da actual
 colonia portugueza. 212 Rio de Janeiro
 Tais são singelos e resumidos os ele-
 vados, dotes de caracter e os serviços presta-
 dos com abnegação e desinteresso pelo Com.^o
 Conquero aos seus paizes irmãos: Pen-
 sil e Portugal, aos quae tem vinculado
 todos os primores e honranças da sua exor-
 tado espirito e da sua grande actividade,
 merecendo ultimamente da coroa portu-
 guesa a distincção de ser agraciado com o
 titulo de Conde de Lousa. Honra de honra
 e apropriada para quem de ha muito o
~~tem~~ conquistado, por esse honra vulgar
 conjuncto de notorios predicator e valio-
 sos serviços que só quem conhece pesso-
 almente João de Conquero, e que po-
 derá avaliar devidamente da alta posição
 que occupa de ser feito a tão illustre e
 benemerito Comportista nosso.

Joaquim Cequim companheiro e am.^o estimado
cida a quarto tenente Ramalho Cequim, em
toda os trabalhos que no G.B. de h. constr-
tuíram o seu período mais fructuoso e glorio-
so, merecem do Conselho Fiscal do ult.
Relatório as mais levantadas referencias
aos seus esforços e de dicacão, comparando
estes trabalhos aos daquelle benemerito,
cuja traçada é ainda hoje visivelissima
no Rio de Janeiro. Diz assim o Re-
latório: "É impossivel individualizar
onde só existe a emulação na porção
de mais trabalhos e de bem servir;
mas seja permitido o vossor com-
missão deixar aqui virgula referen-
cia ao nome do nosso illustre con-
treio e digno Secretario, Joaquim

João Cequim, cujos serviços se po-
driam talvez ser bem comprehendi-
dos e bem avaliados, pelos seus dous
amigos e companheiros de lidas,
os dous grandes espiritos que
por longo tempo serão n'esta
Casa (G.B. de h. / o symbo-
lo augusto do trabalho e da
dedicação".

et par d'estes services, nos honre em-
prehensivamente proteger nos, em que
a iniciativa d'aquelle benemerito por-
tuguezes entrasse, que o collaborando
d'este inpatizavel companheiro não
pode exercitarse com empenho e interesse.

Pode affirmar-se que desde 1878, em que
principiou a
deleu o cargo de 1.^o Secretario do

Gabimto P. de h. até a seu regresso a Portugal, o seu prestigio teve o maior sympathia acchimento em todas as deliberações collectivas portuguezas, sendo notavel a influencia que exerceu para a ~~organ~~ ^{organ}ização da commissão auxiladora dos meios de defesa, em Portugal, por occasião do ultimatum inglez, dando o patriótico exemplo de offerecer e tornar effectivo o donativo de mil libras ao governo, entre outros por Ant. de Sampa Nomentel, exemplo que determinou alguns offerecimentos mais, e um resultado animado de favor de subscripção aberta n'aquella cidade. Auxiliou com muita intelligencia os trabalhos da commissão portugueza de

soccorros, a victimas da febre amarella em 1873 e depois a 'Commissão de soccorros, do immunitato, em 1877. D'essa associação gloriosa, que se chamou 'Comitê da Associação Commercial, e que tanto desenvolveu o commercio de aqui' na Europa, foi um dos seus mais devotos colaboradores, promovendo e dirigindo quasi todos os trabalhos no impio das coisas, reunindo-se mais tarde d'esses trabalhos com o desaparecimento de S. Lemos R.O.

Ultimamente ainda os jornais do pais annunciaram um donativo seu ao Gabimto P. de h. de vinte contos de reis mada pnea, completando assim uma somma consideravel de doações.

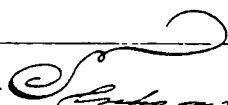
O governo acaba de conferir o título de
Conselho a este benemerito portuguez, recompen-
sa tardia, se recompensa se pôde chamar
a essa distincção, que não tem nem au-
gmento o valor ao agradecer, benemerito
no pair e benemerito fora d'elle, por
actos que de ha muito, se os governos
nos occupasse e preoccupasse tanto os mes-
quinhos interesses politicos, deviam ter sido
olhados com mais justiça e interesse,
pelos poderes publicos, principalmente
tratando-se d'um cavalheiro que no
Brasil prestou sempre os pair servi-
ços de mais alta valia, procurando
manter entre os portuguezes o tradicional
espírito de associação, dando os mais
nobres exemplos de desinteresse e pa-
triotismo e dispendendo não pequenas
sommas no interesse commum da ~~pa~~

MUNICIPIO

DE

CANTÃO DO GUSTAVO

Joaquim Gomes



Entre a nobre honra de servir a Pátria
 termos de 8.º do art. 98 do decreto eleitoral de 8 de
 de 1904, e inclua copia do acta de juramento
 qual da eleição de deputados por este circulo e
 se realizou no dia 12 do corrente mes, e juramento
 aquelle feito hoje a qual qual se verificou ter sido
 eleito deputado.

Seus Juizes a Pátria

João de Castro, Paes do Conselho e o presidente
 do juramento, por da eleição de deputados, 8.º
 de Janeiro de 1904.

El Presidente Com. Joaquim José da Silva

Deputado da Assembleia

Antônio G. de Carvalho

"Este Lavadouro Publico foi mandado Construir pela Camara de 1892, por iniciativa e a expensas do benemerito Luthero d'esta cidade, Joachim Jose Berqueira, residente no Rio de Janeiro." Vian-
na e sala das sessões da Camara Municipal, em 29 de Dezembro de 1896. - Chancel d'Estrangeiro

Esta proposta foi approvada por unanimidade. O Sr. vereador foi mandado para a mesa mais a seguinte

— Proposta —

Propozinho quando a acta d'esta sessão ficou em-
signado um voto de louvor ao presidente d'esta
Camara, não só pelo a maneira altamente di-
gna porquanto sempre se houve prava com os seus
collegas, como tambem pela forma sempre cor-
recta com que desempenhou todos os deveres
do seu cargo. Sala das sessões da Camara
municipal de Vianna, aos 29 de meo de De-
zembro de 1896. - Chancel d'Estrangeiro.

Foi tambem approvada por unanimidade
de esta proposta.

O Sr. presidente disse que agradece muito, pe-
sado a amabilidade dos seus collegas mas
que no seu caracter repugnava a receber elogios
quando merecia. Que se alguns elos se de ca-
ber as veracões de que fez parte, pelos actos de
sua administração, pertence por certo ao corpo
collectivo e não a sua individualidade, e não por
isso que se queria especificar a nenhum dos seus
collegas. Os concursos de todos, disse, é que se de-
ve pôr em o muito que se fez.

Em seguida foi por V. L. de apresentado um relato-
rio que em hecetano, hi, os actos da actual. De-
uacão da cissão, no bracho da Camara
que fosse transcrita no livro do presente acta
municipal d'ella.

Handwritten signature/initials

dições dos annos anteriores, sendo Liadon Chanoel
Chanoel Miranda, sugere ante, a esta, mesma
cidade.

O Sr. Vereador Volucio deu em pte a' camara
de q'nd por occasião de algumas inspecções que fez
a' esta da municipal, de que foram hez apresen-
tados os autos de despesa acima mencionados,
verificando a necessidade de se fazerem alguns
aqueductos e servidos que mandou construir,
devendo ser liquidados pelos preços do projecto,
resolução que a camara approvou.

Não se informando o Arrumante da compra
tada do muneado municipal em o documento
apresentado pelo architecto para ajuste e liquida-
ção das obras accrescidas na referida emprei-
tada que a esta camara foi apresentado
na sessão passada em virtude da delibera-
ção tomada na sessão de 15 d' este m'z a
requerimento do Arrumante deliberou-se
que esta divergencia fosse resolvida pela for-
ma designada na condição n.º 10 do respec-
tivo contracto, e para tal effeito foram nomea-
dos os seguintes arbitros: Pela Camara o mu-
he d' obras João da Costa Couto, pelo arruma-
tante o condutor d' obras publicas Chanoel
Fortunato d' Oliveira Chotto, e por accordo
mutuo, para o desempate, o Engenheiro Luiz
Xavier Barbosa.

Pelo Sr. Vereador Araujo firmada do fra-
gancia a seguinte

Proposta

Submetto á approvação da camara, para que
se inscriba em uma chapra ou lapide com
numeração e collocada no Lavadouro Pu-
blico dos Cruzes, a seguinte inscripção

30640

Cópia

Eu, Joaquim Jose' Carqueira, declaro que nasci na Cidade de Vianna do Castello, Portugal, em 5 de junho de 1847 e fui baptisado na Freguesia de Santa Maria Maior, da mesma cidade, que sou filho legitimo de Manuel Jose' Carqueira e de D. Theresa de Jesus Carqueira, ambos já fallecidos, e que no gozo pleno das minhas faculdades, com perfeita consciencia dos meus actos e dos meus deveres, resolvo fazer este meu testamento, que é escripto e redigido por mim proprio, sem a mais leve ou longinqua coação. Sou casado pelo regimen commum de bens com D. Theresa Duarte de Belfort Carqueira, filha legitima do Barão e Baronesa de Gurupy Visconde e Viscondessa de Belfort, ambos já fallecidos nesta Cidade; tendo nascido do meu consorcio sete filhos, dos quaes estão vivos os de nomes Augusta, casada com o Capitão da artilharia, José Vico da Silva Senna; Theresa, Sylvio, Manuel e Maria Gabriella, e dois ultimos de menor idade, tendo fallecido os de nomes Maria Joaquina, sepultada em jazigo perpetuo no cemiterio de São Francisco de Paula, d'esta Cidade, e Joaquim, em Lisboa, e sepultado no nosso jazigo, no cemiterio occidental, dos Preseres. São meus herdeiros meus filhos. Os meus haveres constam da escripturação da minha sociedade mercantil com o meu amigo commendaador Francisco Joaquim Pereira Soares, estabelecida nesta Cidade, na Rua Theobilo Ottoni nº 84, sob a razão social de Carqueira & Soares, compreendendo predios aqui e em Portugal, titulos e acções de diversas companhias

banco e empresas anonymas, cujos titulos se acham sob a
guarda da minha casa comercial, conhecidos da minha mulher
e daquelle meu socio e amigo e constam dos meus apontame-
mentos particulares. Concedendo-me as novas leis d'este
Paiz dispor livremente da metade dos bens da minha meação,
faço dentro dos seus limites os seguintes legados, sujeitos
às vicissitudes que possam soffrer os meus haveres até ao
momento da minha morte. Deixo a minhas irmãs Theresa Julia
de Jesus Cerqueira, Maria Josephina Cerqueira e Anna Cerquei-
ra Marques d'Oliveira, viuva de José Marques d'Oliveira, todas
residentes em Vianna do Castello, em usufruto, sessenta inscri-
ções da divida interna portugueza do valor nominal de um con-
to de reis, cada uma, de juro de 3% e assentamento. Este usufruto
passando successivamente para ^{as} legatarias sobreviventes, a
tê que por fallecimento da ultima, passem todas as inscrições,
em plena propriedade, para meu sobrinho José Cerqueira Marques
d'Oliveira, igualmente residente em Vianna do Castello. Se, po-
rem, elle tiver fallecido antes da ultima sobrevivente, passar-
rá então a propriedade d'essas inscrições, em partes iguaes
aos meus filhos, ou seus descendentes. Ao dito meu sobrinho Jo-
sé Cerqueira Marques d'Oliveira deixo seis inscrições do va-
lor nominal de um cento de reis cada uma, da mesma divida in-
terna portugueza, de juro de 3%. Deixo ao meu querido amigo e
compadre José Joaquim d'Oliveira Sampaio, residente no Porto,
como manifestação sincera do meu reconhecimento e da inalt

teravel amizade que sempre lhe consagrei; e em dinheiro, dous
centos de reis; deixo igualmente como lembrança de amizade
e sympathia, a José Francisco Moreira, tambem residente no
Porto; quinhentos mil reis. Deixo ao meu ^{herdeiro} genro e amigo José
Vicente da Silva Senna, residente em Lisboa, dous contos de r
reis; e a sua filha e minha querida neta Maria Emilia, um con
to de reis, ambos em dinheiro. Deixo aos quatro filhos de D.
Anna Augusta Monteiro Guimarães, viuva, do meu saudoso amigo
Joaquim José Monteiro Guimarães, de nomes Izabel, Francisco,
Magdalena e Luiz Felipe, todos residentes no Porto, em di
nheiro, quatro centos mil reis, a cada um. Deixo a cada um
dos meus afilhados de baptismo, que apresentem a respectiva
certidão, em dinheiro, cem mil reis. Deixo á nossa antiga cre
da da do nome Beatriz, como lembrança de reconhecimento pelos
dedicados serviços que nos prestou durante a doença do nos
so ~~amigo~~ filho Joaquim em dinheiro trescentos mil reis;
as criadas ou criados que estiverem ao nosso serviço, por
ocasião do meu fallecimento, em dinheiro, quarenta mil reis,
a cada um. Todos estes legados com a designação em dinheiro
são em moeda corrente portugueza. Deixo em inscrições da di
vida interna portugueza de 3%, do valor nominal de um conto
de reis cada uma, ás quatro instituições de caridade estabe
lecidas em Vianna do Castello os seguintes legados; a saber:
a Santa Casa de Misericórdia seis inscrições; ao Hospital
da Congregação de Velhos e entrevados, quatro inscrições; ao A

sylo de Infancia Desvalida, tres inscripções; e a Associa-
ção de meninas orphãs e desamparadas, duas inscripções.
Deixo quatro cartas, atiraia, moeda portugueza, para serem
distribuidos por familias pobres e honestas da Cidade de
Vianna do Castello. Deixo a minha presada e extremosa cu-
nhada, D. Maria da Gloria Belfort Ramos, esposa do meu amigo
Dr. Antonio de Paula Ramos Junior, residente nesta Cidade,
e cinco contos de reis, deixo mais a seus filhos e meus so-
crinhos: a Antonietta quatro contos de reis, a Maria, Heitor
e Armando, dous contos de reis cada um. Todos estes legados
no Rio de Janeiro são em moeda corrente brasileira. Deixo á
Polyclinica, d'esta Cidade, em homenagem ao seu illustre e
benemerito instituidor, o Conselheiro Dr. José Carlos Rodri-
gues, meu querido amigo, cinco contos de reis, em moeda corren-
te brasileira. Posto no meu contracto mercantil como Sr.
Francisco Joaquim Pereira Soares estejam estabelecidas as
condições da liquidação da sociedade pelo falecimento d'
um dos socios, desejo e peço a minha esposa que aceite as
condições que mais equitativas sejam ao inventario, tudo na
mais perfeita conciliação e harmonia. Também lhe recomendo
e rogo que por os rendimentos dos bens que me fiquem livres
entregue a minhas irmãs mensalmente com mil reis em moeda
corrente portugueza, para occorrer as despesas da sua alimenta-
ção até a conclusão do inventario. E dos remanescentes dos bens
que me é prometido dispor, instituo minha mulher herdeira univer-

sal do seu usufructo, podendo converter esses bens em im-
moveis a juro do seu bom criterio resolução, revertendo
esses bens, por sua morte, em plena propriedade a meus fi-
lhos, ou seus descendentes. O futuro cada vez mais incerto,
obriga e aconselha a maior prudencia e tino a quem tenha
grandes responsabilidades da familia. Minha esposa, que al-
liou sempre a sua clara razão o mais elevado espirito de
prudencia, e a mais natural e legitima tutora de nossos fi-
lhos menores; e por ^o meu testamento a nomeio para ~~exercer~~
essa grave e elevada missão, independente de qualquer fian-
ça ou obrigação; bem como respeitadora das suas altas qua-
lidades, nomeio tanto no Brazil como em Portugal, minha pri-
meira testamentaria, inventariante e administradora dos meus
bens, e nomeio mais 2º testamentario meu genro e amigo Ca-
pitão José Vicente da Silva Senna igualmente no Brazil e
em Portugal; nomeio mais no Brazil meus testamentarios res-
pectivamente 3º 4º 5º e 6º aos meus presados amigos Antonio
Ferreira de Carvalho, meu ~~conselheiro~~ Dr. Antonio de Paula
Ramos Junior, Conselheiro Dr. José Carlos Rodrigues e Manu-
el Maria ^{de Vale}, e, em Portugal, igualmente, aos meus presados amigos
Antonio Ferreira Lopes, José Pereira Cardoso, Manuel José
Monteiro e Joaquim vicintas Jacome, respectivamente 3º 4º 5º
6º. Peço a minha esposa que distribua por nossos filhos e
pelos meus bons e queridos testamentarios e aquelles dos
meus amigos dedicados, cuja amizade conhece e distingue, aca-

Balanco Geral em 13 de Outubro de 1916, da casa commercial de Berqueira, Soares & Co
estabelecida a Rua Theophilo Otttoni, n.º 14, na cidade do Rio de Janeiro, como se segue:

Activo

Ações de Companhias
Bens de Raiz
Moedas e Utensilios
Obrigações a Receber
Liquidações
Saccharia
Juros e Descontos
Banco Mercantil
Apólices Geraes
Banco do Commercio
Banco do Brasil
Encommendas
Caixa
Devedores e Credores
Gastos do Negocio
Contas Correntes

4.125.000 Capital
5.200.500 Fundo de Reserva
3.542.500 Juros Suspensos
244.945.000 Joaquim José Berqueira "conta de lucros"
1.19.381.732 Francisco Joaquim Pereira Soares "conta de lucros"
4.227.250 Joaquim José Berqueira "conta suspensiva"
27.940 - relacionada com a conta de Fundo
100.754.440 de Reserva para occorrer aos
20.250.000 prejuizos das dividas activas com
50.000.000 liquidações, conforme a clausula 12.^a
110.000.000 do contrato
982.190 Francisco Joaquim Pereira Soares "conta suspensiva"
1.0.037.114 - relacionada com a conta de Fundo
159.279.940 de Reserva, idem idem
5.022.410 Antonio Ferreira Figueira Soares "conta de lucros"
513.905.025 Amindo de Souza Pacheco
Joaquim Duarte Belfort Berqueira
Despesas Geraes
Commissões
Jantadas Geraes
Contas Correntes

1.505.039.531

Passivo

300.000.000
443.050.275
46.445.301
45.076.159
9.594.040
50.000.000
40.000.000
24.511.047
24.511.047
5.494.040
450.000
1.912.000
9.535.150
401.945.400
1.505.039.531

Reindefinição de Abril de 1917

Deixa de assignar o socio
Mauricio Duarte de Belfort Berqueira
por estar ausente
Berqueira, Soares & Co

Berqueira, Soares & Co
Antonio Ferreira Figueira Soares
Amindo de Souza Pacheco
George Pereira Soares

Apm. Jm. Arguim. Item 1
Cel. Antonio Ferreira
Joaquim Soares, Aminda de
Joaquim Soares, Aminda de
Joaquim Soares, Aminda de

Dr. Carlos da Silva Sena

Morreu o Dr. Sena. Foi esta a notícia que as primeiras horas da manhã de ontem, abruptamente, foi anunciada pelo dobrar plangente dos campainhas locais.

E foi um surpresa, uma dolorosa surpresa para a maioria desta população, porquanto poucas pessoas conheciam a gravidade da doença que há dias retinha no leito aquele ilustre médico municipal.

Uma congestão pulmonar foi a causa terminal da morte, trágico epílogo duma existência consumida, durante cerca de meio século, num estudo persistente, num árduo e desinteressado labor, sem outro estímulo e outra compensação que não fôsse a consciência da própria dignidade e a satisfação do dever cumprido.

Durante os 43 anos em que o sábio facultativo espargiu sobre Niza as luzes da sua fulgurante inteligência e as radiações do seu saber e altruísmo, a sua vida foi sempre a mesma: a vida dum sacrificado à sua própria idiosincrasia, num isolamento de asceta que só tinha entusiasmos para os júbilos do pensamento, para as conquistas da ciência e para os deslumbramentos da arte.

Ele que tanto trabalhou e que de tão alto e merecido prestígio gozou sempre nesta terra; ele que, pela sua pujante intelectualidade e pela superioridade dos seus dotes literários e artísticos, seria em qualquer meio uma figura do máximo relevo; ele que, com a sua invulgar proficiência, poderia ter chegado ao fim da vida rodeado dos confortos que a abundância proporciona, morreu pobre, extremamente pobre!

Bastaria isto para, com justeza, aquilatar-mos a sua grandeza moral!

E, no entanto, este homem, cuja diminuta estatura física contrastava singularmente com a sua proeminência intelectual, este homem, cujos trabalhos literários são buriladíssimos primores, filigranadas jóias que poderiam enlevar as mais exigentes Academias; este homem, em cuja memória prodigiosíssima se fixavam para sempre, com uma nitidez surpreendente, os mais vastos e variados conhecimentos; este homem, que tanto merecia ser feliz, morreu sem que a Ventura jámais lhe sorrisse.

A morte devia ser-lhe, pois, o melhor dos refrigérios, porque lhe proporcionou, com o eterno descanso, o termo de todas as desditas.

O Dr. João Carlos da Silva Sena era natural de Elvas. Foi, portanto, mais um alentejano, e dos mais ilustres, que ontem se finou.

Contava 65 anos de idade e era irmão dos distintos oficiais do nosso exército: o Ex.^{mo} Sr. Capitão José Vicente da Silva Sena, que foi ajudante do infante D. Afonso, e o Ex.^{mo} Sr. Coronel Camilo da Silva Sena.

"BRABOS DO ALENTEJO

19 DE JUNHO 1932

OBITUARIO

Em Niza, onde durante muitos anos exerceu a medicina, finou-se há dias o conceituado clínico, Sr. Dr. João Carlos da Silva Sena.

Era um dos mais abalisados membros da classe médica e bastante erudito, tendo por vezes exercido o lugar de juiz substituto que desempenhou sempre com elevada proficiência rectidão e justiça, merecendo por tal facto os maiores êncomios dos varios advogados que com ele tiveram de lidar.

Possuía um caracter diamantino e um grande espirito de independencia, tendo exercido a sua profissão como um verdadeiro sacerdote, com o maximo desinteresse e abnegação.

Por isso morreu pobre!

Desgostos de diversa ordem, sofridos nos ultimos tempos lhe amarguraram a existencia provocando, sem duvida, prematuramente, a morte de quem em vida, fôra um devotado apostolo da caridade.

—Após dolorosissimo e prolongado sofrimento finou-se em Alegrete a Sr.^a D. Beatriz das Dores Pacheco Correia, esposa do importante negociante daquela vila, Sr. João Parente e irmã do tambem abastado negociante Sr. José Parente.

O funeral, realizado naquela vila, foi bem a demonstração das muitas simpatias que gosava a extinta pelas peculiares qualidades que ornavam o seu caracter bondoso.

—Nesta cidade faleceu o Sr. Francisco Mendes, guarda fiscal reformado, sogro do Sr. Severino Curinha, tendo-se incorporado no prestito funebre muitas praças daquela unidade, bombeiros e numerosas pessoas amigas do finado.

—Na sexta feira sepultou-se a Sr.^a Ana da Piedade Pereira, de 77 anos, mãe do Sr. Alvaro da Ressureição, residente em Lisboa.

O funeral levava numeroso acompanhamento.

—Tambem faleceu o Sr. Joaquim de Oliveira Cardoso de 56 anos, morador na rua da Sé, funcionário aposentado da Divisão das Estradas deste

Lisboa.

O funeral levava numeroso acompanhamento.

—Tambem faleceu o Sr. Joaquim de Oliveira Cardoso de 56 anos, morador na rua da Sé, funcionário aposentado da Divisão das Estradas deste distrito e irmão do Sr. Francisco Cardoso, industrial de alfaiate estabelecido na rua 5 de Outubro.

Ha muito que o Sr. Cardoso vinha sofrendo de uma pertinaz doença que o retinha em casa e a que sucumbiu.

No funeral incorporaram-se numerosas pessoas de todas as categorias sociais que assim prestaram o ultimo preito ao falecido.

A todas as familias enlutadas apresentamos sentidas condolencias.

"A VOZ PORTALEGRENSE"
26 DE JUNHO 1932

"A GAZETA" - PORTALEGRE

PAGINA 2 26 JUNHO 1932

Dr. João Carlos da Silva Sena

Prematuramente se extinguiu este brilhante espírito de que a Terra Alentejana se honra por ter visto nascer.

A sua personalidade *sui generis* bem mereceria ser conhecida e memorada, não só para aproveitamento dos exemplos que dele emanassem como pelo interesse analítico que oferecia a sua psicologia — mixto de simplicidade e complexidade, paradoxo indecifrável para as almas rudes e inteligências acanhadas, mas compensadoramente, fôco de luz e gerador de virtudes para as almas sensíveis e espíritos clarividentes.

Lembramos com tanto de indizível enternecimento, como de dorido conflagramento, a sua pessoa quando animada de vitalidade — ser dissemelhante, indivíduo excepção, com que a natureza, bizarra e magnanimamente, de quando em quando contempla o mundo que compreende.

Fortaleza moral que se não rendia, o seu braço debil dominou sempre, com firmeza, o leme duma nobre e estoica vontade.

Não torceu — morreu!

Tão raros tais homens no presente século!

Até quasi ao fim da sua existencia, esta decorreu numa metódica cal-

Até quasi ao fim da sua existencia, esta decorreu numa metódica calma; sem balanços, sem paixões, numa singeleza de asceta, nunca impulsionado pelo materialismo dos interesses dominantes.

Ninguém viveu com tamanha singeleza e frugalidade. Um alheamento ultra-espartano dos confortos da vida material, se verificou em todo o seu passado de concentração e recolhimento. E o seu intellecto, evoluindo progressivamente — sem falhas, sem desvios, tornou-se um amplo empório de sciência e saber quasi enciclopédico.

O seu espirito de artista, cultivado com requinte, fazia crescer ao Academico, o encanto de faculdades dissertadoras que uma profunda erudição quasi sublimava.

Quantas vezes o ouvimos embevecidamente!

Devem existir ainda manuscritos da sua autoria, que são verdadeiros monumentos de substancia erudita e pureza de linguagem. A forma era dum primôr inexcédível.

O seu espirito raro de artista embrenhou-se principalmente na beleza grandiosa da Renascença. Sobretudo a Italiana, era-lhe invulgarmente familiar, assim como a nossa arte Manuelina encontrou nele um estilista superiormente devotado. Sobre este tema, da sua especial predilecção, devem existir as suas mais belas produções. Além disso, a historia, a geografia, a sociologia, o latim, o grego, etc., tiveram tambem nele um fervoroso cultor.

Só quem lhe assistiu na morte e naquelas horas pungentes que vão desta até ao limiar do Tumulo, poderá avaliar devidamente da elevação e estoicismo daquela alma, assim como da tão comprovada ingratidão dos homens.

Ao fim de 43 anos de abnegada clinica, só possuia a riqueza do seu espirito.

E verdade, que o puritanismo da sua tempera lhe fazia desprezar todas as outras.

Que simplicidade tocante em tudo que rodeava e alimentava a sua existencia!

Nunca respiramos ambiente tão enternecedoramente cristão como quando, de alguma maneira, nos envolviamos no seu viver intimo.

E, porém, de lastimar que os homens o não tivessem devidamente compreendido. No entanto, qualquer coisa de indefinivel o impunha perante todos.

Até mesmo a sua fragilidade fisica nunca consentiu fazer-se notar. Tal era a sua grandeza moral!

Portalegre, 14 | 6 | 1932. J. B.

O. A.

FREDAG

ENGELBRECHT

BØKER — PAPIR — FYLLEPENNER

GRENSSEN 13



M. le Colonel SENNA

1934

Skal Portugal forsvares med norske ge- værer?

Oberst Senna forteller
om sin misjon her
i landet.

En politisk forening med den
spanske republikk utelukket.

Skal den portugisiske republikk
forsvares med norske geværer?
Det er et spørsmål som der i løpet
av to-tre måneder vil bli gitt svar
på, når oberst Senna, som i disse
dager har besøkt Kongsberg og
Raufoss, er vendt tilbake til sitt fe-
dreland og man har forsett de til-
strekkelige prøver.

— La meg med en gang få si,
erklærer obersten under en samtale
vi hadde med ham i forveiddag, at

spanske republikk gjerne vil utvide
sig til De forente Iberiske Stater?

Oberst Senns ler:

— Nei, det er sludder. Jeg vet
ganske visst at der finnes spanske
fantaster som tror at de skal få
Portugal med inn i et slikt forbund,
slik at hele vår halvø blev en eneste
stat. Men vi portugisere har blire
historiske erfaringer fra tidligere
forbund med Spania. Vi mistet alt
den gangen. Nei, noget slikt for-
bund kommer aldri i stand.

Det siste sier obersten med inn-
ett alvor som viser at helt utenke-
lig er et forsøk fra spansk side
ikke.

— Er den almindelige verne-
plikt gjennomført i praksis i Por-
tugal?

— Ja. For alle menn fra sytten
til femogfirti år. De som av hel-
bredagrunder er avskåret fra å gjø-
re tjeneste, betaler en ekstra skatt
som vi nettopp ifjor har forhoiet.
Skatten er avpasset efter hver en-
kelts økonomiske forhold, ganske
som annen skatt.

— Enn slike som nekter å gjøre

Será Portugal defendido com espingardas norueguesas?

O Coronel Senna fala-nos sobre a sua missão no nosso país.

Uma união política com a República de Espanha está fora de questão.

A República de Portugal será defendida com espingardas Norueguesas? Esta é a pergunta que será respondida dentro de dois ou três meses quando o Coronel Senna, que por estes dias esteve de visita a Kongsberg e Raufoss, regressar ao seu país de origem e revelar os resultados obtidos.

- Deixem-me esclarecer, de uma vez por todas - diz o Coronel Senna durante a entrevista que lhe fizemos hoje de manhã - que os noruegueses encontram-se ao nível dos melhores do mundo e que achei as visitas a Kongsberg e Raufoss muito interessantes.

- Porque é que de repente Portugal precisa de 40 000 novas espingardas?

- Deixamos o nosso velho calibre de 6,5 mm e mudamos para o de 7,5 mm, que também é o calibre da Inglaterra, e assim será mais prático pois compramos muitas munições à Inglaterra. Por isso é claro que precisamos de novas espingardas, e é sobre elas que pedimos propostas a várias fábricas. No total há 12 fábricas que gostariam de entrar num concurso.

- A renovação não tem nada a ver com os rumores que a República de Espanha gostaria de transformar-se nos “Estados Unidos da Ibéria”?

O Coronel Senna ri-se:

- Não, não é verdade. Sei que existem pessoas em Espanha que acham que conseguirão convencer Portugal a entrar numa união deste tipo, ou seja, toda a nossa península num só estado. Mas nós portugueses, temos lembranças históricas

amargas com uniões anteriores com a Espanha. Nós perdemos tudo nessa altura. Não, nunca será feita essa união!

As últimas palavras do Coronel Senna são ditas com uma tal seriedade que indicam que uma tentativa da parte da Espanha não está fora de questão.

- Na prática, o recrutamento em Portugal é efectuado?

- Sim, todos os homens entre 17 e 45. Os que não podem exercer por razões de saúde pagam uma taxa/imposto que aumentamos no ano passado. O imposto é equilibrado em função das possibilidades económicas de cada pessoa, como qualquer imposto.

- Alguém se nega a exercer por motivos políticos ou morais?

- Prendemo-los, diz o Coronel Senna. Por acaso é muito raro que isso aconteça.

- Como está a economia do vosso Estado nestes tempos inquietos?

- Está boa! Temos guardadas reservas económicas em Londres e o nosso ministro das finanças tem feito, nos últimos tempos, declarações que nos permitem um olhar relativamente positivo para o futuro.

Sente-se durante a conversa com os portugueses, como as palavras “Londres” e “Inglaterra” voltam com frequência. Não é por acaso que Portugal agora muda para o calibre da Inglaterra. O país tem na Inglaterra um grande amigo.

ORAÇÃO DA NOITE

Ódio feroz, ódio ardente
Covido aos rios!
Ódio demente, ódio estridente,
Ódio que morde e que ensanguenta
A boca em lúscas, los clarins!

Ódio sem termo, ódio sem juço,
Ódio sem lei!
Ódio d'heroe, que, digno de Hugo,
Sob o montante d'um veridico
Cospe toda insultos contra o rei!

GUERRA JUNQUEIRO

Mataram a Liberdade!

"A Patria" e a lei das rolhas

O nosso valente collega da capital, "A Patria"—traz em branco as columnas e que costumava vir o seu artigo editorial.

Esse espaco em precedido da seguinte declinação:

A ROLHA

Aos leitores que extranharem a falta do artigo do fundo do numero de hoje, explicamos que nos achamos, não governativa mas financeiramente coactos, porquanto em nossos cofres está longe de existir a quantia maxima que a supramencionada rolha exige para nos garantir o livre exercicio d'um direito que até bontem reputavamos sagrado. Não podemos, não devemos exigir, mesmo porque com toda a justiça a isso nos seria concedido, que a typographia em que a "Patria" se imprime, fique exposta aos ataques de uma violencia subversiva legal.

No dia, porém, em que possuímos os 500\$000 réis da ordem, que porão o que não é nosso ao abrigo d'essa violencia, preencheremos o vacuo d'estas columnas com a expressão sincera da nossa indignação fermentada.

A REDACÇÃO.

Bravo, collegas!
Seremos todos por um e um por todos.

A' ordem!
Ao degredo!
A' prisão!
A' república!

Odio! odio! odio!

O governo para fazer vigorar a lei da imprensa augmentou os ordenados aos delegados, juizes, etc., etc.

Suprema vergonha a d'um paiz em que a justiça se compra e se vende!

Viva a Republica!

AS ROLHAS

No dia em que foi publicada a lei das rolhas no *Diario do Governo*—conta a *Patria*—que, pelas nove horas da noite, um grupo de individuos foi collocar na estatueta de D. José uma fiada de rolhas em cada uma das quaes se lia o nome de cada um dos ministros.

De uma das rolhas pendia um papel no qual se lia a seguinte dedicatória:

«A memoria do marquez de Pombal como symbolo de um dos feitos que assignalam a sua regencia, offerece o actual governo esta rolhada.»

Seguem-se as assignaturas dos ministros.

Tambem no café Martinho, n'um dos espellos, esteve pregado a rolha o supplemto a *Gazeta de Portugal*. Alguns rapazes andavam com rolhas engastadas nas cadeias dos relógios.

Pinheiro Chagas, no *Correio da Manhã*, publica o seguinte artigo de fundo:

«Damos em seguida as disposições essenciaes dos decretos dictatoriaes que appareceram bontem no *Diario do Governo*.»

E seguem essas taes disposições essenciaes dos decretos dictatoriaes. Ficou ao que se reduz a opinião do

O CAÇADOR SIMÃO

(A Fialho d'Almeida)

Jaz el-rei entrevado e moribundo
Na fortaleza lobreja e silente...
Corta a mudez sinistra o mar profundo...
Chora a rainha desgrenhadamente...

Papagaio real, diz-me, quem passa?
..... E' o principe Simão que vae á caça.

Os sinos dobram pelo rei finado...
Morte tremenda, pavoroso horror!...
Sae das almas atonitas um brado,
Um brado immenso d'amargura e dor...

Papagaio real, diz-me, quem passa?
..... E' el-rei D. Simão que vae á caça.

Cospe o estrangeiro affrontas assassinas
Sobre o rosto da Patria agonizante...
Rugem nos corações furias leoninas,
Erguem-se as mãos crispadas para o ar!...

Papagaio real, diz-me, quem passa?
..... E' el-rei D. Simão que vae á caça.

A Patria é morta! a Liberdade é morta!
Noite negra sem astros, sem pharoes!
Ri o estrangeiro odioso á nossa porta,
Guarda a Infamia os sepulchros dos Heroes!

Papagaio real, diz-me, quem passa?
..... E' el-rei D. Simão que vae á caça.

Tiros ao longe n'uma lucta accesa!
Rola indomitamente a multidão...
Tocam clarins de guerra a Marselheza...
Desaba um throno em subita explosão!...

Papagaio real, diz-me, quem passa?
..... E' alguém, é alguém que foi á caça
Do caçador Simão!...

Vizama do Castello, 8 d'abril de 1890.

(Da Provincia).

Guerra Junqueiro.

O hiltre das Novidades, escreve o seguinte acerca da lei da imprensa:

A despeito de tudo a porta lei da imprensa continuará sendo uma das mais liberas, não ainda a mais liberal do Euzero. O novo decreto não restringiu nenhuma liberdade, só adoptou disposições para tornar effecivas as responsabilidades. Cada qual pôde publicar em quarenta e oito pontos, sem responsabilidade, contra formalidade além da simples rubrica do editor, em novo periodico; e o alto do editor, o que quer. Mas terá de responder pelo que escrever. Nem ha verdadeiramente liberdade, sem a responsabilidade correspondente.

Este cynico, este patife, precisava simplesmente que lhe marcassem a cara com um chicote, a ver se ainda tinha sangue que o fizesse corar, o que duvidamos.

Viagancas!

Boca fechada!
Ódio a referir no coração!
Ódio contra o impio!
Ódio contra o rei!
Ódio contra o governo!
Ódio contra a monarchia!
Ódio contra os traidores!
Ódio contra os ladrões!
Ódio contra os assassinos!

Ódio!
Ódio!
Ódio!
Sempre o odio, por causa do attentado contra a liberdade e contra o direito!

Eis o que deve sentir todo o portuguez patriota, todo o portuguez livre, todo o portuguez honrado!

A Lanterna (brevemente).

A *Tarde* publica o retrato de Julio de Vilhena, ministro da marinha, na sua 1.ª pagina. O artigo de fundo é um elogio ao dito Julio.

Para estes não foi feita a lei das rolhas. O governo tem provado sufficientemente o prestimo da lingua dos redactores de *Tarde*, pois que anda com as botas bem lambidas.

Odio!

Viva Patria e a Liberdade!

Associação de propaganda da Liga Patriótica do Norte sob a presidência do sr. Paes Pinto, secretariado pelo sr. dr. Queiroz Velloso.

Tratou-se dos ultimos decretos dictatoriaes, resolvendo a comissão suspender todo o seu procedimento ulterior, até que a comissão executiva e o directorio da Liga Patriótica resolvessem qual a attitudão a tomar perante a affronta que o governo acaba de fazer ás leis e á liberdade.

Mataram a Liberdade!

Alteração aos decretos dictatoriaes

O *Diario do Governo* reeditou bontem alguns dos decretos dictatoriaes, rectificando varios erros dos preambulos e modificando do seguinte modo o decreto n.º 3:

Atendendo ao que me remeteram os ministros e secretarios, e tendo de todas as repartições: foi bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º São incompativeis as funções de ministro e de secretario d'estado com as de administrador ou fiscal de qualquer empresa ou sociedade mercantil ou industrial.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

A'cerca d'esta errata, o *Dia* publica a seguinte historia:

O decreto fez-se exclusivamente para chegar a um adversario politico, administrador d'uma companhia que tem contracto com o Estado, a que o governo suppunha que ainda o tinha. Sabendo, porém, que esse contracto expirará o anno passado, os dictadores reformaram o decreto!

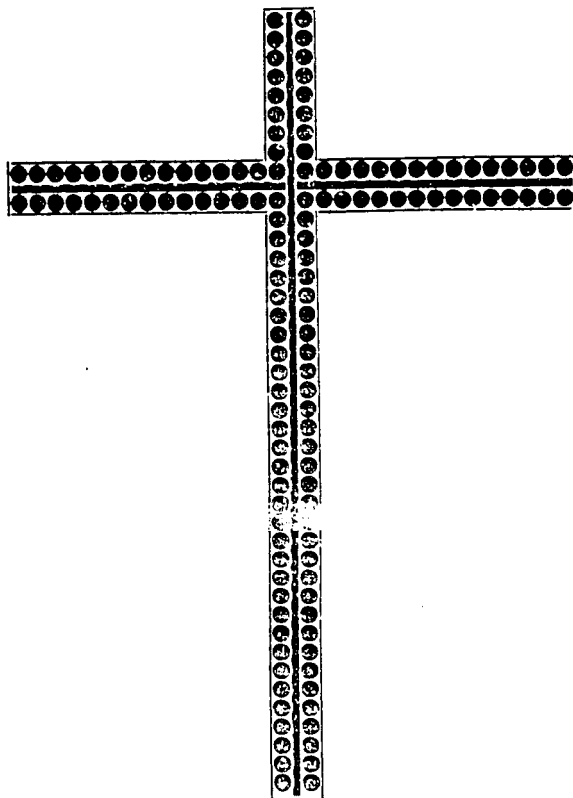
Apezar d'isso, a incompatibilidade não passa de poeira. Não impede que o ministro deixe de exercer as funções declaradas incompativeis e logo a reassignar ao sair do cargo. É o que se tem feito e continuará a fazer.

Exactamente, apezar de todos os decretos dictatoriaes, o *Sociedade*.

O REBATE

JORNAL ACADEMICO DO PORTO

ANNUCIOS
Por linha 40 reis
Repetições 30 "
Outras publicações, preços con-
venientes.
Os srs. assignantes pagam nos
annuncios 25 % de abatimento.
Redacção—Rua da Figueira n.º 32.



R. I. P.

O "Diario do Governo,, de 7 de Abril de 1890 tem o pezar de annunciar aos seus amigos e freguezes a morte da ex.^{ma} snr.^a D. Liberdade em todo o paiz, hontem 11 de Abril de 1890.

Pede desculpa de cumprimentos.

IO DA MAN

DOR—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

2, 900
carnia:

LISBOA

1.

Domingo 20 de outubro de 1895

PUBLICAÇÕES:—1.ª pagina mediante contracto; nas 2.ª e 3.ª linhas. Anuncios 20 réis a linha. Comunicados de particular 150 réis a linha. Numero atrasado, 20 réis.
A correspondencia deve ser dirigida a da redacção, e a da administração, ao gerente.

discripção da CAMARA ESCURA—Rocio—Patente ao publico todos os dias, desde as doze horas da manhã ao sol posto, até as 100 réis.

NTE CO-
-A volta
da tarde

3, gratis.

lo proxi-
edo Cas-
nselheiro
tiça, com
sr. Alfie-

o sr. José
erfis Con-
para po-
revista, e
lienna de

sante nu-
estadista
jornalis-

escripto-
ção inti-
ressante,
istas que
aculo.

il se ho-
ido spor-

o illustre
tei Pinto,
distincto
elligente
heria de

realisa-
solemne
a'umnos

nos bon-

refundos
ra mos-
uma il-
a cro-
conven-
encidos
sangue

alor ar-
essoacs:
simpli-

amavel

coronel Honorato de Mendonça, coronel Dantas Baracho, ministro de Hespanha e secretario, capitão Guerreiro, príncipe Cariati, encarregado dos negocios da Italia, Costa e Silva, conde de Villa Nova da Cerveira, conde de Gouveia, contra-almirante Nascimento Sampaio, Dural Telles, conde de S. Januario, conde de Ribeiro da Silva, Sá Brandão, dr. May Figueira, D. Luiz Lobo, Gomes de Araujo, marquez do Fayal, general Galhardo, Simões Margiochi, Cunha Bellem, Lobo Lamare, Augusto de Castilho, etc.

A's 11 horas em ponto chegaram sua magestade a rainha D. Maria Pia e o sr. infante D. Afonso, acompanhados pelos dignitários de serviço. A augusta viuva de el-rei D. Luiz I trajava de luto rigoroso, com a banda de Santa Izabel. Pouco depois chegou sua magestade a rainha regente.

Abria o cortejo um piquete de cavallaria, seguindo-se as carruagens reaes, na primeira das quaes vinham a sr.ª D. Josepha Sandoval de Vasconcellos, dama de serviço, e os srs. Antonio de Vasconcellos e Sousa, veador, e capitão Lacerda, official ás ordens, e na segunda, sua magestade a rainha regente e a sr.ª duqueza de Palmella, camareira-mór, Fechava a marcha um esquadrão de cavallaria.

Na cerimonia officiou o sr. dr. Eduardo de Sande Sacadura Botto, chautre da Sé Patriarchal, acolytado pelos beneficiados Borges Oliveira e Antonio, servindo de mestre de ceremonias o reverendo padre Rocha.

Foi o sr. cardinal patriarcha quem officiou ao *Libera me*, sendo acolytado pelos conegos monsenhor Serrano, Vicente Dias e Antonio Dias.

A musica, que foi executada a vozes e instrumental, era a de Slave.

Dentro do templo achavam se contingentes do corpo de Marinheiros e de todos os corpos da guarnição da capital.

A guarda de honra era feita no largo da Sé pelo regimento de infantaria 7, com a respectiva bania.

A' sabida sua magestade a rainha regente conversou muito com o infante D. Afonso sobre a expedição á India.

ao ouvir l...
mãe, e qu...
fôra arrast...
lamentando...
ra o mal, e...
dão.

—Mas co...
mãos de v...
ta a crêr.

E affirmo...
e as meias...
veu.

Pediú ag...
cência, que...
clarou que...
da morte d...

N

O canteir...
tempo sem...
crever ao c...
situação pr...
ranjasse tra...

O distinc...
do operario...
lbe nas obr...

Foi o m...
pho.

Na vespe...
buscar o c...
ções, fôra a...
criminoso e...

O chefe l...
xilio da fô...
houve que...
ninguem se...

O canteir...
me, perdeu...

No dia s...
balho e n...
briagado.

E tanto, ...
disputa co...
ameaçou c...
que lhe pu...

Os tres i...
photograph...
Bastos, cal...

235Foram a...
vez, por a...

—O senhor sempre me pregou uma peça...
Deixe-lhe os meus docentes, e o senhor aproveita-se da minha ausencia e cura os!

ALÉMIA

AS EXEQUIAS NA SÉ

Por alma de sua magestade el rei D. Luiz celebraram-se bontem na Sé Patriarchal sollemnes exequias. Foram multissimo concorridas, vindo-se entre outras pers as sr.ªs condessas do Seixal, Sabugosa e Sabugal, marquera do Fayal e D. Maria Francisca de Maneres e os srs: nuncio de Sua Santidade, bispos de Coimbra e Guarda, archbispo de Mytilene, presidente do conselho, ministros do reino, justiça, guerra, marinha, negocios estrangeiros e obras publicas, duque de Palmella, coude do Sabugosa, marquez de Pombal, conde de Ficalho, marquez da Fronteira, almirante Baptista de Andrade, chefe da casa militar de el-rei e presidente do conselho do almirantado, general Miguel Baptista Maciel, commandante da 1.ª divisão militar, governador civil de Lisboa,

0

0 1
so, co

0 2
do L

royos
ta na
carta

Ch
Veiga
que f
me. l

carta
dera.

—1
que e

—2
—3

Abi
empa

fronte

lez.
ros.
ros.

os.

rida da
ovillos.
rias

Branco.
e Salau.

Branco.
spu.

ua.

ccie re

O pri-

Therexa Duarte de Belfort Cerqueira e o
conselheiro Joaquim Cerqueira, participam a V. Ex.^a o
casamento de sua filha Augusta com o Ex.^{mo} Sr.
José Vicente da Silva Senna, capitão de artilharia
e ajudante de campo de S. A. o Príncipe Real,
filho da Ex.^{ma} Sra.^a D. Emilia Filomena da Silva
Senna e do Ex.^{mo} Sr. João Vicente Senna (já fal-
lecido).

S. C. Rua do Salitre, 172

Emilia Filomena da Silva Senna, participa
a V. Ex.^a o casamento de seu filho José com a Ex.^{ma}
Sra.^a D. Augusta de Belfort Cerqueira, filha da
Ex.^{ma} Sra.^a D. Therexa Duarte de Belfort Cer-
queira e do Ex.^{mo} Sr. conselheiro Joaquim Cerqueira.

S. C. Travessa de S. Sebastião, 3, 1.^o

Casamento elegante

Hoje estava annunciado, realisa-
hontem ás onze horas e meia da manhã
na igreja do Coração de Jesus, o casa-
mento da sr.^a D. Augusta de Belford Cer-
queira, gentilissima filha da sr.^a D. The-
reza de Belford Cerqueira e do sr. conse-
lheiro Joaquim Cerqueira, antigo depu-
tado da nação, com o sr. capitão José Vi-
cente da Silva Senna, ajudante de ordens
de Sua Alteza Real o Principe D. Affon-
so.

Já aqui prestámos aos noivos a justa
homenagem da nossa viva e profunda
sympathia e da nossa alta consideração
pelas suas excepcionaes qualidades de
caracter e de coração, a que nma educa-
ção primorosa dão especial relevo.

No cumprimento d'esta missão do jornal-
ismo, ha praxes de boa corteza que
nos obrigam a juntar alguns adjectivos
encomiasticos ás noticias do genero da
que estamos escrevendo. Raras vezes, po-
rem, o fazemos com tão convicta justiça;
assim como raras vezes affirmamos, com
tanto empenho, os nossos mais ardentes
votos pela felicidade dos noivos. Ninguém
que os conheça duvidará de que se abriu
hontem um novo lar que será modelo de
expendentes venturas.

A cerimonia religiosa revestiu-se de
muita solemnidade, vendo-se no tem-
plo, alem dos convidados que eram pes-
soas da familia dos noivos e das suas in-
timas relações, grande numero de senho-
ras e cavalheiros que por completo o en-
chiam. No coro tocou, durante a cerim-
nia, uma orchestra.

Padrinhos, foram, por parte da noiva,
seus paes, por parte do noivo, sua mãe,
a sr.^a D. Emilia Philomena da Silva Sen-
na e seu irmão, o sr. tenente de artilha-
ria Camillo da Silva Senna.

Celebrou-se o casamento, o rev. prior da
freguezia, que fez aos noivos uma com-
mossa allocução. Terminado esse acto, o
mesmo sacerdote disse missa no altar
mór, abençoando então os nubentes.
Estes foram depois muito cumprimen-
tados.

Assistencia:

Os convidados eram as sr.^{as}
D. Estella Costa Motta, D. Amelia de
Carvalho Monteiro, D. Thereza Carvalho e
filha D. Alzira, D. Etelvina Falcão e filha
D. Bertha, D. Clara Belford e filha D. Sara,
D. Maria Belford Correia da Silva (Paço
d'Arcos), D. Emilia da Silva Senna e filha
D. Emilia, D. Edeltrudes da Camara Ro-
drigues e filha D. Albertina, D. Maria Gui-
lhermina Rodrigues, D. Lydia e D. Maria
Gomes, D. Christina Mouchet, D. Carlota
Balthar, D. Anna Ferreira da Silva e so-
brinha D. Julietta Vaz, D. Elisa Vieitas Ja-
come, D. Carlota Cardoso e filha D. Ber-
tha.

E os srs.:

Dr. Costa Motta, ministro do Brasil, dr.
Oscar de Tefé, secretario da legação bra-
sileira, M. J. F. da Cunha, conselheiro do Bra-
sil, Antonio Ferreira Lopes, Conde de
Agrolongo, dr. Zepherino Falcão, José
Duarte Coelho, Antonio Ferreira de Carva-
lho, Joaquim Vieitas Jacome, tenente Cam-
illo Senna, Brito Aranha, Joaquim Bel-
ford, 2.^o tenente da armada Henrique Cor-
reia da Silva (Paço d'Arcos), Paulo Anto-
nio dos Santos, commendador Manuel Jo-
ré Monteiro, Braz Leão Quartim, Joaquim
Gomes, José Cerqueira Marques d'Oliveira,
Luiz Trigueiros, Magalhães Moutinho, Jo-
sé Pereira Cardoso, etc.

O "lunch"

Terminada a cerimonia religiosa, diri-
giram-se os convidados em 23 trens, para
o lindo palacete que o sr. conselheiro
Joaquim Cerqueira, pae da noiva, possue
na calçada do Salitre. Nas salas d'essa
elegante habitação, sempre decoradas com
muito bom gosto, viam-se muitas e deli-
ciosas flores e esplendidas plantas de in-
terior.

Na sala de jantar estava armado o buf-
fete, onde foi servido aos noivos e con-
vidados o "lunch", cujo delicioso "menu"
fornecido pela pastelaria Marques, era o
seguinte:

CHAUDES—Consommé nature en taces,
croquettes de veau aux champignons, fi-
lets de sole Orly, croustades à la Mare-
chale.

FROIDS—Galantine de perdrix Royale,
poisson du jour en chaud froid aux capres,
jambon de Westphalie à la gelée, pains
de minuit, farcis, foiegras, Sandwiches
varies.

DESSERT—Ananas au naturel, gelée pied
de veau au liqueur d'or, Sourcouff au
moka, Friandises surfinas à la ville de
Lisbonne, Surprises à la vanille, fruits du
Royaume au caramel, mignonettes au cho-
colat, cerises et raisins de Bordeaux en
chemise Gaissettes au chantilly, bonbons,
dragées et marrons du Marquis, glaces,
chantilly et fruit-gaufrettes.

VINS—Collares rouge, Bucellas blanc,
Porto vieux, et Moët & Chandon, café et
liqueurs.

Após o "dessert", o sr. dr. Costa Motta, il-
lustre ministro do Brasil, ergueu a sua
taça em honra dos noivos. Respondeu-
lhe agradecendo essa deferencia e a hon-
ra da sua presença e de sua gentil filha,
o sr. conselheiro Joaquim Cerqueira, que
fez, commoídas referencias ao Brasil,
onde nasceu a noiva, tendo justas pala-
vras de elogio para o illustre represen-
tante em Portugal, d'aquelle paiz. Segui-
ram-se outros brindes de caracter intimo,

"DIARIO ILUSTRADO"

27 DE JANEIRO 1910

CURSO DE TELEMETRISTAS

DE

ARTILHARIA DE COSTA

LIÇÕES TEÓRICAS

João Thomaz de Almeida

M. Almeida

1914

Composto e impresso ✧ ✧ ✧

✧ ✧ ✧ na Tip. LA BECARRÉ

de Francisco J. Carneiro ✧ ✧ ✧

Rua Nova da Almada, 47, 49, Lisboa

"Dicionário Cronológico de Autores Portugueses",
vol. IV p. 504-505
Organizado pelo Instituto do Livro e da Biblioteca
Pública de Europe - América, Março de 1998

Obras principais: *Paróquia de S. Lourenço*, 1936; *Filipinas e o XXXIII Congresso Eucarístico Internacional*, 1937; *Ação Católica Portuguesa em Macau*, 1940; *Vicente Nicolau de Mesquita*, 1940; *Macau e a Sua Diocese*, 14 vols., 1940-1977; *Galeria de Macaenses Ilustres do Século XIX*, 1942; *A Missão Portuguesa: Legação de Portugal em Singapura*, 1956; *The Portuguese Missions in Malacca and Singapore*, 3 vols., 1961-1963; *Missionários Jesuítas na Vietnã*, 1964; *The Fourth Centenary of the Jesuits at Macao*, 1964; *Early Portuguese and Spanish Contacts with Borneo*, 1965; *Imprensa Periódica Portuguesa no Extremo Oriente*, 1965; *Os Macaenses*, 1965; *Miguel de Arriaga*, 1966; *O Fundador do Leal Senado*, 1968; *Os Militares em Macau* (Prémio Presença de Portugal no Mundo, da Fundação Gulbenkian), 1975; *A Medicina em Macau*, 4 vols., 1975-1976; *A Gruta de Camões em Macau*, 1977; *Toponímia de Macau* (Prémio Presença de Portugal no Mundo), 2 vols., 1979-1982; *Camões Esteve em Macau*, 1981; *Macau no Século XIX*, 1981; *Macau no Século XVII*, 1982.

VASCONCELOS, MARIA EMÍLIA de Belfort Cerqueira da Silva Sena de
[N. Lisboa, 1912]

Filha do antigo ajudante do infante D. Afonso, o capitão de artilharia José Vicente da Silva Sena, de Elvas, e de D. Augusta de Belfort Cerqueira, do Rio de Janeiro, Maria Emília Vasconcelos nasce em Lisboa a 31 de Dezembro de 1912, fixando residência em Viana do Castelo, a partir de 1973, terra de seu marido Francisco Luís de Vasconcelos Costa e Melo.

Poetisa e memorialista, o seu nome surge ligado, também, à divulgação etnográfica, com particular relevância para as questões relacionadas com o traje regional. Inicia a sua actividade literária ainda jovem, obtendo diversos prémios em concursos e jogos florais no âmbito do conto, poesia lírica, sonetos e até teatro. O interesse pelo traje regional leva-a a dedi-

car-se ao estudo e divulgação do traje vianense, colaborando em inúmeras exposições, desfiles e outras actividades relacionadas com esta temática, de que se destaca a *Festa do Traje* na Romaria de Nossa Senhora da Agonia, em Viana do Castelo.

Com colaboração dispersa por vários jornais locais, de que se salientam *A Aurora do Lima*, *O Vianense* e *Santa Luzia*, entre muitos outros, possui, também, diversos trabalhos em publicações como *Roteiro de Viana* e *Arquivo de Ponte de Lima*. A sua maior colaboração surge, no entanto, nos *Cadernos Vianenses*, revista de cultura editada pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, onde publicou: *Pos-tais de Viana* (Tomo II, 1979); *O Traje Regional e a Moda* (Tomo III, 1979); *Um Garotito de Viana* (Tomo III, 1979); *Gigantones, Cabeçudos e Zabumbas* (Tomo IV, 1980); *Quem Era João Thomaz da Costa?* (Tomo V, 1981); *Nota sobre o Advento do Automóvel em Viana* (Tomo VI, 1982); *Uma Obra de Misericórdia...* (Tomo VII, 1983); *Mestres, Alunos e Aulas em Viana* (Tomo VIII, 1984); *Negrumes em Viana* (Tomo IX, 1985); *O Espectáculo em Viana* (Tomo X, 1989); *Miguelismo no Alto Minho* (Tomo XII, 1989); *Os Barbosa e Silva, de Viana, e Camilo* (Tomo XV, 1992); *Passeio na Velha Beira-Rio* (Tomos XVIII, XIX, 1995 e tomo XX, 1996). Em separata publicou ainda os trabalhos: *As Casas de Santo António*, 1982; *Adeus, Não: Até à Volta os «Brasileiros» do Minho*, 1987.

Pertence à Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho e ao Centro de Estudos Regionais de Viana do Castelo. Em 1996, a Câmara Municipal de Viana do Castelo atribuiu-lhe a medalha de «cidadã de mérito».

Obras: *A História de Quase Todas*, poesia, 1964; *Caderno de Apontamentos*, poesia, 1965; *Croniquetas do Brasil*, 1974; *Breve Memorandum das Festas da Agonia*, 1977; *Casas de Viana Antiga* (de colaboração), 1983; *Minha Terra Mais Pequena*, poesia, 1994; *Acima dos Nevoeiros*, poesia, 1994; *A Importância das Meias no Lirismo, no Traje e na Vida do Alto Minho*, 1996.

REPORTAGEM



Navegar no Português

JOÃO DRAGO

Longe vão os dias em que a língua de Camões desempenhava papel de destaque na diplomacia tailandesa. Mas ainda há quem embarque nela na Tailândia. Por prazer pessoal ou mera curiosidade. Exemplo disso constitui o grupo de alunos da Universidade de Chulalongkorn que esta semana esteve em Macau. E considera o Português "uma língua estranha e exótica"...

Pralom Boonnasamee começou a estudar português na Universidade de Chulalongkorn em 1991, e já é co-autora do primeiro dicionário de Português/Tailandês, projecto do leitorado de Português em curso na Tailândia. Frequentou o departamento de línguas e, mais tarde, em 1993, foi para o curso de Primavera do IPOR em Macau. A seguir, obteve nova bolsa e foi estudar para Portugal, onde esteve oito meses.

De regresso à Tailândia, não quis perder o contacto com a nossa língua. "É muito interessante saber falar uma língua que pouca gente conhece", diz Pralom Boonnasamee. "Mas é preciso insistir muito nela". No seu caso, o interesse pelo Português tem uma justificação muito simples: "Gosto muito de línguas ocidentais".

Pralom esclarece, no entanto, que muitos colegas seus tomaram esta opção por razões de ordem histórica. "É que os portugueses foram os primeiros europeus a estabelecer contacto com os nossos antepassados", explica, recordando que o Português "foi a primeira língua ocidental a ser falada na Tailândia".

A estudante tailandesa terminou, recentemente, a tarefa que lhe foi

destinada a propósito da realização do léxico de Português/Tailandês. Tratou-se da tradução de milhares de palavras de tailandês para a língua de Camões, um trabalho que Pralom define como "estimulante e necessário para os alunos de Português".

De Macau, já teve melhor impressão: "Quando aqui estive, pela primeira vez, Macau era mais silenciosa e tinha menos edifícios", repara.

Opinião diferente foi nos mani-



Pralom Boonnasamee, co-autora do léxico de Português/Tailandês

festada por Rosinda Suphaphin, 22 anos, que frequenta o curso de Português na Universidade de Chulalongkorn. "O que Macau tem de mais curioso é a população. Tenho visto aqui gente muito diferente em pleno convívio, apesar de grande parte da população não dominar sequer o inglês".

Rosinda estuda Português há cerca de meio ano, porque gosta de línguas estrangeiras e considera Portugal "um país muito interessante e com grandes tradições culturais".

Admite que, em termos profissionais, a língua deverá servir-lhe de pouco. "A não ser na área do turismo, uma vez que exige conhecimento de línguas".

"Uma língua estranha e exótica"

A jovem tailandesa reconhece que é difícil aprender Português e explica porque: "Os portugueses falam muito depressa e têm uma gramática muito rica". A verdade é

que já está habituada, afinal também estuda francês e espanhol, "e a diferença não é muito grande".

Ao contrário da sua colega Pralom, que viveu vários meses no nosso país, Rosinda só conhece Português dos livros. Lisboa, Porto, Coimbra e Açores são algumas referências que lhe são familiares. Tal como Macau era, mesmo antes de aqui se ter deslocado. "Vi um filme português que retratava Macau do início do século", esclarece. Tratava-se de "Amor e Dedinhos de Pé".

Taphai Channankit (Frederico), 24 anos, é outro apaixonado por línguas estrangeiras. Policial de profissão, decidiu inscrever-se nas aulas de Português ministradas pelo Centro Cultural da Embaixada de Portugal na Tailândia em Junho deste ano.

Um dos motivos que o levaram a envolver-se pelo estudo da língua portuguesa é curioso: "Gosto de línguas estranhas e exóticas". Mas a principal razão prende-se com as facilidades oferecidas pelo Leitorado de Português. "Talvez consigo uma bolsa para estudar e Portugal", observa.

Este agente da polícia tailandesa destaca, por outro lado, os laços históricos entre tailandeses e portugueses, factor que não deixa de incluir no rol das suas motivações.

Relativamente a Macau, diz que é um lugar simpático, "onde me sinto à vontade". Aliás, vai mais longe: "Sinto-me aqui melhor do que na minha própria terra".

"Português não tem interesse comercial"

O responsável pelo departamento de línguas ocidentais da Universidade de Chulalongkorn, Paniti Hoonsaeng, manifesta, igualmente, grande satisfação pela oportunidade dada aos alunos tailandeses de visitar Macau.

Reconhece, no entanto, que o número de interessados em estudar Português na Tailândia está muito aquém do desejável. "O nosso de-

sejo era ter mais alunos, mas acontece que a língua portuguesa é apenas uma disciplina de opção e só temos uma professora a ministrá-la", faz notar.

De acordo com este responsável da mais antiga Universidade da Tailândia, os alunos do departamento de línguas ocidentais têm tendência para escolher o Francês ou o Espanhol e só depois optam por outras línguas da mesma família, como o Português. "Penso que o fazem por mera curiosidade ou por se tratar de uma língua pouco conhecida", sustenta.

"O Português tem pouca importância comercial", justifica Paniti Hoonsaeng. "Mesmo a nível de interesse turístico, são poucos os turistas portugueses que visitam a Tailândia", acrescenta, a propósito, para concluir: "É uma língua que vive mais da curiosidade ou do prazer pessoal de alguns alunos do que de interesses profissionais".

Com efeito, a língua portuguesa na Tailândia tem, actualmente, um estatuto bastante inferior ao do Francês, Inglês ou Japonês, que proporcionam boas saídas profissionais. Mas nem sempre foi assim. "Os portugueses foram os primeiros europeus a estabelecerem contacto com a Tailândia e o Português foi, durante muito tempo, a língua diplomática do nosso país", lembra o dirigente da Universidade de Chulalongkorn. E acrescenta: "No século XIX, quando os americanos e os ingleses começaram a expandir-se para esta parte do Mundo e assinaram os primeiros acordos comerciais com a Tailândia, o Português foi utilizado como uma das línguas oficiais desses acordos".

Longe vão os dias em que a língua de Camões desempenhava um papel primordial na diplomacia tailandesa. Porém, Paniti Hoonsaeng faz questão de sublinhar que o Português "terá sempre um lugar na história da Tailândia pela extrema importância que teve para a modernização do país".



A delegação da Universidade de Chulalongkorn final da visita ao Museu Marítimo de Macau

JOANA VASCONCELOS:

"Só um leitor não é suficiente"



Natural do Porto, Joana Vasconcelos é a única docente do Leitorado de Português em Banguecoque. Professora do ensino secundário em Portugal, esteve quatro anos no Leitorado de Aix-La-Chapelle antes de se transferir para o Leitorado de Português em Macau. Outros tomam esta opção graças à promoção e divulgação que o Leitorado tem feito na Tailândia.

TM — Que tipo de incentivos estão a ser promovidos pelo Leitorado?

JV — O Instituto Camões oferece uma bolsa anual ao melhor aluno que tenha frequentado três semestres de Português, dando-lhe a possibilidade de estudar um ano em Portugal.

Por outro lado, temos à disposição cinco bolsas de estudo para os alunos poderem vir a Macau frequentar, durante um mês, o Curso de Primavera promovido pelo Instituto Português do Oriente. Agora, proporcionamos também esta visita de estudo a Macau.

De resto, fomentamos actividades culturais, nomeadamente concertos, sessões de cinema, etc., com entrada gratuita para os alunos.

Tentamos, portanto, privilegiar sempre o aluno de Português na Tailândia.

TM — Em todo o caso, considera que o número de alunos ainda é reduzido... O que é preciso, então, para melhorar os resultados?

JV — Todas as coisas levam o seu tempo. Estou convencida que se vão modificar, devido a todo este nosso trabalho de divulgação. Aliás, um dos nossos objectivos, tanto meu como da agência cultural, é deixarmos algum preparado para, quando sairmos da Tailândia, poder chegar ao departamento de Português.

TM — Já tem alguém em vista?

Joana Vasconcelos, leitora de Português da Universidade de Chulalongkorn, tem a seu cargo a elaboração do primeiro dicionário léxico de Português/Tailandês/Português. A professora, cuja missão em Banguecoque termina no próximo ano, considera o livro essencial para estreitar os laços — ainda curtos — de comunicação entre portugueses e tailandeses. Mas adverte que precisa de mais tempo para o poder concluir, o que passa pelo reforço do corpo docente de língua portuguesa na capital da Tailândia...

JV — Temos uma aluna que vai para Portugal, no final deste mês, frequentar o primeiro curso de formação de professores de português de língua estrangeira, na faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Dicionário à espera do acordo ortográfico

TM — Como está a decorrer a preparação do dicionário de Português/Tailandês?

JV — O dicionário está a ser feito por mim e por esta aluna, que é co-autora do projecto. Estou a trabalhar com duas colaboradoras, que me acompanham nesta visita a Macau. Uma delas está encarregada da parte informática, enquanto a outra, que é professora do departamento de Francês da Universidade de Chulalongkorn, está a fazer a revisão de toda a parte tailandesa.

TM — Qual a data prevista para a conclusão do livro?

JV — A primeira parte (Português/Tailandês) já está pronta e a segunda parte está concluída muito em breve. Estamos à espera que o acordo ortográfico entre em vigor para publicarmos a obra.

Penso que esta obra virá a facilitar a vida a todos os estudantes. Vai ser mais uma maneira de incrementar a comunicação entre portugueses e tailandeses.

TM — Que tipo de dificuldades enfrentou o Leitorado de Português na Tailândia?

JV — Neste momento, perante a perspectiva do aumento de alunos, um leitor não é suficiente. No último semestre, colocámos este problema ao Instituto Camões e pedimos-lhe um apoio financeiro para pagar a um professor de fora para dar aulas de Português, mas esse apoio foi-nos recusado.

Acabei por ter de acumular aulas na Universidade e na Embaixada,

inclusive aos sábados manhã e de tarde.

TM — Quer dizer que há falta de leitores de Português?

JV — Perante as circunstâncias, o leitor tem de sacrificar toda a vida pessoal para dar resposta ao aumento da procura da língua portuguesa. Foi o que fiz até agora. Mas não estou disposta a continuar a fazê-lo. Porque preciso de tempo para me dedicar ao dicionário.

A minha missão na Tailândia termina no próximo ano e quero deixar o dicionário publicado.

TM — Acha que vai ser possível alterar esta situação?

JV — Penso que há perspectivas de melhoria, mas que, em princípio, vamos ter de esperar que se vá especializar em português. Isso irá possibilitar uma modificação do estatuto da disciplina de Português.

TM — Tem sentido, no entanto, alguma falta de apoio governamental...

JV — Sinto, de facto, uma falta de apoio. Aqui na Alemanha sinto-nos quase como estivéssemos a entrar numa era a ser ajudados aos lares. Quando estive na Alemanha tive um grande apoio do ICAIP, o que aqui aconteceu...

TM — Por último, que balanço faz desta visita a Macau?

JV — Acho que tem sido uma experiência riquíssima para os alunos. Para a maioria deles, foi a primeira vez que saíram da Tailândia. Para além de toda esta formação que os portugueses ainda têm de receber e de mostrar a hospitalidade, a que os tailandeses estão habituados, o que os alunos apreciaram muito foi o viver diário no meio de duas culturas diferentes, que vivem lado a lado.



Índia, Goi, Maio 96

NAS PEGADAS DE UM AVO

De repente, nas minhas rotas aventureiras, dei comigo nos princípios do ano de 1996 a ler o "Livro do Avô Senna" em plena Nova Delhi/ Índia. Qual não foi o meu espanto, quando ao chegar à parte da Índia descobri que o Capitão Senna desembarcou na Índia em Outubro de 1895, e cá esteve até fins de Maio de 1896.

Achei extraordinário; as voltas do destino da gente e das famílias. E então não é que a neta mais nova do Capitão Senna, o rabicho da família, que não o conheceu mas que herdou dele o sangue aventureiro (pelo Genes ou pelas histórias da Terezinha Senna...) veio a desembarcar na Índia em Setembro de 1995, e por cá estava em Maio de 1996, precisamente um século depois? Achei extraordinário e magro, e tomei a decisão de que tinha que ir a Goi antes do fim do mês de Maio.

Calhou mesmo bem, porque em meados de Maio tive que ir em viagem de trabalho ao Sul, a Madras e a Bangalore. Como estava cansado e esgotado com o calor e secure em Nova Delhi, calhou mesmo bem, ofereci-me um fim-de-semana prolongado em Goi, entre duas sessões de

balcão em Rachasta.

Fizerei em Goa em 18 de Maio de 1996. Tinha
reservado o Hotel à minha espera, e lá me
instalei superconfortavelmente, numa Beach
Resort em Colva Beach - SUCOTE - perto de Pangaj.
Comprei um mapa do Estado de Goa, e com
o Rio do Rio Senha ao lado, localizei todos
os sítios por onde ele passava. Depois, sentei-me
à beira-mar a ver o pôr-do-sol, e fui-me a
conversar com o Rio Senha. Cheguei os dois
e concluí que, nos tempos actuais, não
valia a pena eu ir percorrer os sítios por onde
ele andava: hoje em dia os sítios têm grande
interesse, e eu estava lá por pouco tempo. -
Disse-me o rio: O rio Senha, é muito melhor
estarmos aqui os dois sentados a ver este
nosso mar Salgado tão bonito, este pôr do
sol sem tempo, e a conversarmos. E assim
fizemos: Estivemos ali os dois horas e con-
versámos à beira-mar; o Rio Senha veio comigo
da os seus passeios de km à beira-mar,
a fazer chap-chap comigo, a pancha conduzia
comigo, os dois a cantar e eu a tocar berros,
ele árias de ópera e eu ~~álises~~ e cantarei
music, cada um mais desafinado que o outro.
Fartamo-nos de rir; e de ter conversas sérias.
O Rio contou-me de como eram duas aquelas
batidas no mato, aquelas viagens infernais
por mares e por rios, as doenças, as epidemias,



como lhe estava ven os seus homens caíam,
 um após o outro, com malária, cólera, etc. Eu
 contei-lhe dos meus ratos, dos teríveis baates e
 das terribes osgas, das cortes de euefra; e
 também das viagens de avião que, ao contrário
 das infermináveis viagens de barco, nos põem
 à depressa nas terras distantes e diferentes,
 que às vezes o nosso cérebro tem dificuldade
 em acompanhar esse salto tão rápido de
 essas honários, civilizações, mentalidades e
 tradições; foi uma conversa muito giro, este;
 Eu contei-lhe como nós hoje em dia temos
 estes remédios todos contra a malária etc,
 mas como por outro lado esta "químicaquiza"
 do nosso corpo também nos preocupa;
 Contei-lhe - aliás confidenciai-lhe - como às vezes
 tenho um bacadinho de medo quando vou de
 comboio para o Puyfob / Indiraue, com os
 benbudas todos feios que nós também no comboio
 e que eu vejo se se dos terroristas de nós.
 O Ato sossegou-me; Contei-me em pormenor
 os episódios de quando se embriueira na floresta
 de Sangvelim 553m, de como ao primeiro se
 tinha sentido um bacadinho enfiado,
 mas depois teve a noção exacta de que não ia

contar nada de mal, pois a "nossa hainha" está
macada, e a dele ainda não tinha chegado; A
minha também não.

Conversamos sobre o sistema de Castor na Índia,
que já tinha impressionado o Avô há 100 anos
e que tanto impressiones me fez e mais 100 anos
depois; O Avô até se riu: Vês Neta, tanta coisa
se passou no mundo num século, mas houve
coisas que ficaram exactamente as mesmas;
esta história das Castor na Índia é uma delas.
Quando o sol se pôs, fomos os dois beber uma
cervejinha no bar à beira mar, e depois fomos
fumar umas garrafas deliciosas; O Avô
colheu o bigode quando eu pedi a minha cerveja
mas não lá; passaram-se 100 anos, fomos que
ser flexíveis. Fome quando eu acendi o meu
cigarro, aí não resistiu e pregou-me um
sermão daqueles! Cabosbaira ahi; Tem razão
Avô, mas não posso fazer nada, é vivo. Mas tem
toda a razão; Dou a mão à palmaria. Diante
isto, ele não podia dizer mais nada, eu colheu
os ombros. De qualquer maneira; estão com boa
cara, minha Neta, poisso esse tabaco não deve
ser tão novo assim; No meu tempo os senhores
... bem, mas esse tempo foi há 100 anos, não foi?
Foi muito de conversa e para o procar,
pedi-lhe para me contar uma daquelas
histórias ficasitas que costumava contar
no vó da Yanele à Tia Zizinha(?), às escondidas
da Avó.



partimo - nos de ir. Eu contei ao Avô como
meu cunhado Zé Henrique também me conte
anedotas picantes às escondidas (daquelas que
eu às vezes até não percebo) e como a Rosário
os vem depois das raspantes de circo.
É pronto, como tudo o que é bom, o Tempo passou
num instante. Fizemos planos para o ano de
2096, o Capitão Senne partiu no vapor "Ambaca"
com destino a Bombaim, Aden, Port Said e Suez,
e eu apanhei o meu vôo LC 924 com destino
a Madasta.

A despedida o Avô Senne fez - me um Grande
Sorriso, com os olhos e beitha. Pode ter sido
luzes mágicas, mas acho que vi naquele
Sorriso um certo orgulho na Neta mais nova...
... fiquei satisfeito.

Valer a pena vir a Goa.



Processado, composto e
impresso pela autora.
Reproduzido e encadernado
na Reprografia da Faculdade
de Letras da Universidade do
Porto em Maio de 1998